

A person is lying down in a field of tall, dry grass and small yellow flowers. They are wearing a white, long-sleeved dress with intricate lace detailing. Their right arm is raised, holding a small dark object, and their left hand is resting near the bottom left. The overall mood is serene and ethereal.

Despedaçados

ANNE HOLT MULLER



PERIGOSAS

Despedaçados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Verflucht, vol. 4

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Despedaçados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ANNE HOLT MULLER

NACIONAIS - ACHERON

Copyright© 2017 por Anne Holt Muller

Título original: *Shattered*

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Notas de rodapé

Anne Holt Muller

Imagem na capa

Courtney Ann © todos os direitos reservados

Preparação da capa

Anne H. Muller

Revisão

Camila Bergamini dos Reis

Distribuição

Amazon, Ltda.

Todos os direitos reservados. A duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quais quer formas ou por quaisquer meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocopia ou outros), sem a autorização por escrito do autor é proibida e constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.360/98).

PERIGOSAS

Dados Internacionais para Catalogação na publicação (CIP):

M958 Muller, Anne Holt, 1999 —

DESPEDAÇADOS /Anne Holt Muller — Rio de Janeiro:
Amazon; 2017

360p. — (Verflucht, v. 4); 14x21 cm

Tradução de: Shattered

ISBN 9781520798691

I. Fantasia. II. Romance. III. Ficção. IV. Título.

CDD: B869

CDU: 821.134.3(81)

NACIONAIS - ACHERON

Saga VERFLUCHT:

1. [Amaldiçoados](#)
2. [Predestinados](#)
3. [Apaixonados](#)
4. [Despedaçados](#)
5. [Fragmentados](#)
6. [Entrelaçados](#)

Contos da saga VERFLUCHT:

7. [Eternizados](#)
8. [Estilhaçados](#)

9. [Arrebatados](#)

PERIGOSAS

Para Alasca.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 1 — Erguida para longe dos meus demônios

Eu o vejo respirar pela última vez

Por que tudo que eu amo é sempre levado para longe?

Ainda quero me afogar sempre que você me deixa...

Por favor, ensine-me gentilmente a respirar

O dia em que tentei viver

Reunião

Me abraça, me emocione, me beije, me mate

Parte 1

Erguida para longe dos
meus demônios [\[1\]](#)

Eu o vejo respirar pela última vez^[2]

LANGLEY, VÍRGÍNIA

Juliette tinha o péssimo hábito de cantarolar enquanto lia as notícias ou checava as mensagens do trabalho, e, naquela chuvosa sexta de manhã, era o que ela fazia enquanto comia suas torradas e lia as últimas mensagens do centro de operações da CIA. A irritante inteligência que sempre a tirava de casa nas primeiras horas do dia. Eu fazia o café da manhã, como sempre, e Harriet ainda estava em seu quarto, enrolando para se arrumar e ir à escola.

— Harriet — gritei enquanto virava uma panqueca na frigideira, impaciente naquela manhã em específico. Juliette estava diante da mesa redonda, com seu *tablet* em mãos, e se virou para mim com o olhar semi arregalado; eu nunca

gritava, e era de se estranhar quando o fazia. Deilhe às costas para me concentrar no café da manhã, nas horas, em quanto tempo Harriet ainda levaria para ficar pronta, no tempo que eu tinha para levá-la antes de me atrasar para o trabalho.

Aquelas questões irrelevantes, repentinamente tinham uma importância crucial. Quando a gritei de novo, Harriet desceu saltitando pelos degraus da escada, usando um horrível vestido amarelo que teria feito um apreciador de moda chorar. Em suas mãos, ela tinha uma meia listrada ainda pior: amarela e preta. Ela parecia uma abelha anêmica usando aquilo e me virei completamente quando ela entrou na cozinha: — Mãe! — Juliette largou o *tablet* e as torradas para se virar e agachar, ficando na altura dos seus olhos — Não acho minha outra meia — ela ergueu o pé de meia, com uma carinha emburrada e um biquinho que fazia a mãe fazer tudo que ela queria.

— Querida... Já falamos sobre isso — Julies pegou, suavemente, a meia de sua mão — Você não pode usar isso para ir para a escola. E nem isso — ela gesticulou na direção do vestido e Harriet abaixou a cabeça, fazendo seus cabelos loiro-

NACIONAIS - ACHERON

escuros caírem para frente — Você precisa se vestir, seu pai vai levá-la para a escola.

— Por que *você* não me leva? — Juliette colocou-se de pé e trocou olhares comigo, como se quisesse desesperadamente que eu intervisse de algum modo — O papai me leva todos os dias — Juliette umedeceu os lábios.

— Eu tenho que ir trabalhar, querida. Seu pai vai te levar na escola e eu te busco para tomarmos chocolate quente.

— É! — Harriet deu pulinhos e, saindo da cozinha pulando, subiu a escada espiral e moderna, desaparecendo tão rápido quanto tinha surgido.

— O que foi? — ela se virou e pegou o café sobre o balcão enquanto eu comia minhas panquecas.

— Ela gosta mais você — fui dramático, e ela percebeu, pois sorriu de modo encantador. A chuva caía à minha direita, era possível vê-la através das paredes de vidro duplo temperado com algumas árvores de copa quase vazia e, um pouco ao longe, casas. Era, provavelmente, a primeira casa que eu vivia onde tinha contato com outras pessoas.

Uma vizinhança.

NACIONAIS - ACHERON

— É culpa minha — voltei minha atenção para ela, que espalmou as mãos no balcão e respirou fundo. Fitei momentaneamente seu belo rosto, seus incríveis olhos verdes que se destacavam ainda mais pelo fato de ela parecer pálida, sem tempo nem para tomar sol nos últimos tempos, seu cabelo negro ia até o meio de suas costas, mas estava preso em uma trança embutida, com alguns fios soltos em seu rosto, modelando-o com perfeição. Sua roupa era toda preta, o que parecia ser um requisito da CIA; blusa de mangas, calça justa e botas, assim como a jaqueta de couro com zíper transversal — Eu tenho estado ausente — sua voz doce, culpada, me fez voltar o olhar até o seu.

— Você está — tive que ser sincero, e não facilitar as coisas para ela como tinha feito nos últimos dois meses — Parece que você nem mora mais aqui e ela tem sentido sua falta.

— Eu sei, eu... — antes que pudesse continuar, seu celular tocou no bolso de trás da calça e ela revirou os olhos, pegou-o e leu a mensagem. Juliette inflou o peito de ar e, mesmo antes que ela falasse, com dificuldade, eu mesmo o poderia ter feito, pois aquelas palavras eram mais usuais que

NACIONAIS - ACHERON

bom dia em seus lábios nos últimos tempos: — Não vou poder pegar a Harriet na escola — ela quebrou o contato visual, pegou seu copo térmico com café no balcão e juntou suas coisas, jogando em sua mochila marrom e de couro, quase engraçada — E nem vou estar aqui para o jantar.

Daquela vez, olhei-a, busquei seu olhar a espera de uma explicação, qualquer uma: — Você acabou de prometê-la que estaria...

— Eu sei — seu tom soou desesperado, como se ela não soubesse mais o que fazer, quando se voltou de modo abrupto para mim — Nem tudo é tão fácil, eu tenho que...

— *Fácil?* Nada é *fácil*, mas vou facilitar pra você. Na próxima, não saia por aí fazendo promessas que não pode cumprir.

JULIETTE

Mordi o lábio, respirando fundo para acalmar meus instintos vampirescos para que meus companheiros não percebessem que eu estava morrendo de fome enquanto arrastava minha mala pelo aeroporto particular em que pegaríamos nosso voo direto para NACIONAIS - ACHERON

Berlim. Enquanto o fazia, contudo, meu celular vibrou no bolso e deixei-o tocar, mas quando vibrou de novo, peguei-o para ignorar a chamada de Joseph, que tinha um belo sorriso e seus olhos azuis pareciam brilhar, *faiscar*, na foto do contato ao lado de Harriet e eu. Engoli em seco, pois não queria viajar enquanto ele estava bravo comigo, mas não tinha tempo para ficar e resolver nossos problemas, só esperava que quando voltasse, Harriet não me odiasse.

Markos, meu colega e superior da CIA, que viajaria comigo para Berlim, de onde pegaríamos outro avião para o Paquistão em três dias, parou comigo do lado de fora do galpão enquanto o jato era preparado pelo piloto e copiloto, assim como outros funcionários que trabalhavam ali. Poucos, porém de extrema confiança; bem no estilo da CIA.

— Pode atender, ainda temos vinte minutos — Markos falou ao meu lado e inflei meu peito com todo o ar que pude.

— Eu não demoro — meu sotaque foi a coisa mais evidente enquanto eu me afastava, entrando no galpão completamente vazio para retornar a ligação dele.

NACIONAIS - ACHERON

Era fim de tarde em Langley, cidade onde a CIA estava sediada, e tínhamos passado o dia inteiro planejando aquela viagem, assim como o último semestre planejando a operação. Chovera o dia inteiro e tudo parecia cinza naquele dia, não só o tempo, mas também o meu humor e os ânimos em casa. E, como tudo que eu queria era que tudo ficasse bem, encaminhei-me até um canto do galpão e sentei-me em um caixote de madeira.

— Desculpe por mais cedo... Não queria que as coisas chegassem a esse ponto... — inclinei-me com uma respiração profunda.

— Ainda está em Langley? — foi tudo que ele disse. Nada de *“está tudo bem, querida. Não se preocupe. Estamos aqui para apoiá-la”* — Aconteceu uma coisa...

— O quê? — sentei-me mais ereta, com as costas contra a parede.

— Peguei Harriet na escola e as coisas estavam estranhas... Senti uma presença sobrenatural em torno...

— Joseph! Não tem nada a nossa volta. Não praticamos mais magia e temos apenas uma vida normal, lembre-se disso. Harriet está segura...

NACIONAIS - ACHERON

— Não, é uma coisa séria. Ela disse que ficou vendo uma mulher com roupa escura enquanto estava na aula, através das janelas, com uma besta — franzi o cenho, um pouco surpresa por ele acreditar nas bobagens que Harriet falava. Balancei a cabeça, sem saber como falar aquilo de modo sutil.

— Querido...

— Só queria ter certeza de que você está bem — ele falou em um tom suavizado e meu coração bateu mais forte no peito diante do seu tom — Tome cuidado, *eu* levo o que nossa filha fala a sério. Ela é uma bruxa, pode ser alguma coisa...

— Certo. Está tudo bem, eu vou pegar o avião agora, preciso desligar — levantei-me para ver como tudo estava indo do lado de fora — Diga a Harriet que eu sinto muito por não estar aí, eu queria muito... — expirei de modo sonoro — Tenho que ir. Amo você.

— Também amo você — seu tom foi um tanto soturno e senti falta de estar em casa — Fique segura, por favor.

Não matávamos mais pessoas, nem para que eu me
NACIONAIS - ACHERON

alimentasse. Não lutávamos mais contra ancestrais e forças malignas. Não tinha mais pessoas que tentava nos matar por motivos que nem ao menos sabíamos qual ou qualquer coisa parecida. Éramos apenas nós três, como uma família, vivendo de modo tranquilo em uma cidade pequena. Com empregos normais, sem praticar magia ou chamar atenção, e eu me alimentava exclusivamente de bolsas de sangue.

Tínhamos até vizinhos, amigos. Éramos os tipos de pais adoráveis e levávamos Harriet a festinhas infantis. Era tudo o que eu queria: uma vida comum e aborrecida; entediante, mas segura. E não só para mim e para Joseph, principalmente para Harriet. Tudo o que queríamos era que ela crescesse bem e saudável, com tudo que uma criança precisava.

E com muito trabalho, conseguíamos dar a ela tudo aquilo. A *normalidade* da qual uma criança precisava.

Saí do galpão, pronta para entrar naquele avião, mas deixando uma parte de mim em casa; minha vida era em um avião, mas aquela foi a primeira vez em que meu coração ficava tão apertado prestes

NACIONAIS - ACHERON

a entrar em um. Markos entregou-me minha mala com uma expressão irritada no rosto: — Nosso voo foi cancelado. O piloto disse que não há condições de voo.

— *Arzneimittel*^[3] — expirei com força e enfiei o celular no bolso da calça — O que fazemos agora?

— Vá para casa, eu vou me reportar com o superior. Disseram que a chuva vai continuar até a semana que vem — fomos andando através do galpão de volta a aérea interna do aeroporto, onde, tanto agentes quanto o pessoal do aeroporto, pareciam estar alvoroçados com o cancelamento de todos os voos.

— Obrigada — anuí e procurei um carro da CIA que pudesse me levar para casa, mas, como chovia muito, assim que entrei, fui comunicada que demoraria. Árvores fecharam avenidas, a água alagava tudo e as ruas pareciam um pandemônio conforme atravessávamos a cidade na direção da parte residencial, onde ficavam as casas da CIA; onde era *nossa* casa.

Mexia no celular sentada no banco de trás do carro, tentando ligar para Joseph enquanto o céu cinza-escuro tornava-se *ainda mais* escuro, mas,
NACIONAIS - ACHERON

por algum motivo irritante, ele não atendia. Assim, mandei uma mensagem de texto: *Estou voltando para casa, o que vamos ter para o jantar?* Em seguida, mandei uma carinha feliz e olhei para frente, batendo o celular contra a palma enquanto sua resposta não chegava. Não usava cinto, assim, inclinei-me e apoiei os antebraços no banco para falar com o motorista.

— Não tem como cortar caminho por uma rua lateral?

— O trânsito está confuso, Sra. Hohenfels. O melhor a se fazer é seguir pela principal — suspirei longamente e me sentei, mentalmente exausta. Queria apenas estar em casa com meu marido e minha filha e, enquanto esperava por uma chamada dele, surgiu uma chamada de um número desconhecido, que, por hábito, ignorei. Não estava com cabeça para falar com ninguém, só queria ir para casa.

Quando finalmente consegui chegar, entretanto, já às 19h e exausta, o caminho de cascalhos escuros que levavam até a entrada estava... *Estranho*; não conseguia descrever, mas enquanto pegava minha mala e ia até os seis degraus que levavam até em

NACIONAIS - ACHERON

casa, já completamente molhada, percebi que algo não estava certo. Meus sentidos ficaram levemente confusos por um momento e não pude sentir imediatamente, mas, ao chegar até a porta, fui capaz de ver através das paredes de vidro que tinha sangue na sala de estar.

Franzi o cenho, não conseguindo afastar do peito a sensação ruim que me invadiu quando empurrei a porta destrancada. Tudo estava escuro, mas, como as paredes da parte inferior eram todas de vidro e o piso prateado e polido, eu podia ver o vermelho-escuro brilhando nele. Desde a porta da frente, em uma poça desordenada que espalhava sangue por todo o piso até o sofá, mas foi difícil ver mais do que gotas.

Parei de respirar por um longo minuto, com o pé sobre a soleira da porta entreaberta, fitando o aparador com as chaves de Joseph que ficavam ao lado da porta, e sem conseguir coragem o suficiente para empurrá-la em definitivo e entrar; para checar o que estava acontecendo ou teria acontecido, para checar se Harriet estaria bem. Se *Joseph* estaria bem, pois aquele pensamento quase me corroeu por dentro.

NACIONAIS - ACHERON

Deveria tê-lo dado mais crédito mais cedo e a culpa me invadiu de modo imediato. Inspirei profundamente e empurrei a porta com cuidado, largando minha mala entre a entrada e o lado de fora, sob a pequena cobertura que nem poderia ser chamada de varanda, por ser tão estreita. Era apenas um espaço entre os degraus e a entrada.

Naturalmente, não acendi as luzes. Andei lentamente pela sala, para a direita, onde ficava a escada espiral, que parecia ter os degraus flutuando, e olhei atentamente para o andar de cima, mas, embora estivesse tudo muito escuro, pude detectar que não havia nada. Assim, atravessei a sala de estar por detrás do sofá para evitar todo aquele sangue, que eu precisava ansiosamente saber de onde vinha e de quem era, e fui devagar até a cozinha, olhando para todos os lados em busca de uma possível e iminente ameaça, que eu tinha certeza que surgiria a qualquer momento.

A cozinha tinha janelas de frente para mim, sendo assim, estava quase que completamente iluminada, exceto pelo outro lado, onde tinha uma parede branca que ocultava a mesa de jantar e metade da mesinha redonda onde costumávamos

NACIONAIS - ACHERON

tomar café da manhã. Engoli em seco, desacelerando ainda mais o passo ao entrar ali, mas também não tinha nada. No andar de baixo tinha ainda um corredor que passava quase debaixo da escada, à direita da entrada da cozinha e seguindo aquela parede, e tive que respirar fundo para seguir por ele. No fim, tinha só um quarto onde guardávamos algumas coisas.

Antes de chegar ao fim do corredor, entretanto, escutei passos atrás de mim e me virei de modo abrupto, sem ter tempo ou luminosidade o suficiente para checar quem vinha vindo atrás de mim; lancei-me sobre o que julguei ser um homem, fitando apenas sua silhueta, e joguei-o no chão com facilidade, apesar de ele estar segurando uma estaca de madeira. Ajoelhei-me sobre seu corpo quando consegui, com os joelhos nas laterais dele na altura de seu abdome, e debruçada sobre ele com as presas expostas, pronta para rasgar sua garganta; de fato, bem perto dela.

Antes que eu tivesse tempo para isso, contudo, ele virou a cabeça da direita para a esquerda, iluminando seus cabelos loiro-escuros, quase ruivos, e familiares, assim como seu rosto. Soltei

NACIONAIS - ACHERON

seus braços e fiquei mais ereta, boquiaberta, só depois de alguns segundos, lembrei-me de recolher minhas presas ao me adaptar a ver de novo aquele rosto familiar.

— *Cedrico...* — falei seu nome em um murmúrio, mal conseguindo respirar.

Por que tudo que eu amo é sempre levado para longe?^[4]

Saí de cima dele, ofegante. Mais pela surpresa do que pela dificuldade de respirar.

— *Was zum Teufel ist das...?*^[5] — praguejei, dando vários passos para trás, consertando os fios soltos em torno do meu rosto de modo confuso e trêmulo.

— Juliette... — estranhamente, ele parecia tão surpreso quanto eu, caído no chão, e por isso, levantando-se lentamente — O que você está fazendo aqui? — ele se colocou de pé.

— Eu é que tenho que perguntar isso... Onde... — antes que eu terminasse de falar, escutei passos leves e rápidos na escada, estando quase abaixo dela, e virei-me para ver Harriet descê-las,

segurando seu ursinho, para correr até mim com os olhos assustados.

Agachei-me para abraçá-la com força e Harriet envolveu meu pescoço com os bracinhos magros. Fechei os olhos, sentindo a sensação ruim em meu peito sendo, em parte, aliviada, pois tudo só voltaria a ficar bem e tranquilo dentro de mim quando eu pudesse abraçar meu marido também; ser capaz de segurá-lo forte em meus braços. Harriet se afastou, prestes a chorar, com o lábio inferior trêmulo: — Onde está o meu pai? — ergui os olhos para Cedrico, que parecia desconsertado.

— Onde ele está?

— Quem é esse? — ergui-me em um movimento hábil e coloquei Harriet atrás de mim em um gesto protetor.

— Podemos falar em particular? — ele começou a falar, mas notou meu olhar apreensivo e mudou a posição, tentando encontrar palavras para se explicar, ou fazer o que quer que fosse relacionado a explicar-se — O que você está fazendo aqui, Juliette? — Harriet parecia estar com medo, pois deu um passo para trás enquanto eu fitava Cedrico de modo cada vez mais incisivo.

NACIONAIS - ACHERON

— Cedrico, não estou a fim de palhaçadas, onde Joseph está?

— Por que seu número estava no topo das chamadas no telefone dele? — ele deu dois passos a frente e franzi as sobrancelhas.

— Como você sabe disso? — Cedrico tirou o celular do meu marido do bolso da frente da sua calça cáqui escura, que combinava com sua camisa social e jaqueta de couro marrom-escura — Cedrico... *O que diabos* está acontecendo aqui? Onde ele está? Pare com esse suspense todo, pelo amor de Deus...

— O que você é dele?

Mal me ative à suas palavras quando continuei, a beira do desespero, do pânico, das lágrimas: — Onde o meu marido está, Cedrico? — ele inclinou o rosto com o cenho franzido, um tanto chocado com minhas palavras, talvez com o desespero evidente nelas, ainda mais quando avancei em sua direção, afastando-me de Harriet: — O que você fez com ele? — meus olhos estavam cheios de lágrimas, que não ousaram cair, e meu coração batia desesperado no peito, que era preenchido pela dor e por uma horrível angustia de que ele não

NACIONAIS - ACHERON

estava bem — *O que você fez com ele* — falei lentamente, esmurrando seu peito com ambas as mãos, com tanta força que ele cambaleou para trás, mas não me tocou ou ousou se defender — seu desgraçado? — eu parecia uma maluca histérica, esmurrando-o por entre as lágrimas, mas quando se tratava da minha família e em protegê-la, eu ficava mesmo louca, histérica e descontrolada.

— Seu *marido*? — ele falou lentamente e deu um passo para trás, ao que fiquei parada onde estava, ofegando. Finalmente consegui acalmar minhas emoções e meus instintos, lembrando que Harriet estava bem atrás de mim.

— Não finja como se não soubesse — foi tudo que disse antes de me virar para minha garotinha, que estava assustada, e agachei de frente para ela, colocando uma mecha dos seus longos cabelos atrás da orelha, buscando seu olhar baixo e assustado — *Geh auf dein Zimmer, Schatz*^[6] — murmurei em alemão e ela anuiu gentilmente, saindo, apertando seu ursinho nos braços miúdos — Agora — girei nos calcanhares, tentando me manter firme mesmo que por dentro tudo em mim estivesse em colapso, prestes a desabar —, você vai

NACIONAIS - ACHERON

me dizer o que você está fazendo na minha casa.

— *Sua casa?! —* ele falou de modo surpreso pouco antes de continuar, um tom mais controlado: — Juliette, antes de qualquer coisa, eu preciso entender o que está se passando aqui — e expirou, o que pude ouvir com minha audição vampira — Só então, poderei responder suas perguntas.

— Você invadiu minha casa... Tem *sangue* na minha sala de estar e minha filha de sete anos está assustada no quarto dela, então, para o seu próprio bem, acho melhor começar a falar. Você o sequestrou, é isso? — consertei mais uma vez os irritantes fios que caíam pelo meu rosto — O que você fez? — meu tom começou a soar desesperado enquanto Cedrico permanecia praticamente inabalado a minha frente, limitando-se a franzir milimetricamente o cenho quando terminei de falar.

— Ele está morto, *Juliette* — ele murmurou meu nome lentamente depois de falar e senti as lágrimas queimando no fundo dos meus olhos, a sensação difusa de que tudo girava a minha volta e que o mundo estava prestes a desabar, como se eu fosse humana, tivesse acabado de levar um soco muito forte no estômago e estivesse caindo de uma

NACIONAIS - ACHERON

enorme altura sem nada à que me segurar.

— Não, não, não... — dei largos passos para trás e recostei-me à pilastra que sustentava o piso superior, ficando quase debaixo da escada — Me diga... *Não!* — tudo parecia preso em minha garganta e eu não conseguia respirar enquanto, lentamente, escorregava até o chão com os joelhos na altura do peito e o rosto entre as mãos — Isso não é verdade... — fechei os olhos, pois as lágrimas embaçaram minha visão e já não podia ver um palmo a minha frente, sentindo a dor me engolfar, me golpear e esfaquear de modo profundo e lacerante — Por favor... — falei com a voz embargada; ouvi-a sair em um tom confuso que nem eu mesma reconheci — Me diz que isso não é verdade...

— Eu sinto muito — tentei secar meu rosto com os punhos, mas as lágrimas continuavam saltando na mesma velocidade com que as lembranças invadiam meus pensamentos — Eu vou explicar tudo assim que puder, e também tenho algumas perguntas a fazer, mas... — ergui os olhos para ele, que estava calmo, mas tinha uma expressão piedosa, ao mesmo tempo em que pragmática —
NACIONAIS - ACHERON

Não estamos seguros aqui — Cedrico fez uma pausa lenta enquanto estabelecíamos contato visual e eu percebia o quanto sua expressão mudara — Não sei se ainda confia em mim, mas se quer que a Harriet fique segura... *Vocês precisam vir comigo* — ele falou lentamente, enfatizado cada palavra com seu cenho levemente franzido.

— Do que você está falando? — perguntei em tom choroso, tentando raciocinar sobre como diabos tudo tinha dado tão errado do dia para a noite — O que...

— Não tenho tempo para explicar. Você e a Harriet estão em perigo, então, por favor, venha comigo...

— Cedrico, eu... — respirei fundo e engoli em seco, fechando os olhos por um segundo para pensar sobre meus próximos passos — Eu não posso.

— Me escuta — ele continuou, impaciente, e agachou de frente para mim — Ela está vindo, precisamos ir e não vou te deixar aqui.

—*Ela?* Ela, quem? — franzi o cenho em confusão e sequei melhor o rosto com as costas das mãos — Não posso simplesmente fugir daqui, eu
NACIONAIS - ACHERON

tenho o meu emprego, eu... Harriet...

— Nada disso é mais importante — ele checkou as horas em seu relógio de pulso — Apenas peço que venha comigo e eu explico no caminho.

— Quero que me explique *aqui*, não vou a lugar nenhum com minha filha sem saber o que está acontecendo — recompus-me, deixando as emoções de lado por um segundo para pensar em Harriet e em sua segurança.

— Por favor... Você me conhece, sabe que eu nunca te machucaria, não importa quanto tempo tenha se passado. Mas tem alguém perigoso vindo atrás de nós... Entendo como se sente agora, mas *temos que ir*, Juliette.

Respirei fundo e avaliei sua expressão densa, olhei em seus olhos, tentando entender o que se passava ali enquanto ele dizia que não tinha tempo para explicar, tentando decidir se podia confiar nele e, sobretudo, confiar nele com Harriet. Antes, eu diria que sim, mas naquele momento, ele parecia tão estranho, frio e distante, que eu já não podia determinar se era apenas a circunstância ou se algo o tinha deixado daquele jeito. Antes que pudesse, contudo, decidi que, não importando se seria com

NACIONAIS - ACHERON

ele ou sozinha, não seguro ficar ali por muito mais tempo.

Respirei fundo e me coloquei de pé ao mesmo tempo em que Cedrico o fez; fiz o melhor que pude para me recompor e inflei o peito de ar: — Eu vou, mas só porque tem algo errado aqui — dei um passo à frente e ergui o queixo do modo mais ameaçador que pude, mesmo sendo bem mais baixa que ele, avaliando sua expressão com cuidado e bem de perto — E se tentar alguma coisa para machucar a mim ou a minha filha, eu te mato antes de perguntar quais são as suas intenções.

Sem nem ao menos lhe dar a chance de responder, saí dali e subi as escadas de dois em dois degraus para chegar ao quarto de Harriet, onde a encontrei sentada no chão. Vi-a antes mesmo de entrar em seu quarto, ainda no corredor, tendo que respirar fundo ao passar pela porta, escolhendo as palavras que usaria com ela: — Mamãe! — ela correu até mim e abraçou minhas pernas. Ergui o queixo e passei meus braços em torno dela sem conseguir me mover ou respirar, tampouco falar ou tentar explicar a ela algo que nem eu mesma entendia — Onde está o papai? — engoli em seco e

NACIONAIS - ACHERON

abaixei, com as mãos em seus braços magros e os olhos fixos nos seus, chorosos e assustados.

— Querida... O que aconteceu depois que o seu pai te pegou na escola?

— Eu não lembro, mamãe — ela estava prestes a chorar e fechei os olhos, abraçando-a.

— Está tudo bem — alisei suas costas com uma profunda inspiração ao me afastar dela — Vamos ter que... Viajar um pouco, está bem? Pegue sua mochila e um casaco bem quente — tentei sorrir para confortá-la, mas saiu uma coisa estranha enquanto Harriet voltava ao seu quarto com uma carinha triste que fiquei observando por mais alguns segundos; por fim, girei para a esquerda e vi Cedrico parado no meio da sala, fitando-me.

Fui para o meu quarto, peguei minha mochila marrom e de couro, enfiei outra jaqueta, um jeans e uma camisa de mangas, assim como luvas e meias e chequei minha arma. Não que eu imaginasse que fosse precisar de uma sob aquelas circunstâncias, mas sempre tinha que andar com a minha.

Respirei fundo, sem conseguir associar aquela loucura toda à realidade, como se eu fosse acordar a qualquer segundo em minha cama, a qual eu

NACIONAIS - ACHERON

fitava naquele momento com uma intensa sensação de nostalgia no peito, e descobrir que estava sonhando, que nada daquilo era real. Mas, infelizmente, enquanto os segundos transcorriam rapidamente, aquilo não aconteceu, e fui desperta de meus pensamentos pela voz de Cedrico em minha porta, ao que me virei, quase assustada.

— Temos que ir — ele parou do lado direito e fechei o zíper da mochila, girando novamente para ver Harriet se aproximar da porta, com cautela ao ver Cedrico parado ali.

— Eu terminei — ela estava com sua mochila nas costas, usando um sobretudo que a aquecia o suficiente e com seu ursinho favorito que Joseph havia dado a ela.

— Ótimo. Vamos — joguei minha mochila no ombro esquerdo com um gesto hábil e caminhei até os dois; ignorando Cedrico e passando por ele, peguei na mão de Harriet para descermos as escadas — Você está bem, Harrie?— ela anuiu, mas não falou nada. Fechei os olhos ao passar pela poça de sangue e fi-la não olhar até passarmos pela porta. Não chovia mais do lado de fora, mas tudo era uma imensa poça de água — Qual o seu plano

NACIONAIS - ACHERON

agora? — Cedrico acompanhou meu passo, andando ao meu lado ao descer as escadas e atravessar o longo caminho de cascalho onde o carro de Joseph estava parado.

— Achei que fosse me matar antes de perguntar quais são as minhas intenções — estranhamente, ele parecia magoado ao repetir minhas palavras e engoli em seco.

— Por favor... Achei que não tivéssemos tempo...

— Certo, meu carro está ali — ele indicou um enorme SUV, um Cadillac Escalade que teria feito a CIA chorar por não ter um, e mordi o lábio, olhando para todos os lados. Queria confiar nele, queria mesmo, mas não conseguia, pois algo dentro de mim me dizia que eu ainda devia tomar cuidado, sempre estar um passo a frente antes de entender o que estava havendo.

Cedrico destravou o carro e abriu a porta de trás da Harriet, que entrou, e bateu-a com força, como se quisesse indicar que eu deveria ir na frente, pois tinha muito que explicar, opinião que eu compartilhava com ele. *Ele* tinha muito que me explicar, a começar por como tinha me achado.

NACIONAIS - ACHERON

Abri a porta em silêncio enquanto ele dava a volta e só entrei no carro quando ele o fez, já saindo.

Tudo dentro de mim ainda estava estranho e descompassado e eu tentava colocar minha atual situação na cabeça, mas estava mais confusa do que nunca tinha estado em anos. Consertei o cabelo e respirei fundo ao me virar para Cedrico, pronta para tirar dele tudo que pudesse: — Essa é a parte em que você começa a me explicar tudo — não coloquei o cinto, assim, inclinei-me para Harriet e estendi o braço esquerdo — Durma um pouco, querida — ela balançou a cabeça, toda chorosa, e assim que encostei o indicador e o dedo médio em sua testa. Ela adormeceu no mesmo segundo com o feitiço — Agora...

— Eu não sei o que quer que eu explique. Você é quem tem que se explicar aqui. Mais de oito anos e você não quer me explicar o que aconteceu? — ele ergueu as sobrancelhas, tamborilando os dedos no volante, impaciente com meu silêncio diante da sua meia pergunta — *Como* você casou com o meu pai?

— Pai *adotivo* — corrigi-o sem olhá-lo nos olhos, feliz pelo fato do carro estar escuro o

NACIONAIS - ACHERON

suficiente para que eu não precisasse fazê-lo — E não é uma história tão longa assim — entrelacei meus dedos sobre minha mochila — Nós simplesmente nos encontramos depois de eu ter ido para Nova York, foi pura coincidência...

— E vocês... Ficaram juntos? — ele já não tentava olhar para mim e sim, para a estrada incomunmente escura a nossa frente — Isso não soa nem um pouco estranho para você como soa para mim, Juliette? — prosseguiu de modo exasperado, procurando meu olhar, mas permaneci olhando para frente.

— E por que soaria?— tentei reorganizar minhas palavras e pensamentos — Olha, Cedrico, eu estou tentando acreditar que você está aqui com a melhor das intenções, mas tudo o que quero saber é *o que diabos aconteceu com Joseph?* E como você chegou até nós? E... De quem você estava falando quando disse que *ela* estava vindo?

— Eu não sei muito, na verdade. Há cerca de dois meses, uma caçadora assassinou a minha noiva — quando procurei seu olhar, procurando alguma confirmação visual de que o que ele estava falando era verdade, Cedrico manteve seu olhar na estrada

NACIONAIS - ACHERON

por um longo minuto, como se remoesse aquilo em sua mente. E em seu coração.

— Uma *caçadora*? Eu nunca encontrei uma — tentei dar continuidade ao assunto e Cedrico ergueu o queixo.

— Antes dela, nem eu. Enfim... Eu voltei a Salém para saber quem era ela. Uma mulher vestida de preto que vi de relance pouco antes de tudo o que eu amava queimar e se transformar em cinzas — ele suspirou dramaticamente e mordeu o lábio, ainda olhando para ele, fitando seu rosto de perfil — Uma bruxa me mostrou que se tratava de uma caçadora consagrada...

— O que... O que é isso? *Caçadora consagrada*? Tem algo a ver com magia? — franzi o cenho, ainda querendo que Cedrico me olhasse enquanto ele se concentrava em uma curva na estrada estreita.

— Segundo ela, sim. Algo com... Uma caçadora a quem foram dadas habilidades especiais para *eliminar* o alvo em potencial. Enfim, eu vim para cá e liguei para Rafael para checar. Quando cheguei, rastreei Joseph até sua casa, onde achei o carro dele na porta, com sua filha desmaiada

NACIONAIS - ACHERON

dentro... Quando dei a volta até os fundos, encontrei-o caído. Do outro lado da sala, tinha vasos quebrados através da casa até a porta que dá para aquelas árvores... — Cedrico me olhou, com o olhar carregado de compaixão, talvez piedade — Tenho certeza que ele lutou... — e desviou seu olhar do meu mais uma vez, seu tom se tornando frio — Mas aquela caçadora parece ser forte demais. E estar vindo por todos nós.

— Por... Por quê? — gaguejei, um tanto confusa com suas meias explicações — Quero dizer... — balancei a cabeça e concentrei-me em respirar durante um momento — Joseph e eu vivemos... *Vivíamos* — corriji-me lentamente, as palavras saindo com dificuldade — uma vida comum, entediante... Como tudo isso se foi em um segundo? — ele não disse nada por um momento, mas, quando me recompus e olhei para ele, Cedrico ainda olhava para a estrada e dirigia com cautela — De onde essa *caçadora* saiu de uma hora para a outra para arruinar tudo que levei anos para conseguir? — enfiei o rosto entre as mãos e, somente por um momento, permiti que as emoções tomassem conta de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Se isso a consolar, ela fez o mesmo comigo —
funguei, sentindo as lágrimas quentes em minhas
palmas, com o tronco inclinado para frente.

— Não consola — murmurei com a voz abafada
entre minhas mãos.

Ainda quero me afogar sempre que você me deixa...[\[7\]](#)

Meus olhos queimaram, assim como minha pele, mas, antes que eu precisasse checar meu anel do dia, senti a dor intensa no pescoço por ter adormecido em um carro. No carro de um, teoricamente, *estranho*. Pisquei ao sentir que o sol era o que queimava minha pele, pois era forte naquele início de manhã. Levantei a cabeça, repentinamente assustada ao olhar em volta e me dar conta de que estava sozinha em um acostamento na beira da estrada.

Esfreguei os olhos por um momento e olhei para trás para constatar que Harrie não estava ali, o que me fez sair do carro e olhar em volta. Do meu lado direito, havia a autoestrada, com um vai e vem

intenso de carros nos dois sentidos, o que me dava a impressão de que estávamos em uma cidade grande, ou aproximava-nos de uma. Do lado esquerdo, havia uma lanchonete típica de beira de estrada. Com uma placa espalhafatosa e um cardápio anunciando *waffles*, bom café, hambúrguer e Milk-shake. Franzi o cenho e fechei a porta do carro para ir até lá, pouco depois de ver através do espelho retrovisor que o meu rosto estava horrível.

Umedeci os lábios com o coração acelerado, caminhando sob o sol escaldante até a lanchonete, onde empurrei a porta e finalmente consegui respirar ao ver Cedrico sentado à minha esquerda, de frente para mim, e que Harriet estava de costas; podia ver apenas o topo dos seus cabelos, mas pude relaxar e oferecer a Cedrico um sorriso ensaiado enquanto fechava a porta e caminhava até a terceira mesa à esquerda. Do lado direito, em um balcão com banquinhos diante dele, clientes tomavam café em um silêncio parcial quando atravessassei o espaço estreito para chegar até os dois e me sentar ao lado de Harriet, que sorriu amplamente enquanto comia batata frita com Milk-shake de chocolate,

NACIONAIS - ACHERON

afastando-se para o canto do banco vermelho estofado para que eu me sentasse.

— Mamãe... — ela falou em um tom alegre e infantil, erguendo a mão direita, que segurava uma batatinha, antes de comê-la; sorri para ela de modo sutil e voltei-me para Cedrico, que tinha uma expressão tranquila e pacífica no rosto.

— O que aconteceu? — finalmente chequei as horas em meu relógio de pulso — Onde estamos? — voltei os olhos para ele, que bebia café e tinha um intocado prato de *waffles* a sua frente.

— Charlotte, Carolina do Norte — franzi o cenho e afundei minimamente no banco, com as costas curvadas, imaginando como eu tinha chegado àquele ponto da minha vida — Você dormiu — ele falou como se eu ainda não tivesse percebido — Achei melhor deixar como estava e trouxe Harriet para comer alguma coisa.

Mordi o lábio de modo sutil e, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a garçonete se aproximou com um jarro de cafeteira em mãos e uma caneca branca de porcelana, igual a que Cedrico tinha em mãos: — Café, senhora?

— Obrigada — falei de modo automático, com

NACIONAIS - ACHERON

os olhos momentaneamente fechados enquanto a mulher, de aparentes vinte e sete anos e avental um tanto amarelado, servia-me. Estava exausta, emocionalmente esgotada, mas não pude deixar de notar, *involuntariamente*, o olhar descarado daquela mulher em Cedrico enquanto demorava mais tempo que o suficiente para servir o café; fazia-o em câmara lenta para não desperdiçar nenhum segundo de sua vista maravilhosa e respirei fundo de modo impaciente, peguei o café e tomei um gole com os olhos nela, deixando claro que ela não tinha mais o que fazer ali.

A garçonete irritante saiu e segurei a caneca com as duas mãos, fitando-o, ainda mais irritada com o sorriso que Cedrico tinha no rosto, como se estivéssemos em um *tour* ou uma viagem de férias, não como se alguém que importava para nós dois tivesse acabado de morrer. Ou para mim, pois da última vez em que estivéramos os três juntos, Cedrico o odiava por tudo que Joseph tinha escondido dele: — Para onde estamos indo, exatamente? — pousei a caneca na mesa, ainda segurando-a, inclinando-me sobre a mesa; estava ciente que Harriet nos observava, mas era boazinha

NACIONAIS - ACHERON

demais para se meter na conversa ou atrapalhá-la, além de estar concentrada em sua comida.

— Para... *Aqui* — Cedrico colocou sua caneca na mesa com o olhar ora sério, ora com um sorriso suave e tranquilo, mas não risonho demais.

— O que tem aqui?

— É onde Rafael trabalha, precisamos dele para rastrear a caçadora — falou de modo casual e fiquei imediatamente tensa.

— *Não precisamos, não!* — falei rápido demais, sem ter tido tempo o suficiente para avaliar a situação. Talvez precisássemos dele, e eu nem sabia com o que estava lidando ou quem seria aquela caçadora, qual seria o propósito dela, nem... *Nada*. Não sabia de absolutamente *nada*.

— Precisamos — ele checkou as horas rapidamente — Vamos encontrá-lo em uma hora e traçar um plano.

Terminei meu café, sem mais nenhuma palavra, avaliando tudo o que vinha acontecendo desde a noite anterior. Parecia que minha vida tinha se tornado tudo o que eu *não* queria: como era há pouco mais de oito anos e eu odiava aquela situação. Ainda mais por ter alguém que eu

NACIONAIS - ACHERON

precisava proteger. Não conseguia proteger nem a mim mesma antes, proteger Harriet seria uma verdadeira tarefa. Com Cedrico e Rafael no meio, tudo se complicaria ainda mais, pois só tornaria tudo, absolutamente *tudo*, mais confuso e complicado do que já era em meu peito.

Nunca tinha perdido alguém que eu amasse tanto e, durante alguns minutos, queria poder morrer também, antes de me lembrar de Harriet e que eu era a única pessoa que ela tinha; que ela *precisava* de mim e que eu a amava demais para me entregar sem lutar. Ela era a pessoa mais importante na minha vida naquele momento, *a única*, e me concentraria em mantê-la segura com todas as minhas forças.

— Por que precisamos dele?

— Porque Rafael pratica magia, ele deve saber o que fazer — ele abaixou o tom de voz e Harriet inclinou-se sobre a mesa.

— Você também é um bruxo? — Harriet murmurou com os olhos ligeiramente arregalados em curiosidade.

— Sim, eu sou — ele se inclinou para murmurar, fazendo os olhos dela quase brilharem — Aqui...
NACIONAIS - ACHERON

— Cedrico empurrou o cardápio em minha direção, indicando os *waffles* — Você deveria experimentar algum.

— Não — virei-me para Harriet — Quer mais alguma coisa, querida? — ela balançou a cabeça, tomando seu Milk-shake de chocolate, e sorri-lhe de volta diante do seu sorriso inocente. Chamei a garçonete e pedi um Milk-shake de chocolate, como o da minha filha, ao que notei que Cedrico me encarava.

— O que você tem feito?

— Com minha miserável eternidade? — ele anuiu e inclinou o rosto suavemente para a direita, finalmente cortando um de seus *waffles* e provando-o.

— Com o que você trabalha? Além de cuidar da doce Harriet — ele gesticulou com o garfo na direção dela de modo vago.

— Eu... — hesitei por um momento e escapei da resposta quando a garçonete voltou com meu Milk-shake e, após um demorado e irritante olhar a Cedrico, cheia de sorrisos, retirou-se, jogando seus cabelos loiros de modo impactante; estava muito claro que estava flertando com ele e tentei desviar o

NACIONAIS - ACHERON

foco daquilo para ajeitar minha arma na parte de trás da calça, cobrindo-a o melhor que pude sob minha jaqueta. Cedrico deu um belo olhar na garçonete enquanto ela se afastava, mas, na verdade, estava prestando atenção em mim e ao que eu fazia.

— Então... — ele fez uma pausa, voltando a beber seu café e, certamente pronto para pedir mais, ergueu uma sobrancelha — Minha pergunta...

— Eu trabalho para a CIA — falei do modo mais duro e frio possível e, mesmo sabendo que seria difícil, tentando me manter emocionalmente distante dele.

— Uau! — ele pareceu mesmo surpreso, tanto que manteve o olhar no meu por muito tempo, ao que tive uma sensação estranha ao fixar seus olhos, ao observar seu sorriso de quem acabara de acordar que se fundia com um raio de sol que caía sobre sua face, vinda do lado direito e que... Ele interrompeu meus pensamentos: — Esperava que você estivesse fazendo algo mais... *Comum*. Depois de todas aquelas loucuras, achei que normalidade fosse tudo o que você queria...

NACIONAIS - ACHERON

— Eu queria. E minha vida era o mais normal e entediante possível — meu tom foi mudando gradualmente para algo mais intenso, talvez até ressentido e furioso — Até uma caçadora maldita e *você* aparecerem na minha vida.

— Eu preciso te lembrar de que ela também apareceu na *minha*? — ele não parecia irritado, ou magoado como antes, apenas querendo esclarecer tudo e reestabelecer a confiança que eu tivera nele anteriormente.

Expirei lentamente: — Ainda não tenho certeza se posso confiar em você — antes que eu pudesse continuar, ou ele pudesse rebater com alguma resposta inteligente, o celular dele começou a tocar.

— É melhor irmos para algum lugar — Cedrico abriu a carteira antes que eu tivesse a chance de dizer alguma coisa.

— Quem era? — Harriet estava sonolenta e deitara-se em meu colo enquanto Cedrico atendia seu celular e respondia a tudo cheio de meias palavras.

— Rafael disse que só poderá nos encontrar à noite — Cedrico jogou as notas na mesa, já de pé, NACIONAIS - ACHERON

enquanto eu pegava Harriet em meus braços, que não parecia pesar nada usualmente, mas naquele momento, eu estava faminta e o fundo dos meus olhos ardia como se eu não dormisse há dias — Venha aqui — Cedrico parou diante de mim, *muito* perto, e sem dificuldade alguma, pegou-a dos meus braços, como estivesse acostumado a fazê-lo, e franzi o cenho milimetricamente — Você precisa se alimentar — ele murmurou com a cabeça de Harrie sobre seu ombro, a apenas alguns centímetros de distância de mim.

— Eu sei, mas... — fechei os olhos por, exatamente, um segundo — Não faço mais isso. Não... Não me alimento de sangue humano — falei ainda mais baixo.

— Coma alguma coisa doce — equilibrando Harriet com perfeição, ele pegou o Milk-shake que eu tinha pedido e só tomara um gole, e me entregou — Tome isso.

Assim, saímos dali e voltamos a seu carro.

— Se vamos passar mais algumas horas juntos, você poderia ao menos *tentar* confiar em mim... — Cedrico falou enquanto mexia no GPS e eu dirigia

NACIONAIS - ACHERON

para deixá-lo descansar por ter dirigido por quase dez horas, três a mais por conta da tempestade que pareceu ter se instalado na Virginia de uma hora para a outra, não só em Langley; era uma nuvem cinza pairando sobre minha vida.

Na Carolina do Norte, o tempo estava aberto, claro, o azul tão azul que a luminosidade era cegante, e não era possível ver uma única nuvem no céu da autoestrada que nos levaria ao centro da cidade.

— Vire à esquerda — ele orientou e virei, sem saber por onde estava indo, apenas saindo da autoestrada apinhada para uma rua com tráfego comum, de duas vias.

— Para onde estamos indo?

— Para um hotel. Vou tentar um feitiço que possa nos ocultar de magia, mas ainda temos o problema tecnológico... — ele pegou o celular de Joseph do bolso da frente de sua calça e estendeu na minha direção — Acredito que essa mulher maluca possa nos rastrear por todos esses meios, mas não sei tanto sobre ela quanto gostaria...

— Eu sou da inteligência da CIA, acho que posso lidar com isso — finalmente fui capaz de lhe

NACIONAIS - ACHERON

oferecer um meio sorriso, um que ele retribuiu de modo sutil, mas aparentemente aliviado — E acho melhor irmos para um *motel*.

— Eu recebi essa mensagem... — ele deixou o celular de Joseph no porta-luvas e pegou seu próprio celular, estendendo-me para me mostrar uma mensagem, que li rapidamente — Você acha que consegue rastrear? O número é desconhecido.

— Posso, mas é provável que seja um celular descartável — ele anuiu e respirei lentamente, procurando buscar algum conforto em minha mente e em meu coração ao fitar minha garotinha adormecida no banco de trás, deitada como um anjinho.

Por favor, ensine-me gentilmente a respirar^[8]

Durante todo o dia, Cedrico e eu fizemos alguns planos. Eu queria que fôssemos para Washington ou Nova York, que ficássemos tão seguros quanto pudéssemos estar. E Cedrico concordava em alguns pontos, mas não concordava que deveríamos nos esconder, e sim, descobrir quem era aquela maldita caçadora e matá-la. Com o que eu também concordava, pois viver fugindo não era exatamente a melhor ideia, deveríamos eliminar a ameaça, mas eu precisava, antes de tudo, pensar na segurança de Harriet, que passou o dia inteiro brincando, comendo as porcarias que eu nunca a deixava comer e que Cedrico comprou para ela.

Enfim, perto das sete, ela se cansou e deitou em uma das camas enquanto eu tomava banho, a todo o tempo sem deixar de me preocupar. Coloquei uma

NACIONAIS - ACHERON

camisa e calça limpas, mas iguais as que eu estava usando antes, e vesti a mesma jaqueta, fechando o zíper e secando meu cabelo molhado, que descia por vários centímetros abaixo dos meus ombros, com uma toalha.

Estendi a toalha no banheiro e deixei a luz acesa, ainda quente pelos vapores da água, que só tinha duas temperaturas: frio como o inverno siberiano ou quente como o verão brasileiro. Assim, fitei Cedrico sentado na última cama, de frente para a porta do banheiro, mexendo no celular, e ele ergueu os olhos para mim quando parei na porta.

— Sua vez — meu sotaque foi quase irritante quando falei.

— Aqui — ele enfiou a mão em sua bolsa de mão aberta no chão aos seus pés e me jogou uma coisa que não vi imediatamente, mas que peguei por ação do reflexo, percebendo ser uma bolsa de sangue.

— Ahn... Obrigada — mantive os olhos nele, que voltou sua atenção ao celular, com a cabeça ligeiramente inclinada, e bebi o sangue, checando antes se Harrie estava dormindo mesmo.

— Você deveria...

— Deixar Harrie fora disso? — quase li seus
NACIONAIS - ACHERON

pensamentos quando ele anuiu, ligeiramente intrigado com minha conclusão.

— Não tem ninguém com quem possa deixá-la? — ele falou antes que eu pudesse continuar, tomando o sangue rapidamente, querendo que a sensação durasse o máximo possível, mesmo sabendo que a verdade era uma só — Jon ou...

— Tem, na verdade — joguei a embalagem vazia no lixo do banheiro e Cedrico levantou para entrar lá, fechando a porta na minha cara de forma abrupta.

— Mamãe... — escutei a voz sonolenta de Harriet e me virei, imediatamente sorrindo enquanto ela se espreguiçava — Já é noite?

— Sim, querida — sentei-me ao seu lado na cama enquanto ela se sentava, piscando confusa — Está com fome? Ou com frio? — deslizei os dedos pelos seus cabelos, colocando uma mecha por sobre seu ombro.

— Não — ela ergueu os olhos, parcialmente deslocada naquele lugar enquanto olhava a sua volta ao seu modo infantil — Quando vamos para casa? E quando vou ver meu papai?

— Querida... — limpei a garganta, pensando no
NACIONAIS - ACHERON

modo mais suave para falar, mas parecia que nenhum se encaixaria, quando ouvi um barulho e virei somente o pescoço na direção da janela atrás de mim. As cortinas estavam abertas, mas a janela era de vidro e estava fechada, e era possível ver que estava tudo escuro do lado de fora.

— Aquela mulher de preto... — voltei-me para Harriet com a testa levemente franzida, começando a me assustar com suas palavras; só então, lembrei que era o que Joseph havia me dito quando nos faláramos, no aeroporto. Sobre Harrie falar de uma mulher de preto a sua volta. Talvez fossem apenas pesadelos em torno de tudo o que ela estava passando, os sonhos fossem uma forma de processar as coisas na cabecinha dela — Ela vai voltar? — ela estendeu os braços e envolveu meu pescoço, ao que me aproximei, enganchando-me com toda a sua força.

— *Nein, Liebling, nein*^[9] — abracei-a de volta, esperando acalmá-la.

— Nós vamos para... Aquele lugar onde tem um lago — ela se afastou minimamente para me olhar, de modo sutil — com grama em volta?

— Frankfurt? Não. Eu vou... — consertei seus
NACIONAIS - ACHERON

cabelos enquanto tomava uma decisão rápida — Você vai ficar um tempo com a sua avó, até que eu tenha certeza de que está tudo bem. Certo? — ela assentiu timidamente.

— Mãe... Quem é aquele homem? — ela não falou, mas referia-se a Cedrico, em um tom menos assustado, mas não menos tímido.

— Ele é... — deslizei a língua pelos lábios e os mordi em seguida, procurando as palavras corretas para lhe explicar — Um amigo da mamãe.

— Podemos confiar nele? — daquela vez, eu realmente não sabia como responder.

— Pode, sim. Eu vou buscar alguma coisa para você comer, tudo bem? — ela anuiu e recostou-se aos travesseiros, agarrando seu ursinho, que estava ao lado deles — Eu não demoro, *Liebling* — beijei o topo dos seus cabelos, sorrindo de volta para ela.

Quando saí do quarto, hesitando em deixá-la sozinha com Cedrico, mas acreditando em uma parte minha que confiava nele, que acreditava que ele ainda era o mesmo cara que eu costumava conhecer, olhei em volta. Havia um amplo estacionamento na parte inferior, aberto, e a escada NACIONAIS - ACHERON

de ferro guiava até ele. À direita, tinha a modesta administração e à esquerda, mais quartos, porém, com um espaço entre eles que permitia a saída para os fundos do motel.

No lado esquerdo foi onde vi *alguém*, curiosa para saber o que estava, de fato, se passando ali e quais os problemas daquela caçadora com a minha família. Ela, de fato, parecia-se com um vulto, por isso, saquei minha arma e descí a escada que me levou ao estacionamento, olhando para todos os lados. Segurava minha arma com as duas mãos, como era habitual e mantinha-a baixa, porém pronta para atirar, caso fosse necessário. Passei pelos carros, apenas dois, e segui pelo corredor na lateral do motel até os fundos, onde estava escuro e vazio; mais a frente, tudo que eu podia ver era o vazio e tudo que se podia escutar era o insuportável barulho dos grilos cantando.

Então, antes que eu pudesse girar e voltar de onde viera, algo me atingiu na altura do abdome; algo afiado como uma faca, que me fez segurar a arma com a mão esquerda e tocar a barriga com a direita, onde meus dedos afundaram em muito sangue e tive de engolir em seco, consciente de que iria me

NACIONAIS - ACHERON

curar, ou usava meus melhores esforços para acreditar naquilo enquanto esquadrinhava o local extremamente escuro com os olhos, de uma ponta a outra, mas tudo que havia ali era mata e o barulho das folhas se movendo sob a brisa suave da noite. Entretanto, quando um vulto se moveu e escutei o som dos galhos sendo esmagados sob passos rápidos, quase sobrenaturais, não hesitei em erguer minha arma e atirar quatro vezes no que pensei ser um corpo em movimento; mas o vulto desapareceu em um ponto difuso e distante.

E eu não podia realmente determinar se tinha visto alguma coisa ou não, só estava ciente da dor lancinante em meu abdome e do fato de que, eu, claramente, não estava me curando e o corte só sangrava mais e mais.

— Senhora... — minha respiração ficou descompassada quando ouvi aquele tom formal, *oficial*, atrás de mim, naquela voz familiar que eu me recusava a associar a um rosto — Abaixar a arma — ele prosseguiu em tom cauteloso. Não sabia se minha respiração era mais alta que as audíveis batidas do meu coração acelerado, ou se a dor sobrepunha tudo aquilo em um golpe denso e

NACIONAIS - ACHERON

fatal; além de tudo, eu tremia de tanta dor e senti-a, lentamente, enfraquecer-me — *Senhora*, abaixe sua arma e vire-se devagar — com minha audição aumentada, ouvi que ele se aproximava devagar, com extremo cuidado, como se achasse que eu que fosse atirar nele.

Expirei profundamente e limpei a garganta: — Tudo bem, estou largando — agachei e larguei minha arma no chão, aos meus pés, e voltei a ficar de pé, ainda de costas para ele, com as palmas erguidas na altura da minha cabeça, os braços abertos. Ele guardou a arma, pegou suas algemas e torceu meus braços para trás para me algemar, habilmente — Isso é *mesmo* necessário? Eu...

— A senhora tem o direito de permanecer em silêncio, se abrir mão desse direito — ele terminou de algemar meu pulso esquerdo, posicionado estrategicamente atrás de mim —, tudo o que disser, poderá e será usado contra você — ele fez uma pausa, como para que eu pudesse processar suas palavras, muito perto de mim; tão perto que eu podia sentir o calor emanar do seu peito até minhas costas, mesmo que ambos usássemos tantas camadas de roupas.

NACIONAIS - ACHERON

— Por quê estou sendo presa, aliás?

— A senhora sofre de distúrbios mentais? — quando alguns segundos se passaram e nenhum de nós estava rindo da sua piada, percebi que se tratava de uma pergunta séria.

— É claro que não, eu...

— Eu sei que é uma agente da CIA — ele segurou as algemas e me girou, empurrando-me para frente para me fazer andar —, mas não tem permissão para atuar em solo americano, muito menos sair por aí atirando em civis — ele levava minha arma consigo em sua mão esquerda.

— Eu estou machucada, preciso de um médico — como nenhum outro policial teria feito, ele parou de me forçar a andar a sua frente, guardou minha arma em sua calça, e, segurando as algemas com a esquerda, colocou a mão direita em minha barriga, fazendo-me retorcer meu rosto em agonia, pois aquela era a primeira dor que eu sentia em muitos, muitos anos e nem me lembrava mais como era. Sua mão ficou cheia de sangue, que continuava saindo.

— Você vai sobreviver — e voltou a me fazer andar a sua frente até que fossemos iluminados pela
NACIONAIS - ACHERON

luz lateral do motel e, logo em seguida, a luz da frente até o estacionamento, onde tinha um Chevy Tahoe com o porta-malas enorme, bem no estilo do FBI.

— O que você está fazendo? — a dois ou três passos do carro, ouvi os passos e a voz de Cedrico.

— Realizando a prisão de uma agente da CIA que sai por aí atirando nas pessoas — ele falou com o tom neutro, como se não nos conhecêssemos, como se *realmente* estivesse falando sério, sobretudo falando sério sobre aquela *prisão* ridícula; afinal, não estávamos do mesmo lado? — O que isso parece para você? — não pude vê-lo quando ele abriu a porta do carro e me jogou no banco de trás, só vi Cedrico e sua expressão frustrada de quem não sabia o que fazer.

— Você não pode prendê-la, ela está ferida. Além disso, esqueceu qual o motivo pelo qual te chamei aqui? — ele fez uma pausa e a silhueta difusa de Rafael, através do vidro escuro, saiu parcialmente do meu campo de visão quando ele pegou um lenço no bolso interno da jaqueta e limpou o sangue em sua mão direita, aproximando-se de Cedrico. Podia ver os dois através do vidro de

NACIONAIS - ACHERON

trás do carro e, como eu estava algemada, não podia ver seu rosto, apenas o de Cedrico, que estava mais afastado — A caçadora.

— Vamos cuidar disso sem as intervenções dela. Agora, preciso levá-la...

— Primeiro, ela precisa de um médico e tem esse direito assegurado, independente do quão *ilegal* essa prisão seja... — Cedrico organizou seus pensamentos da melhor maneira possível e falou em tom mais controlado, neutro. Naquele ponto, abaixei ligeiramente a cabeça, já que não podia ver nenhum dos dois muito bem, mas fiquei aliviada por um deles ao menos estar do meu lado — *E segundo...* — ele prosseguiu, voltando seu tom para a emoção — *O que quer que eu diga a filha dela?*

Um estranho silêncio se estabeleceu entre eles e umedeci os lábios, arrastando-me até a outra porta para testar se também estava fechado, finalmente dando-me conta de que estava presa ali dentro: — *Filha?* — escutei o tom surpreso e chocado de Rafael — Ela tem uma *filha?* — seu tom foi embargado quando ele repetiu — Você não tinha me contado...

— Eu não sabia. Nem sabia que ela casada com... *O seu pai* — Rafael não falou nada por mais um longo momento.

— Nada disso faz sentido para mim — vi-o parcialmente de costas ao virar o pescoço novamente, ao mesmo tempo em que remexia nas algemas sem força o suficiente para soltá-las; Rafael deslizou os dedos pelos cabelos ruivos, que pareciam estranhamente mais escuros, parecendo exasperado — Onde está a garota? — dobrei-me mais uma vez, sentindo uma indescritível dor, que se espalhava do meu abdome por todo o meu corpo, e me esforcei para continuar observando.

— Você não pode prendê-la, ela não fez nada de errado, só estava atrás da caçadora...

— Vamos falar lá em cima — Rafael maneou a cabeça fracamente e Cedrico o fitou por um segundo, franzindo o cenho cuidadosamente.

— Ela está no seu carro. *Sangrando*.

— Eu sei, só preciso de um minuto — ele passou por Cedrico, que o seguiu, e ambos foram na direção da escada.

Minha respiração era completamente irregular e trôpega, e eu não sabia porquê, mas precisava sair
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

dali.

Precisava sair *logo*.

NACIONAIS - ACHERON

O dia em que tentei viver^[10]

Com a respiração acelerada, tossi um tanto entorpecida. Meus olhos estavam fechados e, quando os abri, sob um cheiro *incomum*, vi que o carro estava envolto em fumaça. Arregalei os olhos, tentando me concentrar em meu instinto de sobrevivência, treinamento e experiência na CIA. Concentrei-me em minhas forças e comecei a pensar rapidamente; se meu corpo estava debilitado, minha mente estava em pleno funcionamento. Como era magrela, fui para a ponta do banco, espiando do lado de fora, vendo que havia uma trilha de fogo da lateral do motel até o carro e o fogo começava a tomar conta de tudo. Respirei, apenas respirei para manter a calma, e contorci-me, passando os braços por debaixo do meu corpo, com os joelhos apoiados no banco da

NACIONAIS - ACHERON

frente para não cair para frente enquanto o fazia.

Quando consegui passar meus braços e deixá-los na dobra dos joelhos, ajeitei-me melhor. Coloquei os pés no banco e consegui passar os braços para frente. A fumaça começava a enevoar minha visão, turvar tudo e impedir minha respiração de modo gradual, porém rápido. Bati no vidro da porta com ambas as mãos, usando toda a minha força, que naquele momento não foi o suficiente para quebrá-lo, tentando abrir em seguida: — Socorro! — comecei a tossir. Abri o zíper da jaqueta e tirei-a. Como estava algemada, não conseguia tirar, então, segurando-a presa em meus braços, cobri o rosto e me deitei, chutando a porta com toda a minha força.

Meus pulmões estavam queimando e minha cabeça girava como se eu estivesse caindo de um lugar muito alto sem nada a que me segurar. Chutei a porta mais duas vezes, com a força que me restava, antes de ter a ideia de me levantar e pular para a parte detrás. Meus olhos ardiam e cobri meu rosto com a jaqueta mais uma vez, respirando fundo para me manter consciente enquanto meu peito queimava e meus sentidos falhavam. Ali estava mais fácil de abrir, pois com um chute forte

NACIONAIS - ACHERON

com a direita, o porta-malas abriu e me joguei para fora, aterrissando no chão com um doloroso baque.

Fiquei deitada no chão, com os olhos fechados por um longo momento, apenas tentando respirar profundamente, mas o ar não parecia querer penetrar meus pulmões: — Juliette... — com o ar preso em meu peito e os olhos ardendo quando os abri para ver Rafael indo a minha direção e ajoelhando ao meu lado, mas não fui capaz de mantê-los abertos. Minhas mãos estavam repousadas sobre meu abdome, onde o corte cicatrizava, e minha bochecha do lado direito tocava o chão frio.

— Que diabos você fez com ela? — escutei a voz de Cedrico. Engoli em seco ao acordar em uma cama, piscando várias vezes e, involuntariamente, cruzando as mãos para alisar os pulsos doloridos.

— Mamãe... — escutei a vozinha doce e preocupada de Harriet e virei o rosto para a esquerda para ver minha filha, que segurou minha mão esquerda, ajoelhada aos pés da cama — Você está bem? — pisquei e inspirei devagar antes de lhe assegurar qualquer coisa; sentei-me e vi que não

NACIONAIS - ACHERON

estava sozinha com ela. Em uma das três camas, a da direita atrás da mim, era onde Cedrico estava sentado. Perto da porta, em uma modesta cadeira em uma mesa redonda, Rafael estava bebendo alguma coisa em um copo de papel, ao que rapidamente me sentei, completamente ereta.

— Estou bem, *Liebling* — ela soltou minha mão com uma expressão infantilmente tensa — O que ainda está fazendo aqui? — fitei Rafael, que tinha o olhar e a atenção dispersas — Quase me matar não foi o suficiente?

— Não fui eu quem colocou fogo no meu próprio carro — ele não me olhou nos olhos quando falou, apenas girou seu copo e terminou sua bebida, fosse ela qual fosse.

— Você é mau... — Harriet se virou para ele, ainda ajoelhada no chão — Você machucou a minha mãe...

— *Harrie...* — consertei o cabelo que caía em meu rosto e joguei as pernas para fora da cama, contudo, sem que eu pudesse prever o que minha filha estava prestes a fazer, Harriet o olhou de modo cortante, mas não foi um simples olhar de ressentimento infantil, pois o copo na mão de

NACIONAIS - ACHERON

Rafael começou a tremer, chacoalhando até que ele o soltasse, vazio, no chão, pois parecia que tinha queimado sua mão.

Mas não pude ver direito, pois foi tudo muito rápido. Enquanto ele se colocava de pé, fitando Harriet sem tempo para dizer qualquer coisa, a garrafa pela metade sobre a mesa *explodiu* em centenas de pedaços que foram espalhados pelo quarto: — Harriet! — exclamei seu nome, colocando-me, surpresa, de pé. Ela me olhou como se não esperasse que um gesto fosse causar tamanho estrago.

— Desculpe, eu não... Não queria...

— *Liebling*... Está tudo bem... — garanti-a com um olhar terno antes de me voltar para Rafael — Podemos falar lá fora por um minuto? — ele parecia puto, mas não disse uma palavra, apenas assentiu e abriu a porta, deixando rapidamente o quarto — Eu já volto, querida — depus um beijo em sua testa e coloquei-a sentada na cama, olhando uma última vez para Cedrico antes de seguir Rafael e fechar a porta para encontrá-lo no corredor, furioso.

— Por quê estava tentando me matar? — falei no tom mais controlado que consegui, quase em um murmúrio, com a mão direita nas minhas costas, segurando a maçaneta enquanto o fitava, estreitando os olhos — Foi você quem colocou fogo no carro?

— Acha que eu iria colocar fogo no meu próprio carro se quisesse te matar? — ele estreitou os olhos de modo sutil, franzindo o cenho — Eu poderia ter usado uma estaca, seria mais eficiente...

— Então por quê me algemou e me trancou lá dentro? — se aquela era a justificativa dele, nada daquilo fazia mais sentido.

— Porque não queria ter que falar com você — seu tom foi zangado, mas sincero, cheio de honestidade; Rafael ficou de frente para mim, com as duas mãos nos quadris, fuzilando-me com todo o ódio que poderia haver em seu corpo — Não queria nem estar aqui agora, por isso estive adiando isso o dia inteiro... Não *suporto* ter que olhar na sua cara — ele desviou o olhar do meu e ficou de costas, deslizando os dedos da mão esquerda pelos cabelos antes de pousar as mãos na barra de proteção, o que me fez refletir por longos momentos.

NACIONAIS - ACHERON

— Seu pai morreu, você nem ao menos se importa? Isso não te afeta? Não mexe com você de nenhum modo como faz comigo? — soltei a fechadura que estivera segurando com tanta força, quase a ponto de retorcê-la.

— Claro que afeta — não me aproximei, esperei pacientemente que ele respirasse profundamente e se virasse — Ele era a pessoa que eu mais amava, a pessoa com a qual eu mais me importava... — ele se virou lentamente, permitindo-me fixar seu rosto tenso e seu maxilar rígido — Mesmo tendo casado *com você*.

— Então *mostre* que se importa — falei de modo britânico demais, franzindo as sobrancelhas — Ressentimento agora é inútil.

— Não é ressentimento ou qualquer coisa que você possa imaginar... — ele manteve a distância quando achei que fosse se aproximar — Vamos descobrir logo sobre essa caçadora, cuidar dela... Daí todos nós poderemos voltar para nossas vidas normais. *Exatamente* como era antes.

— Exceto pelo fato de que Joseph não vai estar lá quando eu *voltar para minha vida normal*.

— Harriet vai estar, a CIA vai estar... Faça o
NACIONAIS - ACHERON

melhor que puder — achei que ele fosse ficar, afinal, Cedrico o colocava ali em uma posição crucial, mas Rafael apenas andou até as escadas, dois metros à frente, desceu-as e foi embora.

Sabia que Harrie não estava segura ali, nem em nenhum outro lugar que não fosse o lugar que eu mais odiava e temia: Salém. Por isso, liguei para Dahlia, que era uma ligação que eu estava adiando muito, e conversamos por muito tempo. Dávamos-nos melhor nos últimos anos, quando ela não estava agindo como uma bruxa má, lançando maldições e profecias malignas para todo o lado. Contudo, não precisei lhe explicar nada, pois ela disse que falara com Cedrico na noite anterior, e, estranhamente, não parecia nem um pouco abalada como fiquei enquanto conversávamos. Por fim, ela disse que estava voando para a Carolina do Norte e que tomaria conta de Harrie até que estivesse tudo bem e fosse seguro para ela estar comigo de novo.

Quando desliguei, Cedrico tinha saído, com a promessa de que estaria no quarto ao lado se eu precisasse de *qualquer coisa*. Em seguida, foi a vez de falar com Harriet: — Querida, precisamos

NACIONAIS - ACHERON

conversar — ela estava deitada na outra cama enquanto eu me levantava para me sentar ao seu lado, penteando seus cabelos delicadamente para trás com os dedos.

— Sobre meu pai?

— É, sim — toquei seu braço suavemente e ela me olhou como se entendesse, como se soubesse o que eu queria dizer — Eu sei que...

— Ele morreu, não morreu? — ela me interrompeu com sua conclusão adulta e realista demais para uma garotinha de sete anos, uma conclusão que ela não deveria ter que enfrentar tão cedo. Comprimi os lábios um contra o outro, sem conseguir falar ou me mover por um momento; em seguida, limitei-me a anuir, sentindo lágrimas se formarem em meus olhos e uma dor em meu peito só de pensar em como minha vida tinha mudado bruscamente nas últimas 24hrs — Não chore, mamãe...

— Não estou chorando — limpei meu rosto quando senti uma lágrima quente escorrendo pela minha bochecha e concentrei-me em Harriet — Eu sinto muito, querida, eu... — a verdade é que eu não sabia muito bem o que deveria dizer a ela.

NACIONAIS - ACHERON

Contudo, Harriet parecia saber o que fazer, pois me abraçou com força e inclinei-me para fazer o mesmo — Vai ficar tudo bem, querida — deslizei a mão pelas suas costas — Eu prometo.

— Eu sinto a falta dele. Muito.

— Eu também, *Liebling* — engoli em seco e fechei os olhos, mantendo dentro de mim tudo o que sentia; todas as coisas horríveis e os sentimentos que pareciam me devorar por inteiro, que iriam acabar comigo cedo ou tarde — Amanhã vai ser um novo dia, eu prometo — afastei-me para olhar em seus olhos — Sinto tanto a falta dele como você, talvez até mais... Mas prometo que vou cuidar de você, como ele sabia fazer muito bem... Por isso, você vai passar um tempo com a sua avó em Salém, ela vai cuidar de você enquanto eu...

— Você vai ficar aqui? Com esses dois homens maus? Eu não vou te deixar sozinha com eles — ela fez a melhor cara de poucos amigos que conseguia, o que foi uma coisa engraçada, ao que deslizei os dedos pelos seus longos cabelos e coloquei uma mecha atrás da orelha.

— Eles não são maus, apenas... — calculei minhas palavras com precisão — Eles são seus
NACIONAIS - ACHERON

meios irmãos, querida — embora Joseph não fosse pai dela *de verdade*, e Cedrico não fosse filho dele *de verdade*, eles eram mesmo irmãos; querendo ou não, Joseph vivera vidas inteiras antes de nos conhecermos. Mais ainda antes de ficarmos juntos.

— Eu não quero ter irmãos como eles — ela fez um biquinho — E eu só vou se me prometer que vai ficar bem.

— Eu vou — ofereci-lhe um sorriso cálido, sem poder afirmar-lhe se ficaria bem, de fato — Prometo que vou.

Reunião^[11]

— Isso não é incrível? Todos nós juntos de novo, resolvendo problemas e lutando para nos manter vivos... — ela olhou em volta, sem desfazer seu sorriso, quando ninguém falou nada — Salvar pessoas inocentes. É mais emoção do que já tive durante toda a minha vida — ela se sentou na cama de molas e quicou como se fosse uma criança — É a nossa nova bat-caverna. Ninguém aqui está animado como eu?

Terminei de checar as balas na minha arma quando Lauren parou de falar e enfiei o carregador, fuzilando-a com olhar, abominando seu irritante bom-humor: — Contando com a *animada* parte que meu marido acabou de morrer e a bat-caverna é um quarto em um motel barato — encarei-a, mas ela ainda tinha um sorriso suave enquanto eu colocava a arma na parte de trás da minha calça, sentada na cadeira ao lado da porta. Rafael tinha puxado a

NACIONAIS - ACHERON

segunda das cadeiras e sentado aos pés da primeira cama, onde Lauren estava, e estava irritantemente quieto enquanto ela falava sem parar desde que tinham chegado.

Cedrico tinha *fugido* daquele momento de reencontro para, supostamente, comprar o café da manhã, embora nenhum de nós estivesse com fome. Harriet já estava à milhas de distância daquele lugar e finalmente pude me concentrar no que faríamos a partir dali, segura de que ela não estava mais em perigo. Comecei a pensar que aquele fosse o momento apropriado para começar a usar magia, inconscientemente apertando a selenita em meu pescoço; o presente de Joseph que eu nunca tirava, mesmo depois de já estarmos, teoricamente, vivendo nossa vida *normal e sem magia*.

— Podemos rastrear essa caçadora? — continuei no mesmo tom sério, porém, livre de ressentimentos como antes.

— Estou tentando fazer isso — virei o pescoço e vi que Rafael digitava em seu celular — Tem uma bruxa... Ela me disse que sabe quem é — ele ergueu os olhos, passando-os rapidamente por mim, e olhou para Lauren por um segundo — E que ela

NACIONAIS - ACHERON

vai estar em uma casa noturna essa noite...

— *Casa noturna?* — interrompi-o, virando completamente para fitá-lo, mas ele tinha a cabeça ligeiramente abaixada, seus olhos estavam voltados para o celular, mas a atenção estava cem por cento em mim — Que diabo de caçadora é essa?

— Eu não sei, mas essa noite, iremos descobrir — ele levantou a cabeça e limpei a garganta, pronta para falar enquanto ele mantinha meu olhar, mas fui interrompida quando a porta se abriu e Cedrico entrou por ela com uma bandeja com café e quatro sacos enormes de papel que estavam marcados pela gordura que permeava o papel branco. Engoli em seco e olhei para baixo enquanto ele entrava e colocava tudo aquilo sobre a mesa.

— Você ainda gosta do seu forte e sem açúcar? — ergui os olhos quando ele falou comigo e deslizou um copo de café na minha direção.

— Obrigada — peguei-o e dei um gole, reestabelecendo minhas forças interiores e inspirando profundamente.

— *Espesso* pra vocês — ele entregou copos a Lauren e Rafael, em seguida, pegando um para si antes de se sentar ao lado de Lauren — Vocês
NACIONAIS - ACHERON

deveriam comer — e bebeu seu café, encarando-me de modo constrangedor.

— É o que o meu médico diz — Rafael falou de modo sarcástico, sem tirar os olhos da tela do celular nem ao menos para beber o café.

— O que você descobriu sobre a caçadora?

— Só que ela vai estar em uma boate chamada *Neon Red* — ele entregou seu celular a Lauren, que mostrou a Cedrico o que era exibido na tela.

— O que é? — franzi as sobrancelhas milimetricamente, curiosa.

— Parece mais uma... — Cedrico estranhou o que via, franzindo o cenho com o pescoço suavemente esticado — Casa de prostituição.

— É isso aí — Rafael continuou, em tom neutro: — Precisamos de trajes a rigor.

— Aqui, isso é seu — Rafael jogou um *trapo* preto em cima de mim. Trapo, pois aquele pedaço ridículo não poderia ser chamado de vestido nem se estivéssemos na Rue de Berne^[12], o que me fez pular da cama, onde eu estava sentada com a perna direita dobrada e a esquerda esticada, e franzir as sobrancelhas.

NACIONAIS - ACHERON

— O que é isso?

— Também precisamos dar um jeito nesse seu sotaque teuto-britânico^[13] chato — franzi o cenho e fiquei completamente ereta para encará-lo. Lauren parecia tão surpresa quanto eu, com a mesma expressão de choque no rosto, mas não disse uma palavra. Cedrico pareceu não querer se envolver e permaneceu sentado atrás de Rafael, apenas nos observando.

— Tudo bem, pessoal — Lauren interviu após alguns segundos e entrou entre nós, pousando a mão no peito de Rafael com um olhar, no mínimo, intenso — Vamos relaxar e conversar — ela se afastou com um sorriso amarelo e meio ensaiado na falha tentativa de aliviar a tensão presente nos olhares bruscos trocados entre Rafael e eu, que estávamos perto demais.

— Eu não vou usar isso — joguei o vestido em seu peito com força e ele o pegou por pura ação do reflexo.

— Então você é bem-vinda a ficar aqui sentada, esperando enquanto agimos.

— Nem pensar!

— Juliette, eu não... Quero intervir, mas Rafael
NACIONAIS - ACHERON

está meio que certo... — Lauren falou com certo receio, mordendo o lábio, como se o fizesse contra a sua vontade — Vai ser esquisito chegar lá com roupas pretas e botas caras. Se vamos fazer isso, temos que fazer certo.

Rafael me fuzilava com o olhar e estendeu-me o vestido de volta com o olhar que dizia que ele tinha *vencido*, de modo que acabei aceitando, com meu maxilar rígido e meus ombros tensos: — Ótimo. Vamos acabar logo com isso.

Às dez da noite, ou pouco depois disso, pois relógios de pulso não combinavam com as prostitutas, aparentemente, totalmente sem preconceitos, eu só não queria me parecer com uma enquanto puxava aquele vestido horroroso para baixo no banheiro de um motel com diária de menos de cinquenta dólares, eu via no espelho uma pessoa que não era eu me encara de volta.

Alguém com enormes olhos verdes, porém sem nada do brilho habitual, a pele pálida demais, quase prateada por conta da lâmpada fluorescente do motel, e o que se destacava naquele familiar rosto desconhecido era o batom vermelho-sangue que me

NACIONAIS - ACHERON

vi obrigada a colocar em nome dos bons e velhos planos de matar nossos inimigos. Não que fosse um sacrifício, exatamente, mas preferia não ter que sair dali daquele jeito, pois o vestido não tinha mangas e o decote descia em um V comprido até pouco abaixo dos meus pequenos e tímidos seios, exibindo o espaço entre eles, colando-se à minha cintura e ajustando-se a mim como uma segunda pele, mais do que eu gostaria que fizesse, certamente. E, por fim, acabava no meio das minhas coxas; um *meio* muito mais para cima do que para baixo, se eu podia calcular bem daquele ângulo.

Respirei fundo. Sabia que o que me incomodava não era a roupa, e sim, os sentimentos que sufocavam meu peito, oprimiam-no, mal me permitiam respirar. Em alguns momentos, eu queria morrer, de tanto que doía; queria arrancar meu coração do peito. Fazer qualquer coisa que mandasse a dor embora, mas, em minha percepção, estava aguentando tudo muito bem. Conseguia pensar.

Pensar em Harriet e que deveria mantê-la segura a qualquer custo. E que, para isso, precisava *me*

NACIONAIS - ACHERON

manter segura, o que mantive em mente quando dei uma última olhada em meu vestido através do espelho e a luz crepitou suavemente antes que eu o alisasse na altura das minhas coxas e me desse conta de que já tinha delongado demais. Tinha responsabilidades a cumprir. Deveres.

Saí do quarto sob o som dos meus próprios saltos e respirei fundo, coloquei o cabelo atrás da orelha e descí as escadas até o carro de Rafael, um Chevy Tahoe exatamente igual ao anterior, onde eu quase tinha virado churrasco vampiresco. Ele também estava vestido a rigor, menos ridículo que eu, naturalmente. Seu *disfarce* era jeans escuro e estiloso e jaqueta de couro por cima de uma camisa cinza; os cabelos estavam desordenados e desalinhados, de algum modo, bonitos, o que me convenci a não notar. Apenas ergui meu queixo, tentando colocar na cabeça para não notar.

Ele tinha o tronco recostado na lateral do carro, estava inclinado para frente e sua cabeça estava ligeiramente baixa, como se tivesse algo interessante no chão do estacionamento vazio. Ao chegar mais perto, contudo, ele ouviu meus passos firmes, meio apressados, até, e ergueu a cabeça, ao

NACIONAIS - ACHERON

que sua expressão fez uma rapidíssima transição entre leve e carregada; sombria. Coloquei na cabeça que aquela seria como uma missão da CIA em que eu chegava, fazia o meu trabalho e saía. Simples.

Mas a dura verdade que eu não queria aceitar é que eu odiava estar perto dele. Odiava que fosse tão cínico, que nem se importasse com o fato de que o pai tinha acabado de morrer e seguisse com a sua vida como se não tivesse acontecido mesmo. Odiava ter que me reunir a ele em uma provável missão suicida e ter que, em alguma droga de nível, *confiar* nele. Odiava, sobretudo, que ele existisse, que respirasse o mesmo oxigênio que eu e que me olhasse como se me avaliasse, de cima a baixo como se eu fosse um vírus poluindo o ar. Queria poder esmurrar aquele belo rosto presunçoso e dizer-lhe algumas verdades sobre ele não ser o centro do universo, ou qualquer coisa que desfizesse aquele olhar impetuoso e a postura egocêntrica e cheia de si que ele exibia ao me olhar.

— Pronto? — foi tudo que eu disse ao me aproximar. Ele não respondeu, apenas ergueu as sobrancelhas e girou para abrir a porta do carro.

NACIONAIS - ACHERON

Sua pequena *gentileza* me surpreendeu depois de tanta hostilidade, e não disse nada que o fizesse mudar de ideia, apenas aceitei a cordialidade, entrei no carro e esperei que ele fizesse o mesmo ao dar a volta pela frente.

— Só quero que saiba que não vamos matar ninguém — ele falou depois de muito silêncio, enquanto eu percebia que a paisagem da cidade grande e o movimento iam sendo drasticamente substituídos por uma zona praticamente deserta, muros pichados e lugares de aparência hostil, que pareciam ser boates.

— O que viemos fazer aqui então? — só perguntei depois de um longo momento ao me voltar para ele, tentando desvendar sua expressão centrada ao trafegar pela rua escura e deserta, com prédios abandonados nos cercando por todos os lados.

— Descobrir mais sobre essa... *Caçadora*. Como eu disse, uma bruxa me ajudou a localizá-la e... Eu moro aqui — ele não tirava os olhos da sua frente, indo muito devagar pela longa rua, e a luz do teto estava apagada, provavelmente para não chamarmos atenção — E quero continuar morando

NACIONAIS - ACHERON

aqui, mas quero que seja um lugar seguro para mim e para minha mulher, que também é uma criatura sobrenatural.

— Eu entendo — minha mão esquerda estava na ponta do vestido que, como era muito colado e a rua, cheia de buracos, subia um pouco a cada metro que andávamos — O que você sabe sobre ela?

— Sei que o nome dela é Esme Cassidy e que ela é de Nova Orleans, mas fora isso... Não tem foto ou data de nascimento. Nem número de seguro social.

— Ela deve ser boa em se esconder.

— Você não a viu?

— No motel? — Rafael fez uma curva, entrando em uma rua estreita, ainda mais escura que a primeira, e fantasmagoricamente vazia — Não. Por isso ela deve ser boa; se locomove como um vulto e quando fui atrás dela atrás do motel, ela me acertou com alguma coisa, uma espécie de lâmina, e eu nem a vi — evitei seu olhar com a mesma veemência com que ele evitava o meu. Balancei a cabeça e olhei pela janela, balançando a cabeça com suave irritação pela demora.

— Bem... É aqui — ele virou o volante tão

NACIONAIS - ACHERON

rápido que nem pude ver e parou. Inspirei mais uma vez, me sentindo pronta para qualquer coisa ao abrir a porta — Não se precipite e nem chame atenção.

— Eu sei como proceder, esqueceu que eu recebi o treinamento da CIA? — prestes a abrir a porta, virei-me para fitá-lo.

Rafael ergueu o queixo, muito sério, aparentemente irritado só com o fato de estar comigo e, também, pela minha presunção, assim como o papo todo de *eu sou uma agente da CIA*. Apesar de tudo, não falei nada daquilo em um tom de piada, pois não era, queria apenas que ficasse claro; para que ele parasse de agir como se soubesse de algo e eu, não.

— Você nunca me deixa esquecer — ele tirou o cinto em um ágil movimento e consertei meu cabelo rapidamente, olhando-me no espelho retrovisor; estava liso e partido para o lado esquerdo. A expressão em meu rosto era séria demais para alguém que, supostamente, estava ali para se divertir — Pareça *sexy*, por favor — Rafael falou, enfim saindo, sem nenhuma segunda intenção evidente e saí logo depois dele, com um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bom sorriso ensaiado.

NACIONAIS - ACHERON

Me abrace, me emocione, me beije, me mate^[14]

Umedeci os lábios ao fitar o corredor que levava ao que seria uma pequena e tumultuada boate de quinta na periferia de Charlotte. Se a porta de entrada era estreita, o corredor era ainda mais e lá dentro, eu mal conseguia respirar, pois meus pelos se arrepiaram quando entrei e todo o meu corpo estava em modo de alerta, olhando por todos os lados do corredor onde pessoas se agarravam sem a menor intenção em serem discretas; era algo extremamente sexual e puramente vulgar, mal dando a Rafael e eu, espaço o suficiente para passarmos.

No completo escuro, algumas luzes vermelhas piscavam eventualmente e iluminavam quase nada do que tinha ali. No fim do Corredor do Sexo, havia um balcão abarrotado de pessoas que bebiam

ou gritavam seus pedidos ao bartender, que era jovem, usava o cabelo espetado de gel e muito couro, e corria para atender a todos com o que parecia ser bebida barata.

Antes de finalmente conseguirmos alcançá-lo, Rafael, que estava andando a minha frente, abrindo caminho com seu 1,89 m, agarrou minha mão contra sua vontade para que eu não ficasse para trás e me perdesse. Então, enfim, conseguimos chegar ao balcão, vendo a grande sala onde as luzes vermelhas piscavam no mesmo ritmo das batidas da música eletrônico horrível e ensurdecadora, as pessoas dançavam, esfregavam-se umas às outras, usavam preto, predominantemente couro. Ao nos aproximarmos da ponta do bar, eu olhava para frente, sem saber o que esperaríamos ali, e Rafael pediu bebidas, algo com vodka que não entendi bem com a música tão alta.

— Você está bem? — estranhamente, a pergunta partiu dele quando me entregou a bebida: vodka com suco de abacaxi, que tomei com o canudo. Paramos no fim do corredor e apoiei as costas na parede, com uma respiração longa e profunda, a cabeça levemente baixa enquanto tomava um

NACIONAIS - ACHERON

pouco da bebida; Rafael parou a minha frente, tão distante de mim quando poderia estar em um corredor de dois metros quadrados. Ou seja, a um palmo e meio de distância. Ergui os olhos para fitá-lo — Você está pálida — falou como se eu estivesse mesmo pálida como papel e o estivesse assustando, enfatizando suas palavras ao erguer as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Estou bem — respondi com irritação e desviei o olhar para esquadrinhas a multidão. Todos ali, sem exceções, pareciam bêbados e/ou drogados.

Aproveitei a bebida para relaxar como eu não tive a oportunidade em todos aqueles dias, aqueles longos dias em que tinha dormido em um quarto barato de um motel da estrada, sentindo falta da minha casinha, de Joseph, do nosso quarto onde havia uma TC^[15] dos nossos corações, lado a lado, e de ter um lar para onde ir ao fim do dia. Falta de Harriet e de poder conversar amenidades, de responder quando ela perguntava o que eu tinha feito no trabalho quando eu voltava no fim do dia, ou de uma das minhas muitas viagens a Berlim. Ou quando Joseph chegava da clínica, eu estava no sofá, e ele me envolvia com os braços ao se

NACIONAIS - ACHERON

debruçar e beijava meu rosto, o que me fazia rir; o que me fazia imensa e insanamente feliz. Assim, eu jogava a cabeça para trás e o beijava, com todo o meu amor.

— Ei — antes que eu erguesse o olhar suficientemente rápido, Rafael largou seu copo no balcão e embrenhou-se na multidão, fazendo com que eu tivesse que largar meu corpo ao lado do seu para sair correndo atrás dele. Meti-me no meio da multidão, mas me perdi rapidamente, encolhendo-me para passar por entre os corpos suados, drogados e frenéticos, na tentativa de tentar encontrar Rafael, que nem tinha dito o que estava havendo antes de sair correndo.

Apesar de o lugar ser pequeno, era escuro, as luzes vermelhas eram cegantes e tinham umas cinquenta pessoas por metro quadrado; pessoas que impediam minha passagem. Entretanto, avistei Rafael no fim, procurando por alguma coisa vários metros adiante de uma multidão que parecia ser exclusivamente mais alta que eu. Ele estava de costas, mas eu reconheceria aqueles cabelos ruivos em qualquer lugar, assim, segui seu olhar quando

NACIONAIS - ACHERON

ele se virou de modo parcial. Ele olhava para uma garota que conversava com outra; era loira e tinha os cabelos loiros cheios de gel, baixa estatura, roupas de couro que cobriam vinte por cento do seu corpo. Seus olhos brilharam conforme o ritmo das luzes.

Parecia denso, ora cinzento ora esverdeado, e não parecia ter idade o suficiente para estar ali; no máximo, dezesseis e um levava no rosto um sorriso doce e quase infantil, o que prendia a atenção de dois homens que chegaram perto dela, gesticulando excessivamente para chamar a atenção de uma pessoa claramente desinteressada, porém atenta, a tudo a sua volta.

Não soube na hora por que a atenção de Rafael estava tão centrada nela, mas tentei chegar até ele. Abaixei a cabeça por meio segundo e dois fortões interceptaram meu caminho, ao que tentei me desvencilhar indo para o lado direito, onde ficava a parede e o único espaço disponível para que eu passasse. Contudo, quando o fiz, os dois me seguiram e só então os notei. Nenhum dos dois parecia usar gel nos cabelos ou couro nas roupas, que eram escuras, mas apenas para ocultar os cem

NACIONAIS - ACHERON

quilos de músculos dos dois brutamontes que atravessaram meu caminho.

Em um primeiro momento, nenhum dos dois parecia interessado em mim e o intervalo das luzes se tornou maior e mais longo, de modo que não conseguia ver um palmo a minha frente, apenas sentia o choque do contato com as pessoas a minha volta e tentava desviar das mesmas. Só quando dei alguns passos na direção da parede para sair daquele tumulto que lentamente começou a se formar, foi que um dos homens agarrou meu braço. Tentei me soltar com a calma humana, sem conseguir ver absolutamente nada, nem um centímetro a minha frente e franzi o cenho, preparando-me caso precisasse matar alguém ali.

Aqueles saltos impediam parte do processo e tentei permanecer o mais humana possível, não demonstrar meu lado vampiro ou superforça, assim, quando não obtive sucesso ao tentar me soltar, girei rapidamente, e chutei o homem com força no peito, o que o fez cambalear e atingir a parede com força, mas, quando a luz vermelha piscou mais uma vez e o vi, outro me agarrou pelos cotovelos por trás antes que eu me virasse para acabar com ele.

NACIONAIS - ACHERON

— *Fru Ainsworth, var en bra tjej och kom med oss utan att orsaka några problem*^[16] — algo me disse ele sabia que eu sabia sueco quando falou, o que só aumentou minha raiva com relação a quem aquele homem seria. Para quem ele trabalharia, na verdade. Para a maldita caçadora que tinha matado o meu marido. Isso só aumentou minha raiva quando tentei me soltar e chutei-o com a ponta do meu salto lá embaixo com toda a minha força, depois, dei-lhe uma cotovelada para fazê-lo me soltar.

— *Jag är inte en bra tjej!*^[17] — esbravejei entre dentes ao acertar um murro em seu rosto e derrubá-lo em definitivo.

Ninguém pareceu notar o que tinha se passado ali, mas a frequência das luzes vermelhas aumentou e o fui rapidamente engolida pela multidão, que começou a pular e gritar, ensandecida, sob o ritmo de uma nova música. Dei vários passos para trás, tentando manter minhas prioridades em mente: tinha que encontrar Rafael, talvez até encontrar a caçadora. Mas, a verdade, é que aquele lugar estava começando a ficar assustador e não queria ser pega bem no meio dele.

NACIONAIS - ACHERON

Alguém me agarrou e me puxou pelo braço e achei que teria que me livrar de mais um brutamontes que falava uma língua estranha, mas quando cobriram minha boca, relaxei minha paranoia. Mas continuava em estado de alerta ao sentir o corpo de Rafael pressionado contra minhas costas enquanto ele me puxava para o estreito corredor, onde, do outro lado, a garota esquisita estivera encostada à parede, e me puxou para uma porta ainda mais estreita, que mal suportava a largura dos nossos corpos.

Quando bateu a porta, vi que estávamos em um banheiro imundo e minúsculo. Meu peito subia e descia com força e eu mal conseguia respirar e Rafael foi me soltando devagar, com a respiração acelerada em meus cabelos, me segurando com tanta força que teria marcado minha pele; ele parecia em choque e vi-nos no espelho de frente para nós; um espelho pequeno. Primeiro, ele foi abaixando lentamente a mão direita que cobria minha boca, fitando-me através com seus olhos verde-musgo que arrancaram minhas palavras e tomaram, de uma só vez, todo o meu fôlego.

Acalmei meu peito em chamadas, em pânico e
NACIONAIS - ACHERON

frustração, e, sem me mover, fitei seu braço em torno da minha cintura, tão forte que poderia me esmagar, pois naquele espelho sujo, eu poderia parecer deturpada; pequena, delicada, frágil e quebrável. Talvez a imagem de alguém indefeso, mesmo que aquela fosse, de longe, uma imagem errada de mim. Expirei todo o ar do meu peito e Rafael tirou o braço de mim. Com os pensamentos confusos sobre o que tinha acontecido ali desde que tínhamos chegado, dei um passo a frente, nervosamente, sem paciência ou tempo para prestar atenção no ambiente a nossa volta.

Virei-me lentamente para Rafael, que tinha as costas pressionadas contra a parede, e ele respirou fundo, parecendo voltar a si lentamente. Eu ainda estava perto demais dele, pois o comprimento do banheiro não permitia que eu andasse para longe, então o fitei, com a respiração presa na garganta, o pulso disparado e o coração prestes a saltar pela boca, fitando seus olhos verde-musgo como se, involuntariamente, meu cérebro quisesse lhe dizer alguma coisa, mas eu, não.

E lembrei-me, rapidamente, que o odiava.

— Você está bem? — ele pareceu preocupado,
 NACIONAIS - ACHERON

embora contradito, como se dissesse coisas que não queria. Respirei devagar e ergui o queixo.

— O que foi isso?

— Eu a vi. Achei que estivesse em perigo quando te perdi de vista e depois...

— Você *me deixou para trás* e eu encontrei uns... Suecos esquisitos, mas lidei com eles — ele relaxou os ombros ainda mais e também voltou a sua face de ira e raiva.

— Que bom — Rafael manteve meu olhar por um segundo — Ela não está mais aqui, mas agora sabemos que não está sozinha.

— Está me dizendo que *A Caçadora* é aquela adolescente loira para que estava lá fora? — falei por cima da musica, que se tornou mais alta. No entanto, ele nem prestava mais atenção, pois espiava o lado de fora através de uma greta na porta. Por sobre seu ombro, vi que havia uma fila e concluí que aquele fosse o banheiro feminino.

— É ela mesma — ele confirmou e, fechando a porta, virou-se para mim, ficando muito perto.

— Vamos embora daqui — falei em tom ríspido e estendi a mão para abrir a porta.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Sumário

Parte 2 — Não, o amanhã não nos é prometido

Estou começando a perceber que sei como amar

Mas não estou desistindo...

Irei amá-lo como se fosse perdê-lo

Apenas me entregando

Nunca consigo deixar o passado para trás

Há um vazio em mim agora

Os reflexos ainda parecem ser os mesmos para mim

Não é preciso orar, não é preciso falar

Você nunca sabe quando vai ficar sem tempo

Eu morreria mil vezes para aliviar sua consciência

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 2

Não, o amanhã não nos é
prometido [\[18\]](#)

Estou começando a perceber que sei como amar^[19]

SETE ANOS ANTES E SEIS MESES ANTES — JULIETTE

— Você parece gostar mesmo de arte — sorri ao olhá-lo de soslaio, ao ouvir seu tom murmurado, dado o fato de estarmos em um museu.

— Ouvi dizer que a arte contemporânea daqui era excelente e tive que vir conferir — murmurei no mesmo tom e ele sorriu. Fitei-o, em seu paletó aberto e de cor clara, por cima de um colete sob medida; havia ainda, um sorriso mínimo em seu rosto, dando-lhe vida e ressaltando seus lindos olhos azuis.

— Você não perdeu nada — ele tinha os braços

cruzados atrás do corpo, mas ergueu o braço direito para gesticular na direção da tela — As cores desse quadro tem uma bela harmonia — ele franziu suas sobrancelhas espessas, porém muito claras, tanto quanto seus cabelos, que estavam maiores e o fazia parecer mais jovem, mais lindo.

— Eu adorei esse — sorri de modo involuntário ao fitar o belo e enorme quadro a nossa frente — É de um pintor que eu aprecio muito, mas já tinha sido comprado quando cheguei — murmurei sem tirar os olhos de Joseph, que não tirava os olhos da tela, que realmente parecia tê-lo cativado, mesmo sendo uma pintura abstrata, era profundo demais.

— Não conte a ninguém, mas eu comprei este — balancei a cabeça com um meio sorriso.

— Então... Você veio aqui de modo desinteressado... — ele foi andando para o lado esquerdo, vendo os quadros depois daquele com o mesmo genuíno interesse enquanto meu sorriso tinha o mesmo interesse com relação a ele, pois depois de ele aparecer, a arte pareceu perder todo o brilho e toda a intensidade — Sem saber que eu estava aqui só porque *a arte é... Esplêndida!*

Joseph me olhou com uma expressão curiosa: —
NACIONAIS - ACHERON

Eu sabia que você estaria aqui, não vou mentir — ele falou, com uma expressão séria e parei de sorrir, tentando interpretar seu olhar quase cético.

— Assim? Depois de dois anos?

— Achei que isso tivesse ficado para trás — falando ainda mais baixo, ele se voltou para a arte.

Inclinei-me em sua direção, ligeiramente irritada com seu tom por sugerir que aquilo tinha sido uma decisão mútua: — Você me mandou ficar longe de você, o que queria que eu tivesse feito?

— Exatamente o que você fez. Nada. Foi a coisa mais sensata a se fazer, se pensar bem — Joseph fez uma nova pausa, fingindo avaliar a arte com seu olhar sempre crítico — Eu te dei tempo para superar sua paixão adolescente — tive de forçar minha audição vampira para escutar sua voz sussurrada. Assim, sorri e balancei minha cabeça, caminhando ao lado dele enquanto apreciávamos a beleza naquela exposição.

— Eu superei tudo o que aconteceu. Olha só como minha vida é comum e chata agora.

— Você é minha melhor aluna, entenda que não podemos estar aqui como se isso fosse...

— Você acabou de chegar e quer dar as regras —
NACIONAIS - ACHERON

com os dedos entrelaçados nas costas, balancei a cabeça como se reprovasse sua atitude — Mas não se preocupe com isso. Eu estou saindo da faculdade.

Joseph se virou para mim com as sobrancelhas erguidas de modo suave, parecendo intrigado, ao mesmo tempo em que preocupado sobre os meus motivos: — Por favor, não me diga que é por minha causa...

— Não — sorri para tranquilizá-lo — Eu tive que fazer uma escolha e... Medicina não era a melhor delas para a minha vida comum.

— E o que seria? — nós dois nos voltamos para a arte.

— Ajudar as pessoas.

— Médicos ajudam as pessoas — seu tom soou ligeiramente ofendido, irritado, até, e mordi o lábio, inclinando o rosto para o lado direito, oposto ao que ele estava de mim, sem saber exatamente como continuar.

— Eu estou... Mudando os meus planos. Não posso te contar, na verdade — Joseph me encarou por dois segundos antes de fingir que uma pintura abstrata era demasiadamente interessante.

NACIONAIS - ACHERON

— Fico feliz pela sua normalidade, mas... — ele consultou o relógio.

— Você tem que estar em outro lugar — concluí. Joseph ergueu os ombros e manteve meu olhar por alguns segundos, bem de perto, de modo intenso; estávamos ambos sérios e tensos demais.

Nenhum de nós falou uma palavra pelo que pareceu ser uma eternidade, pois parecia que nossos olhares se conectavam de algum modo e, sendo assim, elas não eram mais necessárias. Não foi voluntário ou consciente, aconteceu contra a minha vontade de modo estranho, mas eu não conseguia me afastar. Parecia quase magnético, como se algo me prendesse ali, àquele lugar; como se meu lugar fosse estar junto a ele: — Eu ia te convidar para vir comigo... Na verdade — mordi o lábio, finalmente percebendo que estávamos no meio de uma conversa ali, e dando um passo para trás.

— Eu tenho que pegar um avião — murmurei sem tirar os olhos dos seus.

— Quando?

— Amanhã de manhã — inclinei o rosto suavemente, completamente emergida em seus
NACIONAIS - ACHERON

olhos profundamente azuis — Bem... *Cedo*.

— Eu prometo que não vai levar a noite inteira. É uma luta.

— *Luta?* — tentei assimilar o que ele estava dizendo com o mundo real — Tipo UFC? — franzi as sobrancelhas. Era claro que eu não entendia nada sobre aquilo, mas imaginei que ele estivesse se referindo àquele tipo de lutar, e, ainda bem, ele confirmou-o com um aceno.

— Sim, esse tipo — ele virou e me ofereceu o braço — Então... Você vem?

Mas não estou desistindo... [\[20\]](#)

CEDRICO

— Achei que seu trabalho fosse proteger as pessoas — tarde da madrugada, peguei-me em meio a uma intensa discussão com Rafael.

— Eu protejo civis, pessoas que não conseguem se defender sozinhas — ele falou mais alto, mas não olhava para mim, continuava enfiando algumas roupas em sua bolsa de mão de couro marrom.

— Por isso seu primeiro instinto ao vê-la foi quase matá-la — gritei-lhe no mesmo tom, irritado por ele me dar às costas enquanto eu falava.

— Não seja ridículo. Eu não me importo! — ele falou entre dentes e se virou, segurando uma camisa com toda a sua força.

— Ela te magoou, eu entendo, mas não podemos

continuar desse jeito, jogando-nos uns contra os outros.

— Ela está acostumada a morrer e você não deveria se importar tanto. Não seja idiota...

— Não seja *irracional*... — gritamos ao mesmo tempo — Contra o que estamos lutando aqui? Contra seus medos irracionais de ainda amá-la tanto? De estar sendo um idiota por ela ter te magoado ao casar com o seu pai?

— Pare de falar merda — Rafael pareceu borbulhar de raiva quando se virou, *socando* a camisa dentro de sua bolsa para fechá-la e parar diante de mim — Eu não estou apaixonado por ela, nem a amo. Eu superei aquele amor juvenil e bobo e só quero que vocês voltem para o *inferno* de onde vieram para que eu possa voltar a viver minha vida — e com isso, Rafael escancarou bem a porta e deixou a porta aberta ao sair.

Fechei a porta, mas fiquei do lado de fora. Duas portas depois e eu estava na porta do quarto de Juliette, onde bati duas vezes, mas impedi-me de continuar ao escutar um choro convulsivo do outro lado. Sim, deveria me virar e ir embora, mas dadas

NACIONAIS - ACHERON

as circunstâncias que atravessávamos e, também, a discussão que Rafael e eu acabáramos de ter, eu me importava. Não a partir do ponto que eu demonstrara a meu irmão, sobre estar apaixonado, mas, sim, sobre me importar com as pessoas em geral. Como médico, eu tinha aquilo em mim.

De um jeito ou de outro, antes que eu pudesse pensar demais em ir embora, Juliette gritou, em tom choroso e agoniado: — Vá embora! — sua voz e seu evidente sofrimento, foram o suficiente para me fazer estender a mão e destrancar a porta com um feitiço simples.

O quarto estava completamente escuro e a porta aberta lançou uma luz mínima sobre seu pequeno corpo encolhido, enroscado em si mesmo em uma dolorosa posição fetal. Inclinei o rosto para o lado, imediatamente incomodado, tocado ao vê-la em uma dor tão profunda, parecendo tão ferida que me chocou; fez com que eu me sentisse um quarto do modo como ela se sentia: — Saia daqui...

Juliette enfiou o rosto no travesseiro para escondê-lo, fazendo seu cabelo cair pelo rosto e pude apenas ouvi-la fungar e respirar entre soluços enquanto eu fechava a porta e me aproximava com

NACIONAIS - ACHERON

cuidado, um passo de cada vez.

— Juliette... — comecei a falar seu nome, mas fiquei sem palavras ao vê-la ali. Percebi que ela não usava nada além de um curto short preto que se ajustava a ela como uma segunda pele e um top de alças finas.

— Por favor, eu... — ela fungou e notei que apertava um tecido preto entre seus dedos com toda a sua força e que, de tão pálida, parecia quase prateada quando acendi a luz do abajur ao lado de sua cama.

— O que há de errado? — indaguei no tom mais terno possível.

— Eu... — ela virou a cabeça devagar e, como tinha espaço o suficiente, sentei-me ao seu lado enquanto Jules se recompunha e tentava controlar seu choro convulsivo, secando seu rosto no que vi ser uma camisa a que ela agarrava com todas as suas forças — Eu não sou isso — ela começou com o sotaque carregado e inspirou profundamente — Eu venho tentando, eu... Eu passei os últimos *sete anos* da minha vida... — finalmente encontrei seus olhos incrivelmente verdes, mas somente por um segundo — *O amando, me importando...* Eu não

NACIONAIS - ACHERON

posso viver sem ele — Juliette se sentou e enfiou o rosto entre as mãos.

Fitei-a por um longo momento, sem saber o que dizer: — Isso vai passar, vai melhorar com o tempo — disse a única coisa que poderia ter dito.

— Não, não vai — ela pressionou os joelhos contra o peito com força e me olhou, com uma expressão angustiada, parecia agonizar em um último espasmo de vida, sem saber mais como respirar ou como permanecer viva — Eu não... Não posso viver sem ele. Achei que pudesse... — balançando a cabeça, ela colocou o cabelo atrás da orelha dos dois lados, expondo ainda mais seu rosto. Em seguida, Juliette afundou-o entre as mãos novamente e deixou-o cair por entre seus joelhos, chorando audivelmente — Eu achei que podia, mas... Eu sempre me fechei, sempre fugi e fingi que não me afetava quando alguma coisa me machucava, mas eu... Eu... Eu não consigo mais fazer isso — com o rosto ligeiramente erguido, ela soluçou, para parecer mais controlada do que estava, e mordeu o lábio, sempre balançando a cabeça enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto — Eu não suporto mais perder as pessoas que

NACIONAIS - ACHERON

eu amo.

— Julies... — expirei todo o ar que nem notava estar prendendo e, instintivamente, puxei-a pelos ombros, ergui a perna esquerda para a cama, e abracei-a tão forte quando ela precisava.

— Estou tentando ser forte pela Harriet, mas... Eu não consigo mais lidar com tudo isso — ela enfiou o rosto em minha camisa com uma respiração profunda e finalmente ficou em silêncio, mesmo que ainda chorasse.

— Você vai ficar bem — falei devagar e dei-lhe algum tempo para absorver minhas palavras, correndo meus dedos ao longo dos seus cabelos com o olhar fixo em algo a minha frente, *tentando* ignorar sua nudez parcial — Eu entendo o que você está sentindo. Há duas semanas, eu tinha uma vida chata e segura, e agora, estamos todos de volta a isso — inspirei profundamente, permitindo-me pensar em Jessica por nada além de um segundo, para, enfim, prosseguir: — Eu sei o quanto você queria uma vida normal. Para ele, para você e para a filha de vocês.

— Joseph foi a melhor pessoa que eu conheci — ela me interrompeu de modo brusco, porém suave,
NACIONAIS - ACHERON

com o sotaque tão carregado, e também embargado pelas lágrimas, que foi difícil entender o que ela dizia; o nome de Joseph soou carregado, pronunciado em um tom meio alemão, como *Josep*^[21] — *A melhor* — ela terminou por enfatizar enquanto meus dedos ainda passeavam pelos seus cabelos de modo terno, acalmando-a gradualmente, tanto que ela deitou o rosto gentilmente em meu colo, agarrando meu antebraço esquerdo e abaixando o tom de sua voz: — A mais dedicada, a mais amorosa... — Juliette engoliu em seco, balançou a cabeça e fechou os olhos como se se rendesse — Eu *nunca* vou ficar bem de novo.

Foi estranho ter de olhar para ela no dia seguinte, depois do momento tão singular da noite anterior. Nunca a tinha visto desabar daquele jeito, nem quando era mais nova, nem em nenhum dia desde que nos conhecíamos.

Mas Juliette não parecia a mesma naquela manhã. Ela buscou café e bateu à minha porta pouco depois das sete, enquanto eu me vestia. Quando abri, não vi nenhum único resquício da mulher que tinha chorado copiosamente em meus

NACIONAIS - ACHERON

braços até adormecer, então apenas peguei o café que ela estendeu em minha direção e deixei aberta a porta que ela fechou ao entrar.

— Precisamos resolver esta questão o mais rápido... — ela se interrompeu para alcançar o celular no bolso detrás de sua calça preta e colada quando este começou a tocar — É a CIA — falou como se dissesse que *precisava* atender, mas não precisava se explicar, e largou o café na mesa, virando-se parcialmente para mim, que sentei-me na cama, fitando-a com curiosidade — Sim? — ela parou de respirar por um segundo, apenas ouvindo quem quer que fosse falar — Eu sei, mas acho que *esse* é o momento para pegar aquela licença — ela respirou brevemente, descontente — Sei que esse não é o melhor momento, e que eu *desapareci*, mas Langley estava um verdadeiro caos e eu precisava desse tempo agora, Senhor — ela parou e escutou, envolvendo a si mesma com o braço direito, olhando para o chão enquanto ouvia e assentia — *la, lm 'akun 'asir wa'ana last fi khatar, wa'ana ln taearrad lilkhatar 'ay tahqiqat wikalat almukhabarat almirkaziati, ya saydi. Walakin zawji mmayit wabnati alssughraa bihajat li alan*^[22] —
NACIONAIS - ACHERON

ela falou em árabe e franzi o cenho diante de sua drástica mudança de idioma, perguntando-me ainda quantos idiomas ela deveria falar.

Inglês, árabe, português, sueco, alemão e russo eram só os que eu sabia.

— *Nein*, Senhor, eu entendo. O agente Mathis pode lidar com a operação. Sim, claro — com isso, ela desligou.

— Algum problema com a CIA?

— Espero que não — ela se sentou na cadeira ao lado da porta e pegou seu café; o quarto parecia ser uma cópia exata do seu, como em uma fotografia, de tão perfeita — Querem que eu fique fora por dois meses, que tenha apoio psicológico e entregue minha arma e credenciais — tomei mais um gole do café, inclinando-me e apoiando o cotovelo esquerdo em minha coxa para avaliar sua postura ereta.

— Isso é ruim? — Juliette deu de ombros e bebeu seu café, encarando-me de modo frio.

— Eu estou agindo estranhamente, só estão fazendo o que fazem de melhor: investigando.

— Isso de acompanhamento psicológico... Pode ajudar — sugeri, mas ela me olhou, cética, e ergueu

NACIONAIS - ACHERON

as sobrancelhas por um breve milésimo de segundo.

— Acho que não. Sob circunstâncias normais, talvez — ela soltou o ar que nem pareceu notar estar prendendo — O pior em tudo, é que teria que pedir a minha filha para mentir — ela desviou o olhar, balançou a cabeça e continuou bebendo seu café, como se fosse um exilir revigorante.

De certo ponto, eu ficava feliz que ela não estivesse mais como eu a tinha encontrado na noite anterior, mas Juliette estava estranha demais para me permitir sentir alívio: — Vocês vão se sair bem.

— De qualquer modo, eu só quero resolver tudo isso para poder voltar para casa — ela continuou suavemente e franzi as sobrancelhas de modo quase imperceptível.

— Você está bem? — perguntei devagar, com cuidado.

— Estou ótima — Juliette tomou mais do seu café ao oferecer-me um empolgado sorriso — Melhor do que nunca.

— Ela está estranha — segui Rafael para dentro de seu amplo apartamento na cobertura de um prédio,
NACIONAIS - ACHERON

em um belo bairro residencial próximo ao centro de Charlotte; o teto era alto, as janelas exibiam uma vista panorâmica para os outros prédios e o céu azul do meio da manhã. Tudo parecia excessivamente limpo e bem colocado, incluindo a harmonia com que os móveis eram colocados e seus tons entre pastel e bege; e Rafael parecia uma tempestade, ameaçando destruir tudo a sua volta.

— Ela é estranha, Cedrico — ele falou em um tom que sugeria que aquilo era mesmo verdade e largou sua bolsa a tiracolo no sofá enquanto eu fechava a porta com cuidado.

— Lauren está aqui?

— No trabalho, alguns de nós ainda fazem isso — foi mais do que uma indireta, ele atirou na minha cara de uma vez que eu estava atrapalhando sua rotina perfeita. Rafael foi até a cozinha, do lado direito da porta, e ao fazê-lo, passou por mim, pegou grãos e começou a apertar os botões de sua cafeteira chique para preparar o café.

— É, sei... — espalmei a mão direita na bancada, meio pensativo enquanto o fitava, com a cabeça levemente baixa.

— Senta aí, vamos tomar um café — ele pegou
NACIONAIS - ACHERON

duas xícaras de porcelana branca, movendo-se com agilidade para preenchê-las com café e colocar uma a minha frente, erguendo a sua como se propusesse um brinde — Apesar de tudo, estou feliz por você estar aqui, irmão — foi o primeiro sorriso que eu o via exhibir desde que eu tinha pisado meus pés naquela cidade e ofereci-lhe a mesma cordialidade ao erguer minha xícara e ensaiar um breve sorriso.

— Também estou, já fazia um tempo... — tomei um gole do café forte e amargo — Precisamos cuidar de algumas questões legais...

— Como o quê? — ele colocou a xícara ao lado da pia e desabotoou os punhos de sua camisa social branca e imaculadamente passada, parecendo ter sido feito sob medida.

— O funeral — murmurei e ele ergueu as sobrancelhas brevemente, como que para demonstrar que entendia, mas que não queria se envolver naqueles problemas, contudo, ele abaixou o olhar para a pia por um segundo, pensando, então ergueu o queixo.

— Eu já cuidei de tudo. E também liguei para Renée, Cassie e a mãe. Será na quinta, no fim da tarde — Rafael abaixou os olhos novamente, NACIONAIS - ACHERON

arregaçando as mangas da camisa enquanto eu o encarava com o cenho franzido, os ombros tensos e o corpo rígido, sem conseguir entendê-lo.

Numa hora, ele odiava Juliette, Joseph, a mim e ao mundo inteiro. Na outra, ele já tinha decidido tudo sobre o pai e chamado o clã para o funeral. Há anos eu tentava entendê-lo, mas naqueles dias, com o contato direto dele entre Juliette, que estava mais pirada do que usualmente, aliás, estava ficando cada vez mais difícil e era complicado lidar com a imprevisibilidade dele, com seu humor mudando a cada dois segundos, com suas defesas todas erguidas em torno de si, como se ela fosse nociva, uma granada prestes a detonar que o arrasaria por completo, e, por isso, ele deveria se defender.

— Isso é... Bom — foi tudo o que eu disse, pois argumentar e questionar era inútil. Confrontá-lo, ainda mais, então deixei que aquela paz, ou a vazia sensação dela, predominasse entre nós.

— Eu amo você, querida — fitando o chão, Juliette sorriu quando entrei em seu quarto — Me deixe falar com sua avó agora — um momento depois, depois de eu fechar a porta, fitando-a de perfil para

NACIONAIS - ACHERON

mim, com o antebraço apoiado na coxa e uma postura ora relaxada, ora tensa, ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha e descansou o braço novamente em sua coxa — Obrigada por tudo, Dahlia, e me desculpe de novo por precisar que... Obrigada — ela sorriu de modo suave — Sim, eu entendo. Tchau — ela desligou, jogou o telefone na cama atrás dela e sorriu suavemente para mim — Oi.

— Oi. Tudo bem? — ela retorceu os lábios suavemente e jogou as pernas para o lado horizontal da cama, para ficar de frente para mim, ligeiramente inclinada para frente. Em seguida, ela se jogou para trás, completamente ereta, e inclinou um pouco o rosto.

— Por que tanta preocupação de uma hora para outra? Estou perfeitamente bem. Você está?

— Sim. É que... Eu queria falar com você sobre o funeral — quando ela não respondeu, prossegui e dei mais alguns passos em sua direção, curtos e hesitantes, medindo cada centímetro e calculando bem minhas palavras.

— Tudo bem... — Juliette franziu as sobrancelhas e falou em tom arrastado e britânico

NACIONAIS - ACHERON

demais — O que você quer dizer, Cedrico? — ela deslizou a língua pelos dentes ao falar meu nome de modo lento e arrastado, prolongando-o tanto quanto era possível que o fizesse.

— Será na quinta. Tudo bem para você?

— Claro — ela ergueu os ombros — Eu... Ahn... Arranjei um apartamento da empresa em um bairro chique — ela mudou de assunto como se *funeral* fosse uma palavra que não lhe remetesse a nada, como *almoço*, e levantou-se, mordendo o lábio e pegando a mochila que eu nem tinha notado estar sobre sua cama — Então... Você vem comigo.

Juliette colocou a mochila no ombro com um sorriso doce, ao que avaliei-a de cima a baixo, tentando determinado o que havia de errado com ela. O que diabos devia ter acontecido para mudá-la tanto e transformar seu humor. Nada daquilo era normal, e se Rafael tivesse me escutado, também teria concordado comigo. Em um momento, ela estava chorando, querendo morrer, com tanto desespero que tinha deixado o interior do meu antebraço esquerdo com a marca dos seus dedos, em um tom intenso de roxo que se tornaria

NACIONAIS - ACHERON

escurecido mais tarde.

E desde o início daquela manhã confusa, ela parecia ter se tornado a pessoa mais feliz do mundo. Não estava mais nem aí para o que a estava perturbando na noite anterior, as preocupações parecia tê-la simplesmente abandonado, evaporado no ar e levadas pela brisa matutina. Enquanto me encarava, e enquanto um *bilhão* de perguntas rondava a minha cabeça, não consegui processar imediatamente o que ela tinha acabado de dizer.

Quando notei, contudo, e raciocinei, ela estava de frente para mim, bem mais perto do que antes, sorrindo debilmente, com o queixo erguido para olhar em meus olhos; seus cabelos negros caíam em ondas leve pelos seus ombros e seus olhos verdes pareciam brilhar enquanto eu fitava, *contemplava*, seu belo rosto. As maçãs perfeitas do seu rosto, que pareciam em completa e infindável harmonia com seu nariz fino e delicado, seus lábios de tamanho ideal, mais para finos, mas não finos demais, que se comprimiram em uma linha quando seu olhar me avaliou como se eu estivesse louco; e, pela primeira vez desde que a tinha visto pela primeira vez, notei que ela tinha duas sardas,

NACIONAIS - ACHERON

somente duas, muito claras e quase imperceptíveis, em seu nariz. Em seu meio exato, e eram meio que charmosas.

— Você vem, não vem? — Juliette franziu as sobrancelhas escuras e bem feitas, mordendo a ponta do lábio inferior.

— Eu... — dei um passo para trás para conseguir pensar direito e Jules abaixou o olhar por um momento, como se me avaliasse nos mínimos detalhes, e, só então, voltou aos meus olhos — Que empresa?

— A da minha família — ela inclinou o rosto para a esquerda, apertando a alça da mochila; seu tom sugeria que aquilo era a coisa mais óbvia do mundo.

E era. Eu é que não estava pensando direito naquele momento. Juliette fechou o zíper transversal da sua jaqueta e passou por mim em um ágil movimento, indo até a porta para abri-la.

— Tudo bem. Certo — deslizei os dedos pelos cabelos e balancei a cabeça para me livrar dos pensamentos que passavam por ela — *Certo...*

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Irei amá-lo como se fosse perdê-lo^[23]

**SEIS ANOS E OITO MESES ANTES —
JULIETTE**

— Tudo bem? — ele murmurou e sorri, com o lábio inferior entre os dentes. Não conseguia evitar sorrir daquele jeito.

— Eu não sei como fazer isso — murmurei, com medo de assustar a mulher que estava na porta. Sua mão na base da minha coluna era o suficiente para me tranquilizar, mas eu ainda estava meio que em pânico por dentro, mesmo tendo sido *eu* a propor aquilo. Era o que eu mantinha em mente. Eu quis aquilo e não estava nem um pouco assustada ou com medo de que não fosse conseguir lidar.

— Está tudo bem — ele expirou e riu, balançando a cabeça atrás de mim, o que fez com que eu me virasse e olhasse de perto seus olhos

NACIONAIS - ACHERON

azuis, que pareciam tão perto dos meus que sentia como se estivéssemos conectados um ao outro, de corpo e alma, inteiramente — Você é perfeita, é claro que vai se sair bem — quando ele dizia, era impossível não acreditar, mesmo que a maior parte do meu corpo fosse uma coisa confusa, cheia de dúvidas. Olhei para frente e ergui o queixo.

— Nós vamos arrebentar, não vamos?

— Vamos — ele falou tão baixa que só consegui escutar por conta da audição vampira, e foi proposital — Mas não fale mais isso na frente dela.

Sorri amplamente: — Desculpe — empertiguei os ombros e tentei parecer séria — O que fazemos agora?

— Parecemos pessoas sérias e confiáveis, que sabemos o que estamos fazendo.

Com o peito cheio de ar, caminhei até aquela linda garotinha, que estava sentada enquanto mexia em alguns brinquedos, mas não necessariamente brincava com eles, pois era muito pequena para saber o que estava fazendo. Segundo a *Assistente Social*, ela não tinha mais de dois anos.

Ela fechou a porta quando me sentei ao lado da menina, sorrindo para ela. Diana, a Assistente, NACIONAIS - ACHERON

tinha dito a mim e a Joseph que ela não falava, provavelmente em decorrência de algum trauma em seu primeiro ano de vida, enquanto ela ainda vivia com seus pais biológicos, que tinham sido assassinados, ali mesmo, em Nova Orleans.

— Ela ainda não desenvolveu nenhuma habilidade mágica forte, mas tenho certeza que ira — Diana sorriu-me quando ergui os olhos em sua direção. Joseph parou perto de mim e me deixou observá-la por um segundo, sem chegar perto demais. Afinal, era eu quem não sabia o que estava fazendo ali, não ele.

— Eu posso sentir a magia dela — Joseph falou, contrariando as expectativas de que um xamã seria capaz de sentir aquele tipo de magia. Respirei devagar e ergui os olhos para fitá-lo. Ao fazê-lo, contudo, senti os dedos pequenos daquela menina segurarem meu indicador direito, que estava apoiado na cama.

Abaixei os olhos para ela, que sorria alegremente como só uma criança poderia, e sorri de volta: — Qual o nome dela? — fitei seus belos olhos verde-claros, muito claros.

— Jane Doe^[24] — levantei a cabeça com o olhar

NACIONAIS - ACHERON

arregalado — Ela não tem nome — Diana explicou, fitando-me quase como se pedisse desculpas, sem perder sua postura de autoridade legal — Achamos melhor não dar um nome a ela. Mas... Se vocês a adotarem, poderão escolher um nome para ela...

— Isso não é um privilégio — interrompi-a, afastando-me de *Jane*, que parou de sorrir — Nem algo merecido. Uma criança precisa de um nome — Diana vinha sendo gentil conosco, mas seu tom condescendente me irritou profundamente e, quando me levantei, Joseph colocou seu braço a minha volta, para impedir que eu me aproximasse, sorrindo.

— Eu ligo para vocês na próxima semana para informar sobre o processo — ela abriu sua pasta, toda cínica e entregou um cartão ao meu marido — Podem me ligar em caso de dúvidas — Joseph acenou e sorriu, com muito mais paciência do que eu, e Diana saiu.

— Calma, calma — ele beijou minha testa e tentei relaxar, mas odiava o modo como aquelas pessoas eram frias e sem coração. E eu, uma vampira, era muito mais calorosa e emotiva.

Talvez significasse que eu devesse largar a CIA e
NACIONAIS - ACHERON

arranjar um emprego como aquele: — Eu *estou* calma. Temos que ir agora — ele anuiu, nem um pouco convencido sobre a parte de eu estar calma.

— Eu estou preocupado...

— E eu disse que sei me defender — segurei uma mecha do cabelo, que era agitado furiosamente pelo vento, e beijei-o em meio a um sorriso — Eu vou ficar bem.

— Eu sei que você sabe se defender — Joseph colocou carinhosamente uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, segurando meu rosto calidamente — Mas tome cuidado. É uma zona hostil.

— Eu sei, mas vou ficar bem, e volto antes que sinta minha falta — continuei beijando-o; queria continuar fazendo aquilo durante todo o dia, mas tinha ciência que o motorista estava nos vendo dali de onde estávamos, na porta de casa e ele estava no meio-fio.

— De jeito nenhum — Joseph sorriu e acariciou minha bochecha com o polegar, finalmente beijando minha testa, enfiando os dedos em meus cabelos de modo gentil para me abraçar.

E ficamos ali, daquele jeito, por um minuto ou
NACIONAIS - ACHERON

mais, talvez menos. parecia ter mais tempo do que achei que fosse, o tempo tornou-se atemporal enquanto meus braços estavam em torno dele, os seus a minha volta, seus lábios em meus cabelos, seus dedos da mão direita massageando-os como se estivéssemos nos despedindo para sempre. Como se aquela fosse uma despedida. contudo, por mais que aquela pudesse ser uma impressão momentânea, éramos sempre daquele jeito.

Sempre. Sem friezas ou gelidez; quando estávamos de mau-humor, eu fazia o melhor para não deixar transparecer, assim como ele, que o fazia melhor ainda.

— Você ainda está aqui e já estou sentindo a sua falta — ele murmurou contra meus cabelos, tão baixo que tive que forçar minha audição vampira, com um arrepio por dentro ao escutar suas palavras doces, sentindo meu coração vampiro bater mais rápido, meus pelos se arrepiarem e minha respiração ficar confusa, entrecortada; apenas com palavras.

— Também vou sentir muito, *muito* a sua — tive que me afastar, pois, por mais que preferisse ficar ali, tinha meus compromissos com a CIA. Respirei

NACIONAIS - ACHERON

fundo e beijei-o novamente, segurando seu rosto sem vontade nenhuma de fazer o que eu tinha que fazer. Que foi abaixar e pegar minha bolsa de viagem de couro marrom. Engoli em seco e tentei controlar meu cabelo de ser agitado ao sabor do vento — Você me liga assim que Diana te ligar, por favor.

— Claro. Te ligo no segundo em que tiver notícias — segurei sua mão, sorrindo de modo suave, triste até — E você me liga quando chegar. Enquanto estiver longe, pense em um nome bem bonito para ela.

— Eu vou — fui me afastando lentamente e ele girou comigo, ainda segurando minha mão. Desci o primeiro degrau e soltei sua mão gradativa e dolorosamente — Amo você.

— Eu te amo mais — sorri, finalmente soltando sua mão para me virar e partir.

Deixando meu coração lá com ele.

Sempre com ele.

Apenas me entregando^[25]

JULIETTE

Dirigi o carro de Cedrico até o apartamento da grande Hohenfels, Inc., que finalmente veio a calhar em algum aspecto da minha vida, pois desde a minha adolescência, só tinha servido para me causar problemas e ter paparazzi me seguindo por onde quer que eu fosse em Nova York. Mas estava cansada daquele motel barato e aceitei o lugar para ficar quando meu pai ofereceu. Não nos falávamos muito desde... Bem, desde *tudo*.

Ele estava casado, mais ou menos casado, com Olívia, a mãe de Ana, minha amiga e atual estilista da alta sociedade nova-iorquina, a quem eu tinha apagado a memória depois de tê-la contado que eu era uma bruxa, vampira, maluca e cheia de problemas. Não queria envolver ninguém mais naquela loucura e contar a ela pareceu certo naquele momento como um desabafo, mas minha

NACIONAIS - ACHERON

amiga era uma das melhores pessoas que eu conhecia e ela merecia toda a normalidade que pudesse ter e a teria.

Cedrico estava tudo esquisito do meu lado, perguntando se eu estava bem e toda aquela bobagem a cada dez segundos, como se esperasse que eu fosse entrar em colapso a cada segundo.

A esquisita e assustadora verdade era que eu estava bem. Incrível e estranhamente bem de um jeito que nem eu entendia, pois não havia mais um buraco em meu peito e eu não queria chorar por dias até secar e morrer ao pensar em Joseph e no deteriorado estado em que se encontrava a minha vida naquele momento. Me sentia leve, viva e... *Faminta*. Mas ignorei aquilo apertando o volante com mais força, olhando para frente ao fazer uma curva, finalmente chegando na rua e parando na porta do prédio, que me dei conta ser um prédio de luxo. Algo *nada demais* para os padrões da minha família, mas, como eu tinha vivido os últimos anos da minha vida em casas *modestas*, tive de olhar para cima para ver o prédio e permiti que um suspiro escapasse pelos meus lábios.

— É aqui? — Cedrico parou ao meu lado e fitei-
NACIONAIS - ACHERON

o com um sorriso débil.

— É, sim. Pronto para viver aqui por alguns dias? — falei em tom de brincadeira e caminhei na direção da portaria, sentindo o cheiro de ar fresco na bela rua. Por meio segundo, imaginei como seria morar ali, mas deixei o pensamento passar rapidamente ao me anunciar ao porteiro, que permitiu minha subida e me deu a chave do apartamento do vigésimo andar, o que já era alto o suficiente.

Se eu tinha medo de altura quando era humana, meus medos só ficaram mais intensos quando me transformei. Mas, naquele momento, enquanto tomava o elevador, não tive medo ao imaginar o quão alto seria no vigésimo andar. Não tinha medo de nada e, se eu parasse para avaliar cuidadosamente tudo dentro de mim, era mesmo muito bom não ser capaz, ou melhor, *não precisar* sentir nada.

Sim, tinha sido a minha melhor decisão.

— Tudo bem aqui? — foi a primeira coisa que Cedrico perguntou enquanto eu comia o sorvete, confortavelmente instalada naquele belo

NACIONAIS - ACHERON

apartamento, envolta em uma colcha de lã azul. Aquelas perguntas incessantes já estavam me cansando e irritando.

— Você não se cansa de perguntar? Eu estou ótima. Quer sorvete? — ele tinha o ombro suavemente recostado na parede do corredor amplo e claro, mas quase tudo ali estava escuro por conta das janelas fechadas enquanto eu fingia que assistia TV ou que aquele programa me interessava minimamente que fosse.

Para minha surpresa, ele ficou completamente ereto, fitando-me de modo incisivo ao caminhar em linha reta na minha direção: — Quero, sim — Cedrico parecia desconfiado quando se sentou ao meu lado, como se quisesse manter uma distância segura de mim, e o fez; sentou-se um pouco distante e estendi em sua direção o enorme pote de sorvete de chocolate, que eu teria tomado sozinha se ele não tivesse aparecido, mesmo não parecendo que tudo aquilo cabia em mim e naquele corpo magro — Vou pegar uma... Colher — ele falou todo desconsertado e levantou-se imediatamente após sentar para dar a volta no sofá e ir até a cozinha, que ficava atrás dele, perto da porta.

NACIONAIS - ACHERON

Pouco depois, ele voltou e aceitou o sorvete de forma relutante, ao que voltei meus olhos para a tela enquanto ele descobria aquela delícia gelada.

— Eu estive pensando — comecei a falar e me voltei para ele. Minhas pernas estavam erguidas para o sofá e bem aquecidas sob o cobertor, de modo que elas nos separavam ainda mais, mas eu ainda podia olhar em seus olhos com perfeição daquela distância. Ou o teria feito se ele não tivesse desviado o olhar do meu para fingir interesse no pote de sorvete que ele mais remexia do que o tomava, como se não estivesse me encarando antes que eu me virasse — Será que não podemos rastrear essa bruxa com magia, surpreendê-la e matá-la?

— Matá-la? — ele finalmente ergueu os olhos, intrigado.

— Esse é o propósito aqui. Não é? — ajeitei-me e franzi o cenho; com o braço esquerdo no espaldar no sofá, apoiei a bochecha na mão, fitando-o em busca de alguma resposta em seu olhar.

— Não realmente — Cedrico enfiou a colher no sorvete e colocou o pote na mesa de centro, concentrando-se completamente em mim, nem que

NACIONAIS - ACHERON

fosse apenas por um segundo — Eu quero saber qual o problema dela com nossa família antes de sair por aí matando pessoas.

— Ah, entendi — dei um meio sorriso e inclinei o rosto, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha com a mão direita — A coisa de médico — gesticulei com a mão direita em sua direção, em um gesto descontraído.

Cedrico recostou-se no sofá, parecendo esforçar-se para parecer confortável, mas seu desconforto era óbvio quando o fez e me olhou com uma expressão límpida, tranquila, que não demonstrava absolutamente nada do que estava se passando pelos seus pensamentos, antes angustiados: — Pesquisou sobre a minha vida?

— Pesquisei tudo o que você fez nos últimos oito anos e meio — falei de modo lento e arrastado, ensaiando um sorriso que não deixei transparecer, de fato, ficou apenas no *meio* — Medicina em Stanford, Cruz Vermelha... — mordi o lábio inferior, inclinando o rosto ligeiramente para frente — Você tem muitas de trânsito não pagas.

— Não sabia que você tinha acesso a esse tipo de informação — Cedrico pareceu-me quase

NACIONAIS - ACHERON

desconfiado, ao que relaxei os ombros ainda mais, soltando uma risada espontânea, completamente involuntária, e balancei a cabeça de modo sutil.

— Eu tenho acesso a tudo, senhor Hamilton. Aliás, eu pensei em pesquisar sobre a tal caçadora, mas Rafael me disse que ela praticamente não existe — mordi o lábio inferior e respirei devagar, repentinamente mais séria — Acho que podemos confiar nele ou... — pousei a mão direita no sofá e notei Cedrico captou meus movimentos, conforme minha mão se movia milimetricamente, contudo, sem tirar os olhos dos meus — Conduzir nossa própria investigação?

— Acho que... — ele fez uma pausa, parecendo pensativo, confuso, enquanto me esquadrihava com o olhar — Se ele disse, é porque... Ele se certificou disso.

— Talvez. Mas ele está todo *esquisito* desde que nos vimos. E, segundo minha pesquisa — minha voz era mínima e arrastada, meus olhos estavam bem fixos nos dele — vocês não foram muito próximos nos últimos anos... Foram?

— Não, de nenhum deles. Eu estive ocupado vivendo minha vida normalmente, cuidando de

NACIONAIS - ACHERON

outras pessoas para me envolver nesses problemas de uma família a qual eu nem pertenço.

— Ainda se achando órfão? Porque você não é — minha língua tocou meus lábios quando falei, com uma intensa ênfase em minhas palavras. Deslizei os dedos na mão direita, para a qual Cedrico olhava com desconfiança enquanto ela se aproximava dele, pelos meus cabelos, jogando-os para o lado direito com um sorriso estranho, que nem eu mesma conhecia.

— Não. Não foi o que eu quis dizer — ela se ajeitou, parecendo entrar mais na conversa do que antes, de fato, interessado — Estava curioso para saber desde que nos encontramos em Langley — ele puxou a perna esquerda para o sofá — o que aconteceu entre você e Joseph. Não achei que fosse *certo* perguntar antes, mas... Como *vocês* aconteceram, exatamente.

— Isso é o que *todo mundo* quer saber — ele quase se assustou quando me inclinei para frente de modo brusco e repentino, abaixei o braço esquerdo para apoiá-lo no sofá, ao lado das minhas coxas, e pousei o indicador da mão direita em seu peito, erguendo-o, serpenteando seu peito e, conseqüente, NACIONAIS - ACHERON

mas não inesperadamente ou contra minha vontade, sentindo o calor de emanava do seu corpo com todos os meus sentidos vampirescos acesos e funcionando a todo o vapor — O que *você* quer saber?

— Você está flertando comigo? — Cedrico parecia estar dolorosamente consciente de a possibilidade daquilo ser verdade, embora seus olhos e a expressão que vi neles, me dissessem que ele não queria que a resposta fosse positiva.

— Essa é a sua pergunta?

— Sim, porque parece que está e eu... — ergui meu dedo e dei um tapinha em seu peito, voltando a ficar ereta.

— Eu não estou, Cedrico, relaxa. Pegue leve — ergui as mãos em sinal de rendição, com um sorriso, e, ao abaixá-las, balancei a cabeça — Vamos sair para beber alguma coisa — empurrei a coberta de lã que estava sobre minhas pernas, levantando-me rapidamente para ficar de frente para Cedrico, que me olhou de cima a baixo.

— Beber? Mais cedo, eu estava falando com você...

— Mais cedo — revirei os olhos em uma atitude
NACIONAIS - ACHERON

infantil e inclinei-me, surpreendendo-o ao pegar suas mãos e puxá-lo para que se levantasse — Venha, coloque uma roupa legal, *um sorriso* e... — afastei-me para olhá-lo em seu jeans escuro e camisa social; sim, ele não precisaria de nada ali, nem de uma roupa legal. Talvez um sorriso, mas aquilo também era discutível — Bem, apenas venha comigo. Eu estou faminta.

— De sangue? — Cedrico ergueu as sobrancelhas suavemente, como se a hipótese lhe fosse inconcebível.

— É, de sangue — sorri e coloquei atrás da orelha quando ele caiu atrás da minha orelha — E também vamos beber alguma coisa. Alguma coisa alcoólica.

— Ainda são quatro da tarde... — Cedrico começou, mas não permiti que continuasse.

— Eu vou me trocar, sugiro que faça o mesmo.

Nunca consigo deixar o passado para trás^[26]

DOIS ANOS E SEIS MESES ANTES — CEDRICO

Tentei, em uma falha e miserável tentativa, envolver a perna daquele homem, ou o que tinha restado dela, com uma faixa, ou um pedaço de pano horrível. Praguejei e pedi por morfina pela terceira vez a uma enfermeira que passou por mim quando o homem puxou meu jaleco. Com sua mão coberta de sangue e sujeira: — Alguém pode trazer *a porra* da morfina? — ergui a cabeça e a enfermeira virou a cabeça, chocada com meu palavreado, o que era irrelevante, dadas às circunstâncias.

— Doutor... — a jovem moça empertigou os ombros, visivelmente abalada diante das minhas palavras enquanto minha impaciência atingia seu máximo.

NACIONAIS - ACHERON

— Você é uma enfermeira ou o quê? — pressionou o *ferimento* do homem com mais força para estancar o sangramento, enquanto ele gemia e orava alguma coisa em árabe, algo sobre Deus lhe dar forças — Pegue a porra do medicamento. Não vê que esse homem está com dor? — a linda mulher loira olhou para ele, de modo quase assustado e saiu dali, passando pelas demais camas no cômodo improvisado e pegou alguns medicamentos.

Enquanto isso, fez o melhor que pude para estancar o sangramento com os recursos mínimos ali. A moça ajoelhou-se ao lado da cabeceira da cama, do outro lado, e injetou algum medicamento para dor que não pude detectar qual era com precisão. Parecia nervosa e assustada, mas, mesmo assim, disposta a ajudar. Além de ferido, o paquistanês também encontrava-se sujo de terra, pois tinha, literalmente, explodido. A enfermeira loira e jovem terminou, descartou a agulha e se virou, enquanto eu mantinha o olhar baixo para amarrar a perna e conter o sangramento, ciente que aquele homem precisava de um atendimento que provavelmente não receberia naquele fim de mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Você pode... — ergui os olhos para a moça, que só então percebi, não parecia ter mais que vinte e um anos. E que segurava a mão do homem, que estava com tanto medo quanto ela, que limpou a garganta sem erguer os olhos: — Você pode... *Traduzir* o que ele estava dizendo? — a irritação que dominava o meu corpo tinha aliviado ao fitá-la, por algum motivo desconhecido e voltei meus olhos e minha atenção para o meu trabalho.

— Ele está orando.

— Você pode... — a moça parecia sofrer ao ver o sofrimento alheio e indaguei-me de onde diabos ela tinha saído e não, como diabos a Cruz Vermelha enviava alguém tão emotivo e incapaz sob pressão para aquele lugar tão perigoso e hostil — Você pode dizer a ele que... Ele vai ficar bem — a moça encheu o peito de ar, erguendo o queixo para o homem e apertando gentil e calorosamente sua mão para lhe apoiar em sua dor, fitando-o com seus olhos, que notei serem cor de mel, um lindo tom de castanho-mel, que lhe transmitiram certa força. Certa esperança — Que eu estou aqui — ela me olhou, mas evitei seu olhar — Você pode? — sua voz era completamente trêmula.

NACIONAIS - ACHERON

Maneei a cabeça em sua direção. Inexperiente, não funcionava direito em campo, estava assustada como o inferno e que não tinha conhecimento em árabe. Era a enfermeira perfeita para o trabalho, mas, mesmo assim, mesmo querendo repreendê-la, guiei meu olhar até o do homem quase morto: — *'Annaha turid 'an tueraf 'annah yetny bik. Kull shay' sayakun ealaa ma yaram*^[27] — falei rapidamente e terminei, erguendo-me para fitar a enfermeira que eu nem ao menos sabia o nome. Ainda — Monitore-o pelas próximas horas, quando ele morrer, venha até a minha sala — afastando-me, arranquei as luvas e descartei-as em um lixo perto da cama.

O lugar estava vazio, pois todos os outros tinham morrido logo após a explosão do drone, ordenado pela CIA. Todos de uma mesma família e o único sobrevivente era aquele homem, que não duraria mais do que o prazo que estipulara, sabendo que o homem não entendia uma palavra de inglês: — O quê? — a enfermeira falou, chocada, quase que em pânico, e me virei para ela, sério e calmo — Achei que o tivesse ajudado...

— Eu ajudei. Estanquei o sangramento, aliviei
NACIONAIS - ACHERON

sua dor... — gesticulei, fitando-a do modo mais duro possível e a moça se encolheu — Se você quer ficar aqui até o fim, fique. Se não conseguir — aquilo soou irônico e seus ombros tremularam —, saia. Só quero que esteja na minha sala quando tiver se recomposto.

Não esperei mais lamentações dela, apenas lhe lancei um olhar frio e saí.

— Tudo bem? — ergui os olhos brevemente, por tempo o suficiente apenas para ver a jovem enfermeira entrar em minha *sala*, que, na verdade, era uma coisa pequena no meio de uma região hostil e seca, tão quente quanto o inferno; por aquele motivo, eu tinha tirado meu jaleco e camisa, e encontrava-me somente com uma camiseta branca de algodão que, por mais informal que pudesse parecer, era normal em um lugar tão quente.

Já tinham se passado quase três horas desde que deixava a moça com o moribundo, que não parecia estar em condições nem para cuidar de si mesma, mas deixei-a, pois seu único trabalho era dar-lhe apoio em seu leito de morte. Ela entrou na minha

NACIONAIS - ACHERON

sala através da porta que ficava de frente para a minha mesa, onde eu estava sentado, assinando papéis e escrevendo um relatório sobre os acontecimentos do dia inteiro e sobre as pessoas que tinham estado sob meus cuidados. Todas mortas até às três e meia daquele dia, quando a enfermeira inspirou profundamente e se sentou na cadeira de madeira a minha frente: — Sim, tudo bem — ela passou as palmas pelo jeans, como se tentativa de conter seu nervosismo diante de mim.

Não a notei de modo demasiado, apenas o básico, e continuei escrevendo meu relatório a mão, um tanto impaciente por causa do calor, da falta de pessoal especializado, das mortes, dos ataques metódicos da CIA. Até de uma máquina de escrever, pois tinha que conter minha letra horrível para que tudo ficasse legível naquelas linhas pouco espaçadas.

— Qual o seu nome?

— Jessica. Jessica Fitz — ela empertigou os ombros um pouco, tentando parecer mais séria e composta do que realmente estava naquele momento. A senhorita Fitz mordeu o lábio e repassei seu nome em minha cabeça, mas não me

NACIONAIS - ACHERON

pareceu familiar.

— É a sua primeira vez? — finalmente ergui a cabeça para olhar para ela, que tinha os cabelos loiros e cacheados soltos, seus olhos estavam avermelhados, e aquilo era mais do que óbvio, porque seus olhos eram claros demais para que não fosse facilmente perceptível.

— Sim, eu... Me desculpe pelo que aconteceu — ela respirou fundo — Você contava comigo e eu fiquei paralisada. Tudo isso é muito diferente do treinamento, eu não... — ela se interrompeu e analisei-a de cima a baixo.

— Eu disse para vir me ver quando estivesse recomposta — coloquei os cotovelos sobre a mesa, inclinando-me milimetricamente e estreitando os olhos — Vai ser sincero com você — maneei a cabeça e a senhorita Fitz anuiu suavemente, atenta ao que eu dizia, esperando ansiosamente pelas minhas palavras: — Não acha que você seja qualificada para o trabalho. Você é emotiva e não funciona sob pressão e se apega aos pacientes. Talvez você seja uma boa pessoa, uma ótima enfermeira, mas em dois minutos, ficou mais do que claro para mim que esse não é o lugar para

NACIONAIS - ACHERON

você — tirei os cotovelos da mesa e mexi em alguns papéis, enquanto ela me olhava, mordendo o lábio inferior como se fosse desabar a qualquer momento — Eu vou enviar uma carta junto ao relatório sobre isso — fiz uma pausa bem articulada, fitando-a, para ter certeza que ela estava entendendo o que eu lhe falava — Em dois dias, você pode voltar para a sua casa em um avião que...

— O quê? — a senhorita Fitz inclinou-se para frente, com os dedos cruzados — Olha, eu... Me desculpe, eu... Eu... Eu posso melhorar. Eu *vou* melhorar. Só... — ela engoliu em seco, colocando uma mecha de seu cabelo loiro-claro atrás da orelha — Me dê mais uma chance. Por favor — seus olhos eram suplicante e, por um momento, apenas fitei-a, tentando a isso. A lhe dar mais uma chance e quantas mais ela me pedisse com aquele olhar suplicante.

Tantas quantas ela quisesse.

Há um vazio em mim agora^[28]

CEDRICO

De uma hora para a outra, parecia que eu estava na companhia de outra pessoa. Vi-a dançar de longe, nem me arriscando a chegar perto dela; sozinha, mas ela dispensava companhia, pois parecia haver um holofote brilhando sobre ela. Permaneci no bar da casa noturna, com o braço esquerdo apoiado sobre o balcão enquanto bebia vodka com suco de abacaxi, com mais vodka do que abacaxi, é claro.

Juliette usava um vestido preto e justo, mas não vulgar, apenas sensual de um jeito estranho; de um jeito que eu não estava acostumado a vê-la ou pensar nela e era difícil associá-la a garota que eu tinha conhecido há quase nove anos. A mesma garota que estava perdida em um corredor a quem eu tinha convidado para uma festa idiota, depois, a

quem tinha me ajudado a fugir da polícia sem nem ao menos me conhecer. Pensar naquilo tudo, enquanto a via de olhos fechados, jogando seus cabelos negros sob as luzes multicoloridas, como as de um arco-íris, para o lado, me remeteu ao passado de forma intensa; quase como se ele estivesse diante de mim. Bem a minha frente.

Será que se ela soubesse que tudo aquilo teria acontecido, mudaria alguma coisa? Teria corrido o mais rápido possível para longe de mim quando me apresentei naquela aula de biologia? Ou talvez eu teria fugido dela quando nos conhecemos, porque, naquele momento, eu não estaria tão ferrado quanto eu estava. Não teria perdido as pessoas que eu amava, que importavam para mim.

Talvez meu pai de mentira nunca tivesse aparecido para estragar minha imagem de Família de Mentira Perfeita com Joseph e Elena sendo melhores pais do que aquele cretino desgraçado ou que minha mãe morta.

Terminei minha bebida e pedi uma tequila, virando uma atrás da outra para me impedir de ficar a noite inteira vendo-a dançar e se alimentar como se o mundo estivesse se acabando e ela precisasse

NACIONAIS - ACHERON

consumir todo o sangue nele. Não que o fato de ela ser uma vampira fosse o problema, ou o fato de ela ser tão controlada, aliás. O problema eram suas flutuações de humor, que estavam acabando comigo; Juliette era uma montanha-russa intensa delas, só que naqueles dias, eu nunca sabia onde iam dar e era difícil conviver com elas.

— Tequila, por favor — ela bateu as palmas no balcão, sorrindo amplamente quando voltou seus lindos olhos verdes até os meus, enquanto eu virava minha tequila — Tudo bem? — seu tom foi descontraído, quase americano, nova-iorquino, mais precisamente, contudo, quando a fitei, bem mais baixa que eu, mesmo com os saltos, franzi o cenho e olhei-a.

Realmente a vi a minha frente. Nas últimas horas, eu queria que ela voltasse a ser a pessoa que eu conhecera antes. Não histérica ou desabando de tanto chorar, ou querendo morrer. Ou feliz como se o mundo pudesse implodir a sua volta e ela não estivesse ligando para nada; nem para o seu marido morto ou para sua filha ou para... Nada. O que eu não tinha parado para pensar é que não a queria normal de novo.

NACIONAIS - ACHERON

Não tinha certeza sobre o que diabos estava acontecendo em sua cabeça ou em seu corpo, em seu coração, mas, o que quer que fosse, e talvez fossem apenas as suas defesas lutando contra toda a dor que ela sentia por toda a parte, talvez ela não aguentasse. Talvez seus sentimentos a esmagassem com tanta força que fossem demais para ela, até mesmo para ela, suportar. E se era difícil lidar com tudo com a boa e velha humanidade, ser uma vampira devia ser ainda pior.

Lembrei-me de que uma vez ela havia dito que seus sentimentos vampiros eram muito mais intensos e esmagados do que quando ela era humana e aquilo me fez pensar e pensar por muito tempo enquanto eu tomava minha última tequila, imaginando também o que tinha acontecido entre ela e Joseph, já que ela tinha fugido da minha pergunta mais cedo.

Como diabos os dois tinham acabado juntos depois de tudo, vivendo uma vida comum em uma bela casa sulista com uma filha que todo mundo gostaria de ter. Nada nos dois sugeria bruxos e me peguei imaginando sobre aquilo por um segundo antes que Juliette chamasse a minha atenção mais

NACIONAIS - ACHERON

uma vez e me forçasse a prestar atenção nela, lembrando-me de responder a sua pergunta não respondida: — Eu estou bem — pousei o copo no balcão e, ainda a fitar seu rosto, estendi a mão, o que finalmente lhe causou alguma surpresa, e, com o foco no canto dos seus lábios, deslizei o polegar ali para limpar o sangue que escorria em uma gota vermelho-escura — Estava... Ahn... Sujo — falei muito baixo, abaixando o meu braço para que aquele momento não se tornasse ainda mais estranho do que era.

— Obrigada — com um sorriso suave, Juliette se virou e tomou sua bebida.

— Podemos ir embora? — de perfil, Juliette jogou os cabelos por cima do ombro esquerdo e expirou dramaticamente, fazendo um gesto ao barman para que ele levasse outra rodada.

— Ainda está cedo... — ergui o dedo para lhe pedir um minuto quando meu celular começou a tocar. Peguei-o do bolso e, mesmo que a música fosse quase ensurdecadora, atendi-o, pois poderia ser um caso de vida ou morte.

— Oi.

— Tudo bem por aí... — Rafael começou a
NACIONAIS - ACHERON

falar, mas interrompeu-se por um segundo — Que barulho é esse? Onde você está?

— É só... Você precisa de alguma coisa? — não quis responder, apenas desligar logo e ir embora dali. De preferência, com Juliette, que não parecia estar disposta a tanto.

— Não, não realmente. Apenas checando, você sabe — ele ficou estranhamente tenso e, estupidamente, pois ele não podia me ver, anuí por um segundo, voltando-me para Juliette, que estava de lado enquanto se inclinava no balcão para pedir bebidas.

— *Duas tequilas, por favor.*

— Você está em um bar? — Rafael pareceu chocado.

— Estou. Olha, a ligação está péssima, nós nos falamos depois — não o esperei responder, apenas desliguei, porque não queria me explicar. E também não precisava.

— O que vai ser? As reuniões de família assustadoras dos Hamilton? — embora parecesse estar com o bom-humor, não era isso que acontecia. Sim, ela tinha um sorriso, mas apenas como se o
NACIONAIS - ACHERON

exibisse em sua superfície, pois não parecia tão feliz assim.

Parecia fria. Aquela era a verdade. Parecia que não tinha sentimentos: — Bem, é um funeral e a família inteira estará aqui. Não sei se classificaria isso como uma reunião oficial, mas...

— É tão assustadora quanto — Juliette ergueu os ombros e consertou a jaqueta, olhando como estava nas portas do elevador, erguendo o queixo com o lábio inferior entre os dentes — Você não tem falado com nenhum deles durante os últimos anos, tem?

— Eu estava no Paquistão, Juliette — meu tom foi levemente irritado, pois eu tinha a impressão de ela sabia daquilo, assim, limitei-me a olhar para frente para evitá-la, aliviado quando o elevador abriu — Estava salvando pessoas nos mesmos lugares onde a *sua* organização bombardeava e matava pessoas.

— Eu não tenho culpa dos erros da CIA, eu sou apenas uma especialista em TI e sigo ordens. Eu não lanço mísseis, Cedrico, apenas hackeio coisas — quando ela estendeu a mão para apertar o botão que nos levaria ao estacionamento, impedi-a para

NACIONAIS - ACHERON

apertar o botão do vigésimo primeiro andar.

— Você — virei-me para ela enquanto iniciávamos nossa subida — fornece para que eles lancem mísseis, espionem civis, armazenem informações ilegalmente e *matem* pessoas — falei de modo duro, incisivo, com os olhos fixos nos seus firmemente, de modo a fazê-la perceber seu papel naquela história — *Esse* é o seu trabalho na CIA. Pode parecer a coisa mais inocente do mundo, mas isso é o que está longe de ser.

— Ótimo. É como você me vê? Acha que eu não sou melhor que terroristas por que trabalho na CIA e por que estamos envolvidos em escândalos sobre informações nos últimos anos? Que as pessoas que salvamos não valem um punhado de informações armazenadas para o combate *do mesmo terrorismo* que mata centenas de pessoas por ano? Não vale, Cedrico? — olhando em seus olhos, dei-me conta que as portas tinha se aberto. Por fim, Juliette relaxou os ombros; mesmo tendo gritado aquelas coisas, ela não parecia nem um pouco nervosa, ou com raiva — Não se pode fazer omelete sem quebrar alguns ovos, é por isso que temos pessoas como você.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não acredito... — comecei a falar, chocado, e me virei ao captar movimentos no canto de minha visão periférica.

— Cedrico. Juliette — aquela voz doce e melódica, quase cantada, era inconfundível em qualquer lugar em que eu estivesse. Ela foi a única com quem eu mantivera contato durante todos aqueles anos. Afinal, trabalhávamos juntos, não só no Paquistão, como também em outras missões naquela região.

— Renée — falei seu nome de modo quase oficial quando ela deu um passo em nossa direção, impedindo que o elevador se fechasse ao colocar a mão entre as portas.

— Então... Vocês vêm ou não? — ela tinha um sorriso suave em seu rosto belo e plácido, contudo, parecia bem séria ao fitar Juliette, que empertigou os ombros.

— Claro, estamos indo.

JULIETTE

Encontrar todos os Hamilton em uma única sala sempre seria uma péssima situação, ainda mais
NACIONAIS - ACHERON

enquanto todos me olhavam como se eu tivesse dormido com o pai deles, o que, de fato, era algo a se levar em consideração. Cruzei os dedos na frente do corpo e entrei no apartamento que ficava de frente para o elevador. Enquanto discutíamos, Cedrico não tinha me dito que Rafael morava ali, um andar acima de nós. Cassandra, Alex, Renée, Rafael, Lauren, Elena e... *O meu pai*. Bem ao lado dela em um dos sofás que ficava de frente para a porta. Cedrico parou ao meu lado, mas manteve a distância, pois parecia ter se irritado comigo, não que naquele estado eu me importasse com o que ele achava, ou como se sentia com relação com relação a mim.

— Juliette... — Alex foi o único que não pareceu me odiar ali, pois se levantou ao murmurar meu nome e soltou a mão da sua mulher, que só então reparei que ele segurava, e veio em minha direção. Mantive em mente que éramos amigos, que eu *supostamente* deveria abraçá-lo para não parecer estranha, mais do que eu já era; para não levantar suspeitas. Assim, fingi um sorriso patético e abracei-o, fingindo estar feliz em vê-lo.

— Como você está? — repassei o que eu sabia
NACIONAIS - ACHERON

sobre meu querido e antigo amigo. Ele morava na Europa, precisamente na Áustria, mas especificamente em lugar nenhum, pois vivia viajando com a esposa, que era pianista, tão famosa quanto pianistas conseguiam ser, e que ele era pintor. Que o vira há poucos meses quando estivera em Amsterdã com Joseph.

Aliás, também mantive em mente que Cassandra e eu tínhamos superados nossos conflitos adolescentes e éramos quase amigas. Além dela, eu não sabia nada sobre nenhum deles e arrependi-me por não ter feito o dever de casa; ou seja, pesquisado cada detalhe de como cada um tinha vivido suas vidas comuns nos últimos anos. Principalmente Elena, que parecia tão jovial e bela como quando eu a conhecera, não uma pessoa que tinha vários filhos que pareciam ter a sua idade, o que era incrível. Os Hamilton pareciam ter certa fascinação pela beleza e jovialidade eternas, pois nenhum deles tinha mudado muito desde a última vez em que nos viramos.

Mas aquele era um fato irrelevante naquele momento, por isso, soltei Alex e caminhamos até a sala. Cedrico, Renée, Alex e eu. Lauren estava

NACIONAIS - ACHERON

sentada na poltrona de espaldar alto, fitando cada um de nós com extremo cuidado, avaliando-nos como se fossemos uma ameaça iminente dentro de sua casa, o que poderia ser um potencial risco, é claro, e, mesmo assim, ela não disse uma palavra. Ao menos, não desde que eu entrava.

E, apesar de aquele ser um momento *doloroso*, para a maior parte de *nós*, sim, eu odiava aquelas palavras, mas ela se aplicava bem, ninguém parecia muito triste ali. Fechado era a palavra descritiva ideal, mas, triste, não. Reflexivos sobre as ameaças que pairavam sobre nós, como se cada um ali tivesse um alvo nas costas, talvez. Desconfiado da pessoa que estava sentada ao seu lado, e que, com noventa por cento das chances era alguém da sua própria família, que mataria por você, com certeza.

Naquele momento, com a clareza total dos meus pensamentos, sem ser manipulada pelos meus sentimentos inúteis que sempre me cegaram, eu podia ver o quanto eram paranoicos. Eram o tipo de pessoa que dormia com uma faca debaixo do travesseiro, que tinha medo até da própria sombra. Pessoas nas quais eu não poderia confiar nem em meu melhor estado de alerta.

NACIONAIS - ACHERON

— Podemos ir direto ao ponto? — Elena foi a primeira a falar e virei-me para ela, que estava no sofá do outro lado, separada de mim somente pela mesa de centro com tampo de vidro, em minha diagonal.

— Bem... — Rafael parou ao lado de Lauren com um copo de uísque, usando calça cáqui escura e camisa social branca, com as mangas dobradas suavemente e alguns botões abertos; ele estava visivelmente nervoso com tudo aquilo acontecendo em sua casa, a ponto de enlouquecer diante daquela situação, mas, incrivelmente, era controlado. Mais do que quando eu o conhecera, obviamente. Não tinha mais aquela impulsividade em seu sangue, em seu corpo, lutava para controlá-la, e, diante de todos, era um homem sério, concentrado, controlado e responsável. Afinal, ele não estaria no FBI se não fosse tudo aquilo — Todos nós sabemos o que estamos fazendo aqui. *Todos sabemos* — seu olhar passou por cada pessoa naquela sala, mas evitou o meu de modo brusco — que nós, que estamos nessa sala, estamos em perigo. Durante quase *nove anos*, eu não os incomodei — ele gesticulou com a mão direita, segura o copo na

NACIONAIS - ACHERON

esquerda.

“*Nós* não incomodamos uns aos outros. Depois de tudo o que aconteceu, cada um seguiu com a sua vida, fazendo o que considerava ser o certo e, durante todo esse tempo, foi ótimo. Ficamos longe de ameaças, constituímos a nossa própria família... Mas agora, uma ameaça bate a nossa porta e precisamos enfrentá-la — seu olhar repousou sobre o da sua irmã gêmea, que estava sentada ao lado de Alex, que estava do meu lado esquerdo — Precisamos enfrentá-la antes que ela chegue até nós e machuque mais uma das pessoas com quem nos importamos.

Os reflexos ainda parecem ser os mesmos para mim^[29]

DOIS ANOS ANTES – CEDRICO

— Precisa de ajuda com isso? — ela ergueu os olhos de modo desconfiado, nem um pouco acostumada com minhas gentilezas, afinal, nada daquilo era usual.

— Não, obrigada — Jessica recusou educadamente e chamei o elevador. Se ela dizia que não precisava, deixei-a sozinha para que lidasse com suas próprias malas ao entrar no meu prédio. O saguão que tive que atravessar era espaçoso e amplo, com o teto exageradamente alto e o chão bege quase brilhante, levemente escorregadio; um balcão ficava a esquerda, com pequenas caixas de correio douradas atrás dele, junto a um homem de

NACIONAIS - ACHERON

ar formal chamado Houke, o simpático porteiro para quem acenei ao passar. Aquele lugar não era para qualquer um. O prédio era designado como moradia para médicos do exército ou da Cruz Vermelha para que pudesse ter um endereço entre uma missão e outra.

Ao chegar ao elevador, que ficava à direita, virei-me para ver que Jessica tinha levado apenas sua mala de rodinhas e uma bolsa de mão.

Mulheres sempre pareciam exagerar ao viajar; sempre levavam o armário inteiro consigo, por isso, quando o elevador abriu, peguei sua bolsa antes que ela pudesse falar qualquer coisa; a que parecia pesada demais para um ser humano carregar. Ela não disse nada durante a subida até o décimo segundo andar do prédio que tinha o ar frio e cores entre cinza e azul-escuro. Cinza nas paredes e detalhes e azul nas portas.

Abri a segunda, tendo que usar a minha chave diante da minha convidada, e não magia, e convidei-a a entrar. Mostrei-a o quarto de hóspedes, onde coloquei sua bolsa sobre a cama, e retirei-me.

Ter uma hóspede não era o meu maior sonho, por isso tomei banho, coloquei algo confortável e fui

NACIONAIS - ACHERON

para a cozinhar fazer alguma coisa, esperando que ela fizesse o mesmo e eu pudesse esclarecer exatamente como funcionaria aquela situação. A cozinha e a sala eram um espaço só, separadas por um balcão, e a cozinha era estreita, tendo espaço apenas para uma geladeira, fogão, pia e armários acima do fogão. Nunca tinha comida porque eu quase nunca ficava ali, mas o espaço era mínimo, pois os apartamentos eram compactos para caberem apenas o necessário.

— Sobre que tipo de regras você quer falar? — Jessica começou a falar assim que saiu do quarto, que tinha a porta de ao meu lado, separada da sala apenas por um curto espaço de dois ou três metros — Eu sei o quanto tenho que te agradecer por me deixar ficar, eu... — ela se sentou e permaneci de costas, planejando mentalmente o que fazia para o jantar, mesmo que ainda não passassem de cinco da tarde.

— Tudo bem, você não precisa. Só... Não ande nua por aí e acho que vamos nos dar bem — tínhamos começado com o pé esquerdo e eu não estava interessado em me esforçar o mínimo que fosse para mudar suas impressões sobre mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não ia fazer isso — Jessica pareceu ligeiramente surpresa e me virei, não olhando exatamente para ela.

— Certo — lavei as mãos evitando seu olhar — Eu não fico muito por aqui, então você pode ficar a vontade — puxei um pano de pratos ao lado da pia e foquei meu olhar nela, que anuiu timidamente — Não precisa se preocupar com nada, pode ficar aqui o tempo que precisar. Se você vir alguma coisa... Bem, digamos apenas que cada um de nós cuide da sua própria vida — fiquei completamente ereto e empertiguei os ombros.

— Obrigada por tudo, doutor Hamilton, eu...

— Se vai passar algum tempo aqui, me chame de Cedrico — ela assentiu.

— Certo — Jessica esboçou um sorriso e entrelaçou os dedos em seu colo — Obrigada, de novo.

— Eu vou cozinhar alguma coisa. Está com fome? — virei-me novamente para checar o macarrão, a única coisa que não estava fora do prazo de validade ali. Além das almôndegas que Renée tinha deixado ali há dois ou três dias.

— Um pouco. Precisa de ajuda?

NACIONAIS - ACHERON

— Não, eu me viro melhor sozinho — mexi-o rapidamente, refletindo sobre como diabos aquele ataque de benevolência havia me atingido. Uma coisa era melhorar meu comportamento, outra, completamente diferente era abrigar uma enfermeira em minha casa. Só porque ela não tinha outro lugar para ir, não significava necessariamente que eu deveria me responsabilizar por ela.

Com um ar reflexivo, virei-me repentinamente, assim como Jessica, quando a porta se abriu. Renée entrou por ela usando jeans, camiseta e jaqueta pretas, os cabelos quase loiros presos em um rabo de cavalo e uma bolsa transversalmente em seu peito; ela fechou a porta e deu um estranho sorriso de “*o que diabos está acontecendo aqui?*” ao passar os olhos por Jessica antes de repousá-lo em mim: — Ahn... Oi? — Renée aproximou-se, andando como se fosse uma supermodelo em uma passarela; deu a volta na bancada de modo casual, envolveu meus ombros com o braço direito para beijar meu rosto de modo afetuoso, com um belo sorriso — Você não me ligou de volta — não soou como uma acusação, apenas algo que eu deveria ter feito como sempre fazia, mas a verdade é que tinha

NACIONAIS - ACHERON

me distraído.

— É, desculpe — ela se afastou, parando no meio do caminho, no espaço estreito entre o balcão e a geladeira enquanto eu brincava de chefe de cozinha — Eu acabei de chegar, na verdade.

— Não vai me apresentar a sua amiga? — fitei Renée, com aquele belo sorriso e me virei.

Claro. Que completa falta de educação.

— Claro. Renée, esta é a Jessica. Jessica... Renée — Renée estendeu a mão e Jessica aceitou-a, sorrindo simpaticamente. Quando soltou-a, Renée me olhou, assim como Jessica.

— É a sua namorada? — ela não sorria mais, ficou estranha e insolitamente séria de uma hora para outra.

— Não! Ela trabalha comigo. Trabalhamos juntos no Paquistão nos últimos meses.

— Oh... — Renée maneou a cabeça para me olhar e voltei minha atenção para a comida, que parecia demasiada importante; mais do que as duas mulheres diante de mim — A gente pode... — Renée apoiou a mão esquerda na pia e buscou meu olhar — *Conversar* por um minuto?

— É, claro... — abaixei o fogo e saí com ela
NACIONAIS - ACHERON

para o meu quarto, ao lado do quarto de hóspedes onde Jessica estava — Tudo bem?

— Acho que não — Renée franziu o cenho com as duas mãos na cintura e os polegares para baixo, depois de ter largado sua bolsa sobre a minha cama — O que é isso? Não sabia que trazia suas amiguinhas para cá...

— Ela não é minha *amiguinha* — aquela conversa estava indo pelo rumo mais estranho possível — Renée, olha... Ela não tinha para onde ir, brigou com a família e eu ofereci-lhe um lugar para ficar. *Só* isso.

— Só isso? — ela ergueu as sobrancelhas, em tom calmo, mas não parecendo tão calma como queria que eu achasse — Porque Jessica rima perfeitamente com *Amelia*.

— Tudo bem — sorri, achando a reação de Renée exagerada demais para alguém que mal tinha conhecido a moça — Acho que você está exagerando um pouco, Ree.

— É só... — ela suspirou — Não vou me meter, mas... Eu só vim para ter certeza de que não quer uma passagem para Salém comigo?

— Não vou voltar naquele lugar, já discutimos
NACIONAIS - ACHERON

isso...

— Eu sei — Renée sorriu — Último tiro, você sabe...

— É, mas não vai rolar, maninha. Agora, se quiser ficar para o jantar, por favor, não fique jogando indiretas para a moça; ela já não gosta muito de mim.

— Está bem — ela deu um soco no meu ombro, sorrindo de modo brincalhão e fitei-a com cuidado — Aliás... — ela colocou a mão na maçaneta e voltou-se para mim em um último momento — Você deveria vir para a minha casa. Eu estou... Treinando algumas coisas, talvez vá querer aprender também.

Ergui os ombros, sem querer confirmar nada, mas bastante tentado a aceitar: — É, pode ser.

Não é preciso orar, não é preciso falar^[30]

— Achei que essa... Caçadora fosse só uma adolescente. Foi o que você me disse quando nos falamos, certo? — Cassandra falou e Rafael inclinou o rosto suavemente ao fitá-la.

— É, mas não é tão fácil assim, Cassie — Rafael deu um gole em seu uísque, não parecendo disposto a explicar mais sobre tudo, mesmo depois de seu discurso encorajador.

— Como não é *tão fácil quanto parece*? — ela deu um sorriso um tanto irônico, olhando a sua volta enquanto falava — Quando ameaçam matar você e a sua família, você não pensa. Você não hesita — ela se inclinou suavemente para frente, fitando o irmão, muito séria — Você os mata antes que matem você. A não ser que vocês — ela olhou para mim e para Cedrico, que tinha se sentado em

NACIONAIS - ACHERON

uma poltrona e estava de frente para Lauren a partir daquele ponto; ele não parecia muito mais confortável do que qualquer um de nós — não sejam capazes de lidar com uma *menina* — e finalmente voltou o olhar para o irmão — Vocês são?

— Não é assim — a voz foi de Renée.

— Ela não é *apenas* uma adolescente — falei, interrompendo os pensamentos de Renée e inclinando-me para frente com os cotovelos apoiados em minhas coxas. Alex não parecia estar confortável estando naquele meio sendo apenas um humano; e eu tinha os mesmos pensamentos sobre sua participação ali. Que ele estava entrando em uma guerra a qual ele não pertencia. Ele não fazia, ou não deveria, fazer parte daquela família — E os seus gloriosos irmãos não têm planos em matá-la, só em *bater um papo*.

— Nós precisamos — Renée continuou, de modo firme, de pé ao lado de Cedrico com o braço direito suavemente repousado sobre o espaldar da poltrona. Sempre a tinha achado a mais bonita da família, e todos eram lindos, mesmo que ela parecesse um bocado endurecida com relação à

NACIONAIS - ACHERON

época em que nos conhecêramos. Seu corpo era esguio e ela se vestia de modo básico, porém elegante, ao que olhei-a de cima a baixo. Sua bota mar Ron de salto quadrado, sua calça preta e camiseta cinza debaixo de um suéter de um longo decote e botões, da mesma cor. Seus cabelos ruivos, quase loiros, *quase* da cor dos de Joseph, estavam cortados na altura de suas costelas e em um rabo de cavalo, passado pelo seu cabelo elegantemente; seu pé esquerdo estava ligeiramente erguido enquanto ela continuava: — Precisamos matá-la antes que ela decida que é hora de *nos* matar. Toda a nossa família.

— Então ela deve ser *mesmo* muito boa — Cassie continuou, inclinando-se e colocando o rosto entre as mãos, aparentemente estressada e exausta — Para matar a Jessica em Seattle, e o papai em Langley, depois vir para cá ao mesmo tempo em que todos nós para continuar a armar seus planos.

— Isso significa... — respirei longamente, atraindo seu olhar e também o de todos os outros — Que também temos que ter um plano — ergui o queixo e engoli em seco, mantendo o olhar de Cassandra, que franziu o cenho e colocou uma

NACIONAIS - ACHERON

mecha do seu cabelo para trás da orelha — Um melhor.

— Nós não voltamos para isso — Rafael falou com tanta raiva que ergui os olhos imediatamente para ele, franzindo o cenho, diante da sua reação exasperada, assim como os lábios — Não estamos saindo por aí para matar ninguém! — ele falou como se sua palavra fosse uma ordem. Uma que não podia ser desobedecida.

— Nem quando querem nos matar? — encarei-o firmemente, mantive seu olhar zangado para que ele percebesse que ele podia se exasperar o quanto quisesse; eu não me importava — O que vamos fazer agora? Vamos ficar parados, sentados bem aqui enquanto esperamos que ela venha até nós com uma estaca? — levantei-me e fiquei parada entre o sofá e a mesa de centro, a dois metros dele, que apertava tanto o copo que poderia trincá-lo — Se esse é o seu plano, fique a vontade para seguir com ele.

Quando andei em sua direção e passei por ele sem nenhuma cerimônia para ir na direção da porta, escutei sua voz atrás de mim: — E qual o seu plano? Vai atrás dela e matá-la? — virei-me, NACIONAIS - ACHERON

fuzilando-o calmamente.

— É, é isso o que eu vou fazer — desviei o olhar do de Rafael e olhei para cada um deles com o queixo erguido, em seguida, voltei meu olhar para ele mais uma vez — Vou apenas dar a ela o que ela quer. *Guerra*.

— Qual é a porra do seu plano? Chegar lá como se fosse a prova de balas? Imortal...

— Por que você está gritando comigo? — gritei-lhe no mesmo tom e franzi os lábios.

— Porque você é idiota! — Cedrico realmente pareceu irritado enquanto eu abria a geladeira. Ele estava do outro lado do balcão e limitei-me a respirar fundo e me virar, colocando um pouco de água em um copo, atenta à suas palavras, mas sem me deixar afetar por elas. Nem se eu quisesse — Você sempre foi — ele continuou gritando alto — Arranja esses planos ridículos, suicidas, e adivinhe? Eles sempre acabam com você morta ou quase isso — abaixei meu braço e fitei-o calmamente.

— Meus planos são ruins? Ao menos *eu* estou fazendo alguma coisa. Porque você e Rafael só ficam andando em círculos com seus discursos
NACIONAIS - ACHERON

ridículos só porque são homens bons agora. Adivinhe uma coisa?! Pessoas não mudam. Depois de tudo o que vimos e tudo pelo que passamos, vocês estão agindo como se o mundo fosse bom e não precisassem mais matar, por isso você está insistindo em brincar de médico e Rafael, em brincar de polícia e ladrão — coloquei o copo sobre a pia e inclinei-me, apenas a pia e o balcão nos separando — Você sempre vai ter isso dentro de você. Essa parte sua que ama isso. A aventura, o perigo, a excitação... A sensação de estar vivo.

— Eu não sou bom — ele falou mais baixo, encarando-me friamente, falando mais baixo: — E eu nunca disse isso, nunca me senti desse jeito. Mas depois das coisas que eu fiz, tentei de tudo para compensar todo o mal. E quem é você para falar sobre isso? Achei que seu suposto trabalho também fosse ajudar as pessoas, então não me venha com esse *discurso*, contradizendo tudo o que você me disse no elevador, porque é a coisa mais hipócrita que já escutei em toda a minha vida. Você também quis uma vida normal, senão, por que outro motivo teria arranjado essa família de mentira para forjar uma normalidade inexistente?

NACIONAIS - ACHERON

— Família de mentira? Tudo o que eu tive, *foi real*. Tudo! E essa mulher, ou essa... Criança, tirou tudo de mim. Meu marido, minha casa, *o meu lar*. Então nem tente vir com essas palavras bonitas ou discursos ensaiados e cínicos sobre *pessoas inocentes*, porque eu não me importo — empertiguei os ombros rapidamente, fitando-o sem deixar transparecer nada em meu rosto: — Eu não me importo com nada. E se essa mulher aparecer na minha frente de novo, eu não me importo se ela tem quinze anos ou quinhentos... Eu irei matá-la — falei entre dentes, apertando minha mão até minhas unhas cortarem minhas palmas — Se ela cruzar o meu caminho de novo, ela vai morrer — inclinei-me uma última vez em sua direção para enfatizar minhas palavras enquanto ele me encarava, incrédulo — Ela vai morrer *gritando* — murmurei e saí dali.

Como eu não fazia a menor ideia de como achar aquela garota irritante para me livrar de vez da presença dos Hamilton no meu pé, decidi fazer duas coisas naquele belo dia ensolarado. Aliás, Charlotte parecia estar sempre ensolarado, mas, NACIONAIS - ACHERON

afinal, era abril e em pouco tempo, o sol invadiria tudo.

Primeiro, procurar por um feitiço de localização em que eu pudesse localizá-la sem ter nenhuma ligação ou conexão com ela, apenas com sua imagem na memória, ou criar um. Uma das vantagens de ter casado com um xamã foi que ele ter me ensinado muito bem a escrever feitiços, contudo, talvez saber como ela se parecia não fosse lá uma conexão muito forte, mas, de qualquer modo, eu tinha que tentar.

E segundo, eu queria mudar um pouco, por isso, saí dali. Também não aguentava mais Cedrico com todos aquele princípios e recém-adquiridas morais e códigos de conduta. Assim, fui almoçar fora e comprei algumas coisas em um shopping. Não por quê eu gostava de comprar, odiava, mas só tinha umas duas calças que tinha levado comigo. Enquanto estava almoçando no pequeno shopping, vi um salão de frente para o restaurante e uma ideia passou pela minha cabeça.

Entrei lá com uma sensação de que precisava de alguma coisa nova, e, como o lugar não estava muito cheio, fui logo atendida por uma mulher

NACIONAIS - ACHERON

simpática. Morena e bonita, de aparentes trinta e cinco anos, de sorriso jovial que transmitia uma sensação de felicidade, de que era impossível estar triste perto dela. Contudo, apenas sorri-lhe de volta de modo simpático e sentei-me, ao que ela mexeu no meu cabelo, retorcendo os lábios.

— Quero parecer diferente — fitei-a através do espelho e ela testou a leveza dos meus cabelos, tão negros quanto a noite.

— Alguma coisa em mente? — mordi o lábio e imaginei a mim mesma diferente do que estava acostumava a ser. A única coisa que eu tinha feito no meu cabelo, que não tinha sido exatamente *eu*, fora cortá-lo há muitos, muitos anos antes, na altura do pescoço. O que, na verdade, tinha sido Malcolm e eu o odiara por ter feito aquilo, mas depois, acostumei-me àquele cabelo pelo tempo em que ele permaneceu daquele tamanho, até crescer de novo.

Uma ou duas vezes durante os últimos oito anos, eu considerara a opção de cortá-lo novamente, de mudar alguma coisa de mim, já que minha aparência permanecia a mesma, mas acabei deixando a oportunidade passar ao concentrar-me em Joseph e em Harriet e na CIA.

NACIONAIS - ACHERON

E eu tinha dois padrões básicos que todo mundo já tinha se acostumado: quando eu ia trabalhar, fazia uma trança embutida para que não atrapalhasse no caso de um eventual trabalho de campo. E quando estava em casa ou fazendo algo com Joseph e Harriet, deixava-o solto. Às vezes, fazia algum penteado, mas sem variações constantes. E estava na hora de mudar.

Mudar completamente. Era o que eu precisava para arrancar aquilo de vez de dentro de mim; aquela sensação de que Joseph ainda estaria lá quando eu voltasse para casa, de que minha vida não tinha voltado a ser uma grande merda. Claro. Sem sentimentos. Não que eu precisasse me autolembrar minhas escolhas, só fiquei relembrando fatos do passado e adiei minha resposta.

Podia dizer-lhe para fazer alguma coisa legal. A cabeleireira parecia saber o que fazer e talvez fosse um corte, deixá-lo completamente cacheado, mas tive a impressão de que eu deveria tomar as rédeas da minha vida. Que *eu* tinha que tomar uma decisão, fazer uma escolha. Assim, ergui o queixo e tirei aquela seriedade do rosto para colocar nele um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sorriso.

— Eu quero ficar loira.

NACIONAIS - ACHERON

Você nunca sabe quando vai ficar sem tempo^[31]

OITO MESES ANTES – JULIETTE

— Minha nossa! Não achei que a sensação fosse tão boa...

— É bom se livrar do passado — Joseph falou, com o braço em torno dos meus enquanto víamos o corpo de Friedrich queimar dentro de seu caixão de madeira que mais se parecia com uma caixa velha.

Mesmo que fosse tanto tempo depois, eu ainda sentia que precisava fazer aquilo porque fora minha última promessa a Friedrich. Oito anos haviam se passado e estivera adiando aquilo por muito tempo, mas, em nossas férias em Amsterdã, Praga ficava a meio caminho dali. Já era hora.

— É como... Tirar um peso de mim — recostei a cabeça em seu ombro com um suspiro aliviado.

— Vamos sair daqui, *Liebling* — era quase
NACIONAIS - ACHERON

engraçado ouvi-lo me chamar de querida em alemão, pois seu sotaque era horrível, mas limitei-me a sorrir e caminhar até o caixão.

— Adeus, Friedrich — murmurei, vendo-o queimar antes de fechar a tampa do caixão e voltar-me para Joseph para que pudéssemos encaminharmo-nos até o carro que ele tinha alugado, através do chão parcialmente enlameado e de solo íngreme em uma floresta pouco densa nos arredores do lago de Šeberák, sob a luz da lua cheia na densa noite de Praga. Joseph me deu a mão para me ajudar e, em seguida, abriu a porta do carro para mim, como um cavalheiro.

— Obrigada — sorri e entrei, esperando-o fazer o mesmo.

— Você está bem? — Joseph perguntou enquanto colocava o cinto, induzindo-me com o olhar a fazer o mesmo.

— Estou, só... Um pouco nostálgica — mordi o lábio e Joseph começou a dirigir pela estrada de terra, em um estranho silêncio — É difícil deixá-lo ir desse jeito. É que... — respirei fundo, tentando expressar em palavras exatas o modo com que eu me sentia com tudo aquilo — Até minha
NACIONAIS - ACHERON

adolescência, Friedrich foi o meu melhor amigo... Até o dia em que ele morreu. Isso é tão difícil quanto ter descoberto que ele não era a pessoa que eu achava que era.

— Eu entendo — abaixei os olhos ao sentia sua mão direita sobre a minha esquerda, que estava repousada em minha perna, sobre o jeans — Eu estou aqui. Se quiser falar alguma coisa... *Qualquer coisa* — ele me olhou por um longo momento antes de voltar-se para a estrada parcialmente escurecida.

— Eu sei — murmurei, afundando no banco ao mesmo tempo em que virava minha palma para cima e entrelaçava seus dedos nos meus.

Eu morreria mil vezes para aliviar sua consciência^[32]

CEDRICO

— Meu Deus... — gritei ao ser pego completamente de surpresa quando, vindo detrás do sofá, braços femininos me envolveram, contudo, quando cabelos castanho-loiros, *quase* loiros, caíram pelos meus ombros, dei um grito de surpresa, sem saber quem diabos tinha me *agarrado* por trás. Assim, dei um pulo do sofá — O que diabos você...

— Espero que não tenha guardado ressentimentos sobre mais cedo — estivera pensando muito durante a tarde enquanto Juliette estava sumida para Deus sabe onde, e me preocupei que ela tivesse ido atrás da caçadora maluca, mas

quando a vi diante de mim, concluí que algo estava muito, muito errado com ela — Afinal... — ela inclinou o corpo para o lado direito, parecendo estranhamente *linda*, de um modo que eu não queria vê-la, pois ainda estava irritado com seu comportamento, mas ela impossível *não* notá-la — Eu trouxe o jantar.

— Onde diabos você estava? — a pergunta saiu quase que automaticamente e estreitei os olhos para olhá-la de cima a baixo — O que você...

— O que eu... — ela se inclinou, um pouco mais séria, incentivando-me a terminar minha frase quando me interrompi.

— *O que diabos você fez com seu cabelo?* — finalmente gritei com indignação, pouco acreditando em meus próprios olhos — Sua maluca! Achei que estivesse...

— Isso não importa — era a sua frase favorita naquele dia — Vamos comer e... Conversar — ela mudou minimamente a posição, mais séria — Podemos tentar fazer isso de modo pacífico — ela deu de ombros e relaxei os meus — Estou oferecendo paz... — ela ergueu as sacolas que, só então, percebi que levava em suas mãos — Vem

NACIONAIS - ACHERON

jantar comigo?

— Por quê não?! — assim, fui com ela até a cozinha. Minha primeira reação ao vê-la com aquele cabelo quase loiro foi piscar, piscar muito para me certificar de que não estava vendo coisas ou tendo alucinações, afinal, Juliette era a morena mais morena que eu conhecia.

Aqueles cabelos negros e sedosos era uma característica sua, sua característica física mais intrínseca, além dos olhos verdes marcantes; fazia *parte* dela e de quem ela era e, talvez, aquilo significasse o quanto ela tinha mudado, de fato, do dia para a noite. Voltei a me perguntar o que tinha mudado tão de repente na noite em que conversáramos em seu quarto no motel. O que tinha *dentro* dela, em seus sentimentos, em seu coração, em sua mente.

Quando a vira, ela parecia tão dolorosa e emocionalmente *destruída* que quis abraça-la para aplacar sua dor, mesmo que não estivesse certo de onde adivinha aquele sentimento em querer ser o balsamo para suas feridas, em querer ser a solução para todas as feridas abertas em seu coração. Ainda tentava me convencer de que era apenas o que

NACIONAIS - ACHERON

autodenominei de instinto básico, em querer ajudar qualquer pessoa a sua frente, no entanto, dentro de mim, eu sabia que era mentira, que era mais, que talvez, mesmo tanto tempo depois, eu sentisse por ela algo que não devesse.

Naquele momento, quando me sentei em um dos bancos, e Julies se sentou ao meu lado, tirando a comida das sacolas, pensava em cada pequena mudança em seu comportamento somente nas últimas horas, pensando que suas mudanças não eram apenas físicas. Eram muito mais intrínsecas; sua alma tinha mudado, seu coração se transformado em algo distinto, que eu não saberia mais reconhecer. Peguei a comida, sem nem ao menos ver o que era, e encarei-a sem desviar o olhar. Juliette estava de lado para mim, colocando um pequeno pastel de carne na boca enquanto ria: — Por que está me olhando tanto?

— Eu estou? — tentei manter o mesmo tom que ela, finalmente vendo quanta comida ela tinha comprado, decidindo por experimentar um dos pastéis que ela estava comendo — Desculpe, não foi a minha intenção — decidi relaxar tanto quanto Juliette tinha feito, parar de brigar, pois queria

NACIONAIS - ACHERON

observá-la, estar perto dela pelo tempo que eu pudesse, avaliando-a, para conseguir seguir um padrão e chegar a algo concreto. Toda a minha certeza era que havia algo de errado com ela.

Ela estava errada.

— Você está bem? — Juliette ficou mais séria e girou para ficar de frente para mim, com o sua comida tailandesa em mãos, manuseando os pauzinhos com habilidade.

— Claro, por quê a pergunta? — ergui os olhos e comi um dos deliciosos pastéis, levemente apimentado, mantendo o olhar dela, que tinha um sorriso doce, suave e ligeiro, e colocou uma mecha de seu cabelo informadamente loiro para trás da orelha.

— Nada, é que... — Juliette abaixou os braços e pousou a caixinha de comida sobre as coxas cobertas pela expirar dramaticamente e erguer os olhos para mim com a cabeça ligeiramente baixa; ela passou a língua pelos lábios e franzi o cenho, vendo que ela queria falar alguma coisa, mas apenas manteve a visão daquele lindo e intenso verde, cortante, sem dizer uma palavra — É que nos dávamos melhor antes. Eu sei que nossas

NACIONAIS - ACHERON

últimas conversas não foram como eu queria que tivessem sido e que eu fui embora sem me despedir, do nada... Mas queria que fôssemos melhor que isso agora.

— O que você quer dizer?

— Só queria que estivéssemos de bem de novo. *Juntos nessa* — um sorriso se pronunciou em seus lindos lábios e fitei-a com ainda mais seriedade — Seria melhor, você não acha?

— Claro — retribuí seu sorriso com certa desconfiança, mas ela pareceu ter acreditado, em algum nível.

— Não está chateado com o que eu te falei no elevador? — ela testou aquela nova trégua entre nós, inclinando-se ligeiramente em minha direção; só naquele momento, foi que me dei conta de que eu também tinha me virado, sem nem ao menos me dar conta, e que estávamos perto. Perto demais. Que nossos joelhos quase se tocavam, contudo, ergui os olhos e fingi que aquilo não me atingia.

— Só se não estiver comigo — repousei as mãos sobre as pernas, fitando-a de modo honesto e, acima de tudo, sendo honesto comigo mesmo, falando com meu coração ao olhar em seus olhos, NACIONAIS - ACHERON

tão sinceros: — Eu te disse coisas duras lá também. Sinto muito — fiz uma pausa, organizando meus pensamentos e palavras — Já temos todos esses problemas familiares, com essa caçadora, com toda a minha família aqui... Colocar a CIA no meio disso foi errado e infantil — ergui o queixo, realmente sentindo aquilo; realmente sentindo que tinha ido longe demais — Eu sinto muito. Fiquei nervoso e quis colocar a culpa em você...

— Eu entendo, está tudo bem — Juliette sorriu e, inesperadamente, estendeu-se um pouco mais para pousar a mão direta em minha coxa, o que me fez abaixar o olhar, mas, em seguida, retorná-lo a seu rosto: — Eu não concordo, mas vou respeitar sua opinião de ajudar as pessoas e essa baboseira toda — não havia tanta luz ali quanto seria necessária para que eu pudesse visualizar seu rosto com perfeição, pois as lâmpadas fluorescentes da cozinha não era o suficiente para tanto, por isso, havia uma coisa estranha, um clima indecifrável pairando entre nós; não romântico, apenas algo que eu não podia nomear, nem tampouco explicar — Se trabalharmos juntos, tenho certeza que tudo vai se resolver ainda melhor.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu, ahn... Concordo com você. Não sobre ajudar as pessoas ser uma baboseira, mas... Quando você vê tanta coisa ruim acontecer a sua volta, você começa a procurar por alguma coisa boa. A querer *ser* a mudança boa a sua volta. E eu já vi milhares de corpos caindo mortos a minha volta. Seja por bombas ou por magia — inclinei ligeiramente o rosto para minha direita — É tão errado assim querer que tudo seja diferente dessa vez?

Sumário

Parte 3 — Cave um pouco mais fundo

Quanto mais você me ignora, mais perto eu fico

Eu posso fazer as situações se inverterm

Já não posso esquecer-te

Arrancar-te de mim

Afoga-me olhar-te; pensar em você

Sal da minha pele

Nem que você fosse o último homem na terra

Você é uma criação louca

Espero que não se sinta solitário sem mim

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 3

Cave um pouco mais
fundo [\[33\]](#)

Quanto mais você me
ignora, mais perto eu
fico^[34]

JULIETTE

Estranhamente cedo na quarta-feira, Rafael estava a minha porta. Ele estava sério, usando roupa social e sua expressão usual de poucos amigos. Eu, que estivera dormindo e tinha me levantado apressada, colocara um robe de seda por cima de minhas roupas de dormir, que há anos eram somente um top e um short preto colado, que parecia-se mais com uma calcinha, mas era confortável.

Rafael tinha uma expressão surpresa no rosto, tanto que quando me viu, não disse nada por longos momentos, apenas me olhou de modo confuso enquanto eu segurava as lapelas do robe aberto com a mão direita e a porta aberta com a esquerda: —

NACIONAIS - ACHERON

Algun problema? — perguntei, estreitando os olhos quando ele não falou nada.

— Não, eu... — Rafael deu um passo para trás e empertigou os ombros, ajeitando seu paletó como que de modo automático para transmitir seriedade — Na verdade, sim — ele tinha uma bolsa a tiracolo em seu ombro direito e ajeitou-a antes de, *sensualmente*, morder o lábio inferior e deslizar a língua entre seus lábios de um modo que, estranhamente, fez com que eu o ficasse olhando; acompanhando cada movimento mínimo que ele fazia e até como sua boca se movia enquanto ele falava: — Posso entrar e falar com você? Não vai levar mais que cinco minutos, eu prometo.

— Claro — ergui as sobrancelhas e, abrindo mais a porta, saí do caminho, convidando-o silenciosamente a entrar — Aconteceu alguma coisa? — fechei a porta e me virei. Rafael passou pela cozinha e parou detrás do sofá, virando-se para mim, que consertei meu robe e tentei dar um nó nele. Inutilmente, pois a seda era delicada demais e caía pelos meus ombros, de modo que continuei segurando-o pelas lapelas na altura do peito, de modo mais comportado possível.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu sei que... Temos as nossas desavenças, principalmente agora, mas... Eu queria falar com alguém e, de toda a minha família, você me pareceu a pessoa mais adequada — parada diante dele, inclinei a cabeça e coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, com o cenho franzido pela falta de entendimento em *falar e família*. Principalmente na parte da família.

— *Família?* Achei que você me odiasse eternamente. Que cravaria uma estaca no meu coração na primeira oportunidade...

— Não seja dramática, eu estou falando sério — ele suspirou, como se estivesse cansado, e ergui o queixo, empertiguei os ombros e tentei parecer séria, dando a entender que estava escutando, fosse o que fosse que ele quisesse falar — Eu tenho pensado sobre tudo isso que aconteceu, tão de repente... — Rafael parecia hesitante de um jeito que ele não era e incentivei-o com o olhar a continuar.

— E, o quê?

— E eu posso *quase* afirmar que essa caçadora não saiu de onde quer que seja sozinha. Que tem mais por trás dessa aparição do que estamos vendo.

NACIONAIS - ACHERON

Porque, por que diabos alguém tentaria nos matar assim, do nada? Já se passou muito tempo desde tudo o que aconteceu, seria mais natural se houvesse uma retaliação imediata se isso tivesse partido de algum bruxo...

— Mas você mesmo disse que ela é jovem, uma adolescente — enfatizei, involuntariamente erguendo meus ombros, apenas um pouco — Talvez ela esteja... Buscando vingança?! — busquei em seu olhar a confirmação de que ele concordava comigo, mas recebi mais hesitação e desconfiança de volta; junto a seu olhar, que foi para o chão enquanto Rafael erguia o braço direito até o queixo, apoiando o cotovelo no antebraço esquerdo, pensativo.

— Você acha que... — seu olhar encontrou o meu, como se tivéssemos o mesmo *insight* simultaneamente. Estava tão concentrada em meu senso investigativo, em seu olhar e no raciocínio que estávamos tendo, como se pudéssemos compartilhar nossos pensamentos, que soltei meu robe e joguei meus ombros para trás.

— Que ela tem mais motivos do que estamos vendo até agora? Sim. Se eu acho que devemos

NACIONAIS - ACHERON

investigar isso a fundo para descobrir absolutamente *tudo* o que pudermos sobre essa tal de *Esme*? — inclinei o rosto para a direita, estreitando os olhos — Não sei mais o que estamos fazendo parados aqui.

— Mas eu li a ficha dela, eu te disse — mesmo enquanto falava, Rafael não parecia confiar completamente em suas próprias palavras; ele sabia tanto quanto eu que havia mais do que estávamos vendo — Não tem nada. Ela vivia em um lar de adoção em Nova Orleans e depois desapareceu.

— Lar de adoção? — engoli em seco — Você não tinha me dito que ela vivia em um lar de adoção — franzi os lábios — Você sabe o nome desse lugar? — ele mordeu o nó do polegar, olhando para o chão com se buscasse aquela informação em sua mente por alguns segundos.

— *La Maison des roses*^[35] — balancei a cabeça sorrindo diante da coincidência.

— Bem francês, como Nova Orleans deve ser.

— O que foi? — daquela vez foi Rafael a buscar meu olhar.

— Eu conheço esse lugar — fitei seu rosto tomado pela intriga — É o mesmo lar onde Harriet
NACIONAIS - ACHERON

vivia antes de Joseph e eu a adotarmos — apoiei as mãos na cintura, pensativa.

— Você acha que podem ter alguma informação?

Fitando o chão, avaliei sua questão por meio minuto: — Dificilmente — o problema era que não tínhamos nenhuma pista, nenhum lugar por onde começar a procurar. Ela sabia tudo sobre nós e mal sabíamos seu nome.

Precisávamos de vantagem, em qualquer lugar onde pudéssemos obtê-la. Com isso em mente, suspirei, falando contra meus próprios pensamentos, contrariando-me: — Mas não temos nada — expirei pesadamente — Eles não dão nomes às crianças, mas é provável que mantenham alguma ficha, ou algo do tipo.

— Não tem como sabermos quem ela foi antes de ser adotada e se tornar Esme Cassidy — ele concluiu rapidamente e checkou seu relógio — Eu gostaria de continuar essa conversa, mas eu...

— Você está atrasado, eu entendi... — interrompi o que estava pensando em dizer ao ver Cedrico surgir no corredor. Meus olhos voltaram-se automaticamente para os seus, assim como os de Rafael, que ergueu o queixo como se quisesse ter o

NACIONAIS - ACHERON

poder de teletransporte.

— Tudo bem?— ele não parecia querer se intrometer, só parecia genuinamente preocupado com o fato de Rafael e eu estarmos nos matando, mal acreditando quando nos viu tão... *Civilizados*.

— Claro — arqueei os ombros involuntariamente, tendo dito aquilo de forma espontânea, pressionando os lábios um contra o outro — Tudo certo. Falamos-nos depois — falei a Rafael, que acenou e saiu. Assim que a porta se fechou, caminhei na direção de Cedrico, que ainda estava parado na entrada do corredor.

— Quer fazer uma coisa legal comigo? — ofereci-lhe um sorriso que o fez estreitar os olhos.

— Como o quê?

— Como... Hackear coisas ilegalmente — vi em seu olhar que ele concordava, mesmo sem dizer uma palavra — Eu vou trocar de roupa e te explico.

— Eu peguei férias do FBI — Rafael entrou em meu apartamento no fim da tarde, enquanto Cedrico e eu fazíamos a nossa pesquisa no chão da sala, em torno da mesa de centro, com uma

NACIONAIS - ACHERON

impressora recém-adquirida que imprimia tudo quanto é tipo de informação. A maioria irrelevante.

Ergui os olhos e parei de digitar ao vê-lo.

— Se desfazendo da sua vida perfeita aos poucos, Rafael? — vi-me obrigada a fazer alguma piada que o ofendesse ou ao menos que o fizesse retorcer seu belo rosto com ódio para que eu continuasse minha tarefa que, no fim de tudo, não me rendeu nada.

— É, estou — por mais incrível que pudesse parecer, tudo que eu achava saber por ele estava terrivelmente errado. Ele não se irritou, apenas deu a volta no sofá e parou atrás de mim, vendo o que eu fazia. Letras verdes chamativas subiam pela tela preta do meu computador incrivelmente rápido enquanto eu digitava ainda mais rápido — Em que pé estão?

— No começo do caminho para lugar nenhum — Cedrico respondeu, lendo um dos documentos que eu tinha acabado de imprimir — Juliette, pare de imprimir essas coisas — ele abaixou o braço e me olhou por cima do notebook, ao que anuí, nem um pouco convencida; eu sabia que ia achar alguma coisa se procurasse o suficiente — Não tem nada de NACIONAIS - ACHERON

útil em nenhum desses papéis.

— Desculpe. Força do hábito — parei o que estava fazendo e ergui o olhar para Rafael, que estava ao meu lado naquele momento — Não quer ajudar na nossa pesquisa?

— O que eu posso fazer? — retorci os lábios, pensativa.

— Que tal... — inclinei-me para pegar a caneca vazia sobre a mesa de centro e erguer o braço — Café fresco? — estreitei os olhos.

— Estou falando sério — ele recusou minha oferta e deixei a caneca onde estava antes, ao que ele deu dois passos e se sentou no sofá onde Cedrico tinha as costas apoiadas, lendo a pilha de nada disposta naqueles papéis. Rafael inclinou-se para frente com uma expressão séria no rosto, unindo as mãos — Descobriu alguma coisa sobre o tal lar de adoção em Nova Orleans? Talvez mantenham mesmo os dados...

— Nadinha. A única bruxa que eu conheço não vai com a minha cara, então acho que... Nada — expirei de modo dramático.

— Bem, então acho que esse é o momento em que arrumamos as nossas malas e vamos até lá em NACIONAIS - ACHERON

busca de informações. Eu posso usar minhas credenciais para consegui-las e, em um último caso... Você compele os funcionários.

— Está mesmo sugerindo isso? — ergui as sobrancelhas.

Com todas as minhas *piadinhas de mal gosto*, Rafael finalmente parecia estar se irritando e me surpreendeu. Imediatamente, me imaginei em um carro com ele durante onze horas até Nova Orleans; não tinha certeza se surpresa era um sentimento ou apenas uma reação, mas foi como me senti naquele momento, pois parei e olhei-o com a sobrancelha esquerda arqueada: — Quero dizer, é perigoso... — para não começar a parecer estranho, fechei o notebook e coloquei-me de pé ao apoiar a mão direita sobre ele; mais uma desculpa para tirar os olhos dele, na verdade — Eu posso ir sozinha.

— Juliette, escuta — parecia que quanto mais eu tentava olhar na direção oposta, mais ele me atraía de volta para ele. E, como não podia falar com ele olhando para o lindo piso caro daquele belo apartamento, apoiei ambas as mãos na cintura, com os polegares para frente em uma expressão esquisita e encarei-o: — Você está acostumada a NACIONAIS - ACHERON

querer bancar a heroína, salvar o mundo sozinha... Mas é perigoso e eu vou também.

— Não precisa, eu... — fiquei tão nervosa que ele provavelmente não me interrompeu e, sim, prosseguiu por não entender absolutamente nada do que eu tinha dito com meu sotaque carregado: — Você precisa pensar na Harriet — uma ferida aberta.

Claro que eu tinha que pensar na Harriet. *Harriet* era a *minha* filha e, naquele momento, senti como se ela estivesse sendo usada para me convencer a algo que eu, claramente, não queria: — Eu sei que... — respirei fundo para falar um pouco mais *americano*.

— Eu te dou cobertura, tente não morrer — ele falou entre dentes e saiu do meu campo de visão.

Comecei a roer as unhas, uma atitude demasiada estranha para alguém sem humanidade, mas talvez eu não fosse completamente imune àqueles olhos verde-musgo como queria ser. Saíra da sala para poder de um lado para o outro dentro do meu quarto, ansiosa por... Alguma coisa. Qualquer

NACIONAIS - ACHERON

coisa.

Outro provável sintoma de que minha nada bem-vinda humanidade poderia *voltar* como um virar de um indesejado botão de olhos verdes e cabelo ruivo. Mas eu nem ao menos *gostava* dele com aquele jeito arrogante e “*Olhe para mim, eu sou o Todo Poderoso*”, por que estava tão afetada? Em cinco minutos, ouvindo a conversa dele com Cedrico na sala, sem poder evitar, retornei à sala.

Rafael levava a sério a coisa sobre o café, pois parecia confortável em minha cozinha e parei na saída do corredor, imaginando que ele realmente deveria ficar ali, com o mesmo sorriso espontâneo que tinha enquanto conversava com o irmão e tentava decifrar como usar os botões da cafeteira. Mas só porque não tinha me visto, porque seus olhos estavam baixo e concentrados na tarefa.

De repente, ele ficou sério e repuxou os lábios como se estivesse irritado por não conseguir entender as funções de uma coisa tão simples como uma máquina de café. Mas sua seriedade era devido a sua conversa com Cedrico, a qual eu nem prestava atenção; fiquei ali, o encarando por longos segundos, atemporais a seu modo: — Eu sinto

NACIONAIS - ACHERON

muito, gostaria de tê-la conhecido... — ele expirou e relaxou o rosto tenso — Renée me falou muito sobre ela, mas eu não...

Só então, ele me viu. Seus olhos se estreitaram de modo mínimo, como se me interrogasse com o olhar, perguntasse o que diabos eu estava fazendo parada ali. Assim, limpei a garganta e caminhei na direção dos dois; Cedrico estava do meu lado da bancada e Rafael apertou um botão mágico que fez a máquina de café funcionar e ele poder voltar-se para mim.

Parei ao lado de Cedrico: — Acho que Cedrico deveria vir comigo. Seria... — engoli em seco e voltei a minha postura invulnerável ao empertigar os ombros e erguer o queixo — Melhor — coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha, ciente de que ele olhava muito para o meu cabelo desde que entrara, como se quisesse se acostumar a me ver *quase-loira*, mas me olhava de modo pragmático naquele momento: — Vamos ser sinceros um com o outro: você não me suporta, até deixou isso claro no motel, então podemos tornar as coisas mais fáceis...

— Nada disso é fácil para nenhum de nós,
NACIONAIS - ACHERON

Juliette — ele me interrompeu de forma abrupta, com o tom duro, cortante, mas que não permiti que me abalasse; não daria mais forças para alimentar aquele pequeno monstinho dentro de mim.

E nem fora.

— Eu preferia estar na minha casa nesse momento, cuidando da minha vida, não planejando uma viagem de férias com minha *madrasta* para o quinto dos infernos. Acredite, não quero estar com você tanto quanto você não quer estar comigo. Mas não sejamos idiotas — engoli em seco.

Queria bater o pé e berrar alguma coisa como uma menina mimada, mas consegui distinguir as coisas que se passavam pelos meus pensamentos da pequena pontinha de ansiedade, que diminuiu até se tornar nada dentro de mim apenas com cinco segundos daquela conversa.

Infelizmente, ele estava certo e eu sabia. Pensando racionalmente, *eu sabia*.

— Eu faria isso, mas... Não concordo com vocês — Cedrico finalmente manifestou seus pensamentos sobre aquela loucura e me virei para ele com os braços cruzados na altura do peito. Estava muito mais interessada no que ele teria a

NACIONAIS - ACHERON

dizer do que sustentar o olhar animalesco de Rafael e permitir que ele aquecesse aquela chama da humanidade dentro de mim.

— Ótimo — expirei sonoramente — O que você acha? — ficou claro que a interferência dele na troca de olhares entre Rafael e eu tinha sido um baita alívio para mim; mas só se alívio não fosse um sentimento, pois os meus estavam bem trancados dentro de mim e eu não os deixaria sair.

— Que... — ele olhou para o irmão ao seu lado, separada apenas pelo balcão, e para mim, a sua frente — Ir até Nova Orleans é se atirar na cova dos leões sem nem ao menos saber com que tipo de leões estamos lidando. Eu odeio dizer isso, mas somos mais fortes juntos; somos fracos separados — ele me olhou de modo profundo, como se na intenção se me provocar reações ou os temíveis *sentimentos* — e *você sabe* disso.

— Mas não podemos ficar de braços cruzados, esperando pelo ataque.

— O melhor ataque é a defesa — concordei indiretamente com Rafael, sem tirar os olhos de Cedrico.

— Mas se for para ir até lá — Cedrico
NACIONAIS - ACHERON

prosseguiu, em tom quase fúnebre — Vocês dois são a minha melhor escolha — fez menção em falar ao abrir a boca — Escute... Vocês são bem treinados pelo Governo, e eu não pratico magia. Tudo que eu poderia fazer seria remendá-la, caso necessário.

— Vocês parecem uma conspiração. O que há de errado com vocês? — dei alguns passos para trás e meus braços caíram ao lado do meu corpo.

— Juliette...

— Ótimo! Nós vamos para Nova Orleans! — assim, para não me provocar mais resquícios sentimentais, saí dali.

Irritada não era a palavra, pois eu ainda não tinha sentimentos; se os tivesse, já teria surtado completamente, ao menos tinha ciência do quão ferrada eu estava, ainda podia pensar claramente sem todos eles para me atrapalhar, para minarem meu discernimento naquele momento crucial. Afinal, o que eu faria depois?

Comecei a pensar sobre isso de modo claro enquanto tomava um banho longo, permitindo que

NACIONAIS - ACHERON

a água quente caísse pelos meus cabelos e todo o meu corpo de frente; o jato atingia o meu rosto enquanto eu refletia. Em algum momento, se eu não morresse no processo, claro, eu teria que religá-los, nem que fosse por Harrie. Não poderia viver nada real ou minimamente *normal* daquele jeito, sabia daquilo. Sabia que tinha que me importar pelo simples fato de ela ser a minha filha, mas não era boba.

Estava bom me enganar, porque depois de toda a dor que eu senti ao perder Joseph, tudo aquilo veio subsequente e naturalmente como uma anestesia para o meu corpo e mente cansados. No entanto, teria que lidar com aquilo depois, em algum outro momento; talvez em anos. Não sabia dizer, de fato, e não estava pronta para um experimento tão cedo. Não até resolvermos aquela situação.

Enquanto secava meu rosto e cabelos no banheiro, calculei a ameaça que Rafael representava para minha tranquilidade, minha paz de espírito deturpada, fosse como fosse. Queria ficar longe, queria ignorá-lo e mantê-lo em um canto isolado e inacessível da minha existência imortal e sem sentido, mas parecia que ele só ficava

NACIONAIS - ACHERON

mais próximos. E agora, uma viagem. Só eu e ele.

Será que se eu falasse com Lauren, ela podia tirar aquela ideia da cabeça e me deixar ir sozinha? Ou ir comigo, afinal, a mulherzinha dele era a Pequena Sereia versão melhorada.

Enrolei-me na toalha enquanto bolava um plano para fazer Rafael mudar de ideia ou para mudar aquela situação. Infernos! Estava tudo contra mim. Mas eu conseguiria mudar aquilo com um pouco da boa e velha astúcia dos Hohenfels.

Talvez minha herança genética maligna viesse a ter uma serventia no fim das contas.

Eu posso fazer as situações se inverterem^[36]

Pus uma roupa que poderia até dizer que eu era uma senhora de respeito, mas nada que escapasse às expectativas. Só botas, calça preta que fazia minhas pernas parecerem, de algum modo sobrenatural, mais finas, e blusa preta de mangas por debaixo da minha jaqueta da mesma cor, que deixei aberta para não passar a imagem de integrante da CIA batendo a sua porta no meio de uma operação.

Rafael saiu do apartamento e disse, de forma vaga e fria, que resolveria algumas coisas antes de vermos *nossa viagem*. Assim, pude subir e ir falar com Lauren, que estava em casa. Aliás, precisava descobrir com o que ela trabalhava quando não

estava seduzindo homens para o fundo do mar; enquanto bancava a boa esposa de um bruxo maluco.

Minha oferta de paz foi um *latte* de uma carrocinha naquela mesma rua. Como Lauren era sempre a mais entusiasmada e aberta àquele tipo de conversa, ela rapidamente me convidou a entrar e, ainda bem, os Hamilton pegajosos não estavam lá. Nenhum deles.

Por um segundo, enquanto entrava em seu apartamento e ela fechava a porta atrás de mim, indaguei-me se ela não sentiria ao menos um pouquinho de ciúme dele, mesmo com toda aquela autoconfiança de sereia. Ver o marido passar grande parte do tempo com a ex não era uma coisa que *eu* acharia legal e aplaudiria, se fosse comigo. Mas Lauren era um ser ininteligível, ilegível. Com minha autodeterminação, já tinha desistido de tentar entendê-la: — Fico feliz que tenha vindo aqui, eu... — ela pegou o *latte* que lhe estender ao chegar em mim por trás — Obrigada.

— Você... — ela caminhou até a sala na minha frente enquanto eu segurava meu próprio *latte* e notava o ambiente a minha volta. Era exatamente

NACIONAIS - ACHERON

igual ao *meu*, provisoriamente meu, apartamento, mas era de se esperar que ele tivesse mudado algo para tornar o lugar mais seu, assim como Lauren, mas não tinha nenhum toque de personalidade ou algo que tornasse aquele lugar um *lar*.

— Tudo bem? Você parece tensa — ela me convidou para que eu me sentasse ao seu lado no sofá e dei de ombros antes de me acomodar perto dela, mas longe o suficiente para avaliá-la — É que não tivemos a chance de nos falar em meio a tudo isso. E eu queria desfazer a primeira impressão que causei naquele motel — ela balançou a cabeça de modo sutil, como se se autorreprovasse.

— Está tudo bem. Eu vim falar sobre Rafael, na verdade — ela estava sendo educada demais, mas fui direto ao assunto, fitando-a, esperando por uma alteração de humor que não chegou; ela se limitou a erguer as sobrancelhas e abaixou o copo de café, pousando-o em sua coxa.

Lauren usava, aliás, um belo vestido branco de verão; ligeiramente rodado e que ia até o meio das suas coxas: — Algum problema?

— Não, é que... — limpei a garganta, calculando tudo com precisão — Ele deve ter falado sobre
NACIONAIS - ACHERON

Nova Orleans — minha expiração foi quase imperceptível, assim como a diminuição no meu tom de voz, mas ambas estavam lá. Como se Nova Orleans fosse um segredo a ser mantido.

— Ele falou — ela ergueu as sobrancelhas, parecendo não saber onde eu queria chegar, mas com a expressão que indicava que queria muito entender meu ponto. Só então respirei e tomei um gole do meu *latte* — Está tudo bem?

— Eu acho que ele não deve ir — abaixei o copo e falei de uma vez, em tom dramático. Eu podia ser uma boa atriz com toda aquela preocupação fingida; ou não tão fingida como eu pensava ser naquele momento — É perigoso, nenhum de nós sabe o que vai encontrar lá e acho que ele deveria ficar.

— E deixá-la ir sozinha? — Lauren retorceu os lábios suavemente, falando como se aquilo fosse uma loucura.

— Lauren... Pode parecer que eu cheguei na vida de vocês para destruir a sua rotina — de novo, o drama — e que eu não me importo... Mas, por mais que queira salvar o dia, Rafael é humano. Já eu, posso me curar.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu não vou falar com ele — ela parecia ter entendido meu objetivo desde que eu entrara ali, antes mesmo de dizer uma palavra, mas só estava brincando com as palavras, com as perguntas vagas e a tenra ingenuidade — Porque *concordo* com ele. Você faz parte da família, então não podemos deixá-la se atirar na toca dos lobos como se fosse a isca — ela deu uma risada, sarcástica e até mesmo nervosa, em parte — Deus sabe o que pode haver lá.

— Então você não se importa com o seu marido? — joguei sujo, mas ela não se abalou.

— Claro que me importo, senão, não estaria casada com ele — Lauren falou de modo claro, natural — Mas se Rafael a vê como parte da família, isso não é tão ruim, é? — por um momento, não soube responder, vi-me paralisada. Não sabia se ela estava do mesmo homem com quem eu discutira pouco antes, ou todas as vezes em que tínhamos discutido antes.

Ou se falava de um homem que se importava com sua família e se todos estavam bem e seguros.

— Não acho que estamos falando da mesma pessoa — ergui o queixo, abandonando minha
NACIONAIS - ACHERON

expressão reflexiva — Isso não tem a ver com *família* já que Rafael não me considera como parte dela, então...

— Eu entendo — Lauren me interrompeu suavemente e inclinou-se rapidamente para deixar seu *latte* sobre a mesa de centro, voltando-se para mim com um sorriso calmo, um tanto débil — O que você e Joseph tinham era... *Especial* e você não quer deturpar isso *imaginando* coisas... Mas Rafael *se importa* com você — ela manteve meu olhar com uma pausa sinistra, erguendo o queixo com leveza — E se você está aqui é porque sente o mesmo com relação a ele.

— Ah, espera — dei um sorriso involuntário, tenso, irônico, até, mas sem deixá-lo afetar minhas palavras: — Você está mesmo me dizendo tudo isso sem se importar? — ergui as sobrancelhas e ela não disse não falou nada durante um segundo — *Lauren?* Estamos falando do *seu* marido, não de um amigo.

— Eu sei melhor do que você o que Rafael e eu somos — deliberadamente, ela se levantou, incentivando-me a fazer o mesmo — Agora, se não tiver mais nada a dizer... — ela gesticulou na

NACIONAIS - ACHERON

direção da porta e ergui-me lentamente. Mantendo meu olhar de modo brusco, ela pronunciou lentamente, para me fazer entender de uma vez por todas: — *Eu tenho mais o que fazer, Juliette.*

Depois de Lauren ter me expulsado de sua casa, decidi que ir logo naquela droga de viagem seria a melhor opção. Não podia simplesmente não ir, pois precisávamos saber mais sobre a tal Esme, mas a verdade é que no meio daquilo tudo, a maior luta acontecia dentro de mim e era muito mais cruel e mortal, avassaladora, do que se fosse travada com estacas, alho e água benta.

Cedrico também decidiu não falar comigo pelo resto do dia, então fiquei dentro do quarto, deitada com os olhos e a atenção voltadas para o teto. Liguei para Harrie no meio da tarde e conversamos por muito tempo, quase uma hora. Ela estava preocupada e acabou me deixando mais pensativa do que já estava sobre o futuro; sobre o futuro dela, sobre o que iria fazer quando aquilo finalmente acabasse. Principalmente sobre minha humanidade; ouvir a voz de Harriet me fez pensar mais.

Podia não ter humanidade, mas aquilo não

NACIONAIS - ACHERON

significava que eu tinha perdido o juízo, sairia matando para me alimentar. Tinha decidido desde o início que manteria as aparências para que *eu* não me tornasse o assunto da vez. Precisava de tempo, só isso.

Ou era o que eu tentava me convencer.

Enquanto isso, eu fingia.

Já não posso esquecer- te^[37]

Funguei de movo audível e incomodo e inclinei a cabeça para o lado, para encostá-la ao vidro e ver a paisagem passar a nossa volta, expressando, silenciosamente, meu descontentamento com aquela situação.

Agradei mentalmente por Rafael não ser do tipo que puxava assunto quando tudo se tornava silencioso, pois ele não falou nada durante duas horas. Nem uma única palavra. Apenas dirigiu e me olhou algumas vezes; todas do modo mais sutil possível. Já no início da noite, quando o céu começou a ser tingido de negro e eu não fazia a menor ideia de onde estávamos em meio aquela estrada sem fim, com a cabeça na mesma posição por horas para evitar o homem ao meu lado, surpreendi-me pelo seu tom sensual, ligeiramente

rouco, um tanto abrupto: — Por que você quis vir tão rápido? — virei a cabeça lentamente e fitei-o por um momento, um tanto sonolenta. Tinha realmente sido pega de surpresa; depois de todo aquele gelo e silêncio sepulcral, achei que fosse continuar daquele jeito pelas próximas sete horas, talvez mais.

— Como é? — balancei a cabeça para me livrar da letargia.

— Você me entendeu — seu tom foi um tanto brusco, mas não intencionalmente cruel ou rude, no intuito de me *magoar*. Ele não me olhava, talvez para evitar seus sentimentos assim como eu, desviando o olhar para a estrada parcialmente escurecida — Poderíamos ter deixado para fazer isso amanhã ou depois... Mas você escolheu vir logo para *perder* o funeral. Intencionalmente. Por quê?

Limpei a garganta. Suas palavras duras, mas cheias de significado, faladas carregadas de certa emoção, mexendo com algo dentro de mim. De novo, pude distinguir que não eram sentimentos, mas as lembranças eram igualmente duras de se suportar; *pensar* de Joseph era difícil mesmo sem

NACIONAIS - ACHERON

humanidade. Só de lembrar de tudo o que tínhamos passado juntos, elas queriam vir a superfície para me fazer sofrer mais. Como se nunca fosse o suficiente.

— Eu não quero falar nisso — virei o rosto novamente para a janela e engoli em seco.

Você tem tudo sob controle, Juliette, falei a mim mesma e fechei os olhos por um momento.

— Por quê não, Juliette? — seu tom foi mais incisivo, provocativo.

— Isso não é da sua conta — virei-me para ele de modo repentino e falei mais alto do que estávamos mantendo nossa cordial conversa. Aquilo, sim, o fez se virar para mim e franzir o belo cenho, me fazendo perder a concentração sob meus pensamentos — Eu já estou mal o bastante, não é o suficiente para você? Você quer mesmo continuar acertando alguém que já está caído? Pois eu não me lembrava de você sendo *tão baixo*, Rafael! *Du solltest wissen, wenn sie aufhören*^[38] — de modo completamente inconsciente, virei-me para o outro lado na tentativa de esconder dele meu rosto enquanto secava lágrimas tolas e sem significado.

— Juliette, eu... — seu tom veio carregado de
NACIONAIS - ACHERON

emoções antes contidas e controladas, mas que pareceram vir a tona contra a sua vontade — Não tive a intenção de... *Machucá-la*.

Funquei e me virei para ele, erguendo o queixo, permitindo que ele visse minha expressão sôfrega e meus olhos chorosos: — É mesmo? Porque é o melhor que você têm feito nos últimos dias — fiz o melhor que pude para enxugar o rosto com as costas das mãos, com algo semelhante a raiva; ele ficou me olhando, completamente desprendido do mundo a sua volta.

Parecia mesmo arrependido pelas suas palavras inicialmente provocativas: — E é melhor prestar atenção na estrada antes que mate a nós dois.

Saber que ele sentia muito não queria dizer que eu facilitaria nada. Ao contrário.

Assim como desejar que a Louisiana ficasse ao lado da Carolina do Norte não significava que ficaria, de fato. A relativa distância nos obrigou a parar em um motel em uma cidade pequena. Não se parecia muito com um motel, pois era menor, administrado por uma família e transmitia a sensação de lar e aconchego.

NACIONAIS - ACHERON

— O jovem casal pode ficar nesse quarto... — a senhora idosa e simpática guiou-nos até um dos quartos com um amplo sorriso.

— Não somos um casal, senhora — ela se virou na porta ao abri-la quando falei, meu sotaque soando carregado. Rafael parecia tenso ao meu lado e apertei a alça da minha mochila, o que ele já fazia com sua bolsa de mão, com tanta força que não duvidava que ele pudesse desfazê-la com um pouco mais de pressão.

Seu maxilar rígido denunciava sua tensão e seu pensamento sobrecarregado. A mulher passou os olhos por ele, como se apreciasse sua beleza, antes de se voltar para mim, deixando a porta entreaberta. Estávamos em uma espécie de corredor extenso e coberto, sob a fria noite sulista: — Nós damos um jeito — Rafael falou, finalmente, ligeiramente irritado.

A senhora manteve seu olhar por um momento e ele pegou a carteira ao mesmo tempo em que eu o fiz. Aquilo fez com que ele me fuzilasse com o olhar, como se quisesse dizer “*Guarde isso ou eu não respondo por mim*”, mas não podia por conta da pobre idosa que estava entre nós e nossos

NACIONAIS - ACHERON

olhares reprovadores; cada um a sua maneira.

— Guarde isso, Juliette — seu tom foi emocionalmente distante, mas eu não ia voltar atas. Apenas ajeitei a mochila no ombro esquerdo e abri a carteira enquanto ele já pegava algumas notas na sua.

Eu não era rica trabalhando para a CIA, mas vivera confortavelmente durante todo aquele tempo, sem nunca depender da fortuna deixada pelo meu avô. Contudo, daquela vez, aceitei uma pequena *ajudinha* do meu pai junto ao apartamento para que eu pudesse me manter e se tivesse qualquer eventual gasto. *Ajudinha* para Jon foi depositar dez milhões em uma conta. Dei dois a Dahlia para cuidar de Harriet e qualquer causa eventual, mesmo ela insistindo veementemente que não precisava; já estava ausente o suficiente para deixar minha garotinha sem um rublo^[39] sequer.

Quando aquela coisa toda de Nova Orleans surgiu, peguei uns *trocados* no banco chique, onde eu tinha uma conta e nem sabia, por isso, eu tinha dinheiro o suficiente para comprar aquele motel, se quisesse.

— Guarde isso *você* — com um sorriso doce,
NACIONAIS - ACHERON

coloquei cinco notas de cem nas mãos gordinhas e fofas da idosa e sorri, deixando Rafael com cara de idiota, o que me deixou melhor comigo mesma.

A mulher entendeu que deveria nos deixar sozinhos e assim o fez, após me entregar a chave do quarto. Entramos sem delongas.

Havia uma cama de casal enorme, enorme *mesmo*, com um edredom florido e até fora de moda, mas aparentemente quente. A cama ficava do lado direito da porta, que por sua vez, ficava já no canto esquerdo do quarto. Havia papel de parede com uma harmonia familiar, escuro e com flores vivazes; uma televisão ficava de frente para a cama e havia um controle sobre a cama. Na direção da porta, na diagonal, ficava o banheiro. Era espaçoso e me deu uma ótima impressão de que eu poderia me jogar naquela cama fofa e viver lá para sempre.

Mas Rafael bateu a porta para me arrancar dos meus pensamentos coloridos de modo repentino. Ele jogou sua bolsa na cama e tirou a jaqueta de couro marrom, exibindo uma camisa azul-clara cuidadosamente passada, mesmo que com amassados leves por conta da viagem, que só o fazia parecer mais... Lindo? Sensual?

NACIONAIS - ACHERON

Irresistível?

Vi-me parada ao lado da porta, fitando-o de costas enquanto seus músculos se contraíam durante seus movimentos pragmáticos e agressivos, porém controlados. Ele parecia estar sempre, como se tentasse dominar um demônio dentro de si e falhasse todas as vezes, todas as horas de todos os seus dias. Mordi o lábio e olhei-o de cima a baixo, lenta e precisamente, atentando-me às partes certas pelo tempo perfeito.

Rafael desabotoou os punhos da camisa de modo impaciente, mas sem frivolidades. Parecia concentrado em sua tarefa, com o rosto ligeiramente inclinado, parcialmente voltado para mim, permitindo-me ver seus cabelos curtos e claro, sua barba por fazer pouco perceptível e sua boca comprimida em uma linha irada e impaciente.

Ele se virou de modo repentino e tratei de me recompor o mais rápido que pude e fingir que não o estivera observando pelo último minuto. Ou minutos. Simples, porém inexplicavelmente, perdera a noção do tempo enquanto o fazia, o que já era loucura o suficiente para minha cabecinha pirada. Acendia o sinal vermelho que dizia que

NACIONAIS - ACHERON

aquele era o momento de dar alguns passos para trás, deixar que a chama dentro de mim se apagasse novamente: — Não se preocupe, não vou ficar aqui — ele falou ao avaliar meu olhar arregalado — Vou dormir no carro, só preciso de um banho.

Só que ele tinha interpretado tudo errado. Mas não falei nada. Observei-o caminhar o banheiro e consegui relaxar, sem saber o que estava acontecendo comigo. Que confusão dos diabos era aquela. Deixei minha mochila na cama, ao lado de sua bolsa, algo que era exatamente a sua cara: parecia caber tudo o que ele precisava, compactava e de couro marrom e estiloso.

Pare de pensar nisso, ordenei-me enquanto tirava minha jaqueta e sentava na borda da cama. A verdade era que eu estava verdadeiramente cansada; não me alimentar diariamente fazia com que eu me sentisse daquele modo, assim, esperando Rafael terminar seu banho, deitei-me de meia e acabei pegando o ursinho que Harrie tinha deixado comigo. *Para me fazer companhia*, foram as palavras da minha filha.

Deitei-me em posição fetal, toda encolhida, porém descoberta, e relaxei profundamente com o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ursinho apertado contra meu peito.

NACIONAIS - ACHERON

Arrancar-te de mim^[40]

RAFAEL

Putá merda!, foi a primeira coisa que me passou pela cabeça quando saí do banheiro minúsculo, ainda quente pelos vapores d'água, enxugando o cabelo.

Autocontrole era uma palavra difícil para um cômodo tão pequeno. Sair do banheiro e encontrá-la *daquele jeito* ainda por cima, soou-me quase um convite. Larguei a toalha molhada sobre o mármore claro ao lado da pia do banheiro e, descalço, caminhei lentamente até a cama.

Só vê-la tornava difícil lembrar de que ela a mulher do meu pai, *falecido* pai, mas mesmo assim. Vê-la adormecida tornava difícil para mim lembrar do meu próprio nome. Lentamente, fui até a cama e parei ao lado dela, fitando seu rosto em paz; seus braços magros segurando um ursinho como se fosse uma criança.

NACIONAIS - ACHERON

Não queria pensar em Juliette quando ela retornara a minha vida. Não queria fazer parte de nada daquilo, mas agora que pensava nela, que a tinha diante de mim, não queria fazer outra coisa para o resto da minha vida que não fosse observá-la. Talvez eu tivesse sido idiota ao pensar que, depois de tanto tempo, vê-la não fosse provocar nada em mim, que todos os sentimentos estavam mortos e enterrados há tanto tempo quanto eu seguira em frente com a minha vida.

Aquela droga parecia automática, pois me inclinei contra a minha vontade para pegar um cobertor de lã azul-escuro que estava ao lado dela e cobrir seu corpo pequeno e dobrado, como se alguma dor a acometesse. O que tornava ainda mais difícil não pensar no que ela tinha dito mais cedo, no carro.

Odiava aquilo, que ela significasse tanto, mas o pensamento de machucá-la me perturbava por dentro de modo corrosivo. Meus pensamentos estavam concentrados em uma coisa só quando me inclinei, agachei ao lado da cama e cobri-a até a altura dos ombros.

Odiava, sobretudo, amá-la. Amá-la de um jeito descontrolado, irracional. Odiava o fato de que

NACIONAIS - ACHERON

amá-la fosse a tormenta incessante do meu espírito e por saber que, poramá-lo tanto, não viveria em paz. E amava-a tanto que não poderia deixá-la nem por um segundo longe da segurança do meu olhar, pois perdê-la seria como perder as cores a minha volta.

E mesmo contra tudo o que tinha feito sentido para mim durante os últimos anos, eu sabia que ela era o grande amor da minha vida. Que eu nunca amaria alguém como a amava naquele momento, ao encarar sua beleza sem qualquer floreio, e que nem queria, porque amar doía e era uma dor que não queria sentir nunca mais. Por mais ninguém. Que eu daria qualquer coisa para parar de amá-la, mesmo sabendo não poder, porque amá-la e cuidar dela fora o melhor que eu fizera desde sempre.

Amá-la tornara-se um hábito do qual não conseguia me livrar.

Afoga-me olhar-te; pensar em você^[41]

JULIETTE

Pisquei de modo confuso e ergui o braço direito para esfregar o rosto, olhando a minha volta. Não sabia o que era sono de verdade há semanas e aquela era a cama mais gostosa na qual meu corpo tinha repousado. Mal abri os olhos e já me sentia pronta para qualquer coisa.

Nem lembrava como tinha dormido, só notei o cobertor de lã sobre mim. Meus lábios estavam retorcidos em um sorriso leve e me sentia bem como não me sentia há muito, muitíssimo tempo. Contudo, quando me virei para o lado, quase gritei ao ver Rafael docemente adormecido ao meu lado. Não estava me pegando nem nada, só dormia como um anjo. Muito confortável para quem dissera que dormiria no carro; ele devia ao menos ter avisado

se queria dormir abraçadinho. Fuzilei-o com o olhar, tentando permanecer imune a ele enquanto me levantava, ensaiando mentalmente minha irritação pelo seu atrevimento.

Que falta de vergonha! Se aproveitar do fato de que eu estava cansada e adormecera tão rápido para ficar ali comigo. Sabe-se lá Deus fazendo o quê a noite inteira se não fosse dormindo. Retorci os lábios e fui até o banheiro tomar um banho rápido. Em seguida, decidi que aquele cabelo todo estava atrapalhando, assim, parti-o para o lado direito e fiz uma trança lateral maior daquele lado e outra do lado esquerdo, unindo as duas atrás em um coque com pouco cabelo que sobrara e prendi-o, por fim, com um grampo. Bem melhor.

Quando finalmente saí do banheiro, Rafael se moveu lerdamente, despertando preguiçosamente e me permitindo apreciar a vista. Somente por um segundo, pois me lembrei que estava *furiosa* com ele.

— Acorda, Bela Adormecida — ele se virou para mim com os olhos semicerrados, com uma carinha sonolenta e *sexy*, como se não entendesse exatamente o que estava se passando ali e tentasse

NACIONAIS - ACHERON

assimilar. Sem muito sucesso. Fui me aproximando da cama e Rafael piscou.

— Por que está com essa cara? — ele se apoiou nos cotovelos e deslizou a mão direita pelo rosto, depois, pelos cabelos na tentativa de ajeitá-los, mas quase falei que não tentasse, que estava perfeito do jeito que estava. Ao invés disso, encarei-o com uma expressão incisiva e cruzei os braços na altura do peito.

— Deveria ter me avisado se Lauren não estava dando conta — repeti sua frase de eras antes; não achei que ele fosse se lembrar, mas serviu como referência. Ele sorriu e descobriu-se, mas não se levantou, ainda manteve os olhos nos meus.

— Isso foi sujo — depois, mais sério, ele continuou: — Desculpe. Estava cansado ontem a noite e meu carro não é mais confortável que essa cama maravilhosa — naquilo eu tinha de concordar com ele, que se jogou para trás e ficou deitado por um momento, olhos fechados. Nenhuma cama no mundo era como aquela; parecia até que eu tinha dormido em um nuvem do céu, de tão boa — Além disso... — Rafael abriu os olhos, invadindo-me de modo repentino com aquele verde-musgo, NACIONAIS - ACHERON

arrancando meu ar por um momento, nem parecendo se dar conta enquanto erguia o braço acima da cabeça: — Eu só dormi — sua voz desapareceu gradualmente e seus olhos pesados se fecharam.

Minha vontade era de cair naquela cama deliciosa e ficar lá.

Ficar lá para sempre. *Com ele.*

Mas estava bem ciente de que era melhor sairmos logo para chegarmos o quanto antes a Nova Orleans.

— Eu vou comprar café. Trate de levantar e parecer... *Apresentável.*

Aquele lugar parecia-se com um Motel Cinco Estrelas bem na beira da estrada. Eu não sabia, mas tinha até serviço de quarto, o que era *impressionante*. Sendo assim, pedi um monte de comida e voltei para o quarto com as mãos nos bolsos da jaqueta por conta do frio. Ainda eram 5h07 e havia neblina por todo o lado enquanto eu voltava para o quarto.

— Eu pedi o serviço de quarto — falei enquanto fechava a porta. O frio que fazia naquele lugar só
NACIONAIS - ACHERON

me fazia querer voltar para debaixo do cobertor.

Voltar para debaixo do cobertor com Rafael pareceu-me uma ideia mais que perfeita, mas balancei a cabeça e liberei-me rapidamente do pensamento. Sentei-me na cama deliciosa e chequei algumas mensagens. Da CIA. Com aquela loucura, eu tinha me esquecido completamente de que eu tinha que ir até Langley para devolver minha arma.

— Você teria algum problema com uma... *Mudança de rota?* — gritei sabendo que ele ouvia e me virei quando Rafael saiu do banheiro com o cenho franzido.

— Para onde? — suspirei. Eu tinha mesmo que ir até lá, mas saber mais sobre Esme era mais importante, não era? Ela estava no topo das prioridades? Porque a CIA podia achar que eu tinha até passado para o lado inimigo depois de desaparecer daquele jeito.

— Langley — pousei o celular no colo, segurando-o com ambas as mãos.

— Por que quer voltar lá? — ele se aproximou com cuidado.

— Não quero, mas a CIA está me pressionando. Acham que eu surtei — balancei a cabeça.
NACIONAIS - ACHERON

Prioridades, Juliette, prioridades — Querem minha arma e distintivo, ofereceram apoio psicológico para Harrie e eu e o escambau — ergui os ombros.

— É urgente? — ele parou a minha frente quando me virei um pouquinho para a direita.

— Eu não pediria se não fosse — fiz aquela carinha sabia que ele não resistiria e mordi o lábio — Vão me acusar de conspiração com os russos, os caras são paranoicos com essa coisa de espionagem e já tem dias que eu fiquei de ir lá. Só para provar que eu ainda sou eu. Me fizeram falar em árabe para confirmar que eu não tinha sido capturada, mas agora, preciso mesmo voltar.

— Por que a CIA é tão importante para você? — quando minha lista de pedidos terminou, ergui os olhos e notei-o por completo, vendo que ele estava de jeans, uma camisa parecida com a da noite anterior e tinha uma toalha em mãos, tendo terminado de secar aqueles cabelos que me fizeram soltar um suspiro pra lá se involuntário.

Contudo, recompus-me rapidamente.

— Bem, você tem o FBI, eu tenho a CIA. Não foi esse o modo que encontramos para seguir em frente com as nossas vidas?! — aquela não era
NACIONAIS - ACHERON

exatamente uma explicação, mas eu não tinha nada melhor para lhe oferecer naquele momento. Parecia que meus pensamentos tinham se transformado em algodão. Doce.

— Tudo bem — ele soltou um suspiro contrariado e saiu dali para colocar a toalha no banheiro.

Enquanto o fazia, o serviço de quarto chegou. E parecia ter todo o tipo de comida que eu podia querer comer. Até torta de morangos, a minha favorita. Bebi o chocolate quente enquanto via aquela bandeja enorme sobre a cama.

— Uau, que luxo. Não sei se posso pagar por tudo isso — estava contente com o bom humor de Rafael naquela manhã, pois aliviou a tensão crescente entre nós e deixou o clima leve. Ele se sentou na cama, do outro lado da bandeja. Ele pegou uma das xícaras de porcelana e bebeu o café, mantendo meu olhar de modo embaraçoso por um segundo.

— Meu pai está bancando todo o luxo — brinquei, então tratei de jogar-me para trás e me afastar do efeito que ele me causava — Aliás, onde estamos?

— Anderson, Carolina do Sul. Ou quase nela, em
NACIONAIS - ACHERON

algum lugar na estrada. Vou dar uma olhada no mapa para pegar um retorno rápido para Langley que não nos atrase demais — comecei a pensar se estar em Langley significaria ir até meu antigo lar. Concluí que não deveria, pois tal ato poderia despertar as memórias que eu estava lutando para enterrar dentro de mim e poderia despertar os assustadores *sentimentos*.

Mas algo dentro de mim, que eu não sabia exatamente o que era, queria que eu fosse lá. Como algum resquício de recordação, porque eu tinha ciência dos meus sentimentos por Joseph, mesmo não os sentindo mais. Queria ir até lá, pois, dentro de mim, sentia falta do lugar que chamara de lar por tanto tempo.

— Langley vai tomar um ou dois dias, a depender dos procedimentos da CIA.

Bebi o chocolate, sentindo falta do bom e velho sangue, lutando muito para me conter ao escutar o de Rafael pulsar na veia do seu pescoço. Abaixei a caneca e fitei-a, imaginando qual seria a sensação de afundar minhas presas nela, de saborear seu sangue, que eu sabia ser delicioso; como eletricidade pura correndo pelo meu corpo. Por

NACIONAIS - ACHERON

cada centímetro dele.

Sim, eu me lembrava com perfeição da sensação e não via a hora de experimentar de novo.

— Juliette... — Rafael pousou a xícara com café na bandeja e falou meu nome de modo cauteloso, mas não conseguia pensar noutra coisa que não seu sangue e seu sabor incrível e no fato de eu estar faminta. Tampouco pude responder — Juliette — Rafael pulou na cama e deu vários passos para trás.

Não fazia a menor ideia do que ele estava fazendo, ou do porquê de ele estar se afastando. Coloquei rapidamente o chocolate na bandeja e me levantei: — Julies, o que você está fazendo? — ele falou aquele apelido como se fôssemos as mesmas pessoas de anos atrás, na tentativa de me remeter a algum resquício de emoção. De humanidade.

Só depois de vários passos, foi que me dei conta de que estava completamente transformada: minhas presas estavam expostas, como as veias abaixo dos meus olhos e meus olhos tornaram-se negros. Abaixei o rosto e toquei-o, rapidamente voltando ao normal, mas com muito esforço e autocontrole: — Me desculpe, eu... Sinto muito — suspirei e balancei a cabeça. Queria que ele ficasse longe, NACIONAIS - ACHERON

pois eu estava faminta e, se começara a me transformar contra a minha vontade, podia muito bem fazê-lo novamente e atacá-lo.

Mas Rafael não parecia ter nenhum medo ou receio que o impedisse, que o mantivesse longe, pois ele se aproximou e guiei meu olhar até o seu. Quando o fiz, ele estava muito perto.

— Eu não queria fazer isso, não queria te atacar...
— quando abaixei o rosto novamente, controlando a mim mesma a aos meus impulsos assassinos, fui surpreendida com sua mão gentil e suave em meu queixo, erguendo-o para que meus olhos tímidos ficassem na altura dos seus.

— Você está bem? — suas sobrancelhas estavam erguidas e ele estava preocupado, podia afirmar com certeza enquanto ele buscava meu olhar de modo veemente.

— Estou faminta, mas vou ficar bem — por algum motivo, ao pronunciar não consegui me afastar como teria feito antes. Minha humanidade gritava por dentro, arranhava minhas paredes, querendo emergir, querendo vir a tona para agarrá-lo com todas as forças que tinha e eu estava com *medo*, ou alguma sensação parecida. De que eu não
NACIONAIS - ACHERON

fosse forte o suficiente para contê-la.

De que Rafael e meus sentimentos passados fossem o suficiente para fazer minha humanidade voltar. Com toda a força para me consumir de uma vez.

Por inteiro.

Arquejei e busquei seu olhar, mesmo que estivesse diante de mim. Era como se eu não conseguisse encontrá-lo, como se aquela proximidade casta não fosse o suficiente. Não sabia mais o diabolos eu queria e amaldiçoei minha indecisão.

Havia um resquício de sentimento em meu peito e eu me sentia sufocar como se ele fosse o ar tirado de mim.

Sal da minha pele^[42]

— *Nein*^[43]! — quase gritei e dei vários para trás, libertando-me de seu toque e voltando a pensar claramente — *Nein, das kann nicht passieren*^[44].

Claro, ele não fazia a menor ideia do que eu estava falando. Quando eu surtava, começava a praguejar coisas em alemão, mas logo me recompus: — Eu... Vou te esperar no carro. Temo que ir embora logo daqui.

Peguei suas chaves que estavam no criado-mudo e fiquei em seu carro, deixando para ele a tarefa de pegar as suas coisas e as minhas. Fiquei quietinha lá, esperando-o com paciência, mas meus pensamentos estavam uma completa bagunça. Assim, sentei no banco do motorista porque dirigir me faria bem e deixaria Rafael descansar um pouco.

Assim como fora no caminho até Anderson, não falamos. Houve certa trégua, uma oferta de paz

NACIONAIS - ACHERON

silenciosa depois da conversa no motel, mas ainda havia muito entre nós para que o clima fosse aliviado assim, de uma hora para a outra, e tudo no que eu conseguia pensar era na noite que tínhamos passado *juntos*. Em como tinha sido acordar e vê-lo calidamente adormecido ao meu lado.

Balancei a cabeça no meio da estrada, afastando aqueles pensamentos. Eu não deveria pensar nele, muito menos pensar nele *daquele jeito*. Tínhamos prioridades bastante claras ali, e nenhuma delas era o que estava se passando pela minha cabeça, então concentrei-me em chegar logo em Langley, ultrapassando todas as leis de trânsito existentes e todos os limites de velocidade por todos os lugares pelos quais passamos ao longo daquele dia nublado, com o céu coberto de nuvens cinzentas que ameaçavam jogar chuva sobre nós, a mais torrencial, mas aquilo não aconteceu.

Rafael, embora aparentasse estar ligeiramente desconfortável com minha direção perigosa, não falou nada. Ficou rabiscando em um mapa como se realmente soubesse como ler um, ou como se ele nos guiasse. No fim da tarde, já estávamos bem perto de Langley e mandei uma mensagem para NACIONAIS - ACHERON

Markos, dizendo que estava a caminho para conversarmos. Ele respondeu quase que imediatamente, dizendo, de modo cordial, porém profissional, que poderíamos tomar um café no fim da tarde seguinte.

— Você pode, por favor, prestar atenção ao que está fazendo? — ergui as sobrancelhas ao olhar para Rafael, que me encarava de modo incisivo. Abaixei o celular. Assim como eu fizera com ele mais cedo, ele só estava repetindo minhas palavras do dia anterior.

— Claro, senhor Hamilton — meu tom sarcástico o irritou, ao que voltei meu olhar para a estrada.

— Para o carro — ignorei-o. Estávamos no meio de uma estrada, ele só podia estar brincando e, embora eu o tenho esperado rir e dizer que estava só *brincando*, ele não fez isso. Me olhou de um jeito irritado e desconcertante — Você me escutou? *Para esse carro.*

— Está maluco? — comprimi os lábios, com uma pontinha crescente de irritação enquanto ele tirava o cinto. Sempre precavido, claro.

— Para, Juliette — revirando os olhos, joguei o carro para o acostamento e fuzilei-o enquanto ele

NACIONAIS - ACHERON

saía e dava a volta no carro, espumando de raiva. Antes que tivesse a chance, eu mesma saí.

Era um babaca mesmo. Me fazer parar no meio do nada, em uma estrada praticamente deserta, só porque eu dirigia um pouco acima da velocidade. Babaca, idiota. Infantil. A lista de adjetivos era imensa.

— Porra, parece que nem tirou carteira — fiquei quieta para não xingá-lo e entrei no carro, colocando o cinto com os olhos bem fixos nos dele, que fez o mesmo, mas mais rápido, sem o efeito câmera lenta que fiz para chamar sua atenção. Como se dissesse que não era tão imprudente assim. Certo, eu nunca usava, mas ele não precisava saber — Você pode ser imortal, mas eu, não — com um último olhar, nem um pouco irritado como achei que estaria para dar aquela ceninha, ele se concentrou na estrada — Não precisa correr, vamos chegar lá de qualquer jeito.

— Pra que lado? — estava tarde. Não muito tarde, mas tarde o suficiente para que eu não pudesse ir até a CIA e resolver tudo, dar o fora dali e nunca mais olhar para trás. Durante um minuto, fiquei em

NACIONAIS - ACHERON

silêncio, o que fez com que Rafael diminuísse a velocidade ao percorrer uma estradinha estreita.

— Siga em frente — só tinha a minha casa para ir, era verdade. Além de poder ficar confortável e descansar a noite, eu poderia me alimentar das bolsas de sangue que tinha lá. Teria sido perfeito se não fosse *nossa* casa. Minha e de Joseph. Se, em meus pensamentos e naquele lugar, ele não se fizesse tão presente — Pare aqui — estava tudo escuro quando paramos e observei a imponente construção que se elevava a nossa frente. Peguei minha mochila e tirei o cinto sem tirar os olhos da casa por um segundo.

— É a... *Sua casa*?

— É. Vamos entrar — maneei a cabeça como se entrar fosse mais fácil do que realmente era. Claro que ele não engoliu, pois me avaliava com cuidado a cada segundo, esperando por alguma reação, talvez. Uma que não viria, eu esperava.

Cedrico tinha me dito algo sobre ter mandado um *peçoal* para limpar tudo por ali, retirar *o corpo* e tudo o mais, de modo que quando entramos, estava tudo limpo e perfeitamente arrumado. Nada fora do lugar, mas, para mim, tudo parecia muito

NACIONAIS - ACHERON

bagunçado.

A luz iluminou toda a sala e fitei tudo com cuidado, assim como Rafael, que estava parado ao meu lado. Ele pareceu estar paralisado quando parou à porta. Não soube exatamente por quê, mas ele não disse nada nem tampouco se moveu. Um momento depois, pisquei e desvencilhei-me das memórias que foram invadindo meus pensamentos.

Fechei a porta e limpei a garganta: — Vou te levar para o quarto de hóspedes — Rafael anuiu e subimos as escadas, que eu me lembrava de ter gostado tanto quando fora até a casa pela primeira vez. Ele me seguiu calma e silenciosamente até o início da escada, que dava direto para a porta do quarto de Harriet e do meu, que ficavam lado a lado.

Quase de frente para o meu quarto, um pouco mais para a esquerda, ficava o quarto de hóspedes. O que me obrigava a dormir no meu quarto, mas me recusava a isso e decidi, ao olhar para o minha cama e para as imagens *românticas* das TCs acima dela, que iria dormir no quarto de Harrie.

— Você precisa de alguma coisa? — Rafael fez que não e entrou no quarto de hóspedes.

NACIONAIS - ACHERON

Usando um top preto como os milhares que eu tinha e usava todos os dias, que cobria suficientemente bem meus peitos e tinha alças finas, eu estava na frente do meu computador aberto sobre a mesa da cozinha, bebendo o café que eu tinha acabado de preparar enquanto um software escaneava tudo o que havia sobre Esme Cassidy no mundo virtual.

Tinha mandado um e-mail para Diana, mas às duas da manhã, não achava que ela seria muito rápida em sua resposta. Assim, bem alimentada com as bolsas de sangue, concentrei-me em minha busca. Que sempre dava em nada, mas, como não conseguia dormir e nem ficar olhando para aquelas coisas, decidi que *buscar* era a coisa mais saudável que eu podia fazer, então o fiz o melhor que pude.

— Não sabia que ficava nua — estranhamente, quando me virei, Rafael estava *desconsertado*. Não estava fazendo uma piada, nem tampouco sorrindo. Parecia genuinamente constrangido — Eu não estava olhando, só fiquei com sede.

— Fique a vontade — escolhi dizer, ao invés de responder ao seu comentário inicial — Acordou só

NACIONAIS - ACHERON

para beber água? — perguntei do modo mais desinteressado que consegui, tentando manter o foco na tela do notebook enquanto ele ia até a geladeira detrás do balcão e pegava água.

Sim, eu o espiei. Espiei-o ao diminuir o brilho da tela e fiquei vendo-o através do fundo preto, como um espelho; estreitei o olhar e fitei parte de sua tatuagem que se sobressaía de sua camiseta branca. Aquele corvo assustador que fizeram percorrer calafrios através da espinha de uma vampira com a humanidade, teoricamente, *desligada*. Mordi o lábio, lembrando da outra tatuagem que ele tinha: aquele triângulo que eu não sabia o significado, inconscientemente imaginando se ele teria feito outras com o passar dos anos. Rafael se virou com o copo de água e fingi que tinha alguma coisa interessante no computador, digitando letras aleatórias.

— Alguma coisa?

Não respondi durante um minuto, apoiei a bochecha na mão esquerda, com o cotovelo repousado sobre a mesa, e passei os olhos pelas mesmas palavras mais de cem vezes, gravando-as na memória. Sabia que não tinha nada, então,
NACIONAIS - ACHERON

repentinamente, virei-me para Rafael: — Você não vai voltar a dormir?

— Eu durmo pouco há anos — Rafael abaixou o copo, pousou-o sobre o balcão e buscou meu olhar, esperando que eu me virasse, o que não fiz — Sendo assim, posso ajudá-la se precisar.

— Não, eu não preciso... — enquanto me virava de lado na cadeira, fui interrompida pelo toque do meu celular anunciando uma nova notificação. Peguei-o ao lado do notebook e conferi que era um e-mail de Diana.

De: dianamae@gmail.com

Para: juliettevonhohenfels@gmail.com

Assunto: *Re: Urgente*

Espero mesmo que seja “urgente” para me mandar e-mail a essa hora. E para a minha conta pessoal. Como posso ajudá-la, senhora Ainsworth?

Mesmo através da tela do celular aquela mulherzinha conseguia me irritar; ela sabia bem que eu não tinha o sobrenome de Joseph, o que soou como um sarcasmo que aceitei, dadas às
NACIONAIS - ACHERON

circunstâncias. E ela poderia vir a ser útil, por isso não respondi seu e-mail com todos os xingamentos em todos os idiomas que eu conhecia.

— A assistente social me respondeu, mas dificilmente vai nos ajudar.

— Não custa tentar — Rafael ergueu os ombros de modo sutil e digitei uma resposta.

De: juliettevonhohenfels@gmail.com

Para: dianamae@gmail.com

Assunto: *Urgente*

Entendo que nossos contatos não foram os melhores e não se preocupe, Harriet está ótima — ressaltei, embora imaginasse que ela não desse a mínima —, meu assunto é outro. Estou indo até Nova Orleans e gostaria de lhe encontrar em um momento que lhe fosse conveniente.

Atenciosamente,

Juliette Von der Hohenfels

Fui educada até demais com ela. Ao clicar em
NACIONAIS - ACHERON

enviar, tudo o que eu tinha a fazer era sentar e esperar.

Esperar, esperar e esperar.

Enquanto isso, voltei meus olhos para o computador, ainda fitando Rafael através dele. Ele estava de costas, recolocando a água na geladeira e lambi os lábios secos ao encarar aquela tatuagem de contornos intencionalmente macabros. Seu cabelo ruivo e liso, sedoso, estava ligeiramente bagunçado. Ele dissera que dormia pouco há anos? Pareceu-me que eu tinha ouvido errado, pois, enquanto ele flexionava os músculos, parecia muito, infinitamente, melhor e mais gostoso do que eu conseguia me lembrar.

Nem que você fosse o último homem na terra^[45]

— Me deixe ver se entendi bem o seu plano... — ele começou, com o tom de voz levemente alterado pelo sarcasmo — Eu vim até aqui para que você não saísse por aí sozinha, tentando bancar a heroína e está me dispensando? Vou ficar sentado aqui, te esperando voltar...

— Isso não tem nada a ver com a caçadora — bebi um gole do café enquanto enfiava umas coisas na minha mochila. Tinha tirado as roupas dela e agora colocava as coisas que deveria devolver à CIA.

Arma, distintivo, celulares, *tablet*, algumas parafernalias tecnológicas que eu tinha *pego emprestado* ao longo dos anos: — Rafael, você está

do lado inimigo nesse momento. Não posso te levar comigo para uma reunião interna na sede da CIA.

— Tudo bem — ele se jogou para trás na cadeira do outro lado da mesa redonda, passando o braço esquerdo em torno de si enquanto tomava seu café tranquilamente — Quando precisar de ajuda, *não* me ligue.

Fechei o zíper de modo abrupto e estreitei os olhos ao olhar para ele, jogando a mochila sobre o ombro: — Pode deixar. Se precisar, vou chutar quem quer que seja *sem* a sua ajuda — peguei meu copo térmico e fofo e saí bebendo meu café. Esperei pacientemente que ele me acalmasse.

— Parece que você está indo embora — Markos se jogou para trás em sua cadeira giratória, com um olhar de águia enquanto eu despejava as bugigangas em sua mesa.

— Pediram para eu devolver tudo — dei de ombros e entreguei-lhe a arma em mãos, assim como o distintivo.

— Como você e a Harriet estão? — quando terminei, sentei-me e olhei-o bem nos olhos; os chefões da CIA gostavam de troca de olhares, como NACIONAIS - ACHERON

que para ter certeza que não estavam sendo enganados. Imaginei qual seria a expressão apropriada.

Tentei parecer neutra, mas não forte demais para quem acabara de perder o marido: — Harrie está bem e eu... — fiz uma pausa como se não soubesse o que dizer, transmitindo um ar ligeiramente desolado — Vou indo.

— Posso fazer alguma coisa por você? — não falei nada por um segundo, assim, Markos se inclinou e apoiou os cotovelos na mesa: — Além da terapia, que *não é* opcional — ele ressaltou, erguendo as sobrancelhas escuras em uma ligeira ênfase.

— Eu sei, mas... Preciso de uns dias. Eu... — inclinei o rosto milimetricamente, com aquele ar desolado impagável; a verdade é que tinha vontade de rir, mas coloquei uma mecha do cabelo para trás da orelha — Queria passar uns dias com a minha família.

— Família? — ele queria parecer preocupado, mas, com aquilo, queria uma lista completa de quem seria a minha família. De preferência com o endereço deles na linha inferior.

NACIONAIS - ACHERON

— É, meu pai mora em Nova York e Harriet está na casa da avó, esperando por mim. Não queria que ela estivesse no funeral — *que nem eu estava*, pensei.

— E onde você esteve? — há algum tempo, aquilo se tornara um interrogatório. Era sensato ser sincera com a CIA, pois a última coisa que eu queria era tê-los no meu pé, me investigando. Acredite, em investigação os caras eram bons.

— Na casa da família do Joseph, na Carolina do Norte — bebi um pouco do meu café, fazendo uma pausa no interrogatório.

— Charlotte? — balancei a cabeça e coloquei o copo na coxa, mantendo seu olhar por um longo momento, esperando por mais perguntas desconfiadas — Bem, se precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

Anuí e peguei minha mochilinha adolescente, pronta para me retirar: — Obrigada por tudo, Markos — com *tudo* eu queria dizer *nada* e um bocado de perguntas e desconfiança, mas quis parecer educada e amigável ao deixar sua sala.

Ele era um filho da puta, isso, assim. Nunca
NACIONAIS - ACHERON

percebera com aqueles malditos e irracionais sentimentos para atrapalhar, mas era isso o que o meu chefe era. Um filho da puta.

Eu estava de luto, teoricamente, e ele ficava me interrogando. Na minha mente, xinguei-o umas cem vezes até parar no sinal e pegar meu celular e enviar uma provocação à Rafael. Só por quê eu podia.

Consegui não morrer. Estou indo para casa, logo poderemos ir para Nova Orleans.

E voltei minha atenção para a rua a minha frente, prosseguindo pelas ruas centrais até o lugar um pouquinho mais afastado onde eu morava. Havia uma estrada de chão aberta e senti que havia algo de errado a minha volta enquanto passava por ela, ligando meu senso de alerta, mesmo sem ver nada fora do comum a minha volta. Franzi as sobrancelhas, imaginando-me paranoica e balancei a cabeça. Passei por aquele lugar e entrei na estradinha de terra escura serpenteada de árvores que me transmitia a sensação de que estava perto de casa.

NACIONAIS - ACHERON

Contudo, ao passar pelo cruzamento um carro em altíssima velocidade, para não dizer mais, veio em minha direção e mandou meu lindo Tesla pelos ares.

— *Merda* — a dor era suportável, por isso, movi-me, fitando-o o crepúsculo alongar-se sobre nós enquanto um homem inconfundivelmente sueco, como o da boate em Charlotte, caminhava de seu carro até o meu. Assim, inclinei-me, checando os vidros que tinham penetrado minha pele: muitos. Tantos que não tive tempo de avaliar sua extensão por completo, apenas inclinei-me e chutei a porta destruída do meu carro.

Ao menos eu tinha me alimentado o suficiente para uma boa briga e era o que aquele homem com o triplo do meu tamanho de músculos sobressaindo sua regata preta, exibindo tatuagens e cicatrizes em seus braços, estava pedindo.

— *Du var inte en bra tjej förra gången du såg mina män, fröken Hohenfels*^[46] — coloquei-me ereta, notando um pedaço notável de vidro em minha barriga, que tirei rapidamente, sem demonstrar a dor que aquilo me causou.

NACIONAIS - ACHERON

— *Du kommer att be mig att följa dig, din jävla bastard?*^[47] — meu peito subiu e desceu rapidamente e avalei o terreno aberto perto da minha casa, mas longe o suficiente da vizinhança enxerida. No enorme SUV, que parecia ter se saído bem à batida, saíram mais homens como aquele, como em um filme, fazendo uma formação atrás do primeiro, que devia ser o chefe, fossem o que eles fossem.

Talvez caçadores como aquela *Esme*. Estreitei os olhos para o primeiro homem, que tinha um sorriso sarcástico muito parecido com o meu: — *Du kommer inte att bli bra, är du?*^[48] — respirei audivelmente e preparei-me para a luta, passando os olhos por todos aqueles homens, sem ser tola o suficiente para subestimá-los.

Simplesmente gostaria de saber contra quem eu estaria lutando. Aliás, as palavras de Rafael mais cedo pareciam ter servido como uma profecia maligna. Sim, eu precisava dele. Adoraria poder ligar e pedir por reforço, mas teria que lidar com a situação sozinha. Contar apenas comigo mesma: — *Sju mot en är feghet*^[49] — o homem inclinou a cabeça, como se dissesse “É, sim, mas quem se

NACIONAIS - ACHERON

importa se vamos matá-la de qualquer modo”.

Engoli em seco. O chefão foi o primeiro a partir para o ataque, como um animal feroz disparado em minha direção. Lento o suficiente para que eu repassasse mentalmente tudo o que aprendera na CIA sobre defesa e ataque.

Fui na sua direção ao mesmo tempo, enquanto o homem gritava, podendo até parecer assustador com seu 1,97 m de músculos assassinos, mas, para mim, não. Foi relativamente fácil tomar impulso, chutá-lo na altura do abdome duro como pedra e saltar sobre ele; um pouco mais alto do que pretendia, fui para trás e girei seu pescoço, puxando-o comigo e quebrando seu pescoço com assustadora facilidade. Como eu amava o vampirismo e todas as suas vantagens; como era ótimo estar de volta à potência máxima com tudo que ele tinha a me oferecer.

Uma tonelada de músculos tombou no chão atrás de mim e, habilmente, caí agachada, com os dedos no chão por um segundo antes de me levantar: — *Nun, dann komm schon, alle von euch*^[50] — murmurei alto o suficiente para que me escutassem e o segundo veio, acompanhado do terceiro.

NACIONAIS - ACHERON

Pensei rápido enquanto o faziam. Claro que eu tinha a opção de fugir; com minha velocidade vampira, não me encontrariam nem se fossem cem homens, mas, com um movimento com os dedos da mão direita, como se fossem um leque se fechando, quebrei o pescoço do que estava atrás de mim com a boa e velha magia, também muito útil.

Com o outro, que estava bem diante de mim e tentou me acertar com os punhos de aço, abaixei e revidei. Chutei-o no meio das pernas com toda a minha força e, rapidamente, coloquei-me atrás dele para morder seu pescoço e beber seu sangue de ótimo gosto. Os outros quatro estavam prontos para ação quando, exibindo minhas presas e com sangue escorrendo pela minha boca, larguei o corpo do homem morto no chão.

Com o efeito surpresa da minha velocidade vampira, em um mal calculado movimento, fui até o primeiro da esquerda, que finalmente conseguiu me acertar. Na minha recém-curada barriga, onde eu ainda sentia uma pontinha de dor. Realmente, sete contra um era covardia e finalmente senti dor: — *Du kommer att betala för det!*^[51] — o homem rosnou com raiva e pisquei, vendo alguma

NACIONAIS - ACHERON

miragem, pois Rafael surgiu do nada, derrubando um dos homens com magia, transmitindo-me a impressão de que ele não o tinha matado, e outro o acertando com um soco inglês enquanto eu lidava com aquele maluco, a quem girei e aceitei-o no rosto, apreciando a luta de verdade.

Por fim, quando ele fraquejou, quebrei seu pescoço e ele caiu no chão, deixando minha respiração ofegante. Rafael acabou com dois deles enquanto eu o fazia com um, mas ele estava machucado, eu, não. Quando o homem fez menção em esmurrá-lo, surpreendi-o por trás, mordendo seu pescoço e quebrando-o em um rápido movimento.

Rafael suspirou aliviado e me olhou assustado ao me ver coberta de todo aquele sangue. Contudo, limitei-me a erguer o queixo: — Eu disse que os chutaria sem a sua ajuda.

Você é uma criação louca^[52]

— Seu idiota. Idiota *maldito*! — estava, de algum modo que nem eu entendia, e inconscientemente, cheia de raiva — *Du Bastard, erbärmlich...*^[53] — enquanto limpava os cortes em seu rosto, ao qual eu não conseguia *não* notar, pois cada detalhe era belo e atraente, abaixei os olhos do corte em sua testa até seus olhos, os quais eu tinha evitado veementemente.

— Já acabou?

— Não! Você poderia ter morrido, seu imbecil — usava um cotonete imbuído em um líquido branco que eu sempre passava nos joelhos ralados de Harriet, mas que ardia e, nervosa, uma pilha de nervos, apertei-o sobre a maçã de sua bochecha.

— Ai! — ele se encolheu diante da dor.

— Desculpa — voltei a me concentrar no que
NACIONAIS - ACHERON

fazia. Não era tão ruim, mas não podia me imaginar com machucados, olhar para ele daquele jeito fazia com que eles doessem em mim de um jeito que os meus já não doíam. Fiquei séria e engoli em seco. Ele dispensou os curativos quando terminei e tratei de me afastar logo daquele olhar desconcertante, pois ele me afetava mais do que eu queria lhe dar poder para afetar. Rafael levantou do banquinho ao lado do balcão da cozinha em que estava sentado enquanto eu *cuidava* dele e vestiu a jaqueta.

Fui até meu quarto, peguei uma mala de mão e enfiar alguns dos meus *looks* variados: top, calça preta, camiseta, jaquetas e botas. Fiz tudo muito rápido e, em dez minutos, tinha pegado tudo para que saíssemos logo dali. Ficava claro que Langley já não era segura, assim, saímos. Insisti para que Rafael me desse suas chaves e fi-lo tomar duas aspirinas para a dor, já que não tinha aceitado meu sangue. Relutante, e vendo que eu estava certa, ele aceitou os dois, mas para minha decepção ou sorte, ainda não decidira, sentou no banco de trás.

Levei todas as bolsas de sangue comigo, o que tornou mais fácil dirigir durante a madrugada

NACIONAIS - ACHERON

enquanto Rafael dormia no banco de trás. Na maior parte do tempo, eu o observei através do retrovisor; até o tinha ajustado para ter a visão perfeita dele, e estava indo dentro do limite de velocidade, mais para não acordá-lo do que por medo da lei sulista.

Concluía pouco depois de ele ter dormido, que ficávamos muito melhor daquele jeito. Ele era lindo dormindo, parecia-se com um anjinho, e não discutíamos enquanto ele o fazia; era tudo paz, silêncio e harmonia, nada fora do lugar. Preferia se tivesse algum modo de obter aquela tranquilidade toda enquanto olhava em seus lindos olhos verde-musgo, mas estava bom daquele jeito.

Como tinha me dito, ele dormia pouco. Cerca de quatro horas depois, ele acordou, parecendo completamente recuperado, pronto para mais uma sessão de xingamentos e discussões. Ignorei-o por um momento enquanto ele se sentava e checava seu celular. Só então me dei conta de que esquecera o meu em Langley.

— Ah, merda... — praguejei e apertei o volante. Rafael se inclinou, surpreendendo-me, e, metendo-se entre os dois bancos, acendeu a luz acima da minha cabeça. Um de seus cotovelos estava

NACIONAIS - ACHERON

apoiado ao lado da minha cabeça e o outro, no outro banco.

— Qual o problema?

— Esqueci o meu celular — virei-me para olhar aquele rostinho de quem acabara de acordar e desviei o olhar o mais rápido que pude — Estava esperando a assistente social retornar o meu contato — expliquei, tão emocionalmente distante quanto me era possível.

— Toma, usa o meu — ele estendeu o celular, mas quando estendi a mão para pegar, ele puxou de volta, me deixando com cara de boba — Ah, espera, você está dirigindo — voltei o olhar para a estrada — Está quase amanhecendo e tem um lugar para tomarmos café a umas sete milhas daqui.

De modo hábil, ele saltou para o banco da frente e colocou o cinto: — Parece que alguém aprendeu a dirigir — comentou ao observar que eu trafegava dentro do limite de velocidade. Desejei poder controlar a mim mesma, mas quando me dei conta, já estava sorrindo.

Parei no café à beira da estrada, como o que Cedrico, Harrie e eu tínhamos parado ao chegar em Charlotte; parecia que todas as estradas tinham um NACIONALIS - ACHERON

e eram todos iguais. Tirei o cinto que nem eu entendia por quê colocara, talvez fosse Rafael entrando na minha cabeça com aquela conversa sobre segurança, mortalidade e blábláblá, e saímos ao mesmo tempo. Com aquela velocidade humana, já tinha amanhecido quando chegamos, de modo que fomos os primeiros clientes a entrar ali.

Acomodamo-nos em uma mesa e pedimos café com algo doce para a viagem. Rafael me entregou seu celular em um estranho silêncio enquanto tomava seu café a goles lerdos. Acendi a tela e já vi uma foto de Lauren. Que ótimo, o tipo de casal que colocava a foto um do outro no papel de parede. Lindo, mas ele poderia ter tirado antes de me emprestar o celular. Ignorando aquilo com meu último resquício de força, abri meu e-mail.

Tinham e-mails do meu pai, que se recusava a me ligar e trocava aquilo por um belo e-mail de duas linhas sempre que podia, e-mails da CIA, que nem ousei ler, e um e-mail de Diana, que abri com ansiedade e nervosismo.

De: dianamae@gmail.com

Para: juliettevonnhoenfels@gmail.com

NACIONAIS - ACHERON

Assunto: —

Temo que Harriet seja a nossa única ligação e se não é sobre ela, temo não poder ajudar. Contudo, se você saiu de Langley para isso, não farei essa desfeita. Diga onde e podemos nos encontrar depois das cinco.

— Ela concordou em me ver — devolvi-lhe o seu celular e Rafael o guardou no bolso interno de sua jaqueta, com a expressão neutra.

— Então é melhor continuarmos se quisermos ver essa mulher — concordei e me levantei.

Coisa doce para viagem eram rosquinhas horivelmente meladas de tanto açúcar caramelizado ou qualquer porcaria industrializada que me recusei a comer: — Vou deixar para você, Homem do FBI — falei ao entrarmos no carro. Daquela vez, eu estava no banco do carona e fechei o saco de papel enquanto Rafael dirigia.

— Pode ficar — coloquei sobre o painel do carro, caso algum de nós sentisse tanta fome mais tarde que precisasse devorar um ao outro — Por que achou que eu ia querer? — ele falou depois de

NACIONAIS - ACHERON

um minuto em que apenas o vento na direção contrário preencheu o silêncio abissal entre nós.

— Porque vocês do FBI comem rosquinha enquanto fazem tocaia na porta de alguém — fui completamente sincera. *Aquela* era a imagem que eu tinha do FBI e Rafael fez uma cara engraçada de surpresa, ao que afundei no banco, sorrindo.

— Bem, eu não faço isso, senhorita Inteligência.

— Desculpe, não quis ofender. Vocês comem as rosquinhas e deixam a polícia cuidar do resto — ele acabou rindo, deixando o clima mais leve, fazendo com que eu me sentisse melhor também — Onde estamos?

— Florence, Carolina do Norte. Nova Orleans ainda está longe, se isso importa — afundei no banco, sentindo o mau-humor voltar. Achei melhor ficar calada e desejei ter meu celular comigo para poder ignorá-lo completamente, mas, ao invés disso, me virei para ele com um sorriso malicioso.

— Me empresta seu celular de novo — desconfiado, ele o fez, vendo o que eu estava fazendo. Abri o Spotify e coloquei uma música para tocar, conectando-a no Bluetooth do carro.

— O que você está fazendo?

NACIONAIS - ACHERON

— Colocando uma música, relaxa — começou a tocar *Blanco Y Negro* e sorri amplamente, porque não precisava nem de humanidade para amar aquela música da Malú; mesmo que fosse romântica demais, não me preocupei. Nem me preocupei se Rafael estava me olhando de cima a baixo, comecei a cantar junto, sem nenhum tipo de vergonha por ter uma plateia nada entusiasmada.

*Tú dices blanco, yo digo negro
Tú dices voy, yo digo vengo
Miro la vida en color y tú en blanco y negro*

*Dicen que el amor es suficiente,
Pero no tengo el valor de hacerle frente
Tú eres quien me hace llorar,
Pero solo tú me puedes consolar*

*Te regalo mi amor, te regalo mi vida,
A pesar del dolor eres tu quien me inspira,
No somos perfectos, solo polos opuestos
Te amo con fuerza te odio a momentos
Te regalo mi amor te regalo mi vida,
Te regalo el sol siempre que me lo pidas,
NACIONAIS - ACHERON*

*No somos perfectos solo polos opuestos
Mientras sea junto a ti siempre lo intentaría, y que
no daría?*

*Me odias, me quieres, siempre contracorriente
Te llevo en mi mente desesperadamente,
Por más que te busco,
Eres tu quien me encuentra*

— Ah, Juliette, desliga isso... — alternando a atenção entre a estrada e eu, ele tentou tomar de mim o celular, que tinha se tornado meu microfone e sorri da sua tentativa desastrada.

— Não, eu adoro essa música — não parecia zangado ou sem paciência para ouvir minhas cantorias, só me olhou e balançou a cabeça, reprovando minha atitude.

Depois, coloquei *Obsessed*, da Mariah Carey, e como meu inglês era melhor que o espanhol, aumentei o volume e cantei cada linha com uma empolgação que eu não sentia há muito, muito, *muito* tempo. Tanto que eu nem sabia mais como era.

*Why you so obsessed with me?
Boy I want to know, lyin' that you're sexing me
When everybody knows, it's clear that you're upset
with me
Oh, finally found a girl that you couldn't impress
Last man on the earth, still couldn't get this*[\[54\]](#)

*You're delusional, you're delusional
Boy you're losing your mind
It's confusing yo, you're confused you know
Why you wasting your time?
Got you all fired up, with your Napoleon complex
Seein' right through you like you're bathin' in
Windex*[\[55\]](#)[\[56\]](#)

— Já chega — ele tomou o celular da minha mão e acabou com a diversão.

— Está vendo?! Seu problema é se estou ou não me divertindo — falei em um tom bem humorado.

— O problema não é você ou sua *diversão*, o problema é que você canta mal e eu não sou obrigado a ouvir — devolveu no mesmo tom brincalhão.

— Então posso ouvir mais uma? Prometo que
NACIONAIS - ACHERON

não canto junto — fiz de novo aquela carinha que ele não resistia e Rafael me devolveu seu celular. Com um imenso sorriso, coloquei Eminem, *I Need A Doctor*, que eu não iria conseguir cantar nem se eu quisesse. Meu gosto musical nos últimos tempos não era nada invejável, mas eu estava feliz em estar em um carro há horas ao lado de Rafael ouvindo rap.

— Você está cantarolando — ele falou aos dois minutos de música, quando eu estava distraída, de braços cruzados, olhando para a estrada a frente. Nem tinha percebido que estava.

— Você disse que eu canto mal e não estou cantando.

— Justo — ele aumentou um pouco o volume e me deixou escolher as músicas pelo resto da manhã.

Adormeci enquanto passávamos por uma cidade e outra, em meio ao sol ameno que batia em mim. Rafael não estava no carro, mas não levou nem dez segundos para que entrasse, antes que eu me desse conta de onde estávamos.

— Ei, você acordou. Comprei comida de verdade
NACIONAIS - ACHERON

— ele me entregou um saco de papel onde eu esperava encontrar nem que fosse um hambúrguer enorme; o mínimo para matar minha fome. E foi o que encontrei. Enorme, bem enorme.

— Obrigada — falei com uma expiração longa e grata. Ele em olhou com desconfiança enquanto entrava e eu comia — Eu estava faminta — expliquei quando ele me olhou demais.

— Estou vendo — colocou o cinto e saímos sem que eu nem soubesse onde estávamos — Faltam umas duas horas para Nova Orleans, pode dormir mais... Se quiser.

Balancei a cabeça sem perder a concentração na comida. O que podia ser melhor no mundo do que aquela coisa gordurosa e deliciosa? Bem, talvez, para mim, sangue. Mas no mundo mortal, nada: — Estou bem, já dormi demais — terminei de comer aquela coisa suculenta e respirei fundo — Quer que eu dirija um pouco?

— Não, tudo bem — quando falou, algo parecia incomodá-lo profundamente, de modo que passei um longo momento a observá-lo. Rafael se manteve atento a estrada, porém, ciente do meu olhar nada sutil nele — O que foi?

NACIONAIS - ACHERON

— *O que*, o quê? — fingiu que não era nada.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Pode me falar — liberei-me da minha jaqueta e voltei-me para ele — Se tiver algo te incomodando, pode me falar.

— Não tem nada a ver com você e nem... Nada disso — ele negou com a cabeça e limpou a garganta — Então não se preocupe.

O “*não se preocupe*” soara mais como “*não se meta, isso não é da sua conta*” e, só daquela vez, aceitei seu silêncio. Se não tinha a ver com a caçadora, eu não deveria me meter, mas ver seu humor mudar de algo tão leve e encantador pela manhã para mau-humor e silêncio era algo enlouquecedor, me fazia querer gritar com ele ou socar alguém. Seu humor me afetou também e cruzei os braços, muito quieta.

Se ele não queria falar, não falaríamos. Eu é que não daria o braço a torcer diante daquele idiota. Pedi-o para parar quando vi uma loja de departamentos na cidade e ele entrou comigo, como se fosse o meu segurança, me seguindo pelos corredores de prateleiras altas quando peguei um

NACIONAIS - ACHERON

carrinho, debruçando-me calmamente sobre ele para pegar algumas coisas, como um celular novo e dois celulares descartáveis para o caso de precisarmos, uma bateria reserva para o meu notebook, que tinha descarregado.

Em seguida, fomos para a sessão de comidas. Peguei tudo quanto é tipo de porcarias aleatórias, simplesmente passei o braço pela prateleira e joguei tudo no carrinho, só parei quando vi minha porcaria favorita: *stick* de carne seca. Peguei uns dez pacotes, feliz da vida como se tivesse encontrado a fonte da felicidade.

— Juliette, pare de agir como uma criança vendo doce — Rafael falou em tom sério ao meu lado — Nós temos que ir e você está desperdiçando...

— Fica calado por cinco minutos, Rafael — falei irritada e dei-lhe às costas quando seu queixo caiu em surpresa pelo tom com que usara com ele. Parecia mais um velho chato que reclamava de dor nas articulações do que um homem de vinte e seis anos.

De qualquer modo, ele foi obrigado a me seguir enquanto eu passeava pelos corredores e pegava mais comida do que eu conseguiria comer em um

NACIONAIS - ACHERON

ano, mas certa de que faríamos bom uso dela em determinado momento da nossa *viagem*. No fim, depois de vinte minutos, fomos até o caixa. Rafael tinha pego dois cobertores que me pareciam suficientemente quentes, acreditando que em um algum momento, poderíamos precisar deles. Prudente, mas chato e previsível.

— Eu dirijo agora — falei quando ele fechou o porta-malas — E não adianta dizer não.

— Só porque fiz isso a manhã inteira — me lançou um olhar de poucos amigos ao passar por mim e me entregar suas chaves; dei um sorriso como se tivesse ganhado um presente e entrei ao mesmo tempo que aquele chato mau-humorado.

Espero que não se sinta solitário sem mim^[57]

— Juliette, será que você pode fazer silêncio? — Rafael falou, zangado, enquanto eu cantarolava *Closer*, agitando os ombros com empolgação.

A música tocava nas rádios e eu aumentara um pouquinho o volume, não muito, apenas o suficiente para cantarolar a canção, melhorar os ânimos naquele carro, pois o silêncio era ensurdecedor e me deixava louca que Rafael nem se desse ao trabalho de *tentar* se esforçar em falar comigo, para que nos déssemos melhor. Parecia muito mais concentrado em seus problemas, em seus pensamentos, e não trocara uma palavra comigo por uma hora inteira, já perto demais de Nova Orleans.

Ele desligou o rádio com raiva e virou a cara, com o cotovelo apoiado na porta do carro, olhando
NACIONAIS - ACHERON

para o lado de fora através do vidro fechado e escuro.

— Não, não posso — liguei o rádio. Em parte, para provocá-lo e esperar que ele reagisse, em parte, porque ele era chato e queria estragar minha *diversão* sempre que tinha a chance. Sempre que eu demonstrava gostar de alguma coisa, ele queria estragar e aquilo já estava me afetando. De alguma maneira, afetando de verdade os meus sentimentos. Não era apenas provocação como quando saíramos de Charlotte, ele estava com raiva de verdade.

Estava a um centímetro pequeno de enfiar a mão na sua cara. Queria qualquer reação dele que não fosse virar a cara e portar-se como se tivesse um iceberg no lugar do coração. Tudo bem que eu não estava facilitando, queria dizer que estava pouco me danando para ele, mas estivera me comportando bem durante todo o trajeto. Certo?

Puxava conversa, tentava aliviar o clima e mantê-lo leve, mas ele estava sempre bravo e irritadiço comigo. Cansei.

— Qual o problema com você?

— Esse seu bom humor é irritante. *Você* é irritante — ele falou mais alto, guiando seu olhar
NACIONAIS - ACHERON

até o meu; estreitei os olhos e encarei-o com a mesma ferocidade, mantendo o carro na pista reta — Estamos aqui juntos, mas não precisamos ser amigos. Será que ainda não entendeu isso? — não respondi por um momento, apenas desviei o olhar de modo soturno, lutando comigo mesma para não perder a calma e a paciência, pensando em como seria bom cinco minutos de paz para variar, porque já estava exausta de tanta briga e discussão.

Esgotada.

— Você é um babaca — impulsiva e bruscamente, joguei o carro para o acostamento e parei, soltei o cinto e peguei minha mochila que estava quase aos meus pés.

— O que você está fazendo? — ele arregalou os olhos.

— Você está certo. Nós temos que ir e não somos amigos e você nem quer tentar ser. Então me deixe em paz — assim, antes que ele dissesse qualquer coisa para me impedir de cometer aquela loucura, saí do seu carro, joguei minha mochila no ombro direito e desapareci daquele lugar com minha velocidade vampira.

Respirei fundo ao me dar conta de que já estava em Nova Orleans. Meti-me em uma rua onde centenas de pessoas cantavam e dançavam com cores chamativas, fechando a rua com completo. Livrei-me da minha jaqueta, amarrei-a na altura dos quadris e desapareci em meio a multidão, indo na direção contrária ao que todas aquelas pessoas seguiam, felizes no início do fim de tarde. Eu podia ver que o sol brilhava com força em seus últimos momentos. Rapidamente, encontrei um simplório hotel, de três andares, construção rústica exibindo os tijolinhos charmosos, flores na recepção e tudo o mais.

De frente para a porta por onde entrei, um tanto receosa, ficava uma escada curta que levava ao segundo andar, desaparecendo em uma curva sinuosa; a madeira parecia prestes a desabar a qualquer segundo e o balcão da recepção era da mesma madeira escura e envelhecida, e foi para onde me encaminhei, fitando a senhora idosa que sorriu-me animadamente: — Eu preciso de um...

— Veio ao lugar certo — ela me interrompeu e levantou-se rapidamente. Levei mais dois segundos para fechar a boca e segui-la enquanto a mulher

NACIONAIS - ACHERON

fazia seu caminho através do balcão. Olhei para o lado esquerdo à escada, onde tinha uma porta mais ao fundo, sentindo o cheiro de alguma coisa doce preencher o ar.

Contudo, sem mais uma palavra, segui a mulher até a escadinha íngreme e ela me ofereceu um belo quarto no segundo andar com uma cama de casal que ficava à direita com relação à porta, com uma janela de cortinas esvoaçantes atrás dela. Cara de lar. Concordei logo e paguei pelo quarto para ficar duas noites, mesmo com o pensamento de que ficaria ali por menos tempo. Entrei, tranquei bem a porta, não paranoica, apenas cautelosa, a janela, e selei a ambos com magia antes de tirar a roupa e ir até o banheiro tomar um longo banho de banheira, esperando dar a hora para ir encontrar Diana.

Não esperava muito daquela bruxa, mas ao menos tinha que tentar. E se não desse certo, eu poderia partir para a boa e velha ameaça, tortura física e tantos outros truques que eu conhecia.

Vesti-me e fiz uma trança no cabelo, tirei o celular que tinha colocado no carregador e mandei uma mensagem para ela, que concordou em me encontrar no French Quarter, um bairro francês que

NACIONAIS - ACHERON

encantava os turistas de toda a parte pelas suas festas e videntes fajutas que se amontoavam pelas ruas em busca de algum cliente a quem enganar. Coloquei minha jaqueta e chequei minha aparência no espelho por cinco segundos, depois, peguei a mochila e saí.

Por mais incrível que pudesse parecer, às 17h38, as pessoas ainda celebravam animadamente pelo Quarter, com uma empolgação invejável enquanto eu cruzava a rua tomada e ia em direção a *Rue Royale* para encontrar Diana. Ela já estava lá quando cheguei, observando a tudo de longe com um sorriso débil, e, ao mesmo tempo, sério, sentada em uma mesinha redonda de madeira do lado de fora de um café. Tinha a expressão centrada, embora pacífica, vestida formalmente com sua blusa branca de botões dentro da saia risca de giz escura, contrastando com sua pele morena e reluzente, seus olhos verdes quase castanhos e seus cabelos cacheados, que estavam presos em um penteado à altura de seu cargo.

Diana parecia a mulher mais adaptada àquele lugar, desde que nos conhecêramos sempre tivera aquela expressão de que aquele era o lugar onde ela

NACIONAIS - ACHERON

pertencia e nada a tirava do sério, ninguém abalaria sua confiança. No entanto, foi só colocar os olhos nela para perceber que algo a incomodava profundamente, perturbava-a. Avaliou-me de cima a baixo quando, soturnamente, aproximei-me e cumprimentei-a; sentei-me ao seu lado, mas mantive uma distância segura e cordial.

Para o caso de ela não ser quem eu pensava que era.

— Você está diferente — denotou em tom lento, deixando que seus olhos passeassem por mim, principalmente pelos meus cabelos, mas não se atentando em demasia a nada em específico.

— Diana, eu... — quando comecei a falar, olhando para ela ao mesmo tempo em que prestava atenção até em uma folha que caía próxima a mim, a garçonete nos interrompeu com um sorriso amplo e incomodo, levando-me café e preenchendo a pequena xícara branca de porcelana a frente de Diana.

— Sei o que você quer — ela falou, tomando um gole curto do café sem tirar os olhos dos meus depois de a garçonete sair — E, lamento, mas não posso ajudar. Eu gostaria de poder — ela colocou a

NACIONAIS - ACHERON

xícara no pires com um tilintar irritável.

— Acho que você não sabe...

— Sei que seu marido morreu — ela ergueu o queixo, relaxando os ombros — E sinto muitíssimo — Diana manteve meu olhar por um longuíssimo momento, em que eu não disse nada, assim, ela prosseguiu em um tom sótno, neutro, desagradável — Mas você sabe que nós não guardamos esse tipo de registro. Eu não faço a menor ideia de quem essa mulher seja.

— E sabe que ela não está sozinha? — falei, com a voz controlada, mas de modo incisivo.

— Infelizmente, sim — Diana desviou o olhar de mim para o café, dificultando minhas impressões; queria olhar em seus olhos, saber se ela estava mentindo ou não.

— Então você também deve saber que não somos o único alvo, certo?

— Sim, eu sei, Juliette — e voltou o olhar novamente para mim, menos emotiva do que um segundo antes — Eu faria qualquer coisa para proteger os meus, assim como sei que *você* faria. Que fará qualquer coisa para proteger à Harriet como sei que fez o que pode para proteger Joseph.

NACIONAIS - ACHERON

Mas tudo o que tenho são pastas de crianças sem nome ou identidade. Algumas não tinham nada quando eram menores, nem o local de onde vieram.

— Bem, *isso* poderia ajudar. Pense, Diana. Você acha que esses caçadores, sejam eles quem forem, vão parar? Depois de nós, eles irão atrás de cada bruxo nessa cidade, até não sobrar nenhum.

— Eu tenho isso em mente — ela se inclinou, abaixando o tom de sua voz: — Acha que não tenho conduzido minha própria investigação? Mas não faço a menor ideia de como ela seja e não está escrito “*Potencial Assassina de Bruxos*” na ficha dela, então, se tiver uma ideia melhor, eu também tenho interesse em proteger os bruxos dessa cidade...

— É, *eu tenho* uma ideia — Diana empertigou os ombros e provei o café, finalmente — Eu já a vi e se eu puder...

— Não. As fichas ficam no computador do orfanato e de jeito nenhum você pode entrar lá...

— E quem falou em entrar lá?

— Juliette, apenas me diga como ela é e talvez tenha algo que a ressalte desde a infância — ela parecia desesperada enquanto eu respirava fundo,
NACIONAIS - ACHERON

bebendo aquele café delicioso que tinha o gostinho de Paris exatamente como eu me lembrava dela — Talvez os olhos, o cabelo... Algo que lhe tenha chamado a atenção...

— Diana, eu tenho um ideia — e ainda bem que eu tinha, pois, ao abrir minha inseparável mochila, que Joseph sempre dissera ser *engraçadinha e infantil*, peguei um pen drive, que não era *exatamente* um pen drive — Copie as informações para cá, tudo a que você tiver acesso e eu vou... — pensei rápido para parecer que ainda estava formulando aquele plano na minha cabeça — Criar um algoritmo que encontrará essa mulher o mais rápido que eu puder — ao ver o olhar hesitante de Diana, de quem estava se colocando ali diante de um enorme dilema, pousei o pen drive minúsculo sobre a mesa e inclinei-me minimamente: — E irei matá-la tão rápido quanto puder.

Sumário

Parte 4 — O mundo inteiro é um borrão

Se não consigo te abraçar agora...

Continuo pensando que você não deve voltar

Você tem meu coração, mas eu o tranquei

Eu sei que isso parte o seu coração

Oito anos, nenhuma ligação

Tudo que posso fazer é segurá-lo firme; até que
você consiga respirar sozinho

Morte à rainha

Este poderia ser o fim de tudo

Depois de tudo o que falamos e fizemos

Esta guerra ainda não pode ser vencida

Eu te disse para ficar bem

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Parte 4

O mundo inteiro é um
borrão [\[58\]](#)

Se não consigo te abraçar agora... [\[59\]](#)

JULIETTE

Cruzei os braços, sentindo uma estranha nostalgia ao fitar a lua se alongar sobre o céu, tomar território, deixando claro que o dia tinha chegado ao fim, de fato. Mas já era noite e tudo que eu conseguia pensar, enquanto fitava o horizonte distante através das janelas, esfregando os braços para aplacar o frio que não queria ser aplacado, era onde Rafael estava.

Se ele tinha pensado em mim em algum momento ou se simplesmente ficara feliz por se livrar de mim e da minha irritante e constante perturbação a sua paz. Se, apenas por um segundo, ele pensara se eu estava bem e, imediatamente, aquela onda sentimental me atingiu, guiando-me a um infundável devaneio. Sobre ele, sobre Joseph, NACIONAIS - ACHERON

sobre tudo. Mas escondi os sentimentos com firmeza, bem trancados em meu coração, bem mascarados sob a dureza que eu empenhara que deveria ter, afinal, *eu* mandava em mim mesma.

Eu tinha todo o controle sobre sentir ou não alguma coisa, eu deveria saber quando e também como parar de sentir quando algo ou alguém me magoavam. Soltei uma expiração exaltada e fechei as cortinas, sem saber o que fazia ou o que faria.

Deixara claro a mim mesma que não queria saber de sentimentos nunca mais, mas era só aquele babaca me olhar que eles já começavam a querer surgir.

Estúpidos. Era melhor lá dentro, onde não corriam o risco de me machucar ainda mais, pior do que fisicamente. Com os pensamentos confusos, e tentando dizer a mim mesma que não tinha sentimentos por ele e nem por ninguém, que nem queria, soltei o cabelo e preendi-o em um rabo de cavalo, com minhas mesmas roupas de dormir usuais e sem graça que eu gostava, o short preto, que poderia uma cueca boxe a uma primeira vista, e um top preto. Tomei meu lugar na beira da cama com o corpo inclinado para frente na direção do

NACIONAIS - ACHERON

notebook, o qual eu tinha recarregado entre minha conversa com Diana e minha volta ao hotel, dobrei a perna esquerda e puxei-a para cima da cama.

Inicialmente, imaginei que convencer Diana fosse a parte difícil, mas foi só vê-la para perceber que ela estava tão preocupada quanto eu, o que foi bom, acelerou o processo e manteve minhas mãos limpas. Menos esforço, menos trabalho e resultados imediatos, não demorara nem uma hora para eu ter acesso a mais de 200Gb de arquivos com centenas, talvez milhares de crianças sem nome, sem identidade e sem... Nada.

Comecei, então, a procurar por alguma coisa que em ajudasse e foi o que se mostrou mais difícil. Estava completamente acostumada e habituada aos softwares da CIA; não precisava de nada além de apertar alguns botões e o mundo se abria, mas, além de recolherem minha arma e distintivo, também removeram meus acessos a rede, sendo assim, eu estava sozinha.

Sem a CIA, sem os Hamilton e sem apoio.

Mas na minha cabeça, podia me virar muito bem sem nenhum deles e ficaria perfeitamente bem.

Na mesma noite, mesmo começando a sentir os
NACIONAIS - ACHERON

efeitos da fome vampira, e humana com o meu lado bruxa, comecei a trabalhar a todo o vapor, pensando, pensando e pensando.

Quebrando a cabeça de tanto pensar e sempre me frustrando ao achar que fosse dar certo *daquela vez*. Em determinado momento, tudo já estava girando pela falta de sono e eu nem sabia mais que período do dia era, ou quanto tempo tinha se passado, só tinha a ciência de que estava digitando há muito tempo, que tudo em mim doía, principalmente meus dedos e mãos, e que nunca me sentira tão humana, tão *mortal* e horrível durante toda a minha existência imortal e patética.

Continuo pensando que você não deve voltar^[60]

RAFAEL

Nunca me sentira tão furioso em toda a minha existência. Não saberia dizer se o que se passava por mim era raiva, preocupação ou o que diabos era, só conseguia pensar que deveria encontrá-la. Como alguém conseguia me tirar tanto do sério? Eu também não saberia dizer, mas passei aquela noite inteira andando de um lado para o outro. Nunca sentira tão falta do sono como sentira naquela noite, esperando que ela me ligasse ao menos para se desculpar por ser tão... Tão ela. Tão chata e irritante.

Por me deixar tão irritado e por sentir prazer em me tirar do sério o tempo inteiro. Se bem que, só de pensar, sentia mais falta do seu sorriso, da sua cantoria desgraçada do que sentia falta da minha

NACIONAIS - ACHERON

própria mulher, da minha casa, do meu lar e da minha vida. Inferno, poderia passar semanas na estrada ouvindo-a cantarolar aquelas músicas ruins o dia inteiro, quantas ela quisesse.

Poderia passar semanas vendo-a tentar puxar conversa, *tentando* ser agradável. Poderia ser esmurrado mais vezes para ela poder cuidar de mim de novo, mesmo que com aquela coisa que eu não sabia o nome, mas sabia que ardia demais e ela nem pareceu perceber enquanto esfregava pelo meu rosto machucado. Gostaria de *ser* machucado de novo para poder ver seus olhos de perto, zangados, e saber que eram de preocupação, enquanto ela praguejava coisas em alemão.

Provavelmente me xingando, mas não me importava.

Estava convencido a encontrá-la quando fui tomar café na manhã seguinte e aproveitei que, em Nova Orleans encontrava-se ingrediente para tudo, comprei alguns. Não lhe dissera nada, mas, em Langley, ela tinha arrumado minha mala e a dela, enquanto eu estava *machucado* e inválido, e colocara roupas dela na minha mala.

Era uma conexão forte o suficiente para mim.
NACIONAIS - ACHERON

Para o feitiço, claro.

Instalei-me no quarto de hotel e formei um círculo no chão. Estava irritado com ela. Por não me dar notícias quando podia tê-lo feito; comigo, por me deixar preocupar com ela quando eu não queria, quando me importar com ela era tudo o que eu não queria, mas tudo o que eu conseguia fazer. Já estava até calculando os xingamentos que ela me diria em todas as línguas que conhecia, em como me odiava e blábláblá.

Em como eu era chato e irritante e não me importava com ninguém além de mim mesmo, em como era egoísta, narcisista, mesquinho e um filho da mãe desgraçado. Em como nenhum de nós queria estar naquela viagem. Rapidamente, pensei nela nos últimos oito anos. Com o meu *pai*. Em como eles tinham vivido o felizes para sempre deles. E, por mais que me importasse com ele, por mais que sentisse sua morte, o outro sentimento sobrepunha tudo e me cegava.

O ciúme. Por um momento, esqueci-me de que me importava e larguei tudo como estava, saí do hotel e andei pela cidade em meio à celebrações, passeatas pela rua, animação e música por todos os
NACIONAIS - ACHERON

lugares por onde eu passava. Era como era Nova Orleans. Cheia de vida e vivacidade e assim, mesmo vestido de preto, querendo me camuflar entre aquelas pessoas com cores vivazes e alegre, cheias de uma animação que simplesmente não me afetava, consegui passar despercebido.

Estava com sono por não ter dormido nada a noite inteira, o que me deixara irritado e insensível, enquanto andava contra a multidão e ia até o café em uma rua virando uma direita qualquer que, surpreendentemente, e para o meu alívio, tinha o movimento normal, sem o incomodo das grandes multidões. E, ainda mais inesperadamente, eu estava sem fôlego quando me sentei em uma mesa vazia do lado de fora do café, mal conseguindo respirar. Desabotoei um botão da minha camisa social azul-clara, tentando respirar tranquilamente.

— Já quer pedir, senhor? — uma moça loira e sorridente foi até mim com um bloquinho e desabotoei os punhos da camisa. Não conseguia respirar, nem tampouco falar, de modo que inclinei o rosto para baixo e apoiei os cotovelos nos joelhos — O senhor está bem? — ainda sem resposta.

Era como se não tivesse voz e algo apertasse

NACIONAIS - ACHERON

minha garganta com tanta força que eu não tinha mais forças para respirar. Senti uma mão suave tocar meu ombro, vindo detrás de mim.

— Uma água para ele e café para mim, por favor — com um olhar preocupado, a garçonete se retirou.

A mulher se sentou ao meu lado, quase que de frente para mim, sem tirar a mão do meu ombro, inclinando-se para buscar meu olhar.

— Você... — foi tudo que consegui murmurar, ainda sem ar.

Ela se limitou a sorrir e balançar a cabeça. A garçonete voltou com a água e o café e a mulher me entregou o copo que não conseguia segurar.

— Apenas respire fundo — foi o que fiz durante um longo minuto, sem dizer nada, apenas olhando para aqueles lindos olhos castanhos, cor de terra, que se pareciam quase verdes em determinados momentos. Quando viu que eu estava melhor e peguei o copo de suas mãos, ela sorriu: — Nova Orleans não combina com agorafobia^[61], senhor Hamilton.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Você tem meu coração, mas eu o tranquei^[62]

Não sabia nem que dia era mais. Sentia-me como se estivesse mergulhando cada vez mais fundo em uma piscina bem funda. Fechei os olhos e não movi um músculo sequer, apenas respirei de maneira irregular, em movimentos curtos, sentindo que meu peito subia e descia e tendo a dolorosa consciência de estar viva.

Meus olhos estavam fechados e não conseguia abri-los, pois não comia há... Não me lembrava e aquilo não significava nada bom, e nem me alimentava. Não me lembrava, também, há quanto tempo não sentia tanta dor, tanto cansaço e exaustão. Ao menos havia alguma coisa para provar que eu ainda era um bocadinho humana.

Meu corpo estava parado, nem o sentia mais de tanto frio; encolhi-me em mim mesma de modo
NACIONAIS - ACHERON

involuntário e passei muito mais tempo daquele jeito. Semiconsciente, faminta, humana demais para conseguir até pensar.

— Minha linda... — não tentei abrir os olhos, pois o esforço teria sido tremendo, mas aquela voz era tão agradável que sorri ao ser pega no colo, vulnerável, frágil e quebradiça como vidro — O que você está fazendo?

— Eu não sei — consegui murmurar e umedeci os lábios, agarrando sua camisa — Eu estava...

Parei de falar, pois eu mesma não me lembrava o que estivera fazendo durante aquele tempo. Ou o que deveria ter feito antes de dormir no chão. Os braços de Rafael eram as coisas mais confortáveis que eu poderia querer para me tirar dali, quentes a minha volta, fazendo voltar ao meu corpo o calor, os pensamentos a minha cabeça e a vida a mim.

— Está tudo bem, eu estou aqui agora — dei um sorriso imenso só de imaginar e assenti, repousando a cabeça em seu braço; confiava completamente nele.

Achei que fosse me levar para a cama, mas me colocou na banheira e abriu a água, muito quente.

NACIONAIS - ACHERON

Fiquei sentada, apenas abri os olhos, imóvel, e apoiei os braços na borda da banheira. Sabia que ainda estava usando roupas de baixo, mas me sentia um tanto letárgica; apenas segurei Rafael quando ele fez menção em se afastar de mim. A verdade é que quando testei, nem conseguia me manter na posição em que estava, sentada.

Assim, ele me segurou firmemente pela cintura, tirou o sabonete da saboneteira de maneira hábil e usou-o para jogar água em meus cabelos, inclinandome para trás: — O que você estava fazendo? — ele murmurou e concentrei-me em seus olhos, sem conseguir vê-lo, de fato.

— Eu não sei o que tem acontecido... — fechei os olhos e inclinei-me para trás — Nos últimos dias.

— Você sumiu — ele continuou falando baixo e suspirei.

Mal conseguia respirar, então me concentrei em fazê-lo enquanto sentia suas mãos me tocarem firmemente, deslizando-as por mim, espalhando calor e formigamento por cada parte minha. Depois de toda aquela perturbação, a paz de espírito que senti naquele momento foi imensa e tudo no qual

NACIONAIS - ACHERON

eu conseguia me concentrar.

Não existia caçadora ou meus pseudossentimentos de culpa com relação ao meu marido morto por querer tanto o que eu queria, por desejar tanto algo, ou *alguém*, que eu não podia ter. Não existiam problemas nem nada que perturbasse minha paz, a harmonia que eu sentia por dentro por longuíssimos minutos.

Não existia mundo exterior e permiti-me relaxar em seus braços; sabendo que não podia, ciente que não deveria, mas sentindo meus sentimentos cada vez mais fortes dentro de mim. Meu subconsciente sabia que eu não deveria permitir que eles emergissem. De fato, sentia que estava surtando, que ia ficar louca a qualquer momento. Ia surtar, religar e sair machucando todos a minha volta para me proteger de mim mesma.

E não queria ficar louca, descontrolada e histérica como eu era antes. Não queria machucar as pessoas que eu amava e com as quais eu me importava. Queria cuidar de todo mundo, queria que todos ficassem bem e estivessem tão seguros quanto eu pudesse garantir que estivessem. Mas, para tudo isso, eu tinha que ficar bem, o que, de

NACIONAIS - ACHERON

longe, era uma coisa que eu era incapaz de fazer naquele momento.

— Dorme um pouco. Parece que você não fez muito isso nos últimos dias — na cama, Rafael foi puxando o cobertor até meus ombros e deitei de lado, meio confusa, mas conseguindo, pouco a pouco, voltar a mim.

— Onde você esteve, Rafael? — tinha a impressão de que aquela era a primeira vez em muito tempo em que seu belo nome saía da minha boca; nas outras vezes, tinham sido apenas xingamentos ou pragas e maldições em alemão. E seu nome soava perfeito, como um sino.

Minhas pálpebras estavam pesadas quando tentei encará-lo. Ele apagou o abajur ao lado da cama, tornando tudo escuro ali, de modo que nem podia mais vê-lo. Não podia ver absolutamente nada, mas saber que ele estava lá já era o suficiente.

— Você fugiu de mim. Só estava te dando tempo, como você queria.

— Eu não queria — murmurei e pressionei o rosto contra o travesseiro, incapaz de lhe dizer a

NACIONAIS - ACHERON

confusão que estava acontecendo dentro de mim naquele momento.

— Você estava sendo infantil — ao contrário de como achei que fosse agir, não parecia o cara chato e irritado; parecia magoado, decepcionado comigo e virei o rosto, procurando por ele no escuro, ciente apenas do som da sua voz, que estava diante de mim, porém, não conseguia afirmar ao certo onde ele estaria — Se saiu do meu carro daquele jeito, imaginei que tempo era o que você precisava — senti a borda do colchão afundar sob seu peso e arquejei, prendendo a respiração de modo involuntário; inconsciente — Mas o que você esteve fazendo nesses dias?

— Trabalhando nos... Arquivos das crianças do orfanato — corri os dedos pelos cabelos molhados para tirá-lo do meu rosto.

— Você pode repetir? — pelo seu tom, pareceu intrigado e franzi o cenho, sem entender por que diabos ele me pediria para repetir o que tinha acabado de dizer, assim, franzi o cenho, preparando-me para falar quando ele o fez: — Seu sotaque... Desculpe, não entendi absolutamente nada do que você disse.

NACIONAIS - ACHERON

Ri sem nem me dar conta e limpei a garganta, apoiando-me em meus cotovelos; era reconfortante saber que ele estava ali, diante de mim, tão perto que eu podia sentir o calor que emanava do seu corpo: — Eu disse que... — respirei fundo e continuei muito, *muito* lentamente — Tenho trabalhado nos arquivos das crianças do orfanato.

— Sem sucesso, pelo que posso ver — não respondi por um longo momento, mal me lembrando do que tinha acontecido nos últimos *dias*, tempo que Rafael tinha dito que se passara. Depois de tanta cafeína, eu tinha a impressão de que meu corpo estava extasiado, além de qualquer reação.

Além das sensações de estar ficando louca, eu queria *vê-lo*, olhá-los nos olhos depois de tudo o que tinha se passado ali. Estava enlouquecendo por dentro. De verdade, daquela vez. Queria deslizar meus dedos por aquele cabelo enquanto olhava em seus olhos e sentia toda a sua ira se desfazer enquanto o beijava.

Jesus, eu estava ficando louca de verdade!

Remexi-me e apoiei-me nos travesseiros, amaldiçoando a janela por estar fechada, assim, eu

NACIONAIS - ACHERON

não podia ser rosto. Coloquei uma mecha do cabelo atrás da orelha e tentei raciocinar, acessar minha memória.

— Posso ajudar com alguma coisa? Não sou completamente inútil com a tecnologia — havia um toque de humor contido em sua voz, algo que ele, claramente, não queria deixar transparecer. Mas eu sorri, pois estava lá.

— Não, eu... Configurei o algoritmo para identificá-la, já devem ter resultados à essa hora... — lembrei-me de Esme e de todo o resto e inclinei-me para me levantar, mas a mão de Rafael em meu ombro me fez deitar mais uma vez, afastando-se tão rápido que doeu.

— Juliette, você imprimiu umas mil páginas e estão todas espalhadas pelo chão. Agora, você precisa dormir, senão não vamos conseguir terminar nada aqui — e ajeitou o cobertor com cuidado para não me tocar — Apenas durma — senti que ele se levantou e abriu a boca, confusa, consternada; uma completa e verdadeira bagunça por dentro.

— Espera...

— Algum problema? — como não respondi de
NACIONAIS - ACHERON

imediatamente ao escutar sua voz mais distante, ele continuou, preocupado: — Está tudo bem?

— Não, é que... — balancei a cabeça, confusa comigo mesma e com o que queria lhe dizer: — Onde *você* esteve?

— Bem ao seu lado, Juliette. Sempre ao seu lado.

Eu sei que isso parte o seu coração... [\[63\]](#)

Acordei com a sensação de estar flutuando em uma deliciosa nuvem de algodão, com o sol batendo no meu rosto e pelo meu corpo, aquecendo-me. Gemi, sonolenta e cobri o rosto, sentindo-me outra pessoa; novinha em folha. Ergui os braços e espreguicei-me, sentei-me e... Fiquei paralisada ao ver café ao lado da cama em uma bandeja. Não só café, mas frutas e omelete de queijo com torradas, que eu comia todos os dias desde que conseguia me lembrar. Algo que Joseph cozinhava para mim e foi impossível não lembrar dele ao ver aquilo.

— Tudo bem? — virei-me, sem entender como fora me distrair com comida para não ver que Rafael estava sentado no chão, entre a cama e a porta, com meu notebook, centenas de papéis a sua volta e uma expressão séria.

— Tudo — me liberei da sensação de nostalgia e estiquei as pernas — Desde quando você está aqui?

— Só estive organizando algumas coisas enquanto você dormia, não se preocupe — ele agitou os papéis no ar sem me olhar — Não tem nada de útil aqui.

— Tem muita coisa aí. Acho que vai levar um tempo e talvez, *se* encontrarmos a ficha dela, pode ser que não tenha nada — um segundo se passou — Rafael — ele ficou mais sério quando falei seu nome.

— O que foi? — ergueu os olhos para ver meu rosto confuso.

— Eu não sei o que aconteceu ou... Quanto tempo se passou desde que...

— Você tomou alguma droga? — parecia estar falando sério e balancei a cabeça boquiaberta.

— Claro que não, mas... Estive muito ocupada, só isso. Além disso... — levei a mão à têmpora, fitando-o com o olhar baixo — Você me chamou de linda ontem?

— *O quê?* — Rafael pareceu horrorizado com a possibilidade, contudo, embora fosse muito provável que eu estivesse delirando, podia afirmar
NACIONAIS - ACHERON

que o tinha ouvido dizer aquilo na noite anterior. Ou fosse quanto tempo tivesse se passado desde que ele aparecera.

— Você disse isso — falei com mais firmeza. Pisquei de modo confuso e abaixei os olhos, olhando para o chão enquanto buscava as memórias na minha cabeça. Estavam enevoadas e fragmentadas, mas estavam lá: — Me chamou de sua linda quando me pegou no colo e me colocou na banheira...

— Pirou de vez? Eu só te ajudei chegar até a cama.

— Acha que eu inventaria isso? — ergui os olhos até ele, que parecia irritado. De novo — Você falou isso e me levou para o banheiro... — estava ficando louca ou quase podia sentir a sensação do seu toque em minha pele?

— Por que eu faria isso, Juliette? — seu tom foi completamente limpo, claro, livre de qualquer emoção, qualquer que fosse. E mantive seu olhar por um longo e intenso minuto, tentando enfiar na minha cabeça que ele estava certo, que aquilo não fazia o menor sentido diante de tudo.

Mas ao mesmo tempo, eu tinha a sensação de

NACIONAIS - ACHERON

que não era assim; tinha acontecido, eu me lembrava. Seria tanta loucura assim? O problema seria lembrar ou não lembrar? Ou *fantasiar* algo que não tinha acontecido, de fato.

Repassei meus pensamentos um milhão de vezes, cada memória. Eu poderia ter afirmado com mais certeza se ele não me olhasse de uma maneira tão impactante que poderia me fazer esquecer até o meu nome, onde estava ou o que estava fazendo.

Ou quem eu era ou de quem eu deveria ser. Por fim, libertei-me dos meus devaneios e coloquei-me de pé: — Você está certo — ergui o queixo e passei os braços em torno de mim mesma — Me desculpe por isso. Você está certo.

— Aqui, bebe — ele me entregou o café quando saí do banheiro com os cabelos molhados, regata e short preto e curto por conta do calor que fazia ali. Rafael me olhou de cima a baixo, sentado em minha cama, ao que olhei no relógio: 10h23. Surpreendentemente tarde para eu ter acabado de acordar.

Mas aceitei o café e dei uma olhada nos papéis que ele olhava: — Achou alguma coisa?

NACIONAIS - ACHERON

— Não. Você imprimiu tudo isso para nada — prosseguiu em tom neutro, gesticulando para o notebook que ele tinha pegado do chão e colocado na cama — Dá uma olhada no seu software pra ver se tem alguma coisa — fiz que sim.

Sentia-me cansada e faminta. Sentei-me ao seu lado e peguei o computador, digitei algumas coisas e suspirei. Bebi o café, farta daquela situação, decidi que se ele podia ser frio, eu também poderia. Não fora eu a ir atrás dele depois de nos separarmos; se ele voltara, ótimo. Mas eu não daria o braço a torcer, eu não ficaria como estava, no papel de idiota, tentando manter o bom humor e proporcionar o bom clima entre nós.

Pra mim, tinha chegado ao limite; já tinha dado. Não diria nem mais uma única palavra que não fosse o estritamente necessário.

— Tem algumas prováveis fichas, dá uma olhada — entreguei-lhe o notebook e Rafael foi passando as fotos das crianças enquanto eu bebia o meu café tranquilamente, sem tirar os olhos da tela do computador.

Nenhum indício daquela menina loira de olhos cinzentos. Mesmo que ela tivesse um ano de idade, NACIONAIS - ACHERON

sabia que poderia reconhecer aqueles olhos singulares, assim como ele, que passava as fotos rapidamente, irritado pela falta de resultados contundentes que nos ajudassem.

— Não tem nada aqui — balançando a cabeça, ele continuou sua tarefa.

— Espera, espera... — falei quando ele passou e inclinei-me, olhando por cima do seu ombro e enfiando o braço por cima do seu para apertar a seta esquerda e voltar à duas fotos anteriores — Tem certeza que não conhece esses olhos? — era a foto de uma menina loira e bonita, de cerca de nove anos, com a carinha emburrada como se não fosse muito fã de tirar fotos, mas, mesmo assim, sua beleza infantil era notável, assim como seus olhos cinzentos, quase verdes, em um tom estonteante e chamativo.

— Claro. Esme — ele falou entre dentes e deslizei a mão para correr o ponteiro do mouse até as informações contidas em sua ficha. Rafael se remexeu, desconfortável com a proximidade, mas não me afastei, pois tudo o que eu queria era saber mais sobre aquela desgraçada.

Rafael que se danasse se ele estava incomodado.
NACIONAIS - ACHERON

— Ela nasceu em... *Salém*? — falei de queixo caído, com o olhar arregalado enquanto rolava sua ficha para baixo, tentando encontrar alguma conexão. Se ela nascera em Salém, como diabos tinha ido parar em Nova Orleans?

Ou melhor, como fora parar em um *orfanato* em Nova Orleans?

— Isso não faz muito sentido — Rafael concordou com meus pensamentos não verbalizados e anuí. Não tinha muito ali, só que ela perdera os pais quando tinha oito anos, morara no orfanato apenas por dois meses antes de ser adotada.

Sem dados. Sem o nome da família para quem ela fora entregue ao sair de lá. Nada.

— É só isso?

— É. Não tem mais nada — afastei-me ao me dar conta de que meu queixo estava calmamente repousado em seu ombro. Recompus-me rapidamente e enrijei os ombros, completamente tensa de um segundo para o outro, fingindo que tomava o meu café com muita tranquilidade, evitando o olhar de Rafael — Você acha que... Alguma coisa pode ter sido retirada daí? É muito

NACIONAIS - ACHERON

estranho não ter as informações de quem a adotou...

— Espera... — ele começou a digitar algumas coisas e me inclinei, tentando manter a distância e a postura — Aqui — a ficha de Harriet se abriu e franzi o cenho, um tanto surpresa.

Primeiro, por ele saber usar meu software, depois, por se lembrar de Harrie. Suspirei e li as informações ao mesmo tempo em que ele o fazia; tinha tudo ali, o que só confirmava as minhas suspeitas. Aliás, tinha tudo e um pouco mais. Meu nome e o de Joseph, endereço e relatórios de como éramos a *família perfeita* para Harriet.

De modo impulsivo, enfiei a mão direita por debaixo do seu braço e cliquei em voltar: — Bem, isso não importa com o nosso caso — falei ao me dar conta de que ele estava lendo aquilo.

Rafael se virou para mim e anuiu: — Claro, não importa. Só prova que alguém editou a ficha e toda essa viagem — ele fechou o computador e me devolveu, erguendo-se e me olhando de cima — foi em vão. Que apenas perdemos o nosso tempo — e andou de um lado para o outro, pisando duro, bravo.

NACIONAIS - ACHERON

Lindamente bravo. Ah, como ele era bonito daquele jeito.

Pigarreei.

— É, talvez tenha sido, mas temos que continuar procurando por alguma coisa. Temos que... Falar Diana — ele ergueu o olhar para mim — Ela me pediu para atualizá-la quando eu descobrisse alguma coisa — tenso, ele balançou a cabeça.

— Claro, claro. Eu vou... — por dois segundos, pareceu formular em sua cabeça uma desculpa, até perceber que, comigo, não precisava de uma — Vou fazer uma coisa. Já volto.

Todo perturbado, sem me olhar de novo, ele saiu e caí na cama.

Eu tinha praticamente prometido a Diana que levaria resultados a ela e quando lhe liguei, para pedir a ela que nos encontrássemos, não tinha nenhuma palavra de conforto e também não adiantei nada, só falei que precisava encontrá-la.

Ao desligar, descobri que já era terça, ou seja, tinha ficado quase dois dias lá para encontrar nada. Até Rafael me encontrar. Passei longos minutos deitada, pensando em tudo o que tinha acontecido, em tudo o que eu me lembrava e que Rafael dizia

NACIONAIS - ACHERON

ser coisa da minha cabeça. Não estava louca, eu sabia.

Na minha cabeça, tudo aquilo real. Tudo tinha acontecido. Se tivesse mesmo, ele se recusaria a me falar, sabendo que, na minha cabeça, era tudo uma confusão? E por quê? Para mim, tudo eram questões em aberto, me deixando ainda mais confusa, cada segundo que eu passava perto dele, era um passo em direção a minha humanidade e aquilo me assustava.

Não! Definitivamente, não. Eu não estava assustada, pois aquilo seria a representação de um sentimento, assim, sentindo-me muito cheia de Rafael, quase me afogando nele e em seu humor e ainda largada na cama com o celular, liguei para Cedrico. Precisava de alguém que não me odiasse completamente e que entendesse a que ponto minha vida ia, por isso, era ele mesmo.

— Oi, tudo bem? — assim que atendeu, já parecia preocupado que eu tivesse sido capturada e estivesse às portas da morte.

— Estou bem e você? — conversa casual realmente não era o meu forte, mas queria ter alguém com quem conversar. Além dele, eu só

NACIONAIS - ACHERON

tinha minha filha e Dahlia, que não eram exatamente uma opção para falar sobre aquilo.

— Bem. Descobriu alguma coisa?

— Só liguei para conversar, na verdade. Estar com Rafael é um inferno, estou sufocada — fechei os olhos, fazendo anéis em meus cabelos, lerdamente — Não tem nada na ficha de Esme que já não saibamos.

Por um segundo, ele não soube o que dizer. Se eu tivesse começado a falar sobre planos, homicídio e sobre Esme, ele saberia bem o que dizer, mas, sendo sobre Rafael e meus problemas sentimentais, ele se calou por demorados segundos: — Rafael pode ser difícil de lidar, você sabe...

— Ei, eu não sabia, ninguém me avisou — falei com um toque de humor e frustração em minha voz — Ele é um chato e eu não aguento mais. Parece um velho, me dando broncas a cada cinco segundos sempre que estou de bom humor como se não tivesse esse direito — falei tudo muito rápido e suspirei.

— Eu sei, entendo.

— O que eu faço? Ele é seu irmão, você o conhece melhor do que eu.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette, você sabe... Eu não tenho falado muito com ele nos últimos anos.

— Ah — quase gritei, interrompendo-o, frustrada — Não importa, Cedrico.

— Escuta — ele sorriu suavemente, achando graça — Apenas tenha um pouquinho de paciência e quando ele quiser ficar na dele, deixe-o. Forçar as coisas só vai deixá-lo ainda mais *chato* — ele imitou meu sotaque na última palavra e sorri, repousando os dedos da mão direita na testa, com um dramático suspiro — Agora vamos ao que importa...

— Que é nossa perda de tempo. Eu quero voltar para a minha vida... — deixei a frase no ar por um centésimo de segundo antes que Cedrico prosseguisse.

— Rafael me falou sobre Langley. Você está bem, não está? — demorei um segundo para falar — Só pra ter certeza.

— Estou bem, ele é que é um idiota. Eu falei que podia lidar com tudo sozinha e Rafael quis ser o herói; salvar a mocinha em perigo — suspirei de novo, realmente cansada, exausta por tudo girar em torno de Rafael. Sempre em torno dele — Mas
NACIONAIS - ACHERON

estamos bem. Eu vou pensar em alguma coisa que possa descobrir sobre Esme antes de voltar para Charlotte de mãos abanando. Qualquer coisa, você me liga, por favor — foi quase um pedido de misericórdia que ele me arrancasse daquele lugar.

Cedrico limitou-se a uma risada gostosa.

— Pode deixar. Se cuida.

— Você também — e com isso, desligamos. Abri os olhos e fiquei muito tempo olhando para o teto, pensando, mas sem pensar em nada. Tentando me entender, mas sem nunca chegar a lugar nenhum. Estava pior do que perdida e ferrada seria eufemismo para me descrever naquele momento.

Oito anos, nenhuma ligação^[64]

— Diana, esse é... — Diana lançou-lhe um olhar estranho, desconfiado ao soltar minha mão, recusando-se a estendê-la a ele, como teria feito sob circunstâncias normais.

— Rafael... — eu não tinha o dito o nome dele, o que indicava que... — Por não disse a ela que nos conhecemos?

Dei um passo para trás com os lábios entreabertos, as sobrancelhas erguidas e uma expressão embaraçada, de quem não estava entendendo nada do que acontecia.

— Vocês...

— Eu deveria. Mas estávamos ocupados com assuntos mais urgentes — Diana e Rafael se sentaram, um de frente para o outro, separados pela mesa redonda e fui a última a fazê-lo, sentando-me

ao lado de Rafael, com o olhar preso entre os dois, imaginando como diabos eles se conheciam — O que aconteceu com a ficha de Esme?

— Antes que você diga — ela mantinha o olhar dele com uma incomoda sagacidade, como se falasse com a propriedade de quem o conhecia bem. Bem demais para o meu gosto —, eu não sei quem possa tê-la editado.

Diana olhou para mim, que não estava entendendo também como ela saberia sobre aquilo, mas o modo como ela olhava para ele me dava vontade de pular por cima daquela mesa e agarrá-la pelo pescoço. Uma garçonete loira e jovem, com um belo sorriso e os cabelos presos em um rabo de cavalo, foi até nós: — Alexis — Diana a cumprimentou com um belo sorriso, limpo e claro, como se o belo dia devesse ser apreciado sem que se deixasse a negatividade impedi-lo.

— Como vai, senhor Hamilton? — todos ali pareciam conhecê-lo bem, até a garçonete — Sente-se melhor?

— Bem melhor, obrigada.

Bem melhor? O que diabos aquilo significa? Em que momento ele não estivera suficientemente bem
NACIONAIS - ACHERON

para que a *garçonete* fizesse aquela pergunta? Sentia-me perturbada, excluía daquela conversa e além de qualquer reação. Pedi água e a *garçonete* se retirou, voltando pouco depois com o *latte* de Diana e o *espesso* de Rafael, servindo-me a água com habilidade e um sorriso enorme que me irritava. Bebi-a a goles curtos, fingindo prestar atenção ao movimento da rua, calma naquela tarde, enquanto Rafael mantinha o olhar pesado de Diana sobre ele, como se o comesse com os olhos.

Que mulher atrevida!

— Juliette — ela falou meu nome e me virei com os lábios ligeiramente crispados, a beira de um ataque de nervos — Você tem alguma ideia?

— Sobre Esme? — não tinha certeza se era sobre o que falavam enquanto eu me distraíra, por isso achei por bem perguntar antes de dar minha opinião.

— Sim, claro — ela achou estranho o fato de eu perguntar, assim como Rafael, que me olhou de soslaio enquanto tomava seu café.

— Não, mas estou pensando nisso — e continuei bebendo minha água, agora, mais atenta aos dois, sem fingir que alguma coisa que interessava mais

NACIONAIS - ACHERON

— E você, Diana? — meu tom saiu um pouquinho sarcástico, mas Diana manteve sua postura e autoconfiança invejáveis — Alguma ideia? Afinal, você é muito mais bruxa do que eu — ela finalmente se deixou abalar, estreitando os olhos.

— O que você quer dizer com isso?

— Exatamente o que fiz parecer — falei mais séria, sem que parecesse uma provocação, o que pareceu mexer com ela — Qual é! Estamos no seu território, será que não conhece nenhum — inclinei-me milimetricamente sobre a mesa, abaixando a voz: — *feitiçozinho* localizador? Ou não conhece alguém que conhece alguém... — deixei a frase no ar.

— Não. Mas acho que as anotações de Joseph podem nos ajudar — e, de modo inocente, crispou os lábios e tomou seu café, relaxando na cadeira — *Ele* sabia como criar feitiços — Diana manteve meu olhar e, ao perceber que não me abalara, prosseguiu, repousando a xícara no pires: — Não aprendeu nada com ele, Juliette?

— É, eu aprendi. Infelizmente, nada que possa ajudar. Mas isso não inutiliza tudo que tem nos diários dele. Pensei o mesmo que você — naquele

NACIONAIS - ACHERON

ponto, já não podia dizer se estávamos apenas espetando uma a outra ou tentando encontrar a solução para o problema em comum.

Concluí que eram os dois, provavelmente.

— E o que a impediu de tentar um feitiço?

Ergui os ombros com um sorriso mental e malicioso para aquela mulher a quem eu odiara desde o primeiro segundo em que colocara os olhos: — Eu disse que você é mais bruxa do que eu.

Finalmente a desconsertei.

Hohenfels, um.

Hyland, zero!

— Que cena ridícula foi aquela no café com Diana?
— que intimidade infernal! O nome daquela mulher saía da sua boca como se ele o tivesse pronunciado um bilhão de vezes antes e aquilo, sim, era de matar.

Não me virei quando ele entrou em meu quarto e fechou a porta, apenas me sentei na cama. Rafael parou no centro do quarto e enfiei as mãos entre as coxas, achando Nova Orleans o inferno de tão quente, ainda mais depois de andar ao sol. Se
NACIONAIS - ACHERON

aquele quarto já era quente, eu preferia ter ficado lá se soubesse que fazia 50°C do lado de fora.

— Eu não gosto daquela mulher — falei quase sem fôlego; estendendo o braço esquerdo para trás, inclinei-me, fechei os olhos e me abanei inutilmente com a mão direita. Todo o meu corpo estava quente, pegando fogo diante da sensação térmica assustadora daquele lugar, a baixa umidade e o abafamento.

Sentia-me como se tivesse sido embrulhada em papel alumínio e colocada no forno micro-ondas para explodir.

— Juliette... Você está bem? — como era bom e reconfortante escutar aquela voz sensual e toda preocupada, ainda mais ouvir que ele estava mais perto de mim.

— Só está... Calor aqui. Muito calor — engoli em seco e abri os olhos imediatamente quando, um momento depois, ele se sentou ao meu lado e puxou o meu cabelo. Primeiro, tomei um susto, depois, vi o que ele fazia. Com uma borrachinha que tinha pego no criado ao lado da cama, Rafael prendeu meu cabelo em um coque alto e inclinou-se para soprar meu pescoço.

NACIONAIS - ACHERON

— Melhor?

Não consegui respirar, nem tampouco responder, apenas limpei a garganta e balancei a cabeça, o suficiente para que ele visse, enquanto eu derretia como sorvete. Rafael manteve meu olhar por um longo minuto, com o rosto pertinho do meu; minha boca ficou entreaberta, fitei seus olhos de perto pelo que pareceu uma longa eternidade, esperando para ser beijada.

Mordi o lábio inferior com desejo, mas apenas esperei.

— Eu vou pegar água para você — seus olhos se moveram pelo meu rosto em busca da confirmação de que eu entendia o que ele dizia, mas eu só tinha vontade de gritar. De gritar e de agarrá-lo pela camisa chique que ele estava usando, azul-escura, contrastando fortemente com a cor dos seus olhos, mas não gritei, claro. Apenas suspirei e ele se levantou, saindo pela porta.

Rafael voltou rápido e abri os olhos para vê-lo entrar e caminhar até mim.

— Está se sentindo melhor? — seu tom foi mais neutro, menos preocupado, mas meu coração batia mais rápido pela pergunta não vir acompanhada da
NACIONAIS - ACHERON

gelidez anterior.

Ele me entregou a água e ficou de frente para mim enquanto eu bebia. Estava gelada e bebi a garrafinha inteira de uma vez, pensando que, daquela vez, eu realmente precisava me alimentar. E não era de hambúrguer, embora também fosse cair bem.

— Estou — ele me olhava de um jeito estranho, como se temesse que eu fosse ter um infarto ou coisa pior.

Coisa pior, como tentar atacá-lo como quase fizera em Anderson: — Quer mais água? Você está vermelha.

— Estou? — parecia que tudo que saía da minha boca eram respostas monossilábicas. Era tudo o que eu conseguia formular naquele momento, por isso pisquei e sentei direito — Não, eu estou bem — balancei a cabeça e tirei os olhos dele.

— Certeza?

— Sim, estou bem — um momento depois, ergui os olhos novamente para ele, que tinha um junco entre as sobrancelhas: — Você acha que deveríamos ir embora?

— Não sei — Rafael ergueu as sobrancelhas,
NACIONAIS - ACHERON

frustrado por não saber enquanto eu recuperava minha respiração de modo parcial — Não deveríamos ficar em um mesmo lugar por tanto tempo, mas, mesmo assim...

— Está levando a ideia de Diana em consideração? — concluí em tom interrogativo, com um suspiro decepcionado por ela ter sido mais relevante do que eu — Quero dizer... Eu pensei nisso antes e provavelmente estaríamos perdendo tempo — quando ele não disse nada, continuei: — *Se* tiver como, ela deve ter encontrado um jeito de se ocultar de magia.

— Tem alguma coisa que não estamos vendo, eu sei — Rafael retorceu os lábios, pensativo, com as mãos nos quadris. Tentei fazer o mesmo, mas nada me vinha a cabeça. O que diabos poderíamos ter deixado passar? Com ele por perto ficava definitivamente mais difícil encontrar uma conexão para qualquer coisa.

— Talvez Diana esteja mentindo, talvez ela tenha me entregado os arquivos editados para me fazer perder tempo e...

— Não, eu acho que não — ele balançou a cabeça e olhou para o chão antes de olhar para mim

NACIONAIS - ACHERON

— Ela tem tanto interesse quanto nós em que isso se resolva...

— Rafael — interrompi-o, erguendo um dedo; ele se calou e me olhou, intrigado, curioso — Como pode ter tanta certeza?

Rafael virou a cara, cobrindo-a com uma máscara de frieza que eu não conseguia transpor, por mais que tentasse. Duramente: — Eu saberia se ela estivesse mentindo, e ela não está. Diana não é problema.

— Como vocês se conheceram? — a pergunta que estivera me fazendo o tempo inteiro desde que nos encontráramos a ela no café finalmente saiu da minha boca, surpreendendo até a mim.

— Isso não importa...

— Isso significa que você confia nela? — estava incrédula, sem conseguir acreditar. Rafael deu de ombros.

— Só disse que ela não é problema, confiar nela é outra coisa — e ficou completamente de frente para mim, olhando-me nos olhos de maneira desconcertante, impactante — Escuta, não coloque sua cabeça nisso. Ela também está preocupada e não é nossa inimiga — Deus! Estava fervendo por

NACIONAIS - ACHERON

dentro e nem era mais só de calor, mas balancei a cabeça como uma bonequinha obediente, consertando os fios de cabelo que caíam em meu rosto. Suspirei e inflei o peito.

— Está bem. O que eu faço, então?

— Pense em alguma coisa que nos tire dessa confusão — foi uma sugestão ampla, pois ele também não sabia o que fazer. Depois daquela conversa desastrosa, da proximidade inesperada e de nenhuma conclusão concreta, Rafael me deixou sozinha no quarto com meus próprios pensamentos e um saquinho de *stick* de carne seca que tinha na bolsa.

Comecei a devorá-lo, deitada com as pernas para fora da cama, e liguei para Harriet, perguntando-me se *falta* era um sentimento, mas sem ter tempo para concluir minhas investigações mentais, pois Dahlia atendeu rapidamente: — Juliette, como estão as coisas?

Contei a ela tudo o que tinha acontecido desde que saíramos de Anderson, sobre o acidente em Langley e tudo o mais, até a parte em que estávamos de mãos vazias depois de tudo; tirando os meus pseudossentimentos por Rafael, claro.

NACIONAIS - ACHERON

Quando terminei de falar, mastigando um salgadinho, ela suspirou, horrorizada.

— Que coisa horrível. Rafael está bem, não está?

— Sim, só está com uns roxos no rosto, nada demais.

— Ainda bem. Harriet está com saudades de você, não para de falar em Joseph e disse que não gostou de Rafael, mas que Cedrico é legal — acabei rindo porque Dahlia tinha o tom muito despreocupado, ainda mais diante da morte do filho. Mas talvez, depois de mais de mil anos, tornava-se frio, mais despreocupado e sofria-se menos ao perder alguém que se amava. Fiquei pensando naquilo, se me tornaria daquele jeito um dia, com minha imortalidade, ao olhar as pessoas que eu amava, enquanto tivera humanidade, morrerem; nem que fosse naturalmente, o pensamento me pareceu horripilante.

— Eu disse a Harrie que eles são os irmãos dela, mas ela não aceitou muito bem. De qualquer modo, isso não é importante. Quando isso acabar, ela não vai precisar se preocupar com isso, pois ficaremos o mais longe possível dos Hamilton — na minha cabeça, por um segundo, aquilo soou coerente, mas

NACIONAIS - ACHERON

naquele ponto, só a ideia de me afastar de Rafael era horrível.

Tentei não pensar e, ao invés disso, falei com Harriet. Ouvi-a falar sobre Salém e outras preocupações infantis, além de que ela sentia falta do pai; falei que sentia muito a falta dele também, com a voz meio derretida, ela quase começou a chorar e disse que não queria mais falar, que eu ligasse depois.

Aceitei, despedi-me com um beijo e desliguei. Era muito pequena e devia ser difícil lidar com a perda tão abrupta, então era melhor não forçar a situação. Fiquei deitada na cama, com preguiça, pensando sobre Esme, sobre estar em um beco sem saída e sobre me sentir perdida em um labirinto.

Em meus pensamentos, enfiei-me em um ainda mais complexo, misturado a sentimentos.

Tudo que posso fazer
para mantê-lo seguro, é
segurá-lo perto; até que
você consiga respirar
sozinho^[65]

Tossi antes de pegar o meu celular, ao lado do criado. A pergunta certa não era “como *diabos Rafael tem o meu número*” e, sim, “por que *diabos ele está me ligando à uma da manhã?*”. Definitivamente aquela era a pergunta quando, preguiçosamente, encarei a tela do celular, vendo-o tocar enquanto me ajeitava nos travesseiros.

— Rafael, isso são horas...

— Nem mais uma palavra — falou de modo incisivo e arregalei os olhos, despertando por

completo — Eu não ligaria se não precisasse da sua ajuda. E, bem, eu preciso *muito* da sua ajuda agora, então...

— Minha ajuda? — antes que soubesse mais, já estava chutando as cobertas e apoiando o celular no ombro para pegar uma calça largada casualmente no chão — Onde você está?

— No, ahn... — ele parecia não conseguir respirar direito e um pânico crescente se alojou dentro de mim diante da possibilidade de ele estar em perigo. Em perigo *de verdade*. Já estava pirando enquanto o esperava responder, vestindo a primeira blusa que achara a minha frente e minha jaqueta — Perto da sua janela, eu acho — Rafael pronunciou de modo confuso. A verdade é que ele não parecia saber.

— O que você está fazendo aí? — falei um pouco mais alto, sem conseguir controlar. Saí do quarto e descí as escadas, quase saltando pelos degraus. Antes de chegar a recepção, contudo, já estava escutando o som alto de pessoas na rua, perguntando-me quando aquelas pessoas viviam as suas vidas se estavam sempre gritando e fazendo festa pela rua.

NACIONAIS - ACHERON

— Desculpe... Eu não ligaria para você se não precisasse... Inferno! — ele praguejou. Podia escutar sua respiração falha, como se estivesse tendo um ataque de pânico, distante; meu coração estava quase saltando pela boca quando vi a rua tomada por uma multidão dançante, música alta e pessoas. *Muitas* pessoas. Por um momento, olhei de um lado para o outro, perdida, sem saber por que lado seguir.

— Rafael, preciso que me diga onde você está. Tem muita gente na rua... *Rafael?*

— Estou aqui — ele arquejou e mordi o lábio; preocupação seria eufemismo para dizer o que se passava em meu peito, assim como paranoia, em minha mente — Eu não sei... Eu disse que estava abaixo da sua janela.

— O que está acontecendo?

— Apenas venha logo — para não chamar atenção, não podia usar a velocidade vampira, então corri pela calçada, dando a volta inteira na rua comprida, vendo o hotel quando cheguei à rua dos fundos, mal iluminada e parcialmente lotada.

No lado esquerdo, tinham lojas e restaurantes, alguns fechados, com a fachada parcialmente
NACIONAIS - ACHERON

escurecida. No lado direito, não tinha nada, mais fundos de prédios da outra rua; quando olhei direito, tinha um bar com algumas mesas do lado de fora. Meu coração estava quase saltando pela boca enquanto eu ia contra a multidão que já me deixava maluca de tanto barulho e cantoria irritante, tão animados que eu tinha vontade que arrancar os instrumentos de suas mãos e fazê-los engolir, só para parar aquela barulheira.

Fome me deixava irritada, de fato.

Ignorei a multidão e, em um segundo, com minha supervelocidade vampira, parei ao lado de uma pilastra e agachei, pousando a mão no ombro de Rafael que, por algum motivo, estava sentado no chão, com as pernas erguidas e a cabeça entre os joelhos.

Soltei um suspiro há muito contido em meu peito, tamanho era o meu alívio.

— Finalmente... O que aconteceu com você? — consertei o cabelo e inclinei o rosto, franzindo as sobrancelhas como um gatinho abandonado. Meu coração ainda não entendia que estava tudo bem, estava acelerado, quando implodindo meu peito, sendo assim, avaliei-o por um momento — Você
NACIONAIS - ACHERON

está machucado?

Rafael não respondeu a nenhuma das minhas perguntas, ou ergueu o rosto; permaneceu na posição em que estava e também mantive minha mão em seu ombro. Esperei que falasse alguma coisa, mas, se ele não estava machucado ou em perigo iminente, por que tinha me ligado tão tarde e com tanta urgência? Achei que poderia ter um ataque do coração enquanto imaginava que ele poderia ter se machucado de qualquer modo.

— Rafael... — seu nome saiu da minha boca de modo quase desesperado, nada contido, descontrolado e abaixei o rosto, na esperança de que ele erguesse o seu e me deixasse ver seus olhos, apenas para que eu pudesse respirar sabendo que ele estava bem — Preciso que me diga alguma coisa, por favor... — minha mão desceu do seu ombro esquerdo para suas costas — Você está bem? — esperei por um longo momento, escutando apenas o som da sua respiração, escutando, também, que a multidão se afastava, seguindo na direção de outras ruas para encher o saco de mais alguma vizinhança — Fala qualquer coisa, por favor... *Por favor*, me diz... Você está bem? — eu

NACIONAIS - ACHERON

é que estava tendo um troço enquanto ele não dizia nada.

— Eu estou... Eu... — ele gaguejou alguma coisa e ergueu o rosto, tomando um fôlego profundo. Mordi o lábio e consertei o cabelo atrás da orelha; involuntariamente, minha mão subiu até pouco abaixo da sua nuca.

— Apenas respire — ele anuiu e ergueu os braços.

Fiz o mesmo e olhei em volta. Quase todo mundo tinha ido embora e só restava um pequeno grupo muito distante, no fim da rua e na interseção com outra. Esperei que Rafael se acalmasse antes de saber o que tinha acontecido; sentia como se pudesse ter morrido de medo só com a preocupação que tinha sentido.

Ficamos daquele jeito por longuíssimos minutos e esperei pelo seu tempo com calma, esperando por ele, esperando que ele se acalmasse ao mesmo tempo em que eu o fazia.

— Rafael... — coloquei-me de pé, mais ou menos inclinada, com as palmas apoiadas nos joelhos, para falar com ele — Venha, vamos voltar para o hotel, tudo bem?

NACIONAIS - ACHERON

Ele finalmente me olhou, com os olhos verdes em pânico, acalmando-se gradualmente. Sorri de modo débil e ajudei-o a se levantar do chão. Rafael me olhou de perto, com minha mão segurando seu antebraço direito bem perto do meu peito, seu rosto lateralmente muito perto do meu; ele foi se virando lentamente, olhando em meus olhos de modo intenso, estranho, mas íntimo, e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha para tirá-lo dos meus olhos. Meu coração parou de bater e entreabri os lábios.

Deus, eu estava em pane por dentro, tudo se revirando em meu ser. Quando ele se inclinou, achei que fosse me beijar, senão, eu estava mais do que disposta a fazê-lo, mas ele abaixou o olhar para o meu corpo até o chão: — Juliette... — mantive seu olhar quando Rafael reergueu-o até o meu — Você está descalça.

Morte à rainha^[66]

Como não parecia conseguir fazê-lo sozinho, ajudei-o até ele me afastar, ao chegar ao fim da rua e sermos atingidos pela luz, onde Rafael se afastou de mim.

— O que aconteceu, Rafael? — perguntei, esperando que, daquela vez, obtivesse uma resposta para o fato de ele ter me ligado tão tarde e ter ficado sentado na rua. Sem nenhum motivo aparente, ao menos.

— Me desculpe por ter te ligado, não queria que tivesse... — ele foi falando com a voz reduzida, o mais baixo que pode e, quando me dei conta, estávamos entrando no hotel — Me visto daquele jeito.

— Que jeito? — arregalei os olhos e ele seguiu dois passos a minha frente, parecendo embaraçado depois de tudo — *Rafael*... — muito mais baixa que ele, o alcancei enquanto ele subia as escadas

NACIONAIS - ACHERON

devagar — O que está acontecendo com você?

— Deixa pra lá, Juliette...

— Rafael — falei de modo mais firme ao chegarmos ao corredor. Ele parou e parei diante dele, buscando seu olhar de maneira brusca e desesperada — Só... Me fala, eu fiquei preocupada...

— Não sei preocupe — inesperadamente, ele pousou a mão direita em meu ombro; arregalei os olhos, além de qualquer outra reação — Eu estou bem.

— *Nicht lange, glaube ich*^[67] — arquejei profundamente e dei um passo para a direita, com uma pontinha de irritação ao escutar aquela voz brusca e firme em alemão. Contudo, antes que eu pudesse ver por completo o brutamonte dono daquela voz e, também, antes que tivesse a chance de lutar, vi uma mão forte, enorme, sendo erguida e Rafael voou pelos ares para pousar no fim do corredor, produzindo um barulho oco contra o piso de madeira.

Não pude me dar ao luxo de olhar para ver se ele estava bem e inteiro, pois o homem arrancou um

NACIONAIS - ACHERON

dos balaustres de madeira da escada, que era reto, e foi com tudo em minha direção, com um rugido forte e alto que reverberou por todo o corredor estreito. Foi tudo muito rápido e em um segundo, ele estava diante de mim, cravando a madeira no lado esquerdo do meu abdome. Gritei alto diante da dor e o homem atravessou meu corpo com o balaustre, fazendo com que a ponta se enterrasse na parede: — *Inget personligt, älskling*^[68] — rosnou em tom irônico ao fixar os olhos nos meus bem de perto. O ar não saía do meu peito e arquejei.

Não tinha palavras, mal pude respirar ao fitar aqueles olhos negros se afastarem. Ergui as mãos até meu abdome, sentindo meus dedos cobertos de sangue e o pedaço de madeira bem cravado e mim; minha garganta se fechou e mordi o lábio, mal suportando a dor. A cada respiração, a cada vez que meu coração batia, sentia-me tão enfraquecida que poderia estar morta no próximo segundo. Sim, eu deveria ter me alimentado quanto tivera a chance, mas fui estúpida o suficiente para não fazê-lo, mesmo estando na *toca dos leões*, como dissera Cedrico. Arrependida até o último fio do meu cabelo loiro, segurei o balaustre com as duas mãos

NACIONAIS - ACHERON

e tentei puxá-lo, mas estava bem cravado do outro lado, na parede. A dor foi excruciante e o sangue saiu ainda mais na primeira tentativa; foi simplesmente insuportável e fechei os olhos, soltando o ar.

Repentinamente, virei-me ao ouvir o som dos passos pesados daquele homem; o sangue deixava meu corpo e me tornava mais fria a cada segundo que se passava, às portas da morte. O brutamente enorme, musculoso e com 2 m de altura, agarrou Rafael pelo colarinho da camisa. Um desacordado Rafael. E ao ver aquilo, encontrei alguma força dentro de mim, em meu corpo sem humanidade ou sentimentos, porque eu não podia desistir sem lutar. Não podia deixar o homem da minha vida.

O pensamento me assustou e reprimi um grito ao impulsionar o meu corpo para frente, sentindo o balaustre saindo aos poucos, a madeira ardendo cada libra de carne em meu corpo, me matando aos poucos. Naquele ponto, o sangue formava uma poça no chão e empapava as minhas mãos, fechava a minha garganta e me impedia até de pensar, de respirar.

Lute, Juliette, coloquei na cabeça.

NACIONAIS - ACHERON

Repeti a mesma coisa a mim mesma duzentas mil vezes em uma fração de segundo. Era melhor arrancar o band-aid logo, pois eu tinha em mente que, mesmo aquilo não sendo um band-aid, era melhor arrancar logo e deixar o meu corpo me curar. Seria lento, doeria mais quando eu acabasse, mas coloquei na cabeça, e me concentrei naquilo, que nenhuma dor era infinita, que eu me curaria independente de quanto tempo levasse.

Por fim, o pedaço de madeira foi, lenta e dolorosamente, saindo enquanto meus pulmões queimavam e meu coração batia com tanta força que podia saltar do peito. O brutamente esmurrou Rafael e senti que poderia morrer, acelerando o lento processo de arrancar o balaustre do meu abdome; ergui a mão e quebrei seu pescoço com um bom e velho truque de magia, dando-me mais tempo quando só faltava mais um pedacinho da madeira dentro de mim.

Antes de ter a chance, mais dois homens surgiram bem no momento em que conseguira arrancar o pedaço de madeira de mim e cambaleei para frente. Tremendo pelo esforço e pela dor, fui até Rafael, agachei-me e conferi seus batimentos

NACIONAIS - ACHERON

para ver se ele ainda estava vivo. Vi seu rosto apenas com uma fresta de luz que entrava pela janela aberta acima de sua cabeça; não tinha tempo para sentimentalismos, mas também não podia deixá-lo para lutar sem saber se estava bem. Um erro, pois no momento em que o fiz, senti algo pinicar em minhas costas.

Uma vez, depois duas. Três, e curvei o braço para arrancar três dardos de mim.

— *Blinda kärleken*^[69] — falou o homem que estava com uma arma, ao lado de outro, que sorria.

— Bruxos são idiotas — o outro falou, rindo, enquanto eu perdia a consciência, desfalecia lentamente, começava a ver todo borrado; minha surpresa foi ver que um deles falava inglês, embora o outro, o que atirara em mim, não parecesse ter entendido, mas assim que lhe foi traduzido, ele sorriu, jogando a cabeça para mim.

Tinha o cabelo raspado, olhos verdes escuros e eu não podia vê-lo direito quando jogou a arma sobre o ombro e deu alguns passos na minha direção, ajoelhando-se ao meu lado: — *Alla säger att du är den starkaste kopplingen till de Hamiltons bastards. Låt oss se om de är korrekta*^[70] — ele

NACIONAIS - ACHERON

afagou minha bochecha e olhei-o com raiva, sentindo que, se o pudesse, cuspiria na sua cara para tirar dela aquele sorriso convencido de quem tinha vencido a guerra mal tendo começado uma batalha.

O outro, no entanto, chamou minha atenção e voltei os olhos para ele, sentada no chão com a parede contra minhas costas. Ele riu em escárnio e falou na minha língua: — *Der Tod der Königin!*^[71] — e chacoalhou os ombros enquanto ria.

A consciência foi dolorosa quando retornou ao meu corpo, pois a cada minúscula respiração, a dor se espalhava, ganhava força e me vencia, lançava-me ao chão em uma luta nada justa.

A dor mais forte e intensa, que se fez sentir antes mesmo que eu abrisse meus olhos, foi em meus pulsos e escápulas, pois não tardei a perceber que estava presa por eles, acima do chão, esticada. Outra coisa que percebi foi que fazia muito frio, que invadia até os meus ossos, e que havia um gotejar enlouquecedor. Pingos d'água caíam em intervalos rítmicos, guiando-me a insanidade. Encontrei-me em uma sala gelada, sem móveis e de

NACIONAIS - ACHERON

teto alto.

Não, não era uma sala, estava mais para um galpão enorme e vazio. A cabeça estava pesada e a fome era a coisa mais forte dentro de mim naquele ponto, retorcia minhas entranhas e tomava tudo de mim. Chacoalhei os braços e olhei para cima para perceber que estava presa por correntes; naquele estado, dificilmente conseguiria me soltar.

Havia uma espécie de passarela acima de mim, onde as correntes estavam presas e eu as agitava furiosamente, tendo como resultado pulsos sangrando, roxos e mais dor. O ambiente estava parcialmente escurecido e eu só podia ver que era longo, não tinha fim, assim como meus delírios semiconscientes de que algo se movia em torno dela. Dei-me um segundo para respirar e tentei me recuperar, ter forças o suficiente, e, só então, percebi que não estava sozinha.

— Eu simpatizo com você — escutei uma voz feminina e aguda demais, o que me fez parar e olhar para o vazio, encontrando a garota com os ombros encostados a uma pilastra, os braços cruzados na altura do peito, um sorriso que pude ver conforme ela se afastava da pilastra a minha

NACIONAIS - ACHERON

direita, perto da saída, e andava na minha direção — Você luta com tanta força, com tanta determinação... É difícil não simpatizar.

Engoli a pergunta idiota que estivera prestes a fazer por um minuto e me mantive séria, inabalada: — Não vai falar nada? Achei que fosse mais falante — Esme parou na minha frente, com os cabelos loiros indo até a altura de suas costelas, com cachos modelados, lindos e soltos, os olhos cinzentos tempestivos e os braços cruzados na altura do peito. Meu olhar continuou descendo pelo seu corpo, vendo o pedaço de blusa, que, na verdade, era um top, por debaixo de uma jaqueta, calça preta e botas. À exceção das botas, que seria um pouco demais, tudo era de couro.

Depois de olhá-la bem, voltei o olhar duro a seu rosto, onde ela exibia um sorriso suave, debochado e de vitória. Todos eram muito convencidos e exibidos, achavam que tinham vencido quando aquilo mal tinha começado.

— Vendo de perto, você não é *isso tudo*, Juliette — ela retorceu os lábios, olhando-me de cima a baixo — Nada ainda? — seus olhos voltaram aos meus e Esme apertou os braços um pouco mais em

NACIONAIS - ACHERON

torno do peito.

— Couro não é tudo isso que você pensa — falei com o sotaque carregado; mais puxado para o alemão do que para o britânico, de fato.

— Claro, também me alertaram sobre seu sotaque irritante — e ela sorriu de modo doce, quase como uma menininha doce de dezesseis anos, que era o que ela devia ter — Algo que vá me surpreender? — lentamente e com aquela autoconfiança que exalava dos seus poros, Esme andou a minha volta. Colocou o cotovelo direito no antebraço esquerdo e o indicador sobre os lábios, me inspecionando como se eu fosse um pedaço de carne sendo exposto ali.

Dei de ombros, calma como se eu não estivesse segurando as correntes dois centímetros acima das minhas mãos para proporcionar certo alívio a meus pulsos, que sangravam. Em um segundo, dei-me conta de que magia não funcionava ali, assim, voltei meus pensamentos para outra forma de escapar dali.

— Eu posso surpreendê-la quando sair daqui — Esme voltou os olhos para mim enquanto eu falava tranquilamente — e rasgar sua garganta com

NACIONAIS - ACHERON

minhas presas, *querida* — sorri e ela ficou séria.

— Posso garantir que não terá chances. Terá queimado antes que possa apreciar a possibilidade, de fato. Mas, sabe, quando estamos em uma situação de imobilidade, faz bem para a mente pensar em vingança — ela se virou e começou a caminhar para longe.

— Foi o que você fez enquanto estive no orfanato? — falei alto e Esme se virou e sorriu, mas senti que estava desconsertada.

— Boa tentativa de fingir saber algo sobre mim quando você não sabe — e tirou uma arma bem escondida de suas roupas de couro pseudoassustadoras. Uma arminha de dardos, claro — Durma um pouco, nos veremos em breve.

Este poderia ser o fim de tudo^[72]

Odiava a presunção daquela adolescente mimada e queria poder matá-la o quanto antes, pois, naquele momento, depois de acordar naquele lugar, não restara nenhum resquício de humanidade, de fato. Eu não saberia dizer o que a fizera sumir por completo, mas também não estava me importando, tudo no qual eu conseguia pensar que precisava dar o fora dali.

Já acordara pela segunda vez com os pensamentos naquilo, agitando-me. Mas não levou nem um segundo para que eu percebesse que não estava mais presa ao teto, e sim, a uma cadeira de ferro presa ao chão. Tão firme quanto podia garantir. Minhas pernas e braços estavam presos e por mais firmemente que eu tentasse, tinha de admitir que não conseguiria me soltar das

NACIONAIS - ACHERON

correntes.

— Já era hora, Juliette — escutei a voz irritante de Esme e fuzilei-a com o olhar ao vê-la caminhar em minha direção, toda pomposa com um sorriso — Não vai cumprimentar seu *amor épico* número um?

Golpe baixo seria pouco a dizer quando Esme estalou os dedos, colocando-se atrás de mim e debruçando-se sobre a cadeira, e as luzes se acenderam por completo. Ver Rafael lá fez meu coração saltar como um louco masoquista no peito, ainda mais pelo fato de ele estar preso na mesma posição em que eu estivera anteriormente, ter a cabeça inclinada para baixo, os pulsos sangrando e a camisa aberta exibindo seu abdome de tirar o fôlego marcado, como se tivesse sido cortado com uma chibata. Vê-lo naquela posição, machucado e imóvel, acabava comigo de uma vez, com todas as minhas forças, minha resistência e resiliência.

Ia tudo para o espaço. Meu queixo caiu e só fui capaz de olhá-lo, sem palavras.

— Finalmente. Uma reação — escutei aquela bruxa desgraçada falar atrás de mim, próxima a minha orelha. Queria matá-la, agora mais do que

NACIONAIS - ACHERON

nunca, só pelo fato de tê-lo tocado; Rafael começou a erguer a cabeça muito devagar, mas a voz de Esme tomou minha atenção e me fez olhar de soslaio para ela, captando seus movimentos de puma — Então, Juliette, como você não tem humanidade — ela falou em tom sarcástico, semiarregalando os olhos, me fazendo enlouquecer por dentro por não poder cravar meus dentes naquele pescoço magrelo ali mesmo —, acho que não vai se importar se eu... *Matar* o Rafael. Não é mesmo?

— O que... — ele balbuciou, mas Esme foi até ele e pousou o indicador em seus lábios.

— Shh, deixe as garotas conversarem — e se virou para mim, cruzou os braços na altura do peito com um sorriso, com o peso apoiado na perna direita, a espera de uma resposta — Eu quero uma resposta, Juliette.

— *Geh in die verdammte Hölle*^[73] — mesmo em alemão, tinha certeza de que só pelo meu tom animalesco, ela entendera minhas palavras de ódio. Queria mais do que gritar e espernear sentada naquela cadeira. Nunca sentira aquilo com tanta força em meu sangue, aquele desejo assassino

NACIONAIS - ACHERON

nunca fora tão forte.

Esme não falou mais, apenas se virou, com o rosto na altura do abdome de Rafael, que parecia agonizar de dor. Esqueci Esme para me concentrar em seus olhos quando ele os fixou em mim, tentando decifrar a expressão em meu rosto. Era complicada, nem eu mesma poderia afirmar qual, só sabia que queria poder estar livre dali para correr até ele. Para poder ser o balsamo de suas feridas, para poder abraçá-lo enquanto minha humanidade voltava, pouco a pouco, atingindo-me de maneira esmagadora, mortífera.

Esme deslizou as unhas pelo seu abdome marcado e Rafael retorceu o rosto, aguentando a dor firmemente enquanto ela sorria, divertia-se: — *Sua vadia!* — remexi-me, as correntes provocando um tilintar que ecoou por todo o cômodo vazio até o fim dele, um pouco mais atrás de Rafael. Só então reparei que tinha uma porta a direita e mais nada.

— Isso, pequena Hamilton — ela quase aplaudiu, mas se afastou milimetricamente dele — É uma pena que tenhamos planos para cada um vocês, porque eu adoraria cravar uma estaca no seu

NACIONAIS - ACHERON

coração.

— Por que... — ela se virou quando Rafael falou e prestou atenção nele; nós duas prestamos — Por que está fazendo tudo isso?

— Desculpe, não é nada pessoal, mas temos algumas contas a serem acertadas — e voltou-se para mim — E agora, eu preciso que você religue sua humanidade. Meus joguinhos não terão nenhuma graça se você não tiver sentimentos — ela falava, gesticulando exageradamente, cortando os cinco metros que me separavam de Rafael — Já percebi que Rafael desperta alguma coisa em você, mas... Me deixe ser mais clara. Eu irei torturá-lo até que você gire o botãozinho nessa sua mente pirada e conserte as coisas.

— Nem nos seus sonhos — falei de modo contido, mais do que achei que conseguiria. Esme balançou a cabeça, bem séria.

— Bom que eu tenho mais um irmãozinho para brincar de “*Quem consegue provocar sentimentos na Juliette*”, não precisa se preocupar — Esme ficou entre Rafael e eu, de lado, alternando os olhares entre nós calmamente — Se ele morrer, eu tenho um reserva. então... Do que vamos brincar

NACIONAIS - ACHERON

primeiro?

— Por que não me diz onde você fez suas aulinhas de tortura — Esme me olhou com curiosidade quando falei bem séria — Porque tenho certeza que elas não funcionam nem comigo, querida — sorri, por fim, para demonstrar espontaneidade e ignorar o pequeno e mínimo sentimento se formando dentro de mim. Ignorei Rafael, pois era mais difícil olhar para ele.

— Está se voluntariando, meu bem?

— Estou. Por que não tenta comigo? Ah, Esme, olhe só para ele — retorci os lábios enquanto falava, com o sotaque nova-iorquino tão irritante que eu mal reconhecia minha própria voz — Acha mesmo que será *ele* a provocar algum sentimento em mim? Passamos semanas juntos e tudo que Rafael me sentir por ele foi... *Nojo*, talvez pena. Nada além — balancei a cabeça, mal acreditando como tudo aquilo soara natural em minha boca; e como eu queria poder olhar naqueles olhos verde-musgo e dizer a ele que tudo aquilo era mentira. Uma mentira enorme, mas pelo bem maior, porque eu tinha tanto medo que ele não soubesse que mal conseguia pensar.

NACIONAIS - ACHERON

— Você está mentindo — ela falou sem se abalar, com uma expressão séria, fitando-me de modo intenso. Seus olhos eram estranhos, assustadores, até — Acha que eu sou idiota?

— Acha que eu já não teria religado meus sentimentos se sentisse alguma coisa por ele? — ri e remexi-me na cadeira de modo confortável — Só se for desprezo, Esme. Aliás, nem só agora. Se eu o amasse *tanto assim*, por quê eu o teria trocado pelo pai? — aquilo, sim, o magoara, podia sentir seu olhar em mim, mas não parei: — Acha que eu o teria deixado sem mais nem menos? Isso, para mim, não é amor.

— É um bom ponto — ela ainda não acreditava completamente, mas, pouco a pouco, eu estava conseguindo alcançar meu objetivo — Eu conheço a história bonitinha de amor de vocês. Triângulo amoroso famoso — Esme cruzou os ombros, séria, pensativa. Sabia que pensava em minhas palavras e mantive meu olhar nela — Como eu disse, tenho outros planos para você. E se você não quiser religar por conta própria, terei que te ajudar com isso.

Não entendi bem o que ela queria dizer, mas ela

NACIONAIS - ACHERON

saiu e nos deixou lá, no mais absoluto silêncio enquanto Rafael me olhava. Me olhava e, infinitivamente *me olhava*.

RAFAEL

— *Precisamos de um plano* — murmurei a Cedrico, sentado no chão da sala minúscula. Cinco metros quadrados, no máximo. Ambos estávamos sentados no chão, cada um com seus próprios pensamentos; eu, em tudo o que Juliette tinha me dito, pouco antes dos soldadinhos me jogarem no cômodo junto a Cedrico.

Fechei a camisa, tentando, tentando muito, tirar os pensamentos de Juliette para me concentrar em um plano, espiando através de um buraco na porta de madeira os homens do lado de fora. Três.

— Ela está bem? — *que ela se danasse*, quase disse, mas estava tão preocupado que mal conseguia pensar.

— Eu não sei — murmurei muito baixo. A porta ficava do lado esquerdo do quartinho e eu estava atrás dela, Cedrico, sentado ao lado, melhor do que eu, naturalmente — Aquela menina maluca deu
NACIONAIS - ACHERON

uma espécie de *injeção* de ervas a ela, disse que queria que ela... *Religasse* a humanidade — desviei o olhar para ele, que não parecia surpreso como eu — Isso faz algum sentido pra você?

— Faz — falou simplesmente e olhou através da porta, ficando mais perto de mim — Ela estava estranha antes de vocês viajarem — Cedrico abaixou o tom de voz.

— E por que diabos você não me falou nada?

— Você não queria saber nada sobre ela, lembra? — ele tinha razão, mas mesmo assim — Escuta, Rafael, eu não tinha certeza de nada, tinha apenas desconfianças por conta do comportamento dela. E não sei nada sobre isso de *desligar a humanidade*, como diabos *ela* poderia saber? — continuei escutando sua voz murmurada, prestando atenção no movimento do lado de fora.

— Eu entendo. Vamos nos concentrar em sair daqui — ele concordou com o olhar e nos sentamos. Era dia, eu sabia porque fazia sol do lado de fora, que penetrava o cômodo por buracos no teto. Provavelmente era uma manhã, por conta da luminosidade.

Um dia tinha se passado e eu começava a traçar
NACIONAIS - ACHERON

círculos no chão, um tanto paranoico ao voltar meus olhos para o teto: — Você consegue usar magia?

— Não, acho que não. Estou meio ferrado agora — Cedrico retorceu o nariz e desviou o olhar do meu para continuar a olhar pelos buracos pequenos na porta corroído pelo tempo, bem diferente do resto daquele lugar, que era limpo, arejado e de aço — Você tem alguma ideia?

— Acho que sim, mas só conseguiremos fazer mais tarde. Ao por do sol — ele tirou o celular do bolso e checkou o sinal inexistente — Nem pegaram nossos celulares. Amadores — Cedrico balançou a cabeça em silêncio. Eram 11h38 da manhã.

— Que horas?

Cedrico deu de ombros: — Perto das seis. Apenas fique bom, vou precisar de você — anuí e relaxei, recuperando minhas forças.

Nós dois estávamos deitados no chão quando a porta se abriu. Meu irmão, que dizia não praticar magia, foi rápido ao pular do chão, quebrando o pescoço do homem com agilidade. Levantei-me com menos graça do que ele e saímos enquanto

NACIONAIS - ACHERON

dois suecos esquisitos conversavam um com o outro e viam até nós ao nos perceberem.

*Sanguinem, curro, sanguis
Ut dissolvatur
Quod factum est eam*

Ergui meu indicador e dedo médio na direção do primeiro, agitando-os ao sussurrar o feitiço, fora o suficiente para que o homem caísse com as mãos na cabeça, urrando como um animal ferido; pouco depois, os gritos cessaram. Ainda não estava morto, mas eu não tinha tempo de terminar o serviço. Cedrico lidou com o segundo e saímos dali, cruzando um corredor estreito, de paredes cinzentas e estéreis. Havia apenas corredores, corredores, bifurcações e esquinas.

Sem saída. Era um labirinto.

— Precisamos sair daqui.

— Precisamos encontrar Juliette — falamos ao mesmo tempo, parados a uma bifurcação. Cedrico e eu nos entreolhamos e ele continuou: — Não podemos sair daqui sem ela. Com ou sem humanidade, ela ainda é *ela*.

NACIONAIS - ACHERON

Claro que ele estava certo. Eu jamais sairia dali sem Juliette. Entreolhamo-nos de modo intenso, decidindo, apenas com o olhar, por qual direção nós iríamos seguir. Antes que tomássemos uma direção, contudo, três homens surgiram no corredor direito, a sete metros de nós, correndo na nossa direção como rochas rolantes: — *Tova pada na zemyata, i izgori* — acabara de recitar as palavras de um feitiço de magia negra, mas pouco me importava.

— Rafael, vá. Encontre-a, eu lido com eles — arregalei os olhos. Os homens estavam caídos com as mãos na cabeça, gritando de dor, mas não tardariam a se recuperar.

— Não, não vou te deixar aqui...

— Rafael, vá, eu acho uma saída e te encontro. *Vá!* — ainda não decidira o que fazer, mas os homens se recuperavam lentamente — *Vá, Rafael, agora!* — franzindo as sobrancelhas, ele me empurrou e segui pelo corredor esquerdo.

Sem olhar para trás.

Depois de tudo o que falamos e fizemos... [\[74\]](#)

JULIETTE

Pisquei lentamente e tentei me localizar, mas não havia nada. Lembrei que estivera em uma espécie de galpão, dando-me conta de que ainda estava lá. Passei os olhos pelo lugar sem mover a cabeça, sentindo meu corpo. Eu estava caída no chão, de bruços, e sentia certa dor em meu corpo, principalmente no rosto, já que minha bochecha estava pressionada contra o chão, embora não fosse exatamente incomoda.

Apoiei as mãos no chão bem devagar e me sentei, olhando para frente de modo confuso, como se, inconscientemente, esperasse que alguma coisa fosse acontecer.

— Juliette... — escutei meu nome atrás de mim, mas não me virei de imediato, pois algo me travou

por dentro ao escutar aquela voz familiar.

O que era impossível, desde que minha humanidade era algo inexistente. Mas todo o meu corpo ficou arrepiado e enfiei as unhas no chão até doer. Tudo dentro de mim estava em choque; nem eu entendia como apenas um som tinha sido o suficiente para fazer minhas emoções voltarem.

— Julies, olhe para mim — não movi um único músculo, assustada, mas, sobretudo, sobrecarregada. Sobrecarregada com todos os sentimentos que me dominaram de uma hora para outra, se apossaram do meu coração, chocaram o meu corpo; tomaram meus pulmões e parei de respirar, trêmula, com medo até de fazê-lo — Juliette... — sua voz foi mais suave, afetuosa como sempre tinha sido — Nós temos que sair daqui. Você pode andar? — senti sua mão tocar meu ombro, atrás de mim, de maneira gentil.

— Não — surpreendi-me com meu próprio tom choroso e assustado e fechei os olhos, balançando a cabeça com veemência. Queria que ele desaparecesse, pois sabia que ele não era real — Você não está aqui, você não é real — repeti diversas vezes, na última, gritando à beira das

NACIONAIS - ACHERON

lágrimas, com os olhos firmemente fechados.

— Juliette, me escuta... — sua voz estava diante de mim e cobri os olhos com as mãos, morrendo de medo de abri-los e vê-lo diante de mim, sentindo as emoções descontroladas me sufocarem de uma vez, mal me permitindo respirar; eu só tinha forças para manter minhas mãos firmes em meu rosto, meus olhos bem fechados, recusando-me a ver alguém que não existia, que estava *morto*.

— Você não é real. *Você está morto!* — seus dedos tocaram meus pulsos e começaram a abaixá-los — Não, pare, você não é real, você não é real, você não é real... — repetia por entre as lágrimas e suas mãos foram delicadamente abaixando os meus braços.

— Juliette, *olhe* para mim. Por favor — ele diminuiu a voz — Eu não estou morto — com minha audição vampira, pude escutá-lo se sentar de frente para mim. Minhas pernas estavam esticadas para o lado direito e ele sentara-se um pouquinho mais para a esquerda, sem largar meus pulsos — Eu sou real, estou bem aqui. Abra seus olhos, por favor... — ele estava perto demais, sussurrando como costumava sussurrar porque sabia que eu

NACIONAIS - ACHERON

escutaria — Juliette, por favor... — e tirou as mãos do meu rosto.

— Você não é real... — as lágrimas saíam descontroladas.

— Abra os olhos. Me deixe ver seus olhos, linda — ele me implorou e relaxei o rosto, permiti-me sentir seu toque em seus pulsos, sua proximidade — *Vamos lá* — finalmente o fiz. Abri meus olhos lentamente para ver Joseph a minha frente.

— *Você está morto* — murmurei, ainda sem conseguir acreditar completamente, em meio a muitas lágrimas.

— Eu estou aqui — balancei a cabeça e soltei-me do seu toque para me aproximar mais e tocar seu rosto com ambas as mãos, sentindo o formato perfeito do seu maxilar sob meus dedos enquanto arfava com cada vez mais força, tocando-o como se conhecesse bem cada contorno do seu rosto, e eu conhecia.

— Você está aqui... — murmurei tão baixo que foi até difícil *me* escutar — Você está aqui — mais lágrimas foram rolando pelo meu rosto — Ah, meu Deus... — contra tudo o que meu cérebro dizia ser real, e aquilo não era, joguei-me sobre ele, pois

NACIONAIS - ACHERON

todos os meus sentimentos estavam fora de controle, tendo voltado de repente, porque eu sentia tanto a falta dele que mal conseguia respirar ao repousar a cabeça em seu ombro, chorando com força, com os dedos enfiados nos seus cabelos. Fechei meus olhos e suspirei, soluçando.

— Está tudo bem — ele levou um segundo para me abraçar de volta, afagando meus cabelos — Está tudo bem — inspirei seu cheiro e segurei-o com toda a minha força, temendo a possibilidade de que ele desaparecesse mais uma vez.

— Não me deixe de novo — arquejei, chegando ainda mais perto, agarrando-o com mais força, com minhas pernas sobre as suas; completamente encolhida em seu colo, acolhida em seus braços e soluçando como nunca tinha feito — Eu não consigo viver sem você. Por favor, não me deixa de novo...

— Eu não vou — ele murmurou de modo terno, correndo os dedos pelos meus cabelos — Nunca mais, eu prometo — e, calmamente, depositou um beijo em meus cabelos — *Nunca mais* — terminou de falar lentamente, como uma promessa que eu sabia que ele iria cumprir.

NACIONAIS - ACHERON

RAFAEL

Saber que ela estava alucinando não tornava nada mais fácil. Não tornava mais fácil o fato de tê-la em meus braços, em meu colo, tão frágil, acreditando que eu era outro homem. Sobretudo, não facilitava a tarefa que tínhamos que era fugir de um local completamente cercado.

— Juliette... — afastei-a com cuidado, segurando seu rosto e secando suas lágrimas com os polegares, fitando seus lindos olhos, seu rosto retorcido pela dor e pela agonia — Precisamos sair daqui antes que aquela mulher volte.

Ela assentiu, não parecendo conseguir assimilar o que eu dizia à realidade durante um momento, por isso, levantei-me, segurando suas mãos para ajudá-la a fazer o mesmo.

— Nós temos que... — ela começou a falar, mas foi interrompida pelo som de gritos e rosnados assassinos do lado de fora. Calculei rapidamente que deveria estar pronto para a luta enquanto o animal se aproximava, voltado para a porta no centro da sala e olhando para a outra, no fim dela, NACIONAIS - ACHERON

preocupado com Cedrico, imaginando se ele tinha conseguido, mas não pude pensar em ir até ele, pois dois lobos enormes surgiram a nossa frente, cobertos de sangue e exibindo os dentes em rosnados furiosos. No entanto, nenhum deles pareceu prestes a nos atacar e, ao inclinar o rosto, me dei conta do porquê. O peito de Juliette subiu e desceu em uma respiração audível.

Eva arrastou a pata pelo chão e rosnou, indicando que deveríamos segui-la; naquele momento, Cedrico surgiu pela lateral e os lobos se viraram, estudando-o de cima a baixo; Cedrico os olhou com desconfiança, com a respiração pesada no peito. Ele estava machucado, o sangue tingia sua camisa, mas, mesmo assim, expirei aliviado ao ver que ele tinha conseguido.

Foi a vez de Jackson de rosnar em nossa direção, batendo a pata e manejando a cabeça na direção da saída, indicando que deveríamos ir. Rápido.

— Vamos — indiquei com a cabeça para que Cedrico os seguisse quando os dois lobos saíram em disparada pela noite. Peguei a mão de Juliette, que parecia tão desnorteada que teria ficado ali, e fomos na direção da saída.

NACIONAIS - ACHERON

Cedrico arfava atrás de nós e Juliette e eu nos viramos ao mesmo tempo, em meio a floresta densa e escura. Era difícil ver qualquer coisa a nossa frente, mas voltei atrás para ajudar meu irmão a se sentar aos pés de uma árvore com o tronco enorme quando ele cambaleou para trás. Juliette, embora estivesse mais a frente, chegou mais rápido para ajudá-lo ao som de uma brisa rápida cortante com sua supervelocidade vampira: — Cedrico — ela apoiou sua cabeça quando se inclinou, mal conseguindo se sentar; Juliette parou do lado oposto ao que eu estava e colocou uma mecha do cabelo para trás da orelha, ofegante e preocupada — Cedrico...

— Aquele bastardo maldito... — ele começou a falar entre dentes e comprimiu os lábios por um momento diante da dor — Atirou em mim.

Sem esperar por mais uma palavra, Juliette começou a abrir os botões de sua camisa para revelar muito sangue em um ferimento a bala em seu peito, perto demais do coração para que eu não arquejasse, atraindo o olhar de Juliette por um segundo. Juliette avaliou-o rapidamente e puxou as

NACIONAIS - ACHERON

mangas de sua jaqueta até os antebraços, como se se preparasse para algo...

— É muito ruim? — meu irmão perguntou, com a voz desfalecida. Eu só conseguia olhar para Juliette e para o que ela fazia, como se *ela* tivesse respostas.

— O que você está fazendo?

— Vou tirar essa bala — ela falou com Cedrico, respondendo a ele a pergunta feita por mim, fitando-o muito séria — Vai doer. Você nunca sentiu tanta dor na sua vida — ela fez uma pausa, consertou melhor os cabelos, como se escutasse algo distante, dando a Cedrico tempo para absorver suas palavras — Mas quando terminar, eu vou curar você — ele assentiu de modo desencorajado, não parecendo acreditar muito nela.

— Você não pode fazer isso... — comecei, mas a verdade é que eu não tinha uma ideia melhor. Não tinha nenhuma, por isso, Juliette me ignorou.

— Você sabe o que é... — Cedrico olhou para ela, que franziu as sobrancelhas com cuidado — Quando te dizem que você está sozinho lá?

— Não pense nisso agora — ela o tranquilizou, com a mão em seu abdome; parecia saber

NACIONAIS - ACHERON

exatamente que loucura ele estava falando — Você vai ficar bem, eu prometo.

— Você ao menos sabe... O que está fazendo? — ele estava sem fôlego e, mesmo sem luz, pude perceber como estava pálido.

— Fiz dois anos de medicina, fui a melhor no treinamento da CIA — Juliette consertou as mangas da jaqueta — Além de ter sido casada com um médico. Sim, eu sei o que estou fazendo — ela se ajoelhou e suspirou; ajudei-a a ajustar a posição em que Cedrico se encontrava. Chequei meu celular, assim como Juliette, mas não tinha sinal. Ela acendeu a lanterna e me entregou — Segure assim.

Foquei o fecho de luz em seu peito, cheio de agonia quando Julies mordeu o lábio: — Por favor, não grite... — e *enfio* a mão em seu peito, transformando o pequeno buraco em um corte irregular, alargando o peito de Cedrico com a própria mão para retirar a bala; o suficiente para conseguir enfiar o indicador e o polegar dentro dele. Meu irmão gritava com todas as forças, o que fazia meu peito subir e descer, sentindo-me impotente diante da sua dor.

NACIONAIS - ACHERON

Distraí-me por um momento com sua dor, seus gritos agoniados, e não percebi de imediato a aproximação de Eva e Jackson. Ela se ajoelhou perto da cabeça, usando um vestido branco e simples que concluí que ela tinha deixado aos pés de alguma árvore, como os lobos costumavam fazer.

Juliette parou por um segundo, dando a Cedrico tempo para respirar, e enquanto ela fitava Eva e Jackson, que estava atrás de nós, próximo a uma árvore com uma expressão sombria.

— Faça isso rápido — Eva falou de modo firme e Juliette anuiu, ao que Eva cobriu a boca e o nariz de Cedrico com ambas as mãos, sufocando-o — Isso vai acabar logo — com o tom assustador, aquilo soou quase como uma promessa.

Julies colocou seus dedos dentro dele, balançando a cabeça de modo furioso e praguejando em alemão: — *Fluch... Blutige, blutige Hölle.*^[75]

— O que foi?

— Eu não consigo — ela suspirou como se mal conseguisse respirar — Eu... Eu... — ela respirou fundo — A cada batida, a bala fica mais perto do

NACIONAIS - ACHERON

coração.

— Você precisa fazer — Eva falou, apertando o rosto do meu irmão até ele finalmente desmaiar — *Agora, Juliette!* — Julies consertou o cabelo e limpou a garganta.

— Estão perto, posso ouvi-los chegar — ela ergueu o queixo, olhando para nenhum de nós em específico — E são muitos.

Ainda tinha perguntas a fazer sobre o motivo que levara Eva e o irmão a nos ajudarem, mas nossa prioridade ali era Cedrico, que estava perdendo muito sangue: — Tente de novo — incentivei-a, ajustando o foco da lanterna.

E foi o que ela fez. Respirou fundo, encheu-se de coragem e fez de novo, mordendo o lábio inferior, e quando tirou a mão de dentro dele daquela vez, havia uma bala entre seu polegar e indicador; mas não era uma bala comum, era uma bala em tons de verde fluorescente que Juliette ergueu na altura do rosto, avaliando sob o fecho da lanterna que guiei até ela. Havia algo errado ali, mas não tínhamos tempo: — Temos que sair daqui agora — Jackson falou e Juliette guardou a bala em seu bolso e concordou, dando seu sangue a Cedrico, que

NACIONAIS - ACHERON

mesmo inconsciente, começou a se curar.

Juliette passou os olhos por mim, depois por Eva.

— Vamos.

Essa guerra ainda não pode ser vencida^[76]

Chegamos ao chalé indicado a nós por Eva e, estranhamente, vi meu carro parado diante dele: — Precisei pegá-lo emprestado — Eva explicou. Julies e eu carregamos Cedrico para dentro.

Ele não estava consciente, mas também não estava completamente recuperado quando ela o colocou em uma cama de solteiro que estava recostada a parede.

— Aqui — virei-me para ver que Eva tinha uma caneca estendida em minha direção — Podemos falar por um minuto? — lancei um ultimo olhar a meu irmão, que parecia estar tranquilamente adormecido, a Juliette, parcialmente de costas, sentada aos pés da cama como se velasse seu sono de modo preocupado.

— Tudo bem, quero saber o que aconteceu —

segui-a para o lado de fora e ficamos perto da porta que Eva fechou. Provei o chá.

— Foi a sua avó quem pediu a minha ajuda e como eu não te odeio totalmente, convenci Jack a vir comigo — ela segurou a caneca com as duas mãos, sem tirar os olhos dos meus.

— Eu não sabia que Jane...

— Rafael — seu tom foi cauteloso e Eva ergueu os ombros, um juncos se formando entre suas sobrancelhas bem feitas — Não estou falando dela, estou falando da mãe de Joseph.

— Está brincando comigo, Eva? A mãe do meu pai morreu antes de eu nascer, quer que eu acredite que ela voltou...

— Bem... — ela prosseguiu em tom defensivo — Posso garantir que ela está bem viva — em seguida, pareceu ligeiramente irritada: — E se não fosse por ela, vocês três estariam mortos. Ou coisa pior.

Avaliei a situação por um momento, mas Eva não me deixou falar: — Eu não tenho culpa se essa sua família de merda está cheia de mentiras e segredos...

— Você tem razão — Eva pareceu surpresa

NACIONAIS - ACHERON

quando interrompi-a — Obrigado por nos salvar e por não me odiar completamente. Obrigado, Eva.

Ela respirou fundo, absorvendo minhas palavras com cuidado e quando terminou, exibiu um sorriso exuberante, permitindo-me apreciar o quanto os anos lhe fizeram bem; ela estava linda: — De nada, Rafael.

— Posso falar com você? — escutei a voz de Juliette na porta e Eva manejou a cabeça, retirando-se e levando minha caneca de chá e fechando a porta, o que deixou Juliette e eu a sós do lado de fora. estava quase que completamente escuro, mas seu cabelo se destacava, assim como os seus olhos. Vi que ela parecia desconsertada; tinha o olhar baixo enquanto colocava uma mecha do cabelo para trás da orelha: — Preciso me desculpar com você.

— Não, não vamos perder tempo com isso, está tudo bem...

— Não — ela ergueu os olhos para mim — Não está. O que aconteceu lá, Rafael... Me sinto péssima...

— Isso significa que você tem sentimentos e humanidade de novo? — franzi o cenho, intrigado.
NACIONAIS - ACHERON

— É, eles *voltaram* — concluí que tinha sido contra a sua vontade, perguntando-me se os sentimentos dela pelo meu pai eram tão fortes assim. Uma visão que, mesmo não sendo real fora o suficiente.

Não deveria me preocupar com aquilo; talvez me sentir aliviado pela sua falta de humanidade não ser mais um problema. Mas o fato de ter sido ele a provocar sentimentos nela acabava comigo de um jeito que não conseguia admitir.

— Eu sinto muito. Não teria feito aquilo se não...

— Eu sei... — interrompi-a — Eu sei, Juliette.

— Então obrigada por ter voltado por mim... — antes que eu pudesse responder, a porta se abriu milimetricamente. Eva me entregou minhas chaves rapidamente, com um sorriso lerdo ao olhar para nós e tornou a fechá-la, tendo livrado-me de ter que responder.

— Vou ver se tenho alguma roupa para Cedrico — falei apenas para não lhe dar as costas no meio da conversa. Inesperadamente, ela me seguiu.

— Podemos falar por um minuto? — seu tom era apreensivo quando abri a porta de trás do meu carro

NACIONAIS - ACHERON

para vasculhar a bolsa que eu sempre deixava embaixo do banco traseiro.

— Pode falar — permaneci de costas.

— Eu queria poder dizer alguma coisa... *Flucht!* Mas só consigo pensar em me desculpar por tudo — sua voz ansiosa, receosa, mexia comigo — Mesmo sem humanidade, tudo no que eu conseguia pensar era no que aquela *mulher* estava fazendo com você, se ela tinha encostado em você... — ela parou de falar com um suspiro brusco — Então depois de tudo isso... Eu sou *eu* de novo e não acho que consigo ignorar tudo o que aconteceu, e nem você.

Virei-me sem pegar nada, vendo-a bem diante de mim: — Do que você está falando?

— Sobre o que passamos nas últimas semanas — ela ergueu as sobrancelhas, buscando o meu olhar — Tudo isso voltou de repente, eu sei, e foi tudo confuso para você também, mas talvez os sentimentos não sejam tão ruins quanto achei que fossem...

— Você não está fazendo sentido...

— Quando eu fiz, Rafael?! — ela balançou a cabeça, apertando as unhas nas palmas com força

NACIONAIS - ACHERON

— Eu só estou tentando dizer... Estamos agindo como idiotas, xingando e maltratando um ao outro para evitarmos falar sobre o que realmente está acontecendo — arquejei; queria, só naquele momento, poder entendê-la, mesmo sendo a tarefa mais complicada do mundo. Quando continuou, arrancou um pedaço do meu coração: — Eu amava o seu pai, ainda o amo; não serei leviana com você e também não vou tentar nomear o que sinto *por você*... — de repente, Juliette pareceu um tanto encabulada ao desviar o olhar do meu até o chão — Desculpe — ela limpou a garganta, balançando a cabeça, e voltou os olhos até os meus; que estavam confusos. Vi-me completamente incapaz de falar — Desculpa — ela correu os dedos pelos cabelos — Você é casado, eu não deveria estar te dizendo essas coisas — ela riu nervosamente — É melhor voltarmos lá pra dentro... — quando ela começou a se virar, vi-me obrigado pelos meus impulsos e instintos a fazer alguma coisa depois de todas as suas palavras atropeladas, trôpegas e desastrosas.

Agarrei-a pelo cotovelo e coleí seu corpo ao meu para imobilizá-la com meus dedos em sua nuca e beijá-la. Juliette ergueu-se na ponta dos pés, para

NACIONAIS - ACHERON

tornar sua boca acessível, e envolveu meu pescoço com os braços, entregando-se com paixão e sofreguidão. Tudo era tão descontrolado em meu peito que eu só conseguia pensar em continuar a beijá-la.

Beijá-la para sempre.

— Juliette... — minha mente tentou se afastar dela, mas só me movi um centímetro, correndo meus dedos pelo seu rosto até seu pescoço convidativo.

— Não... — ela pousou o indicador sobre meus lábios para *me impedir* de impedi-la, e pressionei as costas contra o carro, que tinha a porta aberta; ela se voltou para mim com o olhar pesado e desejoso — Não!

JULIETTE

Fechei os olhos e suspirei. Sentia que estava no céu, flutuando nas nuvens, por isso os fechei e os mantive fechados enquanto traçava círculos no peito dele com o meu indicador. Mas afastei meu rosto, pois estava perto demais do seu pescoço e ainda tinha fome: — Tudo bem? — Rafael ergueu

NACIONAIS - ACHERON

meu queixo e me fez olhar para cima, encontrando seus lindos olhos verde-musgo.

Inferno! Eu não estava pensando direito, e como poderia enquanto era olhada daquele jeito?

— Estou — sorri de maneira alegre, espontânea. Mal podia acreditar em como estar perto dele era o suficiente para me fazer esquecer tudo a nossa volta; para me fazer tão feliz. Queria, *tentei desesperadamente*, permanecer racional, levar em conta que, além de estar fazendo algo errado, ele era casado. Que estávamos seminus no banco de trás do seu carro.

— Estou preocupada — mudei de assunto para não discutir sobre *nós* ou o que tinha acontecido entre nós — Com Cedrico.

— Como ele estava? — ele estava preocupado com o irmão; aquilo era notável.

— Bem... Dormindo. Mas aquela bala... Não parecia muito normal — rapidamente o pensamento tomou conta dos meus pensamentos. Rafael beijou minha testa, perto dos cabelos, e apertou meus ombros.

— Tudo vai se ajeitar, você vai ver — mais perto dele, fui descendo minha mão do seu peito até seu

NACIONAIS - ACHERON

abdome, o que fez com que Rafael se encolhesse diante da dor — Não faça isso — ele murmurou baixinho e recolhi a mão.

— Desculpe... Você precisa do meu sangue — sabia que ele não aceitaria, mas precisava oferecer, porque, ao vê-lo com dor, era a única coisa que eu podia fazer. Ele fez que não — Rafael, por favor...

— Você sabe o que eu penso sobre isso — ele sorriu, desamarrou aquela cara emburrada e passou meu braço em torno dele, evitando os cortes — Eu vou ficar bem. Humanamente bem.

— Está bem. Eu... Vou aceitar sua decisão — tentei ser mais madura, pois se fosse por mim, insistiria muito mais até ele aceitar — Não consigo parar de pensar em Cedrico.

— Nem eu — murmurou e abracei-o com força, tendo os meus pensamentos tomados pela preocupação, a angustia, pois, mesmo depois de tê-lo dado meu sangue, eu não tinha certeza se ele estava bem.

Eu te disse para ficar bem^[77]

— Será que os pombinhos tem um minuto? — Jackson bateu no vidro do carro e dei um pulo desajeitado, sentando-me para agarrar minha calça.

— Ah, meu Deus! — exclamei. Rafael estava dormindo, mas não gritei por ter sido pega só com roupas de baixo no banco de trás do carro dele, e sim, ao olhar *para cima dele*, para através do vidro, e ver que o sol ia nascer em breve.

— Juliette — Rafael gemeu meu nome, mexendo-se e vendo que Jack tinha o ombro encostado ao carro, fingindo que não nos via; dobrei-me e procurei minha blusa debaixo do banco. Quando achei, Rafael foi se levantando, usando uma cueca boxe e também pegando sua camisa — Está tudo bem? — ele olhou para Jackson, mas pulei por cima dele com minha

NACIONAIS - ACHERON

camisa em mãos, abri a porta, e em minha velocidade vampiresca, escondi-me na porta do chalé quando o sol começou a nascer.

Arfei e enfiei a camiseta pela cabeça enquanto Rafael e Jackson iam à minha direção, sem entender minha reação, e Eva abriu a porta, me fazendo cambalear para dentro.

— Desculpe — ela pareceu surpresa ao me ver e ajeitei minha camisa, que tinha um buraco e estava coberta de sangue, mas era o melhor que eu tinha.

— O que foi? — Rafael perguntou e ergui a mão rapidamente para exhibir... *Nada*.

— Esme roubou o meu anel do dia — espiei o sol do lado de fora conforme eles entravam e Jackson fechava a porta. Rafael, que já estava perto o suficiente de mim, me abraçou pelos ombros e beijou meus cabelos.

— Vou fazer outro para você.

— Vamos cuidar de Cedrico primeiro — olhei para ele, que ainda dormia tranquilamente, coberto por uma manta de lã. Meu coração tremulou em meu peito e franzi as sobrancelhas, mal conseguindo pensar.

— O que fazemos? — estranhei que a pergunta
NACIONAIS - ACHERON

tivesse partido de Eva, mas olhei-a por um longo momento e senti-me desconfortável com tanta humanidade dentro de mim e por ela ser simplesmente inútil.

— Acho que esperamos que ele acorde — Rafael falou, sendo a voz da razão ali, mas sua voz chegou aos meus ouvidos carregada de culpa — Foi minha culpa, eu o deixei sozinho lá...

— Não... — apressei-me em me virar, segurando seu rosto entre as mãos, vendo o quanto aquela culpa horrível o perturbava; ignorei o fato de Jack e Eva estarem atrás de mim, vendo aquela cena toda — Não foi sua culpa. Você não é um super-herói para salvar a todos. *Não foi* sua culpa.

— Eu não podia tê-lo deixado sozinho, Juliette... — fomos interrompidos quando me virei ao menor movimento do motivo de nossas aflições. Afastei-me de Rafael e fui até Cedrico em um ágil movimento, sentando-me ao seu lado e tomando suas mãos entre as minhas. Ele abriu os olhos e expirei lentamente.

Estava tão aliviada que nem consegui dizer nada, ou perguntar como ele estava. Esperei que Cedrico piscasse diversas vezes e tentasse apoiar-se em seus

NACIONAIS - ACHERON

cotovelos, um tanto sonolento, passando os olhos atrás de mim antes de me olhar: — Está tudo bem? — eu é que deveria perguntar, mas, quando abri a boca para falar, surpresa, ele continuou: — Parece que vocês estão em um funeral — e ajeitou-se, apoiando-se nos travesseiros — Eu ainda não morri.

— Então você está bem?

— Bem é demais. Tudo dói, mas acho que estou... *Melhor* — mesmo que fosse melhor, me preocupou. Eu tinha dado a ele meu sangue na noite anterior, ele já deveria estar bem, completamente recuperado, mas levou a mão ao peito nu.

No meio de tudo aquilo, principalmente da minha conversa com Rafael, ambos tínhamos esquecido que ele ia pegar uma camisa para o irmão, desde que eu tinha jogado a dele fora. Mas acabamos dormindo e, negligentemente, esquecendo-nos dele para nos concentrarmos em nós mesmos: — O que foi, Juliette? — perguntou quando passei muito tempo olhando para ele, incapaz de dizer uma palavra.

— Nada, eu só... Estava preocupada — falei no
NACIONAIS - ACHERON

passado, mas a verdade é que eu estava morrendo de preocupação, só não queria dizer aquilo a ele. Segurei sua mão esquerda entre as minhas e sorri para acalmar sua expressão tensa — Apenas descanse, por favor...

Não tinha como fugir de Cedrico, fingir que estava tudo bem e tudo tinha acabado, porque não tinha. E eu tinha que ficar presa naquele chalé porque o sol brilhava com toda a sua força do lado de fora, sendo assim, entrei em uma porta do lado esquerdo a cama em que Cedrico estava deitado, a pedido de Eva. Segui-a e vi que se tratava de um quarto simples, com uma cama de solteiro do lado direito, armário do lado esquerdo e uma janela aberta a minha frente. Uma escrivadinha estava ao lado da porta e segui Eva com o olhar, segurando a maçaneta; ela abriu o armário e pegou um vestido preto de alças, marcado na altura do peito e solto. Julguei que fosse um pouco acima dos meus joelhos.

— Aqui, você pode tomar um banho — estranhamente, ela estava sendo gentil, então aceitei e agradeci, ainda sem nem saber onde estava, mas feliz por poder me livrar daquelas

NACIONAIS - ACHERON

roupas, ainda mais sob aquele calor horroroso.

Tomei um banho demorado, lavei os cabelos e coloquei o vestido, que me caiu estranhamente bem, e tomei fôlego para sair do banheiro. Cedrico estava deitado, mas não dormindo, apenas encarando o teto, estático

— Ei — sorri ao me aproximar dele, consertando meu cabelo molhado.

Não vi Rafael ou Jackson em lugar nenhum e Eva estava na cozinha, que ficava ali ao lado, atrás da porta; parecia distraída, concentrada no que fazia o tinha o cheiro ótimo, e me sentei ao lado de Cedrico, que estava completamente deitado e vestido com uma camisa branca de botões, mas estranhamente pálido.

— Você está bonita — ele franziu o cenho, meio contrariado ao me olhar de cima a baixo.

Estendi a mão esquerda e, sorrindo, pousei-a em sua testa: — Você está com febre? *Ou alucinando?*

— Não. Tinha tempo que não te via de vestido, estava até estranho. Você sabe, muito estilo CIA.

Acabei sorrindo, de modo involuntário; um riso espontâneo e Cedrico fez o mesmo, mais contido, limpou a garganta e continuou: — De qualquer
NACIONAIS - ACHERON

modo, respondendo a sua pergunta, sinto que estou às portas da morte.

— Posso fazer alguma coisa? — suas palavras foram o suficiente para fazer meu sorriso desaparecer, sendo rapidamente substituído por uma expressão tensa.

— Eu não sei. Você guardou a bala que tirou de mim?

— Guardei, mas nunca vi nada parecido com aquilo — balancei a cabeça e engoli em seco. Eu só conseguia me preocupar e me preocupar e ficar remoendo dentro de mim tudo o que tinha acontecido naquelas semanas, desde a morte de Joseph, a pessoa com quem eu tivera a fantasia de viver um amor que fosse durar para sempre.

Suspirei e me levantei, oferecendo ajuda a Eva para matar o tempo ocioso, que ela aceitou e me contou como ela e o irmão haviam chegado até nós. Sorri, observando o quanto estava diferente. Mais bonita, bem parecida com a mãe, fisicamente falando, e superei rapidamente nossos ressentimentos juvenis com relação ao namorico dela com Rafael. Se nem tinha ciúme, também não tinha motivos para odiá-la.

NACIONAIS - ACHERON

Conversamos sobre Dahlia, sobre Salém, o que havia pouco que eu não sabia, e ela contou que ela e o irmão viviam juntos em Nova Orleans e que estávamos em uma mata fechada a uns quinhentos quilômetros de lá, o que me fez pensar na organização deles em nos levar para uma floresta, com um galpão que tinha ideias bastante claras: tortura. Ninguém ficaria sabendo e poderiam se livrar dos corpos ali mesmo.

Eva falou também que tinha seus objetivos, pois Esme, junto aos suecos esquisitões, havia matado vários lobos e bruxos dali e de Salém, o que mexia com questões antigas, tratados milenares e todo o tipo de conversa que pudesse haver entre as espécies. Enquanto conversávamos, eu cortava salsa sem tirar os olhos de Cedrico, que estava estranhamente adormecido, e Eva mexia sua sopa de cheiro agradável, Rafael e Jack voltaram.

Não me lembrava de tê-lo visto mais lindo em toda a minha vida, o que me fez parar com o que eu estava fazendo para ficar olhando para ele, que fechou a porta e encaminhou-se até nós, inclinando-se sobre o balcão de madeira de modo gracioso antes de se sentar.

NACIONAIS - ACHERON

— Comprei isso para você — Rafael tirou do bolso um anel de prata com uma pedra preta e deu um passo para trás, queimando-me bruscamente; estava me saindo bem na tarefa de desviar dos raios de sol que invadiam a cozinha, mas fora só ele aparecer que meu antebraço se aproximou de um e ficou todo vermelho, queimado, antes que eu pudesse me afastar, soltando um gemido em reação a dor.

Rafael colocou-se rapidamente de pé e deu a volta no balcão, como se fosse ao meu socorro: — Você está bem? — rapidamente, ele me colocou o anel em meu dedo anelar direito; surpreendeu-me o fato de ele se lembrar do dedo em que eu usava e, suspirando, assenti, mordendo o lábio de modo involuntário ao vê-lo tão perto de mim.

— Eu estou, obrigada — flexionei os dedos, testando o novo anel. Era lindíssimo, delicado e de tirar o fôlego. Contudo, tive que abaixar a mão e me lembrar de onde estávamos: na cozinha do chalé, que Eva estava atrás de mim e Jackson, do outro lado do balcão, perto da porta, assim como Cedrico, que não se fez notar, mas, mesmo assim, estava lá.

Afastamo-nos ao mesmo tempo e deslizei a língua pelos lábios enquanto Rafael me olhava de cima a baixo, mais distante. Certo que desde que nos viramos, naquelas semanas, eu nunca estivera de vestido; seminua, mas nunca de vestido. Mas aquilo não significava que ele podia ficar me olhando daquele jeito na frente de todo mundo, pois estava me deixando constrangida. Engoli em seco e voltei ao que estava fazendo, com o olhar bem longe do dele, mas observando-o com cuidado enquanto ele estreitava suas relações com Jackson.

Parecia mais civilizado do que antes com relação a ele, o que me deixa feliz, alegre por dentro, contente por ele ter passado por cima do passado como eu e Eva. Ou ao menos foi o que concluí depois de toda a conversa pacífica entre nós, o que era bom, pois em épocas confusas como aquela, era melhor ter mais amigos do que inimigos.

Coloquei um pouco de sopa de inhame em uma tigela e sentei-me ao lado de Cedrico, que parecia doente, mas fazia piadas sobre o vestido e minha aparência, meu cabelo, até a forma como meus

NACIONAIS - ACHERON

dedos eram longos e meu dedo médio da mão direita parecia torto.

Falava tudo sorrindo, de modo que não era difícil sorrir também, mesmo que eu estivesse nervosa sabendo que Rafael me observava atentamente, mas tentei me ater às palavras de Cedrico. Queria me sentir daquele jeito também, animada, descontraída, mas tudo me incomodava. Sentia falta de Harriet, da minha vidinha sulista pacata, e me sentia culpada. A culpa era a minha pior inimiga, pois me corroia por dentro, me perturbava, não me deixava nem pensar. Sentia-me culpada por, na primeira chance, ter dormido com Rafael, por querê-lo ainda tanto que meu corpo todo doía; sentia falta de não ter uma humanidade com a qual me preocupar, pois Joseph permeava meus pensamentos.

Por isso, passei um longo tempo enrolando, fazendo-me de enfermeira de Cedrico para fazê-lo comer. Era o mesmo que eu fazia com Harriet. Ele não queria comer, portanto, peguei a colher e mandei-o abrir a boca, o que ele fez a contragosto, mas se divertindo: — Eu não sabia que você era tão boa fazendo isso — ele riu e fez o mesmo.

— Quando Harriet não quer comer — respirei
NACIONAIS - ACHERON

fundo —, eu geralmente coloco jujuba no almoço dela.

— Eca, Juliette! — ele torceu o nariz e rimos juntos.

— Ela adora. Agora, se você comer tudo, eu também vou fazer como faço com ela... — peguei mais uma colherada de sopa e levei até seu rosto, fazendo-o abrir a boca — Deixar um chocolatinho de menta no seu travesseiro.

— Eu vou gostar disso.

— Então fique bom logo, por favor — Cedrico sorriu, amável, e não resisti a tentação de estendeu a mão e consertar uma mecha do seu cabelo que caía em sua testa — Isso é uma exigência.

— Tudo bem, doutora — ele fez ergueu o indicador e o dedo médio até a testa e fez um gesto, sorrindo — Prometo.

Sumário

Parte 5 — Fundo do poço

Eu vou sobreviver e ser aquele que é mais forte

Eu não vou te implorar para ficar

Eu vou seguir em frente e você deve saber que é
pra valer

Eu lembro quando terminamos pela primeira vez,
dizendo “chega, foi o suficiente”

Estou ficando cansado e preciso de alguém em
quem confiar

Maremoto, leve tudo embora, eu não me importo
mais

Não preciso que você me salve, eu mal posso
esperar para cair, desaparecer e começar de novo

PERIGOSAS

[Eu te deixo desistir de mim](#)

NACIONAIS - ACHERON

Parte 5

Fundo do poço [\[78\]](#)

Eu vou sobreviver e ser aquele que é mais forte^[79]

Respirei fundo, devagar, tentei acertar meus pensamentos, mas todos pareciam flutuar muito além de mim, distantes. Estava deitada na cama estreita ao lado de Cedrico e, embora meu cérebro mandasse eu me levantar, não conseguia, pois minha mente dava voltas e voltas, cambalhotas e todo o tipo de coisa.

Já eram sete e pouca da noite, talvez um pouco mais, e meu rosto estava repousado em seu peito enquanto eu fingia que dormia. Enfim, levantei-me, peguei o celular dele, já que a bateria do meu tinha morrido, e fui para fora, ligar para Harriet. Estava morrendo de saudades da minha pequerrucha desde que meus sentimentos tinham voltado. Meu coração estava apertado e eu não via a hora de tê-la bem pertinho de mim.

— Lindinha, como você está? — suspirei e olhar para a floresta escura a minha volta.

— Estou com saudades, mamãe — falou com a vozinha emburrada, de quando eu não deixava ela fazer o que queria.

— Eu também, estou morrendo de saudades. Mas prometo que vamos nos ver logo, meu amor.

— Quando, mãe? Eu já sinto falta do papai, e agora você também me deixou aqui... — tinha vontade de correr dali e para ir encontrá-la só me ouvi-la falar daquele jeito, em um tom carente. Minha menina precisava de muito amor e mimo, e eu não podia nem ficar perto dela naquele momento difícil. Inferno! — Você me abandonou aqui nesse lugar...

— Não diga isso, Harrie, eu estou fazendo tudo o que eu posso para estar com você, eu prometo. Eu te amo demais, meu amor. Eu nunca ficaria tão longe da minha menina se não fosse tão necessário — dei um segundo a ela e respirei fundo — Você entende, não é? — precisava desesperadamente que ela dissesse que sim.

— Não, não entendo. Eu quero você de volta, não que fique viajando com aquele homem mau. Eu
NACIONAIS - ACHERON

não gosto dele.

— Harrie...Por favor, querida, não torne tudo mais difícil...

— Eu não quero mais falar — ela afirmou categoricamente e suspirei, pronta para rebater suas palavras.

— Juliette — era a voz suave de Dahlia, sempre condescendente — Harriet está chateada. Apenas deixe as coisas irem, ela vai entender.

— Eu odeio isso. Odeio ficar longe dela e odeio que eu nunca saiba o que dizer — recostei-me na parede ao lado da porta — Joseph é quem sabia como fazer tudo.

— Eu entendo, Juliette.

— Seis anos e meio e eu não aprendi o dom que ele tinha em resolver tudo numa conversa — revirei os olhos e coloquei os dedos da mão direita na testa, com os olhos fechados.

— Você aprendeu, eu garanto. Ainda tem muito tempo para isso. E como estão as coisas por aí?

Resumi a ela rapidamente tudo o que tinha acontecido, agradeci-a por ter pedido ajuda aos lobos e falei sobre Cedrico. Dahlia me indicou ervas que eu não conhecia e que poderiam ajudar, e

NACIONAIS - ACHERON

anotei-as mentalmente, caso fosse precisar no futuro. Por fim, desligamos e fiquei do lado de fora, por longos minutos. Queria poder pensar, colocar a cabeça no lugar, mas não consegui, pois Rafael surgiu ao meu lado. E mesmo se não tivesse, eu não teria conseguido.

— Atrapalho? — fiz que não, incapaz de responder — Posso falar com você um minuto?

— Claro — forcei um sorriso e Rafael saiu do chalé para mergulhar na escuridão ao meu lado. Toda a luz provinha da lua, que não estava ajudando muito naquela noite, em específico, e da janela, que também não ajudava muito — Tudo bem?

— Precisamos conversar — ele falou, todo sério, com a expressão tensa que dava a entender que era algo desagradável. Não estava com cara de velho irritante querendo me dar ordens e me mandando calar a boca o tempo inteiro, mas senti que era grave.

— Sobre o quê?

— Sobre você — ele ergueu o queixo e, como era muito mais alto, ficou me olhando de cima — Sobre seus infindáveis segredos — por um

NACIONAIS - ACHERON

segundo, não entendi sobre o que ele estava falando até que Rafael deu um passo para trás e colocou as mãos na altura dos quadris; quando fazia aquilo, significava que estava pronto para uma discussão e fiquei em estado de alerta, arrepiada, tremendo.

— Do que você está falando?

— Por que não me contou que Dahlia era a mãe do meu pai? — diante de suas palavra, abri a boca para lhe dar uma resposta convincente, no entanto, antes que as palavras descoordenadas pudessem sair pela minha boca, dei-me conta de que não tinha uma explicação para ele.

Eu sabia há muito tempo e não contara. Mas, em minha autodefesa, não tínhamos nos falado muito nos últimos dias para que eu chegasse falando *“Olha, sabe a minha filha, a que eu tenho com o seu pai e que não gosta de você, então, como nada na minha vida é seguro agora, eu a deixei com a avó. A propósito, é a Dahlia, uma mulher que você considera como sua amiga, mas que é a mãe do seu pai”*. Com certeza, não.

Meu peito subiu e desceu. Eu não tinha nenhuma explicação plausível, nada explicava aquilo: — Eu posso explicar, Rafael — ergui as sobrancelhas e

NACIONAIS - ACHERON

ele fez o mesmo por meio segundo, indicando que era todo ouvidos ao que eu dizia. Fiquei em silêncio por um segundo — Não estávamos nos falando. Você tem sido um imbecil comigo desde que nos encontramos, quase me matou no motel e... Eu não podia chegar para você e simplesmente contar tudo isso. Além disso — expirou sonoramente —, Joseph fez tudo o que pode durante toda a vida para manter isso em segredo. Se não contou nem para você, deve ter tido algum motivo.

Rafael ficou em silêncio quando achei que fosse gritar comigo. Me olhava, inquieto, mas não disse nada, apenas me olhou de cima a baixo, como se me avaliasse e aquele olhar duro acabava comigo; queria que dissesse que entendia, que queria que a avó ficasse tão segura quanto seu pai queria que ela estivesse, mas não foi o que ele disse, apenas deu um passo para trás.

Parecia decepcionado comigo, como se se desse conta de que apostara todas as suas fichas no cavalo errado: — Acho que oito anos te tornaram exatamente como ele. Cheia de segredos e mentiras, e você nem sabe mais que está fazendo

NACIONAIS - ACHERON

isso porque se torna natural com o tempo.

— Rafael... — suas palavras me magoaram, acertaram meu coração de modo imediato, doloroso.

— Quer saber? A noite passada foi um erro. Eu achava que ainda havia uma chance, mas antes você era linda. Agora é uma pessoa que eu não conheço e nem quero conhecer — assim, ele me deu as costas e voltou ao chalé. Deixou-me dolorosamente sozinha na escuridão.

Eu não vou te implorar para ficar^[80]

RAFAEL

— Irmão, você é um enorme babaca — Cedrico falou, quase sem fôlego.

— Fica quieto, Cedrico — estava andando de um lado para o outro em torno dele, da cama onde ele estava deitado com aparência doente — Não fale nela, Cedrico.

— Mas eu tenho que falar. Sou sua consciência, tenho que dizer que está fazendo uma grande merda — quando não respondi, ele continuou a acompanhar meus movimentos constantes: — Ela é o amor da sua vida, você não pode dizer que não se importa e deixar que ela vá.

— Cale a boca, Cedrico. Eu não sei se você se lembra, mas eu tenho uma mulher. Que não é louca, complexa e instável.

NACIONAIS - ACHERON

— Juliette não é maluca, mas quando estamos com ela, sempre tem muita coisa acontecendo com ela — parei meu olhar nele — Ela não é louca.

— Já falei que não quero falar sobre ela, eu já disse. Pare de me irritar — fixei meus olhos nos seus e respirei fundo.

— Você a ama, ela também te ama — desviei o olhar do dele, revirando os olhos — E não venha com esse discurso de “eu sou um homem casado” e blábláblá... Eu sei que dormiu com ela no seu carro — daquela vez, olhei-o. Cedrico estava confortavelmente apoiado em dois travesseiros enquanto dava palpites na minha vida.

Parei de andar, parecendo estar paranoico, imaginando se Juliette ia ficar do lado de fora a noite inteira. Que ficasse e congelasse lá fora, em que isso me importava de qualquer maneira? Limitei-me a me sentar ao lado de Cedrico na cama: — Fale logo o que tiver que falar e me deixe em paz depois — soltei o ar e tentei ter paciência com o meu maninho enfermo e chato.

— Você a ama. Por que ser tão cabeça-dura, Rafael? — daquela vez, ele estava falando mais sério, sem sorrisos de deboche; me olhou nos olhos

NACIONAIS - ACHERON

e fez a pergunta sem de modo claro.

— Eu não a amo. E se estivermos sendo racionais, olhando pelo lado das coisas que faz sentido, você vai perceber que ela não enganou só a mim, mas a todos nós, e se tem uma coisa que eu odeio, são mentiras.

— *Ela* não mentiu para você. *Joseph* mentiu para você. É ele que você tem que culpar, ela só escolheu não intervir, por pior que isso possa parecer sob o ângulo que você está olhando agora...

— Você é sempre assim, tão racional? — racional e irritante, sem dúvidas. Cedrico sorriu e agitou a cabeça.

— Estou te proporcionando novos ângulos para os quais olhar. Você quer ter alguém a quem culpar, e seu pai está morto, então você está colocando a culpa nela. Estou certo? — e me deu tempo para pensar no assunto.

De fato, perto de Juliette ou quando era sobre ela, eu me tornava um maluco, irracional, babaca e todos os xingamentos em alemão que ela tivesse para me oferecer carinhosamente. Avaliando bem, concluí que Cedrico estava certo por um lado,

NACIONAIS - ACHERON

porque ela podia ter dito quando deixou a filha com minha *avó*. Era difícil imaginá-la naquele papel, vê-la como eu vira Jane a minha vida inteira, pois Dahlia sempre fora uma amiga. Alguém a quem eu recorria quando era mais novo, para quem pedia conselhos sobre garotas e feitiços.

— Você está mais ou menos certo, mas isso não significa que eu vá me desculpar. Foi meu pai quem me esconder isso, eu não sei o porquê, mas Juliette sabia e poderia ter me contado. Sabe-se lá Deus o que mais ela está escondendo — balancei a cabeça e virei-me de costas para Cedrico — Eu não confio nela. E não é só por querer agora, não consigo mais confiar em uma pessoa que está sempre mentindo e me escondendo coisas — coloquei o queixo na mão direita e apoiei o cotovelo próximo ao joelho, pensativo.

Tentaria ser um pouquinho mais racional com ela, o que não significava que eu conseguiria, mas tentaria. Esforçar-me-ia mais. Enquanto isso, decidi que já era hora de retornar as milhares de chamadas de Lauren desde que eu saíra de Charlotte e fui para fora para me dar conta de que Juliette não estava mais lá. Dizendo a mim mesmo que não me

NACIONAIS - ACHERON

importava, liguei para Lauren e tentei aliviar os pensamentos.

— Rafael, por que não me ligou de volta? Tive que ler em uma mensagem de quatro linhas do Cedrico o que aconteceu — pareceu preocupada e retorci os lábios. Não estava a fim de me explicar, por isso, abaixei e balancei a cabeça, deslizando os dedos pelos meus cabelos.

— Está tudo bem, Lauren.

— Mesmo? Ele disse que você tinha se machucado... — ela estava quase tendo um ataque, como uma mãe preocupada com um filho.

— Vou ficar bem. Aconteceu alguma coisa aí?

— Não, tudo certo — Lauren respirou aliviada e balancei a cabeça. A verdade é que eu não tinha absolutamente nada para dizer a minha linda e preocupada esposa, só queria poder desligar o mais rápido que pudesse e passar mais uma semana sem falar com ela — Você vai demorar? A que pé estão as coisas com a caçadora?

— Não tenho certeza. Lauren, querida, escuta, eu... Tenho que fazer umas coisas aqui... — fui o mais vago possível. Depois de despedidas, desligamos e voltei para o lado do meu irmão, para

NACIONAIS - ACHERON

checar se ele estava bem.

Eva e Jack tinham ido para Nova Orleans para uma reunião ou algo do tipo, coisa de lobo, e ficamos os três ali. Ao menos, os dois, pois Juliette sumiu por longos minutos. Mesmo sem estar fisicamente ali, parecia ser sempre o centro de tudo. Coisa irritante!

— Onde Juliette está? — fechei cuidadosamente a porta — Ela meio que roubou o meu celular — estava de novo com aquele irritante bom humor.

— Não sei. Ela sumiu depois que falei com ela; também não me importa. Vou dormir por uma hora, estou morto — passei por ele rapidamente para evitar o papo furado, entrei na porta ao lado de sua cabeceira e caí na cama daquele jeito.

“Rafael...”, escutei sua voz doce sendo sussurrada em meu ouvido. Não abri os olhos no sonho, mas a sensação era demasiada boa para que eu quisesse que fosse interrompida.

Juliette correu os dedos pelos meus cabelos, dando uma risada gostosa enquanto os massageava. “Eu senti muito a sua falta”, ela foi beijando meu rosto e tive vontade de abrir meus
NACIONAIS - ACHERON

olhos para vê-la, mas era muito bom e tive a impressão de que se o fizesse, tudo se desfaria e queria que durasse. “E você sabe que não quis dizer aquelas coisas para Esme, não sabe?”, fiz que sim.

“Sim, eu sei. Acredito em você”.

Seus lábios se arrastaram lentamente pelo meu maxilar, assim como sua mão direita. “Eu amo você. Nunca deixei de amar”.

“Eu sei, Juliette. Por quê está me dizendo...”.

“Shh... Tudo vai se ajeitar, confie em mim”.

“Sim...”.

Acordei sobreassaltado, inquieto com aquele sonho esquisito e que, se tivesse durado mais, seria um sonho erótico. No entanto, antes de cogitar a hipótese de estar ficando louco, vi que Juliette estava sentada em uma cadeira ao lado da escrivaninha perto da porta, a cerca de dois metros de mim. Sentei-me e deslizei a mão pelo rosto.

— O que diabos você está fazendo?

— Apenas testando o quão fácil é entrar na sua cabeça — e, sem mais nem menos, como se tudo aquilo fizesse sentido, levantou-se e saiu do quarto,
NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

perturbando ainda mais minha abalada paz de espírito.

NACIONAIS - ACHERON

Eu vou seguir em frente e
você deve saber que é pra
valer^[81]

Ela parecia uma enfermeira dedicada, não saía do lado dele. Por isso, quando escutei os gritos, tão cedo que ainda nem tinha amanhecido, e corri até Cedrico, Juliette já estava ao lado dele, abrindo os botões de sua camisa em um só movimento para ver que, onde a bala o atingira, havia veias roxas e negras, quase vivas e assustadoras, alastrando-se pelo seu peito, de modo que dei um passo assustado para trás com o olhar assustado.

— Mas o que diabos... — Cedrico arqueou as costas, arranhando o peito em busca de algum alívio para sua dor que, pelos gritos seus gritos agoniados, era enorme, intensa. Tão assustadora, que fiquei a vários passos dele, sem fazer a menor

ideia do que fazer.

Assim como Juliette, que murmurou alguma praga em alemão antes de se voltar para mim.

— Rafael, o que eu faço? — ela me olhou em pânico; seus olhos estavam arregalados, assustados, e Cedrico agarrava sua mão muita força, a direita arranhava o peito — Rafael...

— Eu não faço ideia — mas tive uma ideia rápida. De um feitiço que talvez aliviasse suas dores temporariamente, assim, sentei-me ao lado de Cedrico na cama e separei sua mão da de Juliette, segurando a dela e lhe ensinando o feitiço; nossas mãos pairaram acima de seu peito e repetimos o feitiço juntos.

Estranhamente, algo começou a queimar em meu interior conforme os gritos de Cedrico cessaram, uma chama que queimou até minha mão, que agarrava a de Juliette firmemente; abri os olhos e vi o porquê de ele ter parado de gritar em agonia.

O peito de Juliette subia e descia atrás de mim enquanto fitávamos a chama avermelhava em nossas mãos indo até o peito do meu irmão, que observava aquilo tão boquiaberto quanto nós dois. Assim que me certifiquei que tinha funcionado,

NACIONAIS - ACHERON

afastei-me, intensamente impactado por aquele momento, pelo que acabara de acontecer ali. Que diabos de chama vermelha era aquela aquecendo, não só a minha mão, mas todo o meu ser, agitando o meu interior? Só queria me afastar de Juliette.

Cedrico estava melhor, então foi o que fiz. Saí quase correndo de perto dela.

Menos de meia hora depois, Eva reapareceu com cara de quem estava cansada. Falou que tinha ido a Nova Orleans com Jack, que ficava lá para acalmar as coisas com os lobos, e que voltara correndo para checar como estávamos indo, por isso o cansaço evidente em seu rosto. Ofereci-lhe o café que acabara de fazer e ela aceitou com um sorriso exausto. Juliette estava prostrada ao lado do meu irmão, que dormia tranquilamente depois da agitação de pouco antes, e completamente curado, como se pagasse uma penitência; meus pensamentos estavam todos voltados para o que tinha acontecido com Cedrico.

— Está tudo bem por aqui? — Eva fez minha atenção voltar a ela, de pé a minha frente atrás do balcão da cozinha; ela segurava a caneca com as

NACIONAIS - ACHERON

duas mãos e tinha os olhos fixos nos meus — Você está tenso...

— Cedrico está mal.

— Eu sei — ela olhou para ele e expirou suavemente — Estou sentindo uma energia ruim aqui. Vocês sabem o que é? — fiz que não, aquilo me deixando mais tenso: não saber — Já pensou em falar com a sua avó? — com a cabeça ligeiramente baixa, fitei-a, com as sobrancelhas levemente franzidas — As duas, eu digo. Elas entendem essa coisa de magia, certo? — mesmo que ela soubesse que sim e só quisesse me fazer pensar claramente, confirmei com um aceno antes de pegar meu café e bebê-lo.

— Vou fazer isso — apoiei a mão no balcão e falei a contragosto; não me animava a ideia de falar com Jane, com Dahlia menos ainda, mas eu faria qualquer coisa pelo meu irmão e aquele não era um enorme sacrifício.

Sacrifício, para mim, era ter de ficar perto de Juliette. Estava enlouquecendo e, quando comecei a pensar em sair dali, ouvi sua voz me chamar, dizendo que queria falar comigo. Segui-a até o quarto onde adormecera por somente três horas na

NACIONAIS - ACHERON

última noite. Entrei, fitando-a sentar-se parcialmente sobre a escrivaninha de madeira com as mãos apoiadas ao lado do corpo tenso; seu olhar estava baixo e ela estava de perfil para mim sob aquele ângulo, enquanto eu fechava a porta e olhava-a de cima a baixo.

Como ela ficava bonita naquele vestido preto, marcado na altura do peito e que descia reto pelo seu corpo esguio até pouco acima dos seus joelhos, que exibia mais do seus braços do que eu tinha visto em muito tempo, e como até seus pés eram bonitos. Como ela ficava bonita loira, mesmo que eu sentisse falta dela morena. E como ela me lembrava a música que me fizera escutar no carro, *Blanco Y Negro*. Era impossível imaginar que pudesse amar e odiar alguém tanto e ao mesmo tempo. Éramos polos opostos, sempre discordando e brigando sobre tudo. E apesar de ser ela a fonte de todo o meu infortúnio, ela sempre ela quem o curava.

Me deixa louco, tirava todo o meu controle, também era ela quem conseguia me acalmar.

— Eu sei que você não quer falar comigo — Juliette começou em tom sóbrio, olhou-me com as
NACIONAIS - ACHERON

sobancelhas ligeiramente franzidas, para enfatizar, me fazer entender, o que dizia — Não estou mais feliz do que você, mas precisamos conversar.

— Tudo bem — permaneci parado atrás da porta.

— O que estava acontecendo com você em Nova Orleans? — aquela pergunta me pegou desprevenido. Achei que fossemos falar sobre Cedrico, Esme ou qualquer coisa relacionada a magia, não aquilo.

— Problemas mortais, não importa — balancei a cabeça, desconsertado, e Juliette continuou me encarando, afetada diante da minha resposta.

— Como você e Diana se conhecem? — pergunta mais fácil. Mas eu não queria responder, assim, calculei em minha cabeça o que dizer ou não a ela.

— Bruxos se conhecem. Diana e eu, ahn... — pisquei e abaixei o olhar por um breve segundo — Bem, eu não sabia que ela era assistente social...

— É, eu entendi — ela me interrompeu em meu embaraço — Uma última coisa... Acho que deveríamos ir para Salém.

— Salém?

— É. Dahlia vai saber o que fazer com Cedrico
NACIONAIS - ACHERON

— dois longos segundos se passaram; Juliette engoliu em seco e ergueu o queixo, parecendo embaraçada em dizer: — E também estou morrendo de saudades da minha filha. É melhor do que ficarmos aqui, no meio do nada.

— Você está certa — fui obrigado a concordar com ela — Devemos ir logo.

Eu lembro quando
terminamos pela primeira
vez, dizendo “chega, foi
o suficiente”^[82]

— Eles são uns idiotas — Cedrico falou no bando de trás, como se não estivéssemos escutando. Eva riu e balançou a cabeça, Juliette, que estava ao meu lado, limitou-se a lhe lançar um olhar reprovador através do espelho retrovisor; já eu, foquei minha atenção na estrada.

— Você está muito engraçadinho — Eva falou sorrindo e Cedrico fez o mesmo.

— Cedrico — Juliette falou seu nome de modo firme, fuzilando-o — Pare de fingir que não estamos aqui.

— Eu não estou fingindo, estou falando para que

escutem e se deem conta de quão idiotas vocês são. Que estão perdendo o tempo de vocês com picuinhas.

— Obrigada pelo elogio — ela exibiu um sorriso debochado e breve, porém lindo; eu, que me recusava a participar daquela conversa, peguei meu celular sem tirar a concentração da estrada, abri o Spotify e coloquei *Blanco Y Negro* para tocar baixinho no som do carro. Juliette me olhou com desconfiança, mas não falou nada.

Bem que eu tinha gostado daquela música romântica chata.

Paramos uma hora depois para abastecer e comprei café. Juliette saiu do carro e entrou na loja de conveniências depois de mim para comprar *stick* de carne seca; parecia até que era viciada naquela porcaria, porque comprou uns dez pacotes. Olhei-a de cima a baixo enquanto ela pagava por tudo e eu esperava a outra atendente preparar meu *latte*, Juliette pediu café. Simplesmente para me irritar.

Ela sabia que eu tinha comprado café para ela e fez para me provocar, olhando-me com o canto dos olhos. Finalmente, quando me cansei daquela

NACIONAIS - ACHERON

ceninha, peguei meu café e joguei sobre o balcão uma nota de cinquenta e saí, sem esperar pelo troco.

— Você está bem? — perguntei a Cedrico enquanto entregava um café a Eva e esticava o braço através do vidro do carro para lhe entregar outro.

— Estou ótimo, o que você e Juliette fizeram?

— Não tenho certeza.

Voltei para meu posto no banco do motorista, bastante tentado a acelerar e largá-la ali. Contudo, quando a vi sair da lojinha, Juliette era tudo o que eu via a minha frente, como se estivesse hipnotizado por ela, que colocava uma sapatilha recém comprada no pé direito, parecendo brilhar sob o sol matutino, assim como seus cabelos, ambos contrastando fortemente com o vestido preto e seus olhos tão verdes que eram capazes de cegar. Arquejei e desviei os olhos dela, que levava um *stick* e um café na mão esquerda e duas sacolas cheias deles na direita. Foi só piscar que ela já estava abrindo a porta do carro, me dando um susto.

Não falei nada, apenas saí dali.

NACIONAIS - ACHERON

— Meu Deus, Juliette, você não cansa de comer isso? — Juliette balançou a cabeça diante da pergunta do meu irmão, que estava horrorizado enquanto ela comia o terceira pacote daquilo. Cedrico achava graça de tudo, como se tivesse usado LSD, não como se estivesse morrendo de uma causa desconhecida.

— *Isso* é a melhor coisa do mundo — como sempre sem cinto de segurança, Juliette se virou para Cedrico e ofereceu-lhe a porcaria que tinha cheiro de coisa industrializada e aroma sintético.

— Não, obrigado, não quero morrer tão cedo comendo isso — ela balançou a cabeça e sentou-se ereta, voltando a comer.

Os cortes em minhas costas e abdome voltaram a me incomodar e me remexi, com a mão na altura na barriga, buscando uma posição que melhorassem o desconforto; Juliette me encarou, parou de comer e estreitou os olhos enquanto mordida o lábio inferior.

— Você está bem? — perguntou com aquela voz de gatinha, preocupada, o sotaque carregado, e colocou uma mecha do cabelo para trás da orelha.

— Estou — mas meu rosto retorcido pela dor que me acometia denunciava a verdade de maneira
NACIONAIS - ACHERON

gritante.

— Você não parece bem.

— Vou ficar, não se preocupe...

— Magia negra é boa em regeneração — Cedrico falou e olhei-o através do retrovisor, fuzilei-o bem para que percebesse que eu reprovava veementemente aquela ideia ridícula — O que foi? Você usou magia negra no...

— A situação era outra, Cedrico, não tem nem comparação. Pare de falar bobagens, por favor.

— Então aceite o meu sangue — Juliette me olhou agoniada, como se não aguentasse me ver daquele jeito, com dores.

— Acho que já deixei mais do que claro o que acho disso — olhei para ela por apenas um segundo — Além disso, não é nenhuma dor que eu já não tenha sentido antes — ia bem além, mas eu não daria o braço a torcer.

Às duas da tarde, depois de um almoço tardio e estranho em um restaurante da estrada, onde Juliette carregou o celular e ligou-o no carro, assumiu meu lugar, daquela vez, deixando Eva dirigir enquanto eu ia ao seu lado e Juliette atrás,
NACIONAIS - ACHERON

com Cedrico. Tentei não ficar olhando através do retrovisor, mas era difícil evitar aqueles olhos apreensivos enquanto ela fazia uma ligação.

— Oi — ela escutou quem quer que fosse falar por um segundo — Oi, meu amor — o alívio ficou evidente em sua voz e Julies afundou no banco — Eu sei que você ainda está brava comigo, *ich kenne, Liebling*^[83] — Juliette prendeu a respiração e escutou por um momento — Eu estou bem, eu disse que estaria, e estou indo te ver. Tudo bem. Estou morrendo de saudades e estarei aí muito em breve, *Schatz*^[84] — ela parecia uma *mãe* com aqueles apelidos carinhosos em alemão — Está bem, entendi. Não dê muito trabalho a sua avó, eu te amo — e enfim, ela desligou.

— Tudo bem? — eu é que queria saber, mas a pergunta partiu de Cedrico e, pelo retrovisor, vi-a virar-se para ele e sorrir — Harriet está bem?

— Está, ótima. Falou que está brava comigo, mas ficou superfeliz quando falei que estava indo vê-la.

— Ela é uma boa menina — parei de olhar, mas não escutar era impossível.

— É, e ela gosta de você — era completamente esquisito vê-la no papel de mãe dedicada e

NACIONAIS - ACHERON

orgulhosa, mas imaginei que aquela menina significava muito para ela. E que ela parecia ter me odiado.

Odiava primeiras impressões.

Estou ficando cansado e preciso de alguém em quem confiar^[85]

Chegamos a Salém às quatro da manhã, um recorde para quem demorara tanto de Charlotte à Nova Orleans, mas Eva dirigiu na maior parte do tempo, tão perigosamente quanto Juliette e foi rápido voltar àquela amaldiçoada cidade. Juliette mandou-a ir até Dahlia e peguei a mim mesmo imaginando como seria ver aquela mulher de novo, como seria vê-la como minha avó.

Como uma pessoa que sempre fizera parte da minha vida, sempre cheia de mentiras e segredos, como meu pai. Alguém com quem eu nunca sabia por onde pisava; alguém que eu não conhecia. Foi quase em sua casa que decidi que não queria saber. Se ficar longe daquelas coisas fora algo que sempre

lutara para conseguir, não voltaria a elas por vontade própria.

Ainda não estava de volta, ainda odiava que todo mundo mentisse, enganando uns aos outros como se fosse natural, justificando com ser necessário. Comigo, as coisas funcionavam mais preto no branco e se estava ali, era por Cedrico, porque, *talvez*, ela tivesse respostas. Se não tivesse, eu iria embora tão rápido quanto tinha chegado. Queria me afastar de tudo que me fizesse tão mal quanto as mentiras daquela família fazia.

Quando paramos, Juliette foi a primeira a descer, seguida por Cedrico. Eva desligou o carro e me olhou, avaliando minha expressão por um segundo quando fiquei parado, pensativo.

— Está tudo bem, Rafael?

— Está. Estou um pouco cansado, eu acho — o que não era mentira. Com poucas horas de sono e toda aquela ação dos últimos dias, além de ter passado boa parte deles dentro do carro, estava cobrando seu preço, pois eu estava exausto e não via a hora de poder cair em uma cama e dormir até o dia seguinte, que era mais distante em meus pensamentos do que estava, de fato.

NACIONAIS - ACHERON

Eva fez silêncio por um segundo e, por fim, observando a rua do lado de fora, empertigou os ombros e mordeu o lábio: — Sabe, eu... Você pode vir comigo, ficar na casa da minha mãe essa noite. Eu sei que você quer ficar longe da Dahlia e... De tudo. Então, se quiser...

— Eu quero — falei rápido demais, interrompendo sua fala. Eva assentiu — Obrigado.

Ela se limitou a sorrir por um segundo e me olhar quando achei que fosse ligar o carro e correr dali mais rápido do que os personagens de *Velozes e Furiosos*: — O que foi?

— Não quer ir até lá, falar com seu irmão e Juliette...

— Não, Eva — relaxei no banco e olhei para frente, com os dedos da mão direita apoiados na testa e o cotovelo na janela do carro — Só quero descansar um pouco — fechei os olhos, emocional e fisicamente esgotado — Apenas dirija, por favor.

— Nossa, ele está tão bonito quanto o pai... — escutei um suspiro e abri os olhos para ver uma mulher loira sentada ao meu lado na cama, no quarto da casa dos Thorne, seguido pelo som da
NACIONAIS - ACHERON

porta, que estava entreaberta, ser aberta por Eva, que entrou no quarto com o cenho franzido. A mulher olhou para ela com um ar de piedade: — Mas, tadinho, o que aconteceu com ele?

— Mãe, não é educado ficar vendo as pessoas dormirem — sentei-me rapidamente, observando atentamente a mulher que se virou para Eva. Não me lembrava de conhecê-la — Rafael é nosso hóspede — Eva segurava a maçaneta sugestivamente, convidando a mãe a se retirar, contudo, a mulher se virou e fitei-a bem, gravando suas belas feições. Tinha os cabelos loiros impecáveis, lindíssimos e magnéticos olhos azuis-claros, a pele alva, vestido preto e branco elegante e colado ao seu corpo escultural, modelando-o à perfeição, junto a tudo aquilo, usava batom vermelho em seus lábios que tinham a forma de um coração; de jeito nenhum aquela mulher era a mãe de Eva.

Ela se voltou para Eva, que, só então, notei que se parecia demais com ela, e falou-lhe, mais séria, mas sem tirar seu sorriso do rosto: — Você não me disse que tínhamos hóspedes — ela girou as pernas na direção da porta, com as mãos repousadas sobre

NACIONAIS - ACHERON

as coxas — Nem que *você* viria para cá.

— Eu sei, foi uma coisa de última hora — Eva empertigou os ombros, séria — Agora, se puder sair...

— Claro, claro — a mulher se levantou e parou perto da cabeceira da cama enquanto eu ainda despertava por completo — Sou Amanda, mãe da Eva — apertei a mão que ela estendeu.

— Rafael. Mas tenho a impressão de que você já me conhece suficientemente bem para que possamos dispensar as apresentações — ela inclinou o rosto com um sorriso e recolheu sua mão.

— Digamos que seu pai e eu éramos íntimos.

— Mãe, já chega — Amanda piscou para mim e retirou-se. Eva fechou a porta atrás dela e caminhou até mim — Eu sinto muito por isso — ela falou, completamente embaraçada enquanto eu me sentava na cama, tentando interpretar se o que Amanda dissera significava exatamente o que eu estava pensando.

E quando.

— Tudo bem — passei a mão pelo rosto dolorido. Além do resto do corpo, havia o corte na

NACIONAIS - ACHERON

testa, de Langley, e um minúsculo na maçã do meu rosto, além do roxo em cima do mesmo corte, de Nova Orleans.

— Nós temos que ir. Eu... Ahn... Tomei a liberdade de falar com Dahlia e ela disse que nos espera na casa dela para o café da manhã para que possamos discutir o que fazer... Com Cedrico.

— Ele está bem?

— Do mesmo jeito — ergui o olhar para o seu rosto, ligeiramente apreensivo — Parece bem, mas ela disse que o que vocês fizeram foi apenas temporário. Quando encontrá-la, ela saberá responder suas perguntas melhor do que eu — anuí, olhando a minha volta.

Ao entrar ali na noite anterior, nem notara o lugar muito bem, mas quando olhei, vi que era tudo muito luxuoso, como um enorme apartamento dentro de um quarto. Cama enorme, livros em prateleiras na parede, lareira, e um banheiro, assim como janelas enormes com cortinas pesadas atrás de mim: — Posso tomar um banho primeiro?

— Claro — ela anuiu e me ofereceu um sorriso ensaiado — Eu vou... Te arranjar uma roupas, já volto.

NACIONAIS - ACHERON

Ainda era cedo, o centro da cidade ainda estava deserto quando passamos por ele para ir àquele familiar local. Entrei na loja de Dahlia e passei pelo espaço por entre o balcão, que me levou a um corredor onde, do lado direito, havia a pequena cozinha, para onde ela costumava me levar para tomar chá.

Perguntava como aquela mulher pudera ser tão fria em me ter durante quase duas décadas ao seu lado como um idiota, um tolo. enquanto caminhava pelo corredor, imaginei cada uma das vezes em que estivera lá, em que pisara naquele mesmo chão, todas as vezes que fora até ela com meus problemas ora juvenis, ora mortais, em todas as chances que ela tivera para me contar a verdade.

Lembrei, inclusive, de quando levava Julie até ela; de como ficara surpresa por eu conhecer Dahlia e a única coisa que me atentou naquele pensamento, naquela lembrança, foi se Juliette já sabia de tudo naquela altura, se fingiu e dissimilou tudo e tanto, mesmo naquela época. Porque, se sim, eu tinha que admitir, ela era uma ótima atriz. Digna dos meus aplausos.

NACIONAIS - ACHERON

Antes que eu pensasse mais ainda, chegamos a cozinha, onde Dahlia estava sentada a mesa ao lado do meu irmão, de frente para Harriet. Juliette, por sua vez, tomava café incomodamente de pé com o braço esquerdo retorcido para trás e a mão apoiada na bancada.

Todos os meus sentimentos por ela, de uma hora para a outra e inexplicavelmente, desapareceram. Tudo o que eu conseguia sentir era raiva, que era dificilmente contida, mas que estava lá. Raiva por Dahlia, ela, meu pai e sabe-se Deus quem mais terem me enganado tão facilmente, por eu ter confiado tanto nos três, tão profunda e cegamente. Por terem mentido inutilmente, sem por quês.

Juliette me observou seriamente quando entrei e parei o mais distante que podia de todos eles, principalmente dela, pois não conseguia nem pensar. Fiquei em silêncio porque estava profundamente irritado e bravo, mas, de repente, para quebrar todo o silêncio e toda a seriedade, Lauren surgiu de uma porta qualquer e sorriu-me amplamente, me desconsertando, quebrando todo o equilíbrio há pouco encontrado em mim.

— Que demora! — franzi o cenho ao vê-la, não
NACIONAIS - ACHERON

esperando que fosse fazer aquilo tão cedo. Contudo, Lauren passou o braço por mim e me beijou na boca.

Um segundo se passou e me dei conta de que não queria beijá-la de volta, que estava ficando maluco enquanto só porque tinha outra mulher, uma que eu queria mais apesar de odiar tanto, me vendo fazê-lo. Dei um passo para trás para me afastar do seu toque: — O que foi?

— Desculpa — quando o fiz, na verdade, percebi que ela tinha me machucado.

— Você está machucado? — ela perguntou, toda preocupada quando lancei-lhe um olhar agoniado.

— Estou bem, eu...

— Me deixe ver.

— Não, eu estou bem, é que você... — parei de falar e olhei em seus olhos — Eu estou bem, temos problemas mais urgentes.

Ela concordou. Teria insistido se não tivessem pessoas nos olhando, mas aceitou o que eu disse sem tirar aquele olhar de preocupação do rosto, observando-me atentamente. Ainda estava ligeiramente em choque com a aparição da minha mulher, mas coloquei a força na cabeça que

NACIONAIS - ACHERON

Cedrico era mais importante ali. Assim, encaminhamo-nos à mesa do café, onde Dahlia gesticulou para que nos sentássemos.

Por um segundo, não sabia o que era pior: sentar-me na ponta, quase ao lado de Dahlia, que estava sentada à cabeceira da mesa, ou me sentar ao lado de Harriet. Antes que eu pudesse fazer tal escolha, no entanto, Lauren se sentou perto de Dahlia e me restou o lugar ao lado de Harriet, que não parecia me odiar profundamente, afinal. Apenas me olhou com uma curiosidade genuína e infantil, sem dizer uma palavra.

Recusei comida, pois não estava preocupado em me alimentar, e sim, ouvir o que Dahlia tinha a dizer sobre Cedrico. Juliette tomou o lugar ao lado do meu irmão, ficando de frente para minha mulher, com um ar de suspense que pairava sobre todos nós; Eva se sentou de frente para Harriet. Todos estávamos desconfortável, à exceção da sereia ao meu lado, que nunca se desconsertava com nada, e de Cedrico, que desde que fora baleado, estava cheios de comentários a fazer sobre tudo. Até Harriet, que eu imaginava falar pelos cotovelos, bebia seu chocolate em um silêncio

NACIONAIS - ACHERON

profundo.

— Então, Dahlia, você sabe o que está acontecendo com Cedrico? — Eva fez a inteligente pergunta que quebrou aquele horrível silêncio.

— Quase — ela falou, toda misteriosa. Senti que estava me olhando, mas não a olhei de volta. Ao invés disso, servi-me café, realmente precisando daquilo depois de três horas de sono — Temo não saber qual a cura para isso — sim, aquele era o problema.

— Então você sabe o que é? — Juliette perguntou com cuidado, devagar. Juliette nunca falava devagar, sempre corria como se tivesse presas, mas, incomummente, escolheu bem as palavras.

— Eu posso tentar dizer, posso também tentar curá-lo — ela olhou para Cedrico quando olhei para ela, acabando por encontrar o olhar de Juliette, ao mesmo tempo em que sentia o olhar de Lauren sobre mim, que, desinteressadamente, comia uma torrada com desconfiança — Não sei se posso fazer, de fato.

Juliette se ergueu de modo abrupto, o que fez com que todos olhassem para ela: — Eu vou levar

NACIONAIS - ACHERON

Harrie para dar uma volta enquanto vocês discutem isso — enquanto dava a volta na mesa, Harriet se levantou, toda boazinha, ao contrário de antes, quando a vira no motel.

— Por quê, mãe?

— Isso não é conversa para você, *Schatz* — atrás de mim, ela pegou a mão da filha.

— Eu a levo para dar uma volta — contra todas as expectativas, foi Lauren quem se levantou, com um sorriso para a menina. Só então me virei para ver a cena, se era mesmo ela quem estava dizendo aquilo.

— Não precisa, eu...

— Não, tudo bem — Lauren pegou a mão de Harriet, que tinha a mesma desconfiança paranoica da mãe. Claro que tinha. Lauren abaixou com um sorriso para olhar Harriet nos olhos — Vou te levar para conhecer Salém — ela diminuiu a voz com um sorriso — e podemos tomar sorvete escondido da sua mãe. O que acha? — era ela mesma? A mulher que eu conhecia há anos e que afirmava categoricamente não se dar muito bem com crianças.

— Você também é uma bruxa?

NACIONAIS - ACHERON

— Não, mas eu sou uma coisa bem mais legal — ela falou com bom humor e os olhos verdes de Harriet brilharam com o entusiasmo.

— *Uma sereia* — Lauren murmurou como se fosse um segredo. Enquanto isso, Juliette observava-as com cuidado, sem saber se deveria deixar a filha com Lauren.

— Como Ariel?

— É, mas eu sou mais legal que ela. Então, vai querer tomar um sorvete comigo ou ficar aqui com esses chatos?

— Eu quero — empolgada, ela se virou para Juliette, enquanto Lauren ficava de pé, de costas para mim, que estava de braços cruzados, tanto literal quanto figurativamente — Eu posso, mãe?

— Claro — Juliette exibiu nada feliz.

— Eu a trago de volta — Lauren assegurou quanto a sua desconfiança e Juliette balançou a cabeça, bem séria quando sua filha correu na direção da saída.

— Claro que trás — seu olhar indicava bem que se fosse qualquer coisa contraria àquilo, ela arrancaria o coração de Lauren, que saiu em seguida.

Inesperadamente, Juliette se sentou no lugar onde Lauren estivera, sem me olhar: — Então... Eu vou morrer, é isso?

Maremoto, leve tudo embora, eu não me importo mais^[86]

JULIETTE

Balancei a cabeça, ouvindo o maior dos absurdos:
— Claro que não, Cedrico. Não fale besteiras, nós vamos encontrar um jeito.

— Se a pessoa mais velha do mundo está na minha frente, dizendo que é isso, acho que não tenho muitos motivos para acreditar nas suas palavras infundadas, Juliette — ele falou sério. Diante daquilo, não consegui dizer nada, porque, o que poderia dizer, afinal? Limitei-me a encará-lo, lentamente perdendo minhas esperanças.

— Dahlia está equivocada — falou ao fim de um longo minuto, embora minhas palavras não tenham soado encorajadoras como foi na minha cabeça,

olhei para Rafael em busca de apoio. Queria acreditar que eu não era a única a ter esperanças — Nós vamos encontrar um jeito, como sempre fazemos.

— Quero falar com você em particular — Cedrico se levantou e segui-o com desconfiança até o banheiro, onde ele trancou a porta e me olhou, sério, decidido. Coloquei as duas mãos nos quadris, sem saber exatamente o que dizer.

— Cedrico, nós vamos tentar, acredite em mim. Vamos tentar, todos nós, até que nossas possibilidades sejam...

— Juliette, apenas me escute — ele me interrompeu e balancei a cabeça, com medo de suas próximas palavras. Cedrico respirou fundo e ficamos um de frente para o outro no banheiro estreito. Eu, apoiada na pia, ele, na porta. Cada um com seu olhar esquisito um para o outro, assustador e assustado ao mesmo tempo e a sua maneira — Você me deu o seu sangue — Cedrico me olhou nos olhos e demorou dois segundos antes de prosseguir em seu raciocínio — E *quando* eu morrer...

— Não, pare. Eu entendi onde você quer chegar

NACIONAIS - ACHERON

— instintivamente, dei um passo para frente e pousei a mão em seu peito — Então pare, porque...

— Me deixe terminar, por favor — ele franziu o cenho, implorando-me com o olhar para que eu escutasse e fraquejei. Eu não tinha mais argumentos, não conseguia nem transmitir esperança a ele, pois a minha já era quase nula. Cedrico limpou a garganta e ergueu o queixo — Quando eu morrer, eu não vou voltar. Quero que me prometa que...

— Ficou maluco?

— ... Quando isso acontecer, você vai *se certificar* de que eu não volte como um monstro.

— Eu não vou fazer nada disso, Cedrico — estava a beira do pânico, mas lutei com todas as minhas forças para que aquilo não transparecesse quando falei: — Nós três. Rafael, você e eu — falei cada palavra com uma estranha ênfase — Somos tudo o que temos agora. Sempre protegemos e sempre iremos proteger uns aos outros, não importa do quê, ou como... E se vocês não desistiram de mim antes, *nós* não desistiremos de você agora.

— Você não está me escutando... — ele começou, frustrado; balançou a cabeça e deslizou
NACIONAIS - ACHERON

os dedos pelos cabelos.

— Eu não vou escutar bobagens. Vou escutar sugestões que me digam como salvar você.

— Isso não cabe a você, Juliette — calei a boca no segundo em que seu olhar encontrou o meu — Você não pode me salvar, eu sinto muito. Me escute! *Se* você conseguir descobrir o que está acontecendo comigo, eu serei eternamente grato... Se não, em nome de tudo pelo que passados, eu peço, eu *imploro*, que você me mate. Porque eu não posso me tornar isso. Por favor, me prometa.

— Não posso, Cedrico — dei vários passos para trás. Queria surgir com uma ideia mirabolante para salvar o dia, mas nada me veio a cabeça — O que você está me pedindo...

— Pode ser que quando acontecer, seu sangue não esteja mais no meu organismo, mas se estiver...

— Eu não posso! — falei mais alto, com os dedos da mão direita na testa, depois, deslizando pelos meus cabelos — Eu não posso te matar e, sinceramente, você enlouqueceu se considerou por *um segundo* que eu seria capaz de fazer.

— Esse é o meu último pedido, você não terá

NACIONAIS - ACHERON

uma outra chance — respirei fundo para retrucar sua afirmação, como se sua morte fosse iminente e certa, mas Cedrico não me deu chances, pois abriu a porta e simplesmente.

— Dahlia — chamei seu nome e ela pareceu aliviada por se livrar do clima da tensão entre ela e Rafael, que se encaravam de maneira estranha na mesa. Cedrico disse que não se sentia bem, e é claro que não se sentia, e Dahlia e eu fomos conversar nos fundos, onde tudo permanecia inalterado, inclusive aquele antigo balanço onde Joseph e eu conversáramos uma vez.

Envolvi meu corpo com os braços e paramos diante dele, ambas tensas e com olhares misteriosos; naturalmente, mais ela do que eu: — Você sabe o que é, não sabe? — fui direto ao ponto, pois o importante era ganhar tempo e salvar Cedrico. Tímida e desconfortavelmente, Dahlia fez que sim com a cabeça — O que nós fazemos, então?

— Juliette... — quando ergueu os olhos, finalmente avistei uma centelha de emoção em seus olhos — Eu sinto muito, mas é um veneno
NACIONAIS - ACHERON

poderoso, criado por bruxos com o potencial mortal. Não posso fazer nada. Ninguém pode.

— Mas eu... Dahlia, *tem* que ter alguma coisa, qualquer coisa... — quando ela não respondeu, arquejei e volvei o rosto por um momento para o chão, transtornada, com o coração apertado diante da sua declaração — Ele me pediu para matá-lo caso ele morresse com meu sangue no organismo — deixei que meus braços caíssem ao lado do corpo, tremendo — Como eu posso cruzar meus braços e admitir que perdemos diante disso? Eu não posso.

— Eu sinto muito. Me importo com ele tanto quanto todos vocês, eu diria se soubesse. Você pode procurar e procurar — ela expirou e balançou a cabeça sem me olhar — Mas não existe nada, vai ser tudo perda de tempo. Pelo tempo que se passou, temo que ele não tenha nem 24hrs de vida — minha garganta se fechou e me joguei no balanço e cobri a boca com ambas as mãos, balançando a cabeça.

— Não... — era demais até para mim. Perdeu Joseph, agora, Cedrico. não conseguia nem respirar ao imaginar um mundo em que ele também não

NACIONAIS - ACHERON

existisse.

— Eu sinto muito — ergui as pernas para o apoio de madeira, apoiei os pés nele e enfiei o rosto entre os joelhos, molhando meu vestido com lágrimas, soluçando; Dahlia se sentou ao meu lado e pousou a mão direita em minhas costas, tentando me acalmar — Sinto muito...

— Está tudo bem? — escutei a voz de Rafael perto da porta, seus passos se aproximando e ergui o rosto, conseguindo controlar os espasmos e meus soluços para me erguer e ir até ele para abraçá-lo.

Não pensei muito, apenas precisava daquilo, que alguém entendesse como eu me sentia impotente, de mãos amarradas diante daquela situação, que se importasse com Cedrico e o amasse tanto quanto eu. Por isso, não hesitei em envolver seu pescoço com os braços; senti que ele entendia o que se passava dentro de mim enquanto corria a mão direita pelas minhas costas, tentando me acalmar ao mesmo tempo em que me abraçava forte, me acolhia e me fazia sentir segura.

— Fica calma, por favor... — falou com a voz gentil, suave, derretida pela preocupação e recobertos dos mesmos sentimentos que sufocavam

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o meu peito — Se acalma.

NACIONAIS - ACHERON

Não preciso que você me
salve, eu mal posso
esperar para cair,
desaparecer e começar de
novo^[87]

RAFAEL

Juliette respirou fundo e tentou se acalmar, mas era só olhar para ela para perceber a confusão que se passava dentro dela; o quão perturbada ela estava em meio àquela situação toda. Ficou sentada ao lado do meu irmão, que estava meio adormecido, meio acordado, suando frio. Era simplesmente agonizante ver alguém que eu amava tanto sem conseguir fazer nada, assim, fiquei parado na porta enquanto Juliette estava sentada ao lado dele na

NACIONAIS - ACHERON

cama de solteiro próxima a parede, chorando silenciosamente.

— Juliette... — Cedrico a chamou e ela ergueu o queixo, indicando que escutava — Você não tem que ficar aqui — a dor era evidente em seu tom, o que a fez respirar com mais dificuldade.

— Eu não vou sair daqui, nem adianta vir com esses últimos pedidos... — Juliette segurou a mão dele e diminuiu sua voz sofrida — Eu vou ficar até o fim.

— É que... Com esse cabelo loiro, todos esses cuidados, e a choradeira, você me lembra a minha noiva. Aliás, eu tenho mais um pedido a fazer... — sua voz foi diminuindo e Cedrico fechou os olhos, exausto.

— Pode dizer — Juliette o encorajou e deu um leve aperto em sua mão, forçando um sorriso suave.

— Quando você tiver a chance... Mate aquela caçadora desgraçada sem pensar duas vezes, por favor... — ela balançou a cabeça e emitiu um ruído em concordância — Me promete?

— Eu prometo — finalmente me aproximei.

— Irmão... — Juliette se afastou e saiu, dando-me espaço para falar com o meu irmão tudo o que
NACIONAIS - ACHERON

eu queria falar há anos, desde sempre.

— *Você é um idiota, Rafael* — ele murmurou, tão baixo que tive que me esforçar para ouvir; sentei-me quando Cedrico abriu os olhos e balançou a cabeça, reprovando-me — Não acredito que depois de tudo, vai deixar a garota ir.

— Ela não é *minha garota*, nunca foi, nunca vai ser. Então me escute, irmão, eu...

— Não, isso não é importante — Cedrico balançou a cabeça até me fazer calar a boca e esperar pelo que ele fosse dizer — As últimas palavras são minhas e não deixarei que me tire isso, então... Apenas escute e não estrague tudo — ele engoliu em seco e respirou com dificuldade, deixando-me agoniado, perturbado por não conseguir fazer nada.

— Tudo bem — foi tudo o que pude fazer, concordar; deixá-lo falar.

— Você vai ficar aqui, então não tire os olhos dela — mesmo não tendo dito seu nome, sabia que estava falando em Juliette, o que fez meu coração bater mais forte. Belas últimas palavras — Eu sei que vocês ainda vão ficar juntos, é pra ser assim, cara. Se ela não te contou a verdade, perdoe-a, NACIONAIS - ACHERON

vocês ficam melhor juntos do que separados, sempre foi assim...

— Cedrico, por favor...

— Não, eu disse... *Últimas palavras*, e tenho esse direito — ele fechou os olhos com força e parou de falar, por fim, mantendo-os bem fechados — Ela te magoou, você a magoou, mas no fundo, vocês se amam. Deixe tudo isso passar e quando acontecer, se deem uma chance.

— Vai mesmo desperdiçar seu tempo falando sobre Juliette?

— Vou — ele abriu os olhos cansados e opacos. Buscou minha mão que estava ao lado da sua e peguei-a sem tirar os olhos dos seus — Só quero que seja feliz, que cuide dela... — sua voz foi desaparecendo gradualmente, conforme ele fechava os olhos e o aperto da sua mão na minha se enfraquecia — *Se não eu volto para te assombrar...*

— Cedrico... — falei seu nome, sentindo meu coração gelar. Balancei sua mão sutilmente e arregalei os olhos — Cedrico! Cedrico! — minha garganta fechou ao sentir sua pele fria, sem batimentos. Agitei-o pelos ombros como se

NACIONAIS - ACHERON

esperasse que voltasse a vida e escutei os passos de Juliette até mim, sua mão tocar meu ombro, e me virei. Fitei seus olhos chorosos, paralisado, então me levantei e abracei-a. foi puro instinto, como se procurasse algo a que me apegar, pois meus pulmões pararam por um segundo.

Não conseguir falar, apenas sentir algo se quebrar dentro de mim; algo importante, de modo brusco e irreparável. Apertei-a em meus braços como se fosse aliviar minhas dores. De certo modo, foi o que ela fez.

Perto do fim da tarde, Juliette se acalmou e me contou a conversa com o meu irmão, sentada ao meu lado no sofá da sala de estar de Dahlia, mas meu corpo inteiro estava extasiado, anestesiado, e encontrava-me além de qualquer reação. Sentia que aquilo era tudo mentira, que não estava acontecendo de verdade e a qualquer piscar de olhos, eu acordaria e me encontraria em Charlotte, vendo que era tudo uma ilusão, um sonho ruim. Enquanto aquilo não acontecia, entretanto, fiquei sentado, escutei-a falar com a voz lenta, arrastada e carregada pelo seu sotaque.

NACIONAIS - ACHERON

Depois, Juliette me deixou sozinho por muito tempo, até Lauren aparecer, me abraçar e perguntar se eu precisava de alguma coisa; precisava do meu irmão vivo, queria dizer, mas limitei-me a balançar negativamente a cabeça. Não precisava de nada que ela pudesse fazer por mim, precisava apenas de ar, de uma vida onde as pessoas que eu amava não morressem. Primeiro, o meu pai, depois, o irmão. A sensação que eu tinha era de que o chão cedia sob meus pés e deitei no sofá, com o rosto no colo dela, sem dizer uma palavra.

Lauren, paciente e carinhosamente, beijou meu rosto, acariciou meus cabelos e garantiu-me que tudo ficaria bem.

Quando me senti ligeiramente melhor, mas ainda com a sensação de que tudo estava desabando a minha volta e dentro de mim, fui para o lado de fora e me sentei no balanço, fitando o horizonte distante e crepuscular, finalmente conseguir raciocinar sobre tudo o que Juliette tinha me dito. Sobre Cedrico ter morrido com seu sangue no organismo, a conversa e o pedido desesperado dele; como seriam as coisas. Como seria dali a frente, imaginar meu irmão como o monstro que ele mais

NACIONAIS - ACHERON

repudiava? Ele tinha a escolha e, com o coração apertado, eu sabia que preferiria morrer de uma vez por todas do que se tornar aquilo, o que acabava comigo.

Acabava com todas as esperanças em meu peito. Ele acordaria, mas somente para morrer de novo da pior maneira possível. Nada daquilo era, na minha cabeça, concebível. No fundo, eu tinha esperança, mesmo repetindo na minha cabeça que ele nunca se alimentaria; ela era a última a restar ali e me agarrava aquele sentimento com todo o meu ser.

Eu te deixo desistir de mim^[88]

— Oi — virei-me lentamente, sentindo-me até um bocado letárgico e vi Juliette ao meu lado, estendendo-me uma caneca de chocolate quente como uma oferta de paz.

— Oi — aceitei-a, dando a ela o incentivo que precisava para se sentar ao meu lado.

— Você está bem? Parece um pouco distante...
— ela bebeu um pouco do seu chocolate e pousei o meu braço no braço do balanço, fitando *E e J* feitos com a ponta de uma lâmina na madeira.

— Levando em conta tudo o que aconteceu, acho que vou ficar — balancei a cabeça e Juliette observou o sol poente com uma estranha, porém evidente, melancolia. Finalmente conseguia estar perto dela sem que todos os meus sentimentos e

dramas interviessem na forma como a via; via uma mulher bonita ao meu lado, que estava emocionalmente exausta depois de andar em uma corda bamba e que não se permitia sentir demais porque corria o risco permanente de *senti-los demais* e eu sabia, por experiência, que sentimentos a assustavam, que ela queria poder proteger todo mundo, mas que o fato de não poder a matava um pouquinho por dentro sempre que algo ruim acontecia.

— Ele vai ficar bem — ela falou mais para si mesma do que para mim, pois não me olhou, apenas continuou olhando para o horizonte que se estendia a nossa frente e decidi experimentar o chocolate que ela me dera. Inconscientemente, meus olhos passaram pelas iniciais gravadas na madeira. Pareciam antigas como se tivessem estado lá durante uma vida inteira: — Eleri e Joseph — fitei Juliette segurar a caneca com ambas as mãos, indicando as iniciais para as quais eu tanto olhava, surpreendeu-me por um momento até que eu tomasse o chocolate — Ela era o amor da vida dele — quando busquei seu olhar mais uma vez, ele estava no céu de maneira soturna. Como ela

NACIONAIS - ACHERON

conseguia falar uma coisa daquelas de modo tão espontâneo depois de tudo?

— E você sempre soube disso? — foi a única pergunta que consegui fazer. Juliette olhou para mim, serena.

— Sempre. Também sabia que ele não amava Elena, que tinha um caso com a mãe da Eva... Eu sempre soube de tudo isso, Rafael. Que ele era um xamã... O resto você já sabe — ela abaixou o rosto para seu colo e fitou o líquido na caneca.

— E ainda assim, o amava? — sentia uma paz estranha dentro de mim, como se tudo tivesse sido colocado no lugar quando nunca estivera tão bagunçado e confuso, mas tinha algumas perguntas que eu precisava fazer a ela, mesmo que eu tivesse ciúme e clara ciência dos meus sentimentos por ela, que minhas perguntas e suas respostas me matassem um pouquinho de cada vez por dentro. Precisava saber.

— Sim. Amava — ela me olhou nos olhos, séria, com tranquilidade em seus olhos — Acho que você conviveu mais com ele e nunca o conheceu de verdade. Não sabia a pessoa incrível que ele era, como era gentil, generoso, amável... Isso você

NACIONAIS - ACHERON

nunca vai saber de verdade lamento profundamente que não tenha tido a chance de descobrir.

Quando ela se virou, afundei no balanço, imerso em pensamentos. Nunca estivera tão certa; eu nunca o conhecera, era verdade, ele nunca permitira. Em meio a tanta locutora, todos meio que tínhamos perdido a sensibilidade e o senso familiar.

— Ele deixava mensagens no meu correio de voz — falei de repente, sem nem saber por quê, e também não consegui olhar para ela. Ao invés disso, fitei o mesmo ponto ao longe que prendia tanto a sua atenção — Depois de tudo... Quando eu fui embora, ele me deixava mensagens todas as noites. Contava sobre ele, as coisas que andava fazendo e, assim, soube que dava aulas na Universidade de Nova York. E foi assim, sempre deixando mensagens, sempre perguntando por mim; depois de um tempo, eu ficava esperando por elas como algo crucial ao fim do meu dia — havia lágrimas em meus olhos e sentia minha voz de tornar levemente embargada por elas, me deixaram meio surpreso, pois não me lembrava de ter chorado.

“Durante dois anos, eu escutei as mensagens que
NACIONAIS - ACHERON

ele me deixava e nunca as respondi — uma lágrima caiu do meu olho direito e rolou pelo meu rosto — Um dia, ele deixou de mandar. E mais outro, e mais outro... — por um momento, não pude continuar, tive que respirar fundo e o ar pareceu preso na minha garganta, me sufocando — Quando senti tanto a falta dele, da minha família, eu liguei de volta... E Cedrico me contou o que tinha acontecido.

— Eu sinto muito, Rafael — Juliette demorou um longo minuto para responder e tratei de recompor-me.

— Está tudo bem — falei da boca pra fora e ela sabia. Sequei o rosto o melhor que pude e bebi o chocolate quente para curar a onda sentimental que se apossara de mim. Não a curou, mas ajudou-me a lidar com os cinco minutos seguintes ao lado de Juliette, que, repentina e suavemente, ao fim deles, se virou para me olhar.

— Posso falar uma coisa?

— Claro.

— Pode parecer tão idiota e bobo depois disso, mas... Fico feliz que não me odeie completamente, que tenha vivido sua vida intensamente depois de...

NACIONAIS - ACHERON

Bem, do nosso passado. Que ainda seja um pouco da pessoa que eu admirava, que não tenha mudado pelas coisas a sua volta — quando ela parou de falar, finalmente tomei coragem para olhá-la nos olhos.

— Eu não saberia como, mesmo se quisesse — Julies franziu as sobrancelhas sutilmente, sem entender — Te odiar completamente. Não sei como.

— Rafael... — ela começou e consertou o cabelo atrás da orelha para desviar o olhar do meu, somente por um segundo.

— Você falou, agora me deixe... Eu sei o que se passa pela sua cabeça. Sobre o meu pai, a... *Memória* dele, o que aconteceu entre nós naquela noite, no meu carro, sei de tudo isso, e você sabe que sinto o mesmo — fui falando devagar, dando-lhe tempo de entender que aquilo não era uma declaração de amor, que ela já podia relaxar os ombros que estavam encolhidos, como que assustados — A verdade é que esse tempo todo, eu tenho criado na minha cabeça essas mesmas desculpas para não sentir o que sinto, para não querer o que eu quero... Sabe que depois de tudo

NACIONAIS - ACHERON

isso, eu não vou parar de te amar, mas também que não consigo te perdoar — soltei um suspiro ao mesmo tempo que ela, mas foram diferentes; o meu, aliviado ao tirar um peso do peito, o dela, decepcionado, como se quisesse dizer algo mais — Uma vez — recomecei calidamente — você me disse que você tinha a CIA e eu, o FBI, e sempre podemos voltar a eles — nem eu entendi como aquelas palavras saíram, sendo tão difíceis para mim, embargando meu peito como embargavam.

— Eu vou sair da CIA — ela falou de modo impulsivo, como se não aguentasse mais guardar aquilo dentro de si — Eu vou ficar por um tempo depois disso ter acabado, ajudar Cedrico... Mas não vou voltar.

— Fico feliz por você e pela Harriet — Juliette expirou com força e, mais uma vez, parou de me olhar. Senti que queria falar alguma coisa, mas não a pressionei, deixei que as coisas se colocassem no lugar a seu tempo.

— Não consigo pensar em como tudo vai mudar depois disso — queria olhar em seus olhos, mas ela me evitava. Após mais um minuto de profundo silêncio, Juliette se virou e fez o mesmo, intrigado, NACIONAIS - ACHERON

com o cenho franzido em uma leve confusão —
Posso falar mais uma coisa?

— Sim, claro...

— Eu também amo você, também não sei como parar, mesmo querendo tanto — suas palavras doces e desesperadas, mexeram comigo, fizeram meu coração bater acelerado, como louco, mas não consegui dizer nada ou me mover, apenas respirei; esperei — Gostaria de poder dizer que as coisas que te falei naquela noite não são verdadeiras, que eu estava extasiada com aqueles sentimentos confusos, mas não consigo... No fundo, por um lado, eu me arrependo de todas as escolhas certas que fiz. Queria ter escolhido errado... — ela falava tão devagar, tão livre do sotaque, que nem parecia Juliette falando e quase me fazendo parar de respirar — Mas também crio essas mesmas desculpas na minha cabeça...

Ela se afastou. Estava chorando e fungou. Queria puxá-la para meus braços, colocar seu rosto em meu peito e afagá-lo e secar suas lágrimas, não deixá-la chorar nunca mais pelo que quer que fosse. Mas, inferno!, não podia. Fiquei paralisado, com um milhão de palavras presas entre minha garganta

NACIONAIS - ACHERON

e minha boca, incapaz de dizê-las em voz alta. Assim, deixei-a continuar, com o coração quase saindo pela boca; Juliette balançou a cabeça: — Me engano e digo a mim mesma que nunca teríamos dado certo. E mais uma vez, eu te deixo desistir de mim.

Leia um trecho da aguardada
sequência da saga VERFLUCHT:

Fragmentados

SALÉM, MASSACHUSETTS

Havia muito tempo eu não cantarolava ao ler as notícias, mas fazê-lo foi automático e só me dei conta quando parei, vendo que Harriet me observava. Ainda era muito cedo e todos estavam adormecidos enquanto eu tomava café preto, forte e amargo, sentindo-me exausta: — Tudo bem, querida? — abaixei o celular e fitei-a em seu pijama infantil, segurando seu urso, balançando-o.

— Não consigo dormir, mãe — ela se aproximou e sorri. Fui até ela, agachei-me e envolvi-a com os braços — O que aconteceu com o tio Cedrico? — foi engraçado ouvi-la chamá-lo de tio com aquela vozinha sonolenta.

— Ele vai ficar bem, meu amor — abracei-a

forte, como ela precisava e ficamos daquele jeito. Fechei os olhos, simplesmente aproveitando a proximidade com minha filha naquele momento de enorme importância para nós duas.

— Você promete? — ela murmurou e passei a mão pelas suas costas, confortando-a.

— Prometo, *Schatz*. Prometo.

— Juliette — ergui os olhos ao ouvir meu nome e ao abrir os olhos, vi Rafael parado diante de mim, com uma expressão séria, um tanto tensa. Ele parecia muito diferente depois de tudo aquilo, depois de tudo o que acontecera com Cedrico; ao menos algo indicava que ele ainda se importava com alguém no mundo que não fosse ele mesmo — Posso falar com você? — ele fitou Harriet, apreensivo, com os dedos entrelaçados como se não soubesse como se portar perto dela.

— Claro — ensaiei um sorriso e fitei Harrie — Eu volto já, querida — consertei seu cabelo atrás da orelha — Quer tomar seu café?

— Não, eu vou deixar.

— Está bem — ainda estava muito cedo, e ela não parecia se sentir confortável perto de Rafael, tanto quanto ele não se sentia perto dela, assim, beijei seu

NACIONAIS - ACHERON

rosto e esperei que ela se afastasse para me colocar de pé, fitando Rafael com seriedade.

Ofereci-lhe café, que ele aceitou, e levei o meu para o lado de fora. O sol começava a nascer, tingindo o céu distante em suaves tons entre púrpura e laranja, ocultando a lua gradualmente quando me sentei no balanço, inconscientemente balançando-me com a ponta dos pés, e Rafael apoiou-se na pilastra à minha frente para tomar seu café, pensativo.

— O que queria falar? — segurei a caneca de porcelana branca com a mão direita e observei-o longamente.

— Não consigo parar de pensar no que vai acontecer quando ele acordar — sem querer dar o braço a torcer, aquilo também revirava as minhas entranhas por dentro.

— Eu também — expirei lentamente e Rafael se virou, ficando parcialmente voltado para o horizonte, com o olhar baixo.

— E se ele não quiser... — ele deixou a frase no ar. Balancei a cabeça e pousei a caneca em meu colo.

— Tudo que podemos fazer é apoiá-lo, porque,
NACIONAIS - ACHERON

sinceramente, eu não sei mais o que fazer... — calei-me, pois também não sabia o que dizer. Rafael me olhou de maneira embaraçosa.

— E oferecer sangue a ele? — balançou a cabeça, como se a ideia fosse repudiável — Cedrico deixou bem claro que não queria se tornar um monstro, só que isso...

— Ele não vai se tornar um monstro; ser um vampiro não significa ser um monstro. O que te torna um monstro são suas atitudes — defendi meu ponto, sentindo-me ofendida ao ser colocada naquela posição.

— Você sabe que eu estou certo, Juliette — ele me deu as costas e balançou a cabeça, fazendo parecer ser eu a pessoa que não via as coisas claramente ali, como se ele não tivesse acabado de me ofender.

— Não, você não está, Rafael — falei de modo brusco, desesperado, querendo que ele me olhasse, que discutisse comigo e não que me desse as costas enquanto eu falava — Cedrico pode fazer as próprias escolhas quando acordar. Pode decidir ser uma pessoa boa, pode escolher voltar para o Paquistão e ajudar as pessoas ainda mais do que já

NACIONAIS - ACHERON

fez até agora. Ele *tem* uma escolha, e ele não é um monstro por causa disso. Assim como *eu* não sou — ele finalmente se virou, ligeiramente surpreso — Todos temos escolhas.

— Não foi o que eu quis dizer — falou sério, mas como se se explicasse. Relaxei os ombros — Você sabe que não foi o que eu quis dizer — Rafael ficou completamente de frente para mim e esperou que eu confirmasse que entendia, mas não fiz nada. Nem me movi — Cedrico sempre foi bruxo, durante toda a vida dele, você sabe como é perder esse contato com a natureza, com as coisas vivas... Isso talvez seja mais impactante e desolador do que perder o resto, do que precisar beber sangue algumas vezes por semanas e tentar manter o controle — ele gesticulava; queria que eu entendesse, mas tudo o que fiz foi encará-lo de volta.

— Você não sabe do que está falando. Nunca se sentiu assim.

— Eu sei do que estou falando, e acredite, Cedrico nunca vai se alimentar. Eu o conheci durante toda a minha vida, com esse mesmo jeito, com a mesma personalidade, mesmo que às vezes

NACIONAIS - ACHERON

seja mais duro do que outras... Ele sempre foi essa mesma pessoa altruísta...

— Eu também o conheço bem — encarei-o, interrompendo-o bruscamente. Estreitei os olhos e esperei alguma reação sua que não fosse surpresa — Eu o conheço suficientemente bem para saber que ele sabe a diferença entre certo e errado, que ele sabe que nenhum de nós é santo... — comecei a me exaltar e Rafael me interrompeu gentilmente.

— Todos temos sangue em nossas mãos, não importa por quais motivos, todos temos. Não é isso que estou dizendo, mas entenda... Eu me faria essa mesma pergunta se estivesse nessa posição: por que a minha vida valeria mais do que a das pessoas inocentes que eu precisaria matar para me alimentar? — ele finalmente me calou diante daquele dilema moral. A única resposta que eu tinha era que fazíamos o que precisávamos fazer pelas pessoas que amávamos, mas tive a sensação de que aquela não era uma resposta válida.

— Eu não sei, Rafael. Só não podemos concordar com o que ele disse e... Desistir — engoli com dificuldade e nos encaramos por um longo momento enquanto o sol nascia atrás dele, um novo

NACIONAIS - ACHERON

e difícil dia começando.

Além de suas novas palavras, tudo o que tínhamos dito um ao outro no dia anterior mexera comigo, me abalara mais do que eu conseguia deixar transparecer, pois deveria parecer controlada diante do que estava acontecendo com Cedrico; eu deveria ser a pessoa habilitada a ajudá-lo a passar pela transição, não o oposto. E assim o faria. Eu o ajudaria a se alimentar, a controlar os instintos, a ter uma vida normal depois daquilo tudo e o que quer que fosse preciso porque eu sabia que ele faria o mesmo por mim, como tentara quando me transformara, uma vida inteira atrás.

Pensei em tudo aquilo, planejando na minha cabeça como seria, antes de tudo, convencê-lo de que ele precisaria se alimentar, o que me pareceu ser uma iminente difícil tarefa depois de tudo o que ele dissera antes de *morrer*.

Vai ficar tudo bem, disse a mim mesma algumas vezes enquanto segurava meu café firmemente, com as duas mãos, e alternava o olhar entre Rafael e o sol que começava a esquentar. *Vai ficar tudo bem*.

Segurei sua mão quando ela se moveu milimetricamente, agarrei-a, na verdade, sentindo o olhar de Rafael, que observava tudo de longe como se fosse a própria morte à espreita. Mas eu mal conseguia pensar, pois, na minha cabeça, tudo o que eu via era Cedrico, a conversa que tivéramos no banheiro e a possibilidade enorme de que ele se recusasse a se alimentar.

Então, até assustando-me pelo modo repentino, ele arquejou, como se se afogasse e buscasse por ar, e sentou-se. Soltei sua mão e busquei seus olhos quando eles se abriram, mas Cedrico abaixou ligeiramente a cabeça, arquejando, buscando pelo ar enquanto levava as mãos à garganta; até eu fiquei sem ar, sem conseguir me mover ou dizer alguma coisa por um segundo. Enfim, ergui o braço e pousei-o em seu antebraço: — O que aconteceu?

— Cedrico... Você está bem? — parei de respirar por um momento ao encontrar seus olhos, verdes e confusos.

— O que está acontecendo, Juliette? — sua voz foi aumentando de modo gradual, ele foi descobrindo como usá-la novamente ao me olhar de modo cada vez mais intenso.

NACIONAIS - ACHERON

— Cedrico, nós temos que...

— Não, Juliette — falou de modo categórico, porém confuso, frustrado, sem entender nada — O que *eu* estou fazendo aqui?

— Cedrico, precisamos conversar — Rafael falou, irremediavelmente mais calmo e capaz de fazer aquilo do que eu.

— Não, não temos que falar nada — ele ergueu os olhos para o irmão, profundamente perturbado, e voltou-se para mim — Juliette, o que eu te disse? O que eu ainda estou fazendo aqui?

— Eu... Cedrico, eu não podia... — comecei com a voz chorosa, quase desesperada. Não conseguia dizer nada que explicasse o fato de que eu não era capaz de fazer o que ele queria, o que me pediu para que fizesse. No fundo, acho que ele também sabia que eu não seria capaz de matá-lo nem naquela vida nem noutra — Você sabia disso no momento em que foi falar comigo, eu não podia.

— Então preciso de alguém que consiga — ele chutou os cobertores e jogou as pernas para fora da cama. Antes que se levantasse, Rafael colocou a mão em seu ombro e abaixei minha perna direita que estava sobre a cama, naquele momento, lado a

NACIONAIS - ACHERON

lado a ele, com o rosto retorcido em agonia ao ter certeza de que suas convicções eram irremediáveis.

De que, talvez, eu não conseguisse fazê-lo voltar atrás mesmo se quisesse. Talvez não conseguisse fazê-lo voltar atrás a tempo de convencê-lo que ele precisaria se alimentar, completar a transição e se tornar uma coisa, um *monstro*, que ele veementemente repudiava: — Cedrico, me escuta, por favor... — minha voz começou, implorando-o ao repousar minha mão em seu antebraço — Você tem que...

Ele balançou a cabeça e me olhou como se para me alertar que eu deveria calar a boca antes que dissesse algo e fosse tarde: — Por favor... *Por favor*, não me diga que eu *tenho* que me alimentar — seu tom foi ligeiramente arrouqueado e transtornado.

Então, Cedrico se virou e inclinou-se, enfiou o rosto entre as mãos e ficou daquele jeito; ergui o olhar para Rafael: — *O que nós fazemos?* — movi os lábios sem emitir som. Rafael parecia estranhamente calmo de um jeito que eu não conseguia ficar, até invejava-o por ter toda aquela calma e sensatez.

Ele balançou a cabeça e voltou-se para o irmão.

— Está tudo bem, irmão — ele agachou e colocou a mão no ombro de Cedrico — Você fez a sua escolha — Cedrico ergueu a cabeça e os dois se olharam.

— Rafael! — pulei da cama e parei de pé ao seu lado — Você não pode dizer isso! Cedrico — busquei seu olhar e engoli em seco —, nós precisamos de você. Você não pode... Simplesmente *desistir*. Sem lutar. Você não pode! — minhas palavras soaram desconectas até para mim, como se tudo que eu dissesse fosse um grito no vazio, para alguém que não estava escutando o que eu dizia — Por favor, me escuta...

— Juliette! — foi a voz de Rafael em tom de alerta, ao que ele se virou — Pare com isso — murmurou, com os olhos arregalados.

Rafael ficou de pé e coloquei os cabelos atrás das orelhas com as duas mãos ao mesmo tempo, frustrada, incrédula. Ele deveria estar do meu lado, deveria querer o irmão vivo, não guiá-lo na direção da porta, aceitar, falar que estava tudo bem e deixá-lo fazer escolhas ruins; mortais.

— Eu não vou parar. Escute a si mesmo... —
NACIONAIS - ACHERON

olhei para Cedrico — Cedrico, me escute... Se alimentar, não é a pior coisa no mundo. Pode parecer, mas depois...

— Juliette, eu não vou fazer isso — vi em seus olhos que ele estava confuso, que mesmo afirmando aquilo, não tinha certeza e agachei a sua frente, buscando fazer contato visual, aproximá-lo de mim e das minhas convicções.

— Cedrico — respirei fundo para parecer controlada, para passar a ele a impressão de que sabia do que estava falando; afinal, eu tinha vivido quase dez anos da minha vida sendo uma vampira e não matava ninguém para me alimentar — Eu sei o que você está pensando, mas vampirismo não é assim. Eu vivo assim e eu posso ser a pessoa mais normal no mundo. E se você der uma chance, eu vou estar aqui — coloquei a mão perto da sua, mas seu tomar a iniciativa em segurá-la, dei a abertura para que ele o fizesse quando se sentisse pronto — Eu vou te ajudar a passar por isso, apenas dê uma chance.

— Juliette... Eu não posso — vi em seus olhos que ainda tinha uma chance de convencê-lo, afinal, ainda tínhamos 24hrs antes que ele precisasse se
NACIONAIS - ACHERON

alimentar e disse a mim mesma que aquele era tempo o suficiente. Vinte e quatro horas eram o suficiente até para fazer a terra girar ao contrário se aquilo significasse salvar a vida dele — Eu sou um bruxo. Desde que eu me conheço, eu sou um bruxo. Tenho meu contato com a natureza, com tudo... Posso até sentir a vida pulsar em você... Mas quando eu acordei agora, tudo que consegui sentir foi morte a minha volta. Dentro de mim mesmo. Então não posso... — seu rosto ficou retorcido pelo dor, pela agonia — Não consigo.

— Eu prometo que vai ficar tudo bem — respirei fundo. Não tinha muito mais que eu pudesse fazer naquele exato momento, assim, respirei fundo e me levantei — Vou te deixar sozinho para você pensar, está bem? — ele fez que sim e me virei para Rafael com meu melhor olhar de poucos amigos e saí, seguida por ele.

Na cozinha, Harriet estava andando de um lado para o outro com seu urso, os cabelos presos em uma trança bonita, provavelmente feita por Dahlia, porque ultimamente eu nem sabia mais o que acontecia com minha própria filha; tudo o que eu via a minha frente eram conflitos e mais conflitos.

NACIONAIS - ACHERON

Me sufocavam o tempo inteiro.

— Mamãe... — ela foi até mim com aquele rostinho carente, demonstrando que ela precisava da atenção que eu não lhe dava há tempos — Está tudo bem?

— Está, sim, querida — sorri para ela e pousei os dedos em seus cabelos, acariciando-os enquanto a levava até a mesa — Onde está a sua avó?

— Ela saiu com a sereia quando eu acordei.

Ela se sentou a mesa e colocou o ursinho na cadeira ao lado. Inconscientemente, enquanto eu dava a volta na bancada, estava cantarolando *Mother*, mais para engolir aquela raiva sinistra e cegante que eu sentia por Rafael do que por qualquer outra coisa, mesmo que, em parte, aquele fosse um hábito. Mesmo assim, Rafael se sentou de frente para Harriet, que, sob aquele ângulo, estava de costas para mim enquanto eu abria o armário e catava um biscoito de chocolate de Dahlia fazia e que eu simplesmente adorava.

— O que você quer comer, querida?

— Ahn... — ela pensou por um segundo — Cereal — falou com um entusiasmo infantil; com o
NACIONAIS - ACHERON

canto dos olhos, vi-a mexer na toalha da mesa enquanto Rafael a encarava, bebendo café, avaliando-a como se buscasse por alguma coisa; encarava-a sério, de modo que me incomodei.

Se ele não gostava dela, tudo bem, ele não era obrigado, mas se tínhamos que ficar perto um do outro por objetivos em comum, não queria que ele a olhasse daquele jeito, como se ela o incomodasse de algum modo. Tive vontade de enfiar a mão na cara dele ainda mais do que antes pelo fato de, daquela vez, se tratar da minha filha. Engoli em seco toda a minha raiva e coloquei o cereal em uma tigela sobre a bancada, adicionando o leite aos poucos enquanto olhava para Rafael, que manteve o meu olhar de modo frio, centrado.

— Nós precisamos falar — ele falou enquanto eu despejava o leite lentamente sobre o cereal e retorcia os lábios.

— Nós precisamos — falei, com uma raiva contida em minha voz — Certamente precisamos.

— Você não pode pressioná-lo com esse papo furado de que tudo vai permanecer como é, não é certo.

— Não é certo dizer a alguém que está em
NACIONAIS - ACHERON

dúvidas, se equilibrando em uma corda bamba, que está tudo bem desistir sem lutar. Não achei que fosse assim que fazíamos as coisas — saí de detrás do balcão muito devagar — Não seja hipócrita, Rafael, até parece que não foi você quem me convenceu a me alimentar quando *eu* estava nesta mesma posição — contive-me pelo fato de Harriet estar bem ao meu lado, com os olhos erguidos para me observar com a atenção de uma criança curiosa.

— Não é a mesma coisa.

— Como não é? — aquilo era simplesmente um absurdo vindo dele, pois eu podia me lembrar com riqueza de detalhes como tinha sido a primeira vez em que me alimentara, qual era o gosto do seu sangue e tudo mais.

— Você nunca foi como nós, Juliette, achei que, a essa altura, já soubesse bem disso — mantive seu olhar por um momento, respirando fundo, contendo-me e apertando a tigela de porcelana escura, marrom-clara, em minhas mãos com tanta força que poderia quebrá-la — Além disso, você ainda tem poder — ele balançou a cabeça e jogou os ombros para trás, como se tivesse toda a razão do mundo, mas, ao mesmo tempo, centrado em seu

NACIONAIS - ACHERON

ponto de vista — Não finja como se se importasse tanto assim, porque nada disso faz parte do que você é como faz parte de nós. Então deixe meu irmão em paz com as decisões dele, isso não cabe a você decidir.

Nem eu entendi como fiquei com tanta raiva a ponto de me descontrolar na frente da minha filha, mas quando dei por mim, atirei o leite com cereal na cara dele com força. Nem eu acreditei no que tinha feito quando ele me olhou, em choque, com o rosto coberto de leite, assim como sua roupa.

— Mas... O que é isso? — ergui os olhos para ver uma Lauren em choque surgir a porta, como se tivesse um radar e aparecesse nas horas mais incertas e impróprias; ela foi caminhando na direção de Rafael, mais surpresa do que ele ao se deparar diante daquela cena — O que está acontecendo aqui? — muito séria, ela me encarou e esperou que eu me explicasse quando eu não tinha nenhuma vontade, menos ainda dever, em fazê-lo, pois ainda segurava a tigela e, sem me dar conta ao manter o olhar de Lauren, apertei-a com tanta força que ela trincou e se quebrou em minhas mãos.

— Juliette, saia daqui, por favor — Dahlia surgiu
NACIONAIS - ACHERON

do mesmo corredor que Lauren e me olhou, depois a Harriet, tão séria quanto irritada. Transtornada, abri minhas mãos cheias de sangue e desapareci dali.

— Mas o que diabos deu em você? — Dahlia esbravejou comigo enquanto eu andava de um lado para o outro em seu quarto, com os dedos da mão direita espalmados na minha testa, o rosto voltado para o chão de modo quase paranoico.

— Eu não sei, desculpe... Eu...

— Peça desculpas a sua filha, por favor — ela estava sentada em uma poltrona perto da janela segurando uma caneca de chocolate quente enquanto eu fitava o céu nublado do lado de fora — Você não gosta de Rafael, certo. Vocês podem se matar e você pode jogar nele o que bem quiser... Mas *não* na frente da Harriet.

— Eu sei, Dahlia! Droga. Eu perdi a cabeça, estou meio que surtando com essas coisas que estão acontecendo... — balancei a cabeça e respirei fundo, tentei manter o controle tênue — Eu estou morrendo de fome e isso faz com que eu fique irritada e impulsiva. Não é porque eu quero, mas eu

NACIONAIS - ACHERON

preciso me alimentar.

— Então se alimente, Juliette, pelo amor de Deus. Por quê ainda não fez isso? Você precisa estar pronta para o que precisar — fiz que sim, já ciente daquilo há muito tempo.

— Vou fazer isso assim que puder, enquanto isso, eu preciso me preocupar com Cedrico e com o fato de que ele está irredutível com relação a se alimentar. E eu não tenho todo o tempo do mundo para convencê-lo — respirei fundo, peguei um lápis sobre o criado, ao lado da poltrona onde Dahlia estava, observando com o olhar de águia cada movimento meu, e preendi o cabelo em um coque alto.

— Espero que esteja certa, que ele esteja inclinado a aceitar o sangue, pois ainda precisamos dele — ajeitei o cabelo e tirei algumas mechas do meu rosto.

— Porque ele é nossa família também — falei de modo incisivo, ao que Dahlia se limitou a dar de ombros.

— Isso também, mas mais porque precisamos dele do nosso lado — e bebeu seu chocolate. Como me sentia um pouco descontrolada, saí dali para
NACIONAIS - ACHERON

procurar Harriet antes discutíssemos; encontrei-a no balanço nos fundos da casa, conversando com Lauren como se fossem melhores amigas, ambas com canecas de chocolate quente entre as mãos.

— Querida — encostei-me ao batente da porta e ela se virou para mim. Lauren continuou como estava como se eu não estivesse lá, o que foi bom, porque ela não parecia estar muito feliz comigo, embora seu rosto estivesse tomado por um expressão serena e tranquila — Posso falar com você?

— Está bem — ela se levantou e me seguiu para dentro. Já estava vestida, usando um vestido verde rendado e bonito que eu me lembrava ter sido Joseph dar a ela.

Levei-a para a sala de estar para falar com ela sem interferências e sentamo-nos lado a lado no sofá.

— Querida... Me desculpe pelo que aconteceu, pelo que eu fiz... — não sabia se pedir desculpas era exatamente o que eu queria dizer, mas precisava começar por algum lugar — Não devia ter feito aquilo.

— Eu não gosto do Rafael — ela falou em um tom estranhamente magoado, crescido demais para

NACIONAIS - ACHERON

o meu gosto — Ele pode ser o meu irmão, mas eu não gosto dele.

— Ele não é uma pessoa ruim, meu amor — acariciei seus cabelos lentamente e tentei sorrir, mas fechei os olhos por um segundo — Só não estamos nos entendendo muito nos últimos dias, é só isso.

— Mesmo assim, eu não gosto dele. Eu quero que voltemos para casa, onde só estejamos nós duas.

— Eu entendo, querida. Eu estou fazendo tudo o que eu posso para que isso aconteça o mais rápido possível — ela sorriu e concordou, inesperadamente largando o chocolate sobre a mesa de centro para envolver meu abdome e me abraçar com toda a sua força, repousando a cabeça em meu peito — Eu vou fazer de tudo para que você possa ter a sua vida de volta. Uma vida normal — beijei seus cabelos e fiquei daquele jeito por um momento — Você confia em mim, *Schatz*?

— Sim, mãe — sorri.

— Então, *eu prometo* que tudo vai voltar a ser como era antes.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

Mantenha contato com através das
redes sociais:



www.aneholtmuller.weebly.com



www.instagram.com/annehmullerfc



www.facebook.com/aneholtmuller



www.amazon.com/author/aneholtmuller



www.skoob.com.br/autor/7924



[www.goodreads.com/author/show/15449960.Ane_Holt_Mul](http://www.goodreads.com/author/show/15449960.Ane_Holt_Muller)

Se você gostou, deixe sua avaliação ♥

Se quiser receber informações e novidades por e-mail, basta assinar a newsletter acessando o site ou enviando um e-mail para anneholtmuller@gmail.com, até mesmo com suas dúvidas e impressões.

Boa leitura!

[1] Referência ao trecho da canção “Lifted”, Birdy.

[2] Referência ao trecho da canção “Carry You Home”, James Blunt.

[3] “Droga”, em alemão.

[4] Referência ao trecho da canção “Ghost In The Wind”, Birdy.

[5] “O que diabos é isso?”, em alemão.

[6] “Vá para o seu quarto, querida”.

[7] Referência ao trecho da canção “Shelter”, The XX.

[8] Referência ao trecho da canção “Shelter”, The XX.

[9] “Não, querida, não”.

[10] Referência à canção “The Day I Tried to Live”, Soundgarden.

[11] Referência ao livro “Reunion”, Fred Uhlman (1971).

[12] Popular rua da Suécia, conhecida por ter vários bordeis.

[13] Que diz respeito à Alemanha e à Inglaterra.

[\[14\]](#) Referência à canção “Hold Me, Thrill Me, Kiss Me, Kill Me”, U2.

[\[15\]](#) Tomografia Computadorizada, ou seja, imagens do coração.

[\[16\]](#) “Senhora Ainsworth, seja uma boa garota e venha conosco sem causar problemas”.

[\[17\]](#) “Eu não sou uma boa garota!”.

[\[18\]](#) Referência ao trecho da canção “Like I’m Gonna Lose You”, Meghan Trainor.

[\[19\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy.

[\[20\]](#) Referência ao trecho da canção “Never Let Me Go”, Florence + The Machine.

[\[21\]](#) Nesse caso, o j tem som de i.

[\[22\]](#) Não, eu não fui capturada e não estou em perigo, nem irei colocar em risco quaisquer operações da CIA, Senhor. Mas meu marido está morto e eu tenho uma filha pequena que precisa de mim agora.

[\[23\]](#) Referência ao trecho da canção “Like I’m Gonna Lose You”, Meghan Trainor.

[\[24\]](#) Nome utilizado para se referir a pessoas que tenham esquecido seus nomes ou tenham a identidade desconhecida, empregado de forma legal por autoridades.

[\[25\]](#) Referência ao trecho da canção “Never Let Me Go”, Florence + The Machine. Continuação do penúltimo capítulo.

[\[26\]](#) Referência ao trecho da canção “Shake It Out”, Florence + The Machine.

[\[27\]](#) “Ela quer que você saiba que está tomando conta de você. Que você vai ficar bem”, em árabe.

PERIGOSAS

[\[28\]](#) Referência ao trecho da canção “Sweet Nothing”, Florence + The Machine.

[\[29\]](#) Referência ao trecho da canção “NeverLet Me Go”, Florence + The Machine.

[\[30\]](#) Referência ao trecho da canção “NeverLet Me Go”, Florence + The Machine.

[\[31\]](#) Referência ao trecho da canção “Like I’m Gonna Lose You”, Meghan Trainor.

[\[32\]](#) Referência ao trecho da canção “Keeping Your Head Up”, Birdy.

[\[33\]](#) Referência ao trecho da canção “Atlantis”, Bridgit Mendler.

[\[34\]](#) Referência ao trecho da canção “The More You Ignore Me, the Closer I Get”, Morrissey.

[\[35\]](#) “A casa das rosas”, em francês.

[\[36\]](#) Referência ao trecho da canção “Blank Space”, Taylor Swift.

[\[37\]](#) Referência ao trecho da canção “Sal De Mi Piel”, Belinda.

[\[38\]](#) “Você deveria saber quando parar”, em alemão.

[\[39\]](#) Moeda russa.

[\[40\]](#) Referência ao trecho da canção “Sal De Mi Piel”, Belinda.

[\[41\]](#) Referência ao trecho da canção “Sal De Mi Piel”, Belinda.

[\[42\]](#) Referência ao trecho da canção “Sal De Mi Piel”, Belinda.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[43] “Não”.

[44] “Não, isso não pode acontecer”, em alemão.

[45] Referência ao trecho da canção “Obsessed”, Mariah Carey.

[46] “Você não foi uma boa menina da última vez com os meus homens, senhorita Hohenfels”, em sueco.

[47] “Vai pedir para eu te seguir, seu bastardo maldito?”.

[48] “Você não vai vir por bem, vai?”, em sueco.

[49] “Sete contra um é covardia”, em sueco.

[50] “Bem, então que venham todos vocês”, em alemão.

[51] “Você vai pagar por isso”, em sueco.

[52] Referência ao trecho da canção “Society”, Eddie Vedder.

[53] “Seu bastardo, desgraçado”, em alemão.

[54] “Por que você é tão obsecado por mim?/Garoto, eu quero saber por quê você mentindo que está transando comigo/Quando todos sabem, e você está claramente chateado comigo/Finalmente encontrou uma garota que não conseguiu impressionar/Não conseguiria isso nem se fosse o último homem na terra”.

[55] “Você está iludido, você está delirando/Garoto, você está perdendo a cabeça/É confuso, você está confuso, sabe?/Por que está desperdiçando o seu tempo?/Fica todo animado com esse seu Complexo de Napoleão/Olhando bem, acho que você está tomando banho com Windex”.

[56] Marca de um limpador de vidros.

[57] Referência ao trecho da canção “Society”, Eddie Vedder. Continuação do capítulo anterior.

[58] Referência ao trecho da canção “Hoppípolla”, Sigur Ròs.

[59] Referência ao trecho da canção “Words”, Birdy.

NACIONAIS - ACHERON

[\[60\]](#) Referência ao trecho da canção “Words”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[\[61\]](#) Medo de multidões ou de estar em lugares abertos.

[\[62\]](#) Referência ao trecho da canção “Words As Weapons”, Birdy.

[\[63\]](#) Referência ao trecho da canção “Closer”, The Chainsmokers e Halsey.

[\[64\]](#) Referência ao trecho da canção “Closer”, The Chainsmokers e Halsey. Continuação do capítulo anterior. Na letra da canção são “quatro anos, nenhuma ligação”, mas no capítulo, foi modificado para oito, tempo em que Juliette e Rafael ficaram sem se falar.

[\[65\]](#) Referência ao trecho da canção “Keeping Your Head Up”, Birdy.

[\[66\]](#) Referência ao segundo episódio da primeira temporada da série de TV “Queen Of Swords” (Rainha das Espadas).

[\[67\]](#) “Não por muito tempo, eu acredito”, em alemão.

[\[68\]](#) “Nada pessoal, querida”, em sueco.

[\[69\]](#) “O amor cega”, em sueco.

[\[70\]](#) “Todos dizem que *você* é a conexão mais forte com os bastardos dos Hamiltons. Vamos ver se estão certos”, em sueco.

[\[71\]](#) “Morte à rainha”, em alemão.

[\[72\]](#) Referência ao trecho da canção “Somewhere Only We Know”, Lily Allen.

[\[73\]](#) “Vá para o *maldito* inferno!”, em alemão.

[\[74\]](#) Referência ao trecho da canção “Save Yourself”, Birdy.

[\[75\]](#) “Maldição. Maldito inferno”, em alemão.

[\[76\]](#) Referência ao trecho da canção “Save Yourself”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[\[77\]](#) Referência ao trecho da canção “Skinny Love”, Birdy.

[\[78\]](#) Referência à canção “Deep End”, Birdy.

[\[79\]](#) Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy.

[\[80\]](#) Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.

[\[81\]](#) Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy.

[\[82\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy.

[\[83\]](#) “Eu sei, querida”, em alemão.

[\[84\]](#) “Querida”.

[\[85\]](#) Referência à canção “Somewhere Only We Know”, Lily Allen.

[\[86\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy.

[\[87\]](#) Referência ao trecho da canção “Start Again”, Birdy.

[\[88\]](#) Referência ao trecho da canção “Wild Horses”, Birdy. Continuação do capítulo anterior.